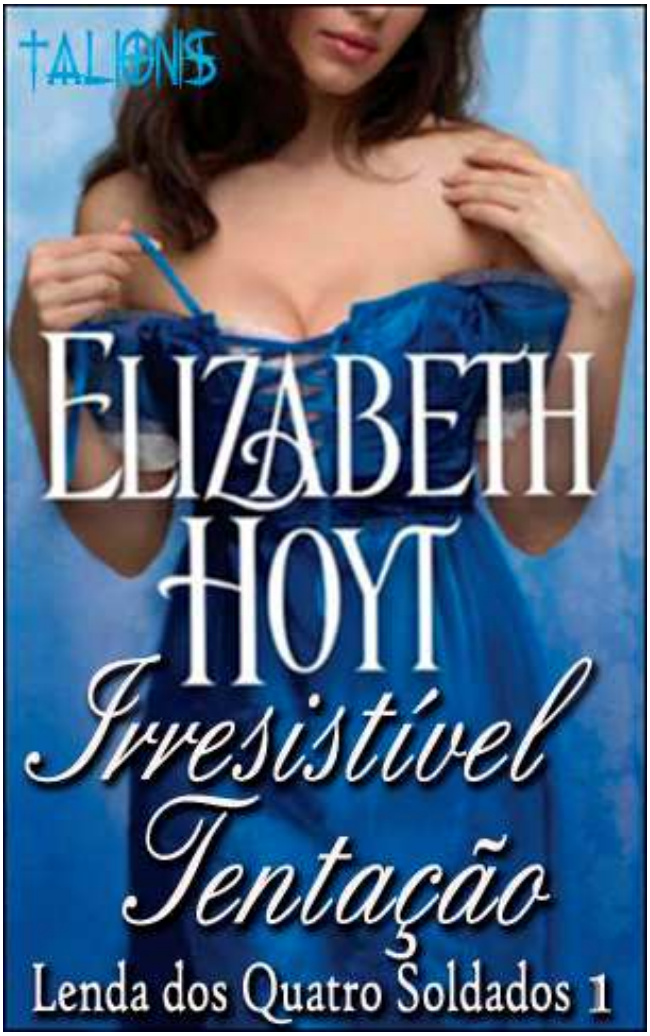

Elizabeth Hoyt
Irresistível Tentação

Lenda dos Quatro Soldados 01

Não há nada mais que a sociedade goste que um bom escândalo, e está alvoroçada com a aparição do rico Samuel Hartley. Não só é um americano cheio de si mesmo, e com o costume de usar mocassins, mas sim é, além disso, célebre por fugir de uma batalha em que vários cavalheiros ingleses perderam suas vidas. Não obstante, o que a sociedade ignora é que Samuel se encontra em Londres devido ao dito massacre.

Tem a crença de que seu regimento foi delatado ao inimigo e não descansará até que descubra o traidor.

Lady Emeline Gordon está fascinada com o Samuel. Não só desafia às convenções com seu incomum traje, seu sensual sorriso e sua franca atitude, mas sim sobreviveu à batalha onde seu amado irmão faleceu.

Samuel suspeita que a pessoa responsável pela morte do irmão da Emeline é Jasper Renshaw, o visconde Vale, um amigo da família de infância, e prometido da Emeline. Apesar da crença de Emeline na inocência de Vale e de sua negativa a romper o compromisso, Samuel e ela iniciam uma apaixonada aventura. Mas, poderá sobreviver sua relação ao resultado da investigação do Samuel?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Disp em Esp: *MR*
Envio e Formatação: *Δίκη*
Revisões: *Freyja e Matias, o Marujo.*
Imagem*: Elica*
Talionis

Comentário Freyja: O Samuel chega à Inglaterra para procurar o traidor de um massacre, mas não pensou que encontraria o amor na rígida Inglaterra.

Emeline, a Lady perfeita, nem imagina que o Americano mal vestido com mocassins poderia lhe roubar o coração.

História linda com cenas hots e boa intriga, a autora deixa algumas pontas soltas para o próximo livro "quem será o traidor".

Queria agradecer muito a ajuda do Matias, obrigada.

Comentário Matias, O Marujo: - Uma história atraente e muito absorvente.

Depois que começamos a ler fica difícil parar antes de chegar ao final. Temos um mocinho traumatizado pela guerra e um estigma que o perturba. Uma mocinha que precisa inibir sua força e sensualidade devido ao que se espera da sociedade londrina... E apesar de ser forte, precisa se ajustar na situação de existir alguém ainda mais forte e possessivo que não abre mão de seu cheiro sabor e deliciosas transas... Muita sensualidade envolvendo um casal tão díspar.

- Uma excelente leitura.

SOBRE A AUTORA:

Elizabeth Hoyt é o pseudônimo da Julia Harper, nasceu em Nova Orleans, cidade em que sua família materna viveu durante gerações, mas se criou nos gelados invernos de St. Paul, Minnesota.

Enquanto crescia viajou frequentemente a Grã-Bretanha com sua família, onde passou um verão em St. Andrews, Escócia, e um ano em Oxford. Obteve um título universitário em antropologia pela universidade de Wisconsin, Madison.

Foi também em Wisconsin onde conheceu seu marido, arqueólogo de profissão, em uma escavação em um milharal. Continuando com o tema do milharal, Elizabeth e seu marido vivem no centro de Illinois com seus dois filhos e três cães.

Prólogo

Era uma vez, faz muito, muito tempo, quatro soldados que voltavam para casa depois de muitos anos de guerra. Trin tran, trin tran, trin tran, soavam suas botas enquanto partiam com a cabeça bem alta, sem olhar a direita nem a esquerda. Porque estavam acostumados a partir, e não era fácil esquecer um ritual de tantos anos. As guerras e as batalhas haviam chegado a seu fim, mas ignoro se nossos soldados ganharam ou perderam, e talvez isso não importe. Levavam a roupa em farrapos, suas botas tinham mais buracos que couro e nenhum só deles voltava para casa como se foram.

Partindo, partindo, chegaram a um cruzamento de caminhos e ali se detiveram pensando no que fariam. Um caminho direito e bem pavimentado levava ao oeste. Outro conduzia ao este, para o interior de um bosque sombrio e misterioso. E o último apontava para o norte, onde se abatiam as sombras de solitárias montanhas.

—Bom, amigos —disse por fim o soldado mais alto, tirando o chapéu para coçar a cabeça. —Lançamos ao ar uma moeda?

—Não —respondeu o que estava a sua direita. —Eu vou por esse caminho. —E, depois de despedir-se de seus companheiros, empreendeu a marcha para o este e entrou no escuro bosque sem olhar para trás.

—Eu prefiro esta rota —disse o soldado da esquerda, e assinalou as montanhas que se elevavam ao longe.

—Eu, por minha parte —repôs o soldado mais alto, rindo. —Tomarei o caminho mais fácil, como tenho feito sempre. Mas e você? —Perguntou ao último de seus companheiros. —Que caminho tomará?

—Ah, eu —suspirou o outro. —Acredito que tenho uma lasca na bota. Sentar-me-ei aqui para tirar isso porque faz muitas léguas que vem me incomodando. —E, dito e feito, procurou ali perto uma pedra em que apoiar-se.

O soldado mais alto voltou a colocar o chapéu.

—Então, está decidido.

Os outros se estreitaram as mãos cordialmente e seguiram seus caminhos. Mas não posso lhes contar as aventuras que lhes aconteceram, nem se suas viagens os conduziram a casa sãos e salvos, porque esta não são suas histórias. É a do primeiro dos soldados, que se aventurou no bosque sombrio e tenebroso.

Chamava-se Coração de Ferro.

De Coração de Ferro

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Capítulo 01

Chamaram-lhe assim, Coração de Ferro, por uma coisa muito estranha. Embora sua cara e seus membros, e o resto de seu corpo, eram como os de qualquer outro homem criado Por Deus, seu coração não o era.

Era feito de ferro e pulsava sob a superfície de seu peito, forte, valoroso, imutável.

De Coração de Ferro

Londres, Inglaterra.
Setembro de 1764.

—Dizem que fugiu. —A senhora Conrad se inclinou ao contar aquele mexerico.

Lady Emeline Gordon bebeu um sorvo de chá e olhou ao cavalheiro em questão por cima da borda da xícara. Parecia tão fora de lugar como um jaguar em meio de um salão cheio de gatos listrados: tosco, vital e incivilizado. Não era, certamente, um homem ao qual ela teria associado com a covardia. Emeline se perguntou como se chamava o tempo que dava graças a Deus por sua chegada.

O salão da senhora Conrad estava terrivelmente aborrecido até que ele fez ato de presença.

—Fugiu do massacre do Vigésimo oitavo Regimento nas colônias —prosseguiu a senhora Conrad em voz baixa —lá em cinquenta e oito. Que vergonha, verdade?

Emeline se voltou para sua anfitriã e a olhou arqueando uma sobrancelha. Sustentou o olhar da senhora Conrad e percebeu o momento exato em que aquela néscia percebia com quem estava falando.

A tez rosada da senhora Conrad se tornou de um tom parecido ao da beterraba que não a favorecia nem um pouco.

—Quer dizer... eu... eu... —balbuciou sua anfitriã.

Aquilo era o que acontecia quando se aceitava o convite de uma dama que aspirava a mover-se nos círculos mais altos da sociedade, sem chegar sequer a roçá-lo. Em realidade, era culpa da Emeline.

Suspirou e teve piedade dela.

—É militar, então?

A senhora Conrad pegou o anzol de boa vontade.

—OH, não. Já não. Ao menos, isso acredito.

—Ah —disse Emeline, e procurou pensar em outra coisa.

O salão era grande e estava decorado luxuosamente. No teto havia um afresco que representava ao Hades perseguindo a Perséfone. A deusa parecia especialmente estúpida e sorria lisonjeadora às pessoas reunidas lá abaixo.

Não tinha nada contra o deus do submundo, embora naquele afresco ele tivesse as faces de

um rosa súbito.

Jane Greenglove, protegida da Emeline, estava sentada em uma poltrona próxima, conversando com o jovem lorde Simmons: Uma excelente escolha. Emeline assentiu agradada. Lorde Simmons tinha uma renda anual de mais de oito mil libras e uma casa preciosa perto de Oxford. Seria um enlace muito conveniente, e dado que Eliza, a irmã mais velha da Jane, já havia aceito a mão do senhor Hampton, as coisas estavam saindo como foi pedido. Claro que sempre saíam como foi pedido quando ela aceitava ser a guia de alguma jovem senhorita nos círculos da alta sociedade. Mas de todos os modos era agradável ver que suas expectativas se cumpriam por inteiro.

Ou deveria sê-lo. Emeline retorceu um dos laços de sua cintura e, ao dar-se conta, voltou a alisá-lo. Em realidade se sentia um pouco deprimida, o qual era absurdo. Sua vida era perfeita.

Absolutamente perfeita.

Olhou tranquilamente ao desconhecido e descobriu seu sombrio olhar fixo nela. Os olhos dele se enrugaram levemente pelas comissuras, como se algo lhe fizesse graça... E esse algo devia ser ela.

Emeline afastou o olhar rapidamente. Que homem tão horrível. Obviamente, sabia que todas as senhoras do salão tinham reparado nele.

A seu lado, a senhora Conrad começou a falar tentando encobrir seu erro.

—Tem um negócio de importação nas colônias. Acredito que está em Londres a negócios. Isso é o que diz o senhor Conrad, ao menos. E é mais rico que Creso, embora não o pareça por seu traje.

Era impossível não voltar a olhá-lo depois de saber aquilo. Do meio da coxa para cima, sua vestimenta era extremamente insossa: Casaco negro e colete marrom e negro. Em resumo, uma vestimenta muito tradicional, até que alguém se fixava em suas pernas. Aquele homem levava uma espécie de perneiras índias, feitas de um estranho couro pardo com pouco brilho e rodeadas justo por baixo do joelho com fitas de listas vermelhas, brancas e negras. Abriam-se por diante, sobre os sapatos, em lapelas ricamente bordadas que caíam a ambos os lados dos pés. Mas o mais estranho de tudo eram os sapatos, porque não tinham salto. Parecia levar umas chinelas feitas daquele mesmo couro suave e deslustrado, com miçangas ou bordados do tornozelo aos dedos. Mas, apesar de não levar saltos, o estrangeiro parecia bastante alto. Tinha o cabelo castanho, e, até onde Emeline podia ver do outro lado do salão, seus olhos eram escuros. Não eram, certamente, nem verdes nem azuis. Tinham as pálpebras densas e uma expressão inteligente. Emeline refreou um calafrio. Os homens inteligentes eram tão difíceis de dirigir...

Estava com os braços cruzados, um ombro apoiado contra a parede e um olhar curioso. Como se os exóticos fossem eles, não ele. Seu nariz era longo, com uma protuberância no centro, e sua tez, escura, como se tivesse chegado há pouco de uma costa longínqua. Suas feições eram toscas e proeminentes: as maçãs do rosto, o nariz e o queixo se sobressaíam, viris e agressivos, e entretanto perversamente atrativos.

Sua boca, em troca, era grande e quase suave, com uma provocadora fenda no lábio inferior. Era a boca de um homem aficionado a saborear. A atrasar-se e deleitar-se. Uma boca perigosa.

Emeline voltou a afastar o olhar.

—Quem é?

A senhora Conrad a olhou fixamente.

—Não sabe?

—Não.

Sua anfitriã pareceu encantada.

—Mas, minha querida, é o senhor Samuel Hartley! Todo mundo fala dele, embora só faça uma semana que está em Londres. Não é uma companhia muito recomendável pelo de... —A senhora Conrad a olhou nos olhos e se interrompeu de repente. —O caso é que, apesar de sua riqueza, nem a todo mundo agrada conhecê-lo.

Emeline ficou quieta; começava a notar um comichão na nuca.

A senhora Conrad continuou sem alterar-se:

—Em realidade não o deveria ter convidado, mas não pude me refrear. Esse porte, querida minha! É simplesmente delicioso! Se não o tivesse convidado, não haveria...

—Sua conversa alvoroçada acabou em um grito de surpresa quando um cavalheiro pigarreou justo atrás delas.

Emeline não estava olhando, assim não o viu mover-se, mas soube por instinto quem era o cavalheiro que estava a seu lado. Voltou a cabeça lentamente.

Uns olhos zombadores, de cor café, encontraram-se com os seus.

—Senhora Conrad, agradecer-lhe-ia que nos apresentasse. —Sua voz tinha um terminante acento americano.

A anfitriã conteve o fôlego ante tanto descaramento, mas sua curiosidade se impôs a sua indignação.

—Lady Emeline, apresento-lhe ao senhor Samuel Hartley. Senhor Hartley, lady Emeline Gordon.

Emeline se inclinou em uma reverência e ao levantar-se encontrou com uma mão grande e morena. Olhou-a um momento, pasmada. Aquele homem não podia ser tão grosseiro, não? A risadinha da senhora Conrad resolveu a questão.

Emeline tocou cautelosamente a ponta dos dedos do senhor Hartley.

Mas tudo foi em vão. Ele agarrou a suas com as duas mãos, envolvendo seus dedos em um quente e enérgico apertão. Seus orifícios nasais se inflaram suavemente quando ela se viu obrigada a aproximar-se para responder a sua saudação. Estava farejando-a?

—Como vai? —Perguntou ele.

—Bem —respondeu. Tentou afastar a mão, mas não pôde, apesar de que o senhor Hartley não parecia apertar com muita força. —Faria o favor de me devolver minha mão?

Aquela boca voltou a esticar-se. Ria de todo o mundo, ou só dela?

—É óbvio, minha senhora.

Emeline abriu a boca para desculpar-se (com qualquer pretexto) e escapar daquele temível personagem, mas ele se adiantou.

—Permite-me acompanhá-la ao jardim?

Não era uma pergunta, posto que já lhe cedera o braço e saltava à vista que esperava seu assentimento. E o que era pior ainda: ela o deu. Sem dizer nada, Emeline pôs os dedos sobre a manga de seu casaco.

O senhor Hartley saudou a senhora Conrad com uma inclinação de cabeça e levou a Emeline ao jardim em questão de uns minutos, movendo-se com extrema agilidade para ser tão desajeitado.

Emeline espiava seu perfil com desconfiança.

Ele voltou a cabeça e a surpreendeu olhando-o. Seus olhos se enrugaram pelas comissuras, rindo-se dela, mas sua boca seguiu formando uma linha reta.

—Somos vizinhos, sabe?

—O que quer dizer?

—Aluguei a casa contigua à sua.

Emeline tirou o chapéu piscando enquanto o olhava. Hartley tornou a pegá-la despreparada: uma sensação tão ingrata e rude como pouco frequente. Conhecia os ocupantes da casa de sua direita, mas a da esquerda ficou vazia há pouco. Na semana anterior, durante um dia inteiro, tinha visto sair e entrar homens pelas portas abertas, suando, gritando e amaldiçoando. E tinham levado...

Juntou as sobrancelhas de repente.

—O canapé verde ervilha.

A boca do Hartley se curvou.

—O que?

—É você o proprietário desse horrendo canapé verde ervilha, não é assim?

Ele fez uma reverência.

—Sim, confesso-o.

—E sem pudor, pelo que vejo. —Emeline franziu os lábios com gesto de desaprovação. —As pernas são de verdade mochos dourados?

—Não olhei.

—Eu sim.

—Então não o discuto.

—Umf. —Voltou a olhar à frente.

—Preciso lhe pedir um favor, senhora —retumbou a voz do Hartley por cima de sua cabeça.

Conduziu-a por uma das trilhas de cascalho do jardim da casa dos Conrad. Aquele espaço estava plantado sem imaginação, com roseiras e pequenas sebes recortadas. Por desgraça, a maioria das roseiras haviam dado flor fazia bastante tempo, e o conjunto tinha um aspecto insípido e desanelado.

—Eu gostaria de contratar seus serviços.

—Contratar meus serviços? —Emeline conteve a respiração e se deteve obrigando-o a parar para olhá-la. Acaso acreditava aquele excêntrico que era uma espécie de cortesã? Era uma afronta revoltante, mas, em seu atordoamento, tirou o chapéu deixando vagar o olhar por seu corpo: por suas largas costas, por sua cintura gratamente plana e mais abaixo ainda, para uma parte pouco

apropriada da anatomia do senhor Hartley que, agora que se fixava, aparecia bem marcada pelas meias de lã negra que levava sob as perneiras. Então respirou de novo, esteve a ponto de engasgar-se e levantou rapidamente os olhos. Mas Hartley não notou sua indiscrição, ou era muito mais educado do que permitiam supor suas maneiras e seu traje.

—Necessito de uma mentora para a Rebecca, minha irmã —prosseguiu ele. —Alguém que a ajude a desembrulhar-se nas festas e os bailes.

Emeline inclinou a cabeça ao compreender que, o que Hartley queria era uma acompanhante. Mas por que não o havia dito desde o começo e lhe teria economizado aquele mau gole?

—Temo que não possa ser.

—Por que não? —Sua voz soou suave, mas por trás de suas palavras havia uma nota imperiosa.

Emeline se enrijeceu.

—Só aceito a senhoritas das melhores famílias da aristocracia. Não acredito que sua irmã responda a essas características. Sinto muito.

Ele a olhou um momento e afastou logo os olhos. Embora fixasse o olhar em um banco do final da trilha, ela duvidava muito de que o estivesse vendo.

—Talvez, então, possa lhe dar outro motivo para que nos aceite.

Então ficou imóvel.

—Que motivo?

Hartley voltou a olhá-la, mas em seus olhos não havia já nenhum rastro de regozijo.

—Conheci o Reynaud.

Emeline sentiu ressonar nos ouvidos o batimento do seu coração. Porque Reynaud era seu irmão, certamente. Seu irmão, morto no massacre do 28° Regimento.

Ela cheirava a melissa. Sam aspirou aquele aroma familiar enquanto aguardava a resposta de lady Emeline, consciente de que seu perfume o distraía. E distrair-se era perigoso quando se estava em negociações com um oponente ardiloso. Era estranho, entretanto, descobrir que aquela sofisticada senhora levava um perfume tão caseiro. Sua mãe cultivava melissa na horta de seu jardim, na Pensilvânia, e aquele aroma o fazia retroagir no tempo. Recordava estar sentado, de pequeno, a uma mesa grosseiramente polida, vendo sua mãe jogar água fervendo sobre as folhas verdes.

Da caneca de barro subia, junto com o bafo, um aroma fresco. Melissa. Bálsamo para a alma, chamava-o ela.

—Reynaud morreu —respondeu lady Emeline com brutalidade. —Por que acredita que vou fazer-lhe um favor unicamente porque assegura ter conhecido a meu irmão?

Sam examinou seu rosto enquanto falava. Era muito bela, disso não havia dúvida. Tinha o cabelo e os olhos rotundamente negros, a boca carnuda e vermelha. Mas a sua era uma beleza complexa.

Muitos homens se deixariam dissuadir pela inteligência daqueles olhos escuros, pela

maneira cética daqueles lábios vermelhos.

—Porque você o amava. —Observou seus olhos ao responder e viu neles um leve brilho. Acertara, pois estava muito unida a seu irmão. Se se mostrasse bondoso, não abusaria de seu pesar.

Mas a bondade não lhe serviu de grande coisa nem nos negócios, nem na vida privada. —Acredito que o fará em memória dele.

—Umf. —Não parecia muito convencida.

Mas Sam sabia que não era assim. Aquela era uma das primeiras coisas que aprendeu a reconhecer em seus entendimentos comerciais: o momento preciso em que seu oponente vacilava e a balança da negociação se inclinava a seu favor. O seguinte passo era reforçar sua posição. Voltou a lhe oferecer o braço e ela o olhou um momento antes de posar os dedos sobre sua manga.

Sam se entusiasmou ao sentir que ela cedia, mas procurou que não o notasse.

Conduziu-a de novo pela trilha do jardim.

—Minha irmã e eu só vamos estar três meses em Londres. Não espero que você faça milagres.

—Então, para que solicitar minha ajuda?

Ele levantou a cara para o sol do entardecer; de repente se alegrava de estar fora, longe do salão repleto de gente.

—Rebecca tem apenas dezenove anos. Eu vou estar ocupado com meus negócios, e gostaria que se entretivesse, que conhecesse algumas senhoritas de sua idade. —O qual era certo, embora não fosse toda a verdade.

—Não há nenhuma senhora em sua família que possa cumprir com esse encargo?

Sam a olhou, divertido por sua pergunta, nada sutil. Lady Emeline era baixa; sua cabeça morena lhe chegava ao ombro. Sua escassa estatura deveria lhe ter dado um aspecto de fragilidade, mas ele sabia que não era uma peça de delicada porcelana.A esteve observando durante vinte minutos naquela estreita salita de estar, antes de aproximar-se dela e à senhora Conrad.

Durante esse tempo, o olhar de Emeline não deixou de mover-se. Enquanto falava com sua anfitriã, não tirava o olho de suas pupilas, nem ao perambular do resto dos convidados. Sam teria apostado qualquer coisa que estava pendente de todas as conversas, de quem falava com quem, de como progrediam as discussões e que convidados partiam. Em seu mundo rarefeito, lady Emeline tinha tanto êxito como ele no seu.

Por isso era tão importante que fosse ela quem o ajudasse a entrar na alta sociedade de Londres.

—Não, minha irmã e eu não temos família —respondeu. —Nossa mãe morreu ao dar a luz a Rebecca e nosso pai a seguiu só uns meses depois. Por sorte, meu pai tinha um irmão que era comerciante em Boston.

Sua esposa e ele se encarregaram da Rebecca e foram eles quem a criou. Mas ambos morreram.

—E você?

Sam se voltou para olhá-la.

—O que ocorre comigo?

Ela franziu o cenho com impaciência.

—O que aconteceu com você quando morreram seus pais?

—Mandaram-me para um internato. —Disse tranquilamente, mas suas palavras não transmitiram o trauma que foi para ele ao deixar uma cabana no bosque para ingressar em um mundo de livros e rígida disciplina.

Haviam chegado ao muro de tijolo que marcava o final da trilha. Lady Emeline se deteve e olhou-o de frente.

—Devo conhecer sua irmã antes de tomar uma decisão.

—Certamente —murmurou ele, consciente de que já era dele. Ela sacudiu as saias com energia, entreabriu os olhos negros e franziu a boca, pensativa.

A imagem de seu irmão morto assaltou ao Sam de repente:

Reynaud entreabria os olhos negros daquela mesma maneira quando vestia uniforme militar. Por um instante, seu rosto masculino se sobrepôs as feições mais miúda e feminina de sua irmã.

As densas sobrancelhas negras do Reynaud se juntaram, seus olhos opacos o olharam com recriminação. Sam estremeceu e afugentou aquele fantasma, tentando concentrar-se no que dizia lady Emeline.

—Podem ir ver-me amanhã. Depois o informarei sobre minha decisão. Para tomar o chá, certamente. Vocês tomam o chá, não?

—Sim.

—Excelente. Às duas em ponto lhe parece bem?

Sam se sentiu tentado a sorrir ao ouvir aquela ordem.

—Você é muito amável, senhora.

Olhou-o com receio um momento; logo deu meia volta e pôs-se a andar com passo vivo pela trilha do jardim, deixando ao Sam atrás. Seguiu-a lentamente enquanto observava suas costas elegantes e o vaivém de suas saias.

Enquanto caminhava atrás dela, tocou o bolso para ouvir o rangido familiar do papel perguntando-se se poderia utilizar lady Emeline em seu proveito.

—Não entendo —disse tante[1] Cristelle essa noite, no jantar. —Se esse cavalheiro desejava contar com seu distinto patrocínio, por que não recorreu aos caminhos habituais?

Deveria ter pedido a algum amigo que fizesse as apresentações.

Tante Cristelle era a irmã mais nova da mãe de Emeline: uma senhora alta e de cabelo grisalho, com as costas terrivelmente direitas e uns olhos azuis como o céu que deveriam ser afáveis, mas não o eram.

Nunca se casou, e Emeline pensava às vezes que era porque a seus amigos devia lhes dar

[1] *tante: Tia em francês.*

pavor. Levava cinco anos vivendo com ela e seu filho, Daniel, desde a morte do pai deste.

—Pode ser que não saiba como se faz —respondeu Emeline enquanto olhava a variedade de carnes da bandeja. —Ou pode ser que não queria perder o tempo com as manobras habituais.

Disse-me que ficariam pouco tempo em Londres. —Assinalou uma fatia de vitela e agradeceu ao lacaio com um sorriso quando este a pôs no prato.

—Mon Dieu[2], se for tão caipira, é absurdo que se interne nos labirintos da alta sociedade. —Sua tia bebeu um gole de vinho e franziu os lábios, como se o líquido avermelhado estivesse azedo.

Emeline proferiu um ruído ambíguo. A análise que tante Cristelle fazia do senhor Hartley era certeira na aparência: em efeito, Hartley tinha traços de caipira. O problema era que seus olhos contavam outra história.

Quase parecia estar rindo-se de sua pessoa, como se a ingênua fosse ela.

—E, me diga uma coisa, o que fará se a garota se parece com seu irmão? —Tante Cristelle arqueou as sobrancelhas com exagerado espanto. —E se levar o cabelo recolhido em umas tranças que penduram pelas costas?

E se rir a gargalhadas? E se não levar sapatos e tem os pés imundos?

Aquela irritante imagem pareceu ser o cúmulo para a idosa senhora. Com gesto impaciente, pediu ao lacaio que lhe servisse mais vinho enquanto Emeline mordia o lábio para não sorrir.

—É muito rico. Perguntei discretamente às senhoras do salão a respeito de sua posição. Todas me confirmaram que o senhor Hartley é um dos homens mais ricos de Boston. Presumivelmente, se desenvolve nos mais altos círculos.

—Ora —repôs sua tia, desdenhando de uma mão a toda a boa sociedade bostoniana.

Emeline cortou sua vitela com toda tranquilidade.

—E, embora sejam uns caipiras, ma tante, não devemos reprovar à garota sua ignorância em questões de etiqueta.

—Non! —Exclamou tante Cristelle, e o lacaio que estava a seu lado se sobressaltou e esteve a ponto de deixar cair a jarra do vinho. —Não, não e mil vezes não! Os prejuízos são o alicerce da sociedade.

Como vamos distinguir a chusma das pessoas de elevado berço se não for por suas maneiras?

—Pode ser que tenha razão.

—Sim, claro que a tenho —replicou sua tia.

—Mmm. —Emeline cravou a vitela de seu prato. Sem saber por que, já não a queria. —Ma tante, lembra-te desse livrinho que minha aia estava acostumada a nos ler ao Reynaud e a mim quando pequenos?

—Um livro? Que livro? Do que está falando?

Emeline mexeu uma das cintas franzidas da manga do vestido.

—Era um livro de contos de fadas, e nós gostávamos muitíssimo. Hoje, não sei por que,

[2] *Mon Dieu: Meu Deus.*

acordei pensando nele.

Olhou pensativamente seu prato, recordando. Sua aia lhes lia frequentemente ao ar livre, depois de um lanche campestre. Reynaud e ela se sentavam sobre a manta enquanto a mulher passava as páginas do livro de contos.

Mas, à medida que o relato avançava, Reynaud ia deslizando-se pouco a pouco para diante, sem dar-se conta, triste pela emoção da história, até acabar quase no regaço da babá, pendente de cada palavra, com um brilho em seus olhos negros.

Era tão vital, tão cheio de energia, inclusive de menino... Emeline tragou saliva enquanto alisava cuidadosamente os franzidos da cinta de seu vestido.

—Perguntava-me onde estará o livro. Acha que estará guardado no sótão?

—Quem sabe? —Sua tia encolheu os ombros com eloquência, muito à maneira dos franceses, desdenhando aquele velho livro de contos e as lembranças da Emeline sobre o Reynaud.

Inclinou-se para diante e exclamou. —Por quê? Repito. Por que te ocorre sequer aceitar a esse homem e a sua irmã, uma moça que anda descalça?

Emeline preferiu não lhe fazer notar que, de momento, ignoravam se a senhorita Hartley usava sapatos ou não. De fato, o único Hartley ao qual conheciam era seu irmão.

Emeline recordou por um momento seu rosto bronzeado e seus olhos cor café. Logo sacudiu a cabeça lentamente.

—Não sei por que exatamente, a não ser porque salta à vista que necessitam minha ajuda.

—Ah, mas se aceitasse a todos os que necessitam sua ajuda, estaria tão solicitada que não poderíamos nem respirar.

—Disse-me... —Emeline titubeou enquanto observava o brilho da luz sobre sua taça de vinho. —Me disse que conheceu o Reynaud.

Tante Cristelle deixou sua taça com cuidado.

—E você crê nisso?

—Não sei. Mas assim é. —Olhou a sua tia, impotente. —Deve acreditar que estou louca.

Tante Cristelle suspirou e torceu as comissuras dos lábios para baixo, realçando as rugas da velhice.

—Não, ma petite[3]. Só acredito que amava muitíssimo a seu irmão.

Emeline assentiu com a cabeça, com os olhos fixos na taça de vinho, a qual dava voltas com uma mão. Não olhou a sua tia nos olhos. Amou muito ao Reynaud, certamente. Ainda o amava.

O amor não se acabava simplesmente porque seu destinatário tivesse morrido. Mas havia também outra razão pela qual sopesava a ideia de aceitar à senhorita Hartley. Sentia, em certo modo, que Samuel Hartley não lhe disse toda a verdade a respeito de por que necessitava sua ajuda. Aquele homem andava procurando algo. Algo que tinha que ver com o Reynaud.

E isso significava que valia a pena vigiá-lo de perto.

[3] *ma petite: Minha pequena.*

Capítulo 02

Coração de Ferro caminhou muitos dias pelo tenebroso bosque e durante esse tempo não encontrou pessoa ou animal algum. O sétimo dia, o penhasco das árvores se abriu de repente e Coração de Ferro saiu do bosque. Ante si se estendia uma cidade resplandecente. Coração de Ferro a olhou atônito. Nunca, em todas suas viagens, viu uma urbe tão esplendorosa. Mas logo lhe soaram as vísceras, tirando-o de seu estupor. Precisava comprar comida e, para comprar comida, devia encontrar trabalho. Assim entrou na cidade. Mas apesar de que perguntou em qualquer parte, não havia trabalho decente para um soldado que voltava da guerra. É o que está acostumado a ocorrer, conforme acredito. Porque embora todos se alegrassem de ver um soldado quando batalhava em uma guerra, passado o perigo olham ao mesmo homem com desdém e desconfiança. E assim foi como Coração de Ferro se viu obrigado a empregar-se como varredor. Trabalho que cumpriu com suma elegância...

De Coração de Ferro

—Ontem à noite me pareceu te ouvir chegar muito tarde —disse Rebecca enquanto se servia uns ovos mexidos na manhã seguinte. —Depois de meia-noite...

—Sim. —respondeu Samuel vagamente. Estava sentado à mesa da refeição da manhã. —Sinto ter-te despertado.

—OH, não! Não, não me incomodou absolutamente. Não era isso o que queria dizer. —Rebecca suspirou para si mesma e se sentou em frente a seu irmão. Ardia em desejos de lhe perguntar onde esteve a noite anterior (e a outra), mas se refreava por acanhamento e por ter certas dúvidas. Serviu-se mais chá e lutou por encontrar um tema para uma conversação, coisa sempre difícil pelas manhãs.

—Que planos tem para hoje? Vais tratar de negócios com o senhor Kitcher? Hei... Pensei que, se não, poderíamos ir dar um passeio de carruagem por Londres. Tenho ouvido que a catedral de St Paul's[4]...

—Maldita seja! —Samuel deixou sua faca com um tinido sobre o prato. —Esqueci-me de lhe dizer.

Rebecca sentiu um tombo no estômago. Não tinha muitas esperanças (seu irmão estava sempre muito ocupado), mas mesmo assim confiava em que Samuel tivesse tempo de passar a tarde com ela.

---

[4] Catedral de St Paul's: A Igreja Catedral de São Paulo, o Apóstolo, mais conhecida como Catedral de São Paulo, (em inglês St Paul's Cathedral). É uma catedral anglicana em Ludgate Hill, na cidade de Londres, na Inglaterra. É a sede do Bispo de Londres. O edifício atual, projeto a cargo do arquiteto Christopher Wren, data do século XVII e é geralmente considerado como a quinta Catedral de São Paulo, embora o número possa ser maior se todas as reconstruções medievais forem contadas como uma nova catedral. A catedral é atualmente um dos lugares de maior visitação na cidade de Londres.
Foi também nesta catedral que Charles, Príncipe de Gales, casou-se com Lady Diana Spencer, em 1981. A cúpula da catedral é a segunda maior do mundo (só sendo ultrapassada pela Basílica de São Pedro) e dela se tem uma visão ampla de Londres.

—Me dizer o quê?

—Lady Emeline Gordon, a vizinha do lado, convidou-nos a tomar o chá.

—O quê? —Rebecca olhou involuntariamente para a magnífica mansão contigua a sua casa, pela direita. Tinha visto aquela senhora uma ou duas vezes, e lhe fascinava sua sofisticação.

—Mas... mas quando foi isso? Não vi nenhum convite no correio de hoje.

—Concordei com ela na velada a que assisti ontem.

—Minha mãe —disse Rebecca, maravilhada. —Deve ser uma senhora muito agradável, se nos convidou nos conhecendo tão pouco. O que devo pôr para conhecer uma dama da nobreza?

Samuel tocou sua faca; impossível não ter pensado que Rebecca poder-se-ia sentir incômoda.

—A verdade é que lhe pedi que te sirva de acompanhante para ir a algumas festas.

—Seriamente? Acreditava que você não gostava dos bailes, nem as reuniões sociais. —Adorava, é óbvio, que seu irmão pensasse nela, mas estranhava aquele súbito interesse por como ocupava seu tempo.

—Sim, mas já que estamos em Londres... —Samuel se interrompeu para beber um pouco de café. —Pensei que você gostaria de sair um pouco por aí.

Ver a cidade, conhecer gente. Só tem dezenove anos. Deve estar muito aborrecida dando voltas pela casa, comigo como única companhia.

Bom, isso não era de tudo certo, disse-se Rebecca enquanto tentava encontrar uma resposta. Em realidade, havia muitas outras pessoas a seu redor: estava rodeada de serventes. Parecia haver dúzias deles na casa que Samuel tinha alugado em Londres. Justo quando acreditava conhecê-los todos, aparecia de repente uma criada ou um engraxate que não vira nunca. Naquele preciso instante havia dois lacaios postados junto à parede, preparados para servi-los. Um se chamava Travers, acreditava Rebecca, e o outro... Córcholis! Esqueceu como se chamava, embora estivesse segura de tê-lo visto antes.

Tinha o cabelo de cor azeviche e uns incríveis olhos verdes. Embora ela, é óbvio, jamais se fixava nos olhos de um lacaio.

Cravou com o garfo em seus ovos frios. Em Boston, onde vivia com o Samuel, só tinha à cozinheira e a Hélice, e estava acostumada a isso. De pequena jantara quase sempre com a cozinheira e a velha criada, até que foi considerada uma senhorita e pôde sentar-se no salão com o tio Thomas. Seu tio era um céu, e Rebecca lhe sentia muito carinho, mas jantar com ele fora um autêntico calvário.

Sua conversação era tão aborrecida comparada com a animada conversa que mantinha de noite com a Elsie e a cozinheira... As coisas melhoraram um pouco quando Samuel foi viver com ela depois da morte do tio Thomas, mas não muito. Seu irmão podia ser terrivelmente engenhoso quando queria, mas frequentemente parecia ter a cabeça ocupada com assuntos de negócios.

—Importa-te? —Perguntou-lhe ele, interrompendo suas infelizes reflexões.

—Desculpa?

Seu irmão a olhava com o cenho franzido, e Rebecca teve a desagradável impressão de tê-lo decepcionado de algum modo.

—Importa-te que tenha pedido ajuda a lady Emeline?

—Não, absolutamente. —Sorriu radiante. Teria preferido, certamente, que Samuel passasse mais tempo com ela, mas afinal de contas, seu irmão estava em Londres por negócios. —Me adula que tenha pensado em mim.

Ele, entretanto, deixou a xícara de café sobre a mesa ouvindo sua resposta.

—Dize-o como se te considerasse uma carga.

Rebecca baixou o olhar. Isso era justamente o que pensava. Que seu irmão a considerava uma carga. Como ia ser de outro modo? Ela era muito mais jovem que ele e se educou na cidade. Samuel, em troca, criou-se nos Montes da fronteira até aos quatorze anos. Às vezes, Rebecca pensava que a distância que os separava era maior que um oceano.

—Sei que não queria que te acompanhasse nesta viagem.

—Já falamos disso. Alegrei-me muito de que viesse quando soube que gostaria de me acompanhar.

—Sim, e lhe agradeço muito isso. —Rebecca endireitou cuidadosamente seus talheres, consciente de que sua resposta não era totalmente a adequada. Olhou a seu irmão por debaixo das sobrancelhas.

Samuel a observava com o cenho franzido.

—Rebecca, eu...

A entrada do mordomo interrompeu a conversa.

—O senhor Kitcher chegou, senhor.

O senhor Kitcher era o procurador de seu irmão.

—Obrigado —resmungou Samuel. Levantou-se e se inclinou para beijar a Rebecca na fronte. —Kitcher e eu iremos ver uma pessoa para uma visita à fábrica de Wedgwood. Voltarei depois do almoço.

Lady Emeline nos espera em sua casa às duas em ponto.

—Muito bem —respondeu Rebecca, mas Samuel já estava na porta. Então saiu sem dizer uma palavra, e ela ficou olhando os ovos de seu prato, sozinha. Salvo pelos lacaios, claro.

O cavalheiro das colônias estava ainda mais imponente em meio de seu salão. Isso foi a primeira coisa que pensou Emeline essa tarde, quando se voltou para saudar seus convidados.

Seu bonito salão (elegante, sofisticado e extremamente civilizado) contrastava vivamente com o homem que permanecia parado no centro.

Hartley deveria se sentir afligido pelo cetim e os dourados, deveria parecer desnorteado e um pouco áspero com sua simples roupa de lã. E, entretanto dominava o ambiente.

—Boa tarde, senhor Hartley. —Emeline alargou a mão, recordando o quanto desproporcional foi o seu apertão da véspera. Conteve o fôlego para ver se ele repetia aquele gesto tão pouco ortodoxo. Mas o senhor Hartley se limitou a pegar sua mão e a aproximá-la a boca, como era de rigor, deixando os lábios um par de centímetros por cima dos nódulos. Pareceu vacilar um instante, suas fossas nasais se inflaram, e logo se ergueu. Emeline percebeu um brilho divertido em seus olhos e entreabriu as pálpebras. O muito trapaceiro! Hartley sabia desde o começo que devia lhe beijar a mão.

—Me permita lhe apresentar a minha irmã, Rebecca Hartley —disse ele, e Emeline se viu obrigada a concentrar-se em outro objetivo.

A moça que se aproximou era agradavelmente atraente. Tinha o cabelo escuro de seu irmão, mas enquanto que os olhos deste eram de uma quente cor marrom, nos seus brilhavam brilhos de verde e até de amarelo.

Uma cor extremamente estranha, mas muito bonito, mesmo assim. Usava um singelo vestido de fustão, com o decote quadrado e um pouco de encaixe nas mangas e o sutiã. Emeline tomou nota de que teria que melhorar sua indumentária.

—Como vai? —Disse quando a moça fez uma reverência passável.

—Senhora... Digo, milady... É um prazer conhecê-la —murmurou a senhorita Hartley. Tinha umas maneiras agradáveis, embora necessitada de tosa. Emeline assentiu com a cabeça.

—Minha tia, mademoiselle Molyneux.

Tante Cristelle estava sentada a sua esquerda, na borda de sua poltrona, de modo que vários centímetros de ar separavam suas costas rígidas como uma vara do respaldo do assento.

A idosa inclinou a cabeça. Tinha os lábios apertados e olhava fixamente a barra do vestido da senhorita Hartley.

O senhor Hartley sorriu: torceu a boca pelas comissuras, com ar de vagabundo, ao inclinar-se sobre a mão da tia de Emeline.

—Como vai, senhora?

—Muito bem, obrigado, monsieur —respondeu ela energicamente.

O senhor Hartley e sua irmã se sentaram; a moça no sofá de damasco branco e amarelo e ele na poltrona laranja. Emeline se acomodou em uma cômoda poltrona e fez um gesto com a cabeça ao Crabs, o mordomo, que em seguida desapareceu para pedir o chá.

—Ontem disse que estava em Londres por negócios, senhor Hartley. Que classe de negócios? —Perguntou a seu convidado.

O senhor Hartley afastou a aba de seu casaco marrom para apoiar um de seus tornozelos sobre o joelho da outra perna.

—Dedico-me ao comércio de mercadorias com Boston.

—Seriamente? —Murmurou Emeline fracamente. Ao senhor Hartley não parecia lhe envergonhar minimamente admitir que se dedicava ao comércio. Mas o que podia esperar-se de um indiano que levava perneiras de couro?

Emeline olhou sua perna cruzada. O suave couro se agarrou perfeitamente a sua pele, delineando seu contorno belo e varonil. Emeline afastou o olhar.

—Confio em poder conhecer senhor Josiah Wegdwood —disse o senhor Hartley. —Talvez tenham ouvido falar dele. Fundou uma fabulosa fábrica de louça.

—De louça. —Tante Cristelle usou seu binóculo de teatro, que estava acostumada a empregar quando queria esmagar a alguém. Olhou primeiro ao senhor Hartley e logo voltou a fixar sua atenção na barra da saia da senhorita Hartley, que parecia fasciná-la.

O senhor Hartley não se deixou intimidar. Sorriu à tia da Emeline e logo à própria Emeline.

—Louça, sim. É incrível quanta usamos nas colônias. Eu já importo cerâmica e coisas assim,

mas acredito que há mercado para artigos mais finos. Coisas que as senhoras elegantes queiram ter em sua mesa.

O senhor Wegdwood aperfeiçoou um método com o qual fabrica a porcelana mais delicada que jamais vi.

Confio em poder persuadi-lo de que Importações Hartley é a companhia mais adequada para levar seus artigos às colônias. —Emeline levantou as sobrancelhas, intrigada a seu pesar.

—Venderá ali a porcelana em seu nome?

—Não. Utilizaremos o procedimento habitual. Eu compro suas mercadorias e logo as revendo ao outro lado do Atlântico. Mas confio em conseguir o direito exclusivo de vender seus artigos nas colônias, isso é quão único me toca.

—Você é ambicioso, senhor Hartley —disse tante Cristelle. E não parecia um elogio.

O senhor Hartley inclinou a cabeça olhando a sua tia. A censura da idosa senhora não parecia o incomodar minimamente. Emeline teve que admirar seu aprumo, embora fosse a contra gosto.

Hartley era estrangeiro, mas não pelo simples feito de ser americano. Os cavalheiros com os que ela tratava não se dedicavam ao comércio, e muito menos falavam disso tão francamente com uma dama.

Resultava interessante que um homem a tratasse intelectualmente como igual. E, ao mesmo tempo, isso a fazia ser consciente de que Hartley jamais pertenceria a seu mundo.

A senhorita Hartley clareou a garganta.

—Meu irmão me informou que teve você a bondade de me servir de acompanhante, senhora.

A entrada de três criadas levando bandejas carregadas com o serviço de chá impediu que Emeline replicasse adequadamente: criticando ao irmão, não à moça. Hartley dera por adquirido seu assentimento.

Enquanto as criadas iam daqui para lá, Emeline notou que ele a observava abertamente. Olhou-o com ar desafiante, levantando uma sobrancelha, mas ele se limitou a arquear uma das suas.

Estava flertando com ela? Acaso não sabia que se encontrava muito, muito longe de seu alcance?

Uma vez disposto o chá, Emeline começou a servi-lo com as costas tão direitas que até superou a sua tia.

—Estou considerando a possibilidade de convertê-la em minha protegida, senhorita Hartley. —Sorriu para tirar o aguilhão a suas palavras. —Possivelmente possa me dizer por que há...

Um torvelinho a interrompeu. A porta do salão se abriu de repente, ricocheteou na parede e deixou outro entalhe na pintura. Um amontoado de braços e longas pernas se estenderam para a Emeline.

Ela afastou o bule quente com a facilidade que lhe dava a prática.

—Mamãe! Mamãe! —Ofegou o endiabrado. Seus cachos loiros eram enganosamente angélicos. —A cozinheira diz que fez pães-doces de groselha. Posso comer um?

Emeline deixou o bule e tomou fôlego para repreender a seu filho, mas sua tia se adiantou.

—Mais oui, mon chou! Vem, agarra um prato, que tante Cristelle vai escolher-te os pães-doces mais gordos.

Emeline clareou a garganta e o menino e sua idosa tia a olharam compungidos. Ela sorriu a seu filho com intenção.

—Daniel, teria a amabilidade de deixar esse pão-doce que empunhaste e saudar nossos convidados?

Daniel soltou sua presa, bastante esmagada já, e limpou a palma nas meias. Emeline tomou fôlego, mas optou por não dizer nada. Cada briga em seu tempo. Voltou-se para os Hartley.

—Me permitam lhes apresentar a meu filho, Daniel Gordon, barão de Eddings.

O menino fez uma reverência muito correta: tão bem feita, que a Emeline lhe inchou o peito de orgulho. Não deixou que sua satisfação se fizesse visível, certamente: não deveria adular ao pequeno.

O senhor Hartley estendeu a mão com o mesmo gesto que dedicou a ela no dia anterior. Seu filho sorriu de orelha a orelha. Normalmente, os adultos não ofereciam a mão aos meninos de oito anos, fosse qual fosse sua fila. Daniel pegou muito sério aquela mão tão grande e a estreitou.

—Encantado de conhecê-lo, milord —disse o senhor Hartley. Daniel se inclinou ante a moça, e então Emeline lhe deu um pão-doce envolto em um guardanapo.

—Agora vai, corre carinho. Tenho...

—Certamente que seu filho pode ficar conosco, senhora. —A interrompeu o senhor Hartley.

Emeline se ergueu. Como se atrevia a interferir entre seu filho e ela? Estava a ponto de repreender sua conduta quando surpreendeu seu olhar. O senhor Hartley tinha as pálpebras enrugadas nas bordas, mas em lugar de gozo seus olhos pareciam refletir tristeza. Mas se não conhecia seu filho. Por que, então, compadecia-se dele?

—Por favor, mamãe... —Disse Daniel.

Emeline deveria ter-se zangado ainda mais (o menino sabia que não devia suplicar quando tomava uma decisão), mas algo pareceu derreter-se dentro dela.

—Está bem. —Sabia que parecia uma velha grosseira, mas Daniel sorriu e se sentou perto do senhor Hartley, recostando-se na ampla poltrona. E o senhor Hartley sorriu a Emeline com seus olhos de cor café.

Ao vê-lo, a Emeline pareceu cortar a respiração: uma reação ridícula, tratando-se de uma amadurecida mulher do mundo.

—Bom, tudo isto é muito agradável —disse tante Cristelle. Piscou um olho ao Daniel, e ele se revolveu na poltrona até que sua mãe olhou-o. —Mas acredito que deveríamos falar da vestimenta de mademoiselle Hartley.

A senhorita Hartley, que acabava de beber um sorvo de chá, pareceu engasgar-se.

—Senhora?

Tante Cristelle assentiu com a cabeça uma só vez.

—É atroz.

O senhor Hartley deixou sua taça cuidadosamente.

—Mademoiselle Molyneux, acredito que...

A idosa senhora se voltou para ele.

—Você deseja que riam de sua irmã? Sim... Quer que as demais senhoritas cochichem detrás dos leques? Que os cavalheiros se neguem a dançar com ela? É isso ao que aspira?

—Não, é óbvio que não —respondeu o senhor Hartley. —O que há de mau o vestido da Rebecca?

—Nada. —Emeline deixou sua taça de chá. —Nada absolutamente, se a senhorita Hartley deseja visitar os parques e ver alguns dos monumentos de Londres. Estou segura de que o traje que leva seria suficiente inclusive para as pessoas mais elegantes de Boston e as colônias. Mas para a alta sociedade londrina...

—Precisa usar os vestidos mais elegantes! —Exclamou tante Cristelle. —E o mesmo pode dizer-se das luvas, os xales, os chapéus e os sapatos. —Inclinou-se para dar um golpe com sua bengala no chão.

—Os sapatos são extremamente importantes.

A senhorita Hartley olhou os sapatos, alarmada, mas seu irmão só parecia levemente divertido.

—Entendo.

Tante Cristelle olhou-o com astúcia.

—E todas essas coisas custarão um bom beliscão, non?

Não acrescentou que o senhor Hartley também teria que providenciar roupa para a Emeline. Nas altas esferas londrinas se subentendia que aquela era a recompensa que receberia Emeline pelo tempo que passasse acompanhando a sua irmã.

Emeline esperava que o senhor Hartley protestasse. Evidentemente, não era consciente dos gastos que suportava a apresentação em sociedade de uma senhorita. A maioria das famílias economizava durante anos para ajudar no acontecimento; algumas até se endividavam comprando vestidos para a menina. O senhor Hartley devia ser muito rico segundo os parâmetros de Boston, mas o era conforme aos de Londres?

Podia se permitir um desembolso tão inesperado? Emeline sentiu uma estranha desilusão ao pensar que talvez tivesse que abandonar seu propósito.

Mas o senhor Hartley se limitou a dar uma dentada a um pão-doce. Foi a senhorita Hartley quem se encarregou de protestar.

—Mas é muito, Samuel. Não necessito um vestuário novo, de verdade.

Um discurso muito bonito. A garota proporcionara a seu irmão uma escapatória honrosa. Emeline se voltou para o senhor Hartley com as sobrancelhas levantadas. Pela extremidade do olho, notou que Daniel aproveitava que os mais velhos estavam distraídos para surrupiar outro pão-doce.

O senhor Hartley bebeu um longo gole de chá antes de falar.

—Pelo visto sim, necessita de um novo vestuário, Rebecca. Isso diz lady Emeline, e acredito que podemos confiar em seu critério.

—Mas os gastos! —A garota parecia sinceramente preocupada. O irmão, não.

—Não se preocupe por isso. Posso confrontá-los. —Voltou-se para a Emeline. —Então, quando vamos às compras, milady?

—Não é necessário que nos acompanhe —respondeu ela. —Poderia nos dar uma carta de crédito e...

—Mas eu gostaria de acompanha-las —a interrompeu o indiano suavemente. —Sem dúvida não me negará esse pequeno prazer.

Emeline apertou os lábios. Sabia que o senhor Hartley seria uma distração, mas não havia forma educada de dissuadi-lo. Forçou um sorriso.

—Naturalmente, nós adoraríamos contar com sua companhia.

Ele deu a impressão de sorrir sem chegar a mudar de expressão, e as rugas de ambos os lados de sua boca se fizeram mais fundas. Que homem tão extraordinário!

—Então, repito, quando sairemos de expedição?

—Amanhã —respondeu Emeline vigorosamente.

Os lábios sensuais do senhor Hartley se curvaram ligeiramente.

—Muito bem.

E ela entreabriu os olhos. Ou o senhor Hartley era um néscio, ou era mais rico que o rei MIDAS.

Despertou de madrugada, coberto em suor pelo pesadelo. Ficou quieto, aguçando os olhos na penumbra enquanto aguardava que o retumbar de seu peito se aquietasse. O fogo havia apagado e fazia frio no quarto.

Dissera às criadas que pusessem um bom montão de lenha, mas pareciam incapazes de fazê-lo como era devido. Pela manhã, o fogo de seu quarto costumava a estar reduzido a brasas.

Essa noite se extinguiu por completo.

Sam saiu do quarto; seus suaves mocassins não faziam ruído. Desceu pela grande escada de mármore até o vestíbulo inferior.

Ali ouviu passos que avançavam para ele e se escondeu entre as sombras. A luz de uma vela brilhou perto, e viu o mordomo vestido com camisolão: levava o castiçal em uma mão e com a outra sujeitava uma garrafa.

Passou a uns centímetros dali, e Sam notou um odor a uísque. Sorriu na penumbra. Que susto daria ao mordomo se descobrisse que seu amo espreitava na escuridão! Pensaria que estava louco.

Esperou até que desapareceu o resplendor da vela do mordomo e seus passos se extinguiram. Passou outro minuto enquanto aguçava o ouvido, mas tudo permanecia em silêncio. Saiu de seu esconderijo e cruzou silenciosamente a cozinha, até a porta de serviço. A chave era guardada sobre o suporte da grande lareira, mas Sam tinha uma cópia. Saiu, e o fecho emitiu um estalo ao fechar-se a suas costas.

Fora fazia um frio agradável, e Sam abafou um estremecimento. Ficou um momento entre as sombras, junto à porta traseira, escutando, olhando, farejando o ar. Só ouviu a um roedor correndo entre os arbustos e o súbito miado de um gato. Não havia ninguém perto. Deslizou-se pelo estreito jardim amuralhado, roçando moitas de hortelã e salsinha, e outras ervas cujos

aromas não identificava.

Ao chegar às quadras, deteve-se de novo um momento.

Logo começou a correr. Seus passos eram tão silenciosos como os de um felino, mas mesmo assim se manteve junto a borda das densas sombras dos estábulos. Odiava que o descobrissem quando saía de noite às escondidas.

Talvez por isso não se incomodava em ter um ajudante de câmara.

Passou por uma porta e ao sentir um cheiro de urina mudou de direção. Não tinha visto uma cidade (ou um povoado, inclusive) até a idade de dez anos. Vinte e três anos depois, ainda recordava a impressão que lhe produziu seu cheiro: o terrível fedor de centenas de pessoas vivendo amontoadas, sem lugar para esvaziar suas urinas e excrementos. Quando menino, esteve a ponto de vomitar ao descobrir que a vala de água marrom que corria por metade da rua pavimentada era um esgoto ao ar livre. Uma das primeiras coisas que lhe ensinou seu pai quando pequeno foi esconder seus sedimentos.

Os animais eram muito preparados. Se sentiam o cheiro das pessoas, não se aproximavam. E se não havia animais, não havia comida. Nos imensos bosques da Pensilvânia, era assim de simples.

Mas ali, onde a gente vivia cotovelo com cotovelo e deixava que suas imundícies se amontoassem nos cantos, onde o fedor da humanidade parecia suspenso no ar como uma névoa que teria que atravessar com esforço, ali, na cidade, tudo era mais complicado. Seguia havendo depredadores e presas, mas suas formas se distorceram, e às vezes resultava impossível distinguir uns dos outros.

Aquela cidade era muito mais perigosa que qualquer fronteira, com seus animais selvagens e suas incursões índias.

Sua corrida o conduziu até o final das quadras, onde havia um cruzamento. Atravessou a ruela e seguiu correndo rua abaixo. Um jovem entrava pela grade de uma casa senhorial: um criado que voltava de um recado?

Sam passou a seu lado, a menos de meio metro de distância, e o homem nem sequer se voltou. Mas ele aspirou seu cheiro de cerveja e fumaça de pipa ao passar.

Lady Emeline cheirava a melissa. Sam percebeu de novo aquele aroma essa tarde, ao inclinar-se sobre sua branca mão. E aquilo não estava bem. Uma mulher tão sofisticada devia cheirar a musgo ou pachuli.

Descobrira-se frequentemente sufocado por aquela fragrância (pela pestilência) das damas elegantes. Os perfumes as envolviam como uma bruma até o ponto que lhe dava vontade de tampar o nariz e vomitar.

Mas lady Emeline cheirava a melissa, o aroma da horta de sua mãe. E essa incongruência intrigava-o.

Cruzou a entrada de um beco sem afrouxar o passo e saltou uma poça fedorenta. Havia alguém ali escondido, refugiado talvez, ou possivelmente emboscado, mas ele passou correndo antes que o desconhecido tivesse tempo de reagir. Olhou para trás e viu que o outro apareceu para olhá-lo. Sorriu e apertou o passo. Seus mocassins roçavam os paralelepípedos com todo

silencio. Só gostava da cidade àquelas horas: quando as ruas estavam desertas e a gente podia mover-se sem medo de tropeçar com alguém. Quando havia espaço. Sentiu que o esforço começava a esquentar os músculos de suas pernas.

Ao chegar a Londres, elegera propositadamente a casa contigua a de lady Emeline. Sentia a necessidade de descobrir como ia à irmã do Reynaud. Era o mínimo que podia fazer pelo oficial ao qual falhara.

Ao descobrir que a senhora desfrutava apresentando a jovens senhoritas em sociedade, lhe pareceu natural pedir que ajudasse a Rebecca. Naturalmente, ocultara-lhe o verdadeiro motivo pelo que lhe interessava a alta sociedade londrina, mas isso não lhe causou o menor remorso. Ao menos, até conhecer a dama em pessoa.

Porque lady Emeline não era o que esperava. De algum modo, sem ter consciência disso, Sam a imaginou tão alta como seu irmão e com o mesmo porte aristocrático. O porte aristocrático estava ali, certamente, mas lhe custava não sorrir quando lady Emeline tentava olhá-lo com ar de superioridade. Não devia medir mais de um metro e cinquenta e oito. Tinha uma figura deliciosamente arredondada, dessas que davam vontades de lhe agarrar o traseiro só para sentir seu calor feminino. Seu cabelo era negro e seus olhos igualmente escuros. Com aquelas faces rosadas e aquela voz cortante, podia ter sido uma irlandesa descarada, sempre disposta ao flerte.

Mas não o era.

Sam resmungou uma maldição e se deteve. Apoiou as palmas das mãos nos joelhos enquanto ofegava, tentando recuperar o fôlego. Lady Emeline podia parecer uma irlandesa, mas com sua roupa elegante e um acento capaz de cortar o gelo, ninguém em seu juízo perfeito a tomaria por tal. Nem sequer um agricultor das fronteiras do Novo Mundo.

Podia comprar muitas coisas com seu dinheiro, mas entre elas não se encontrava uma mulher do estrato mais alto da aristocracia inglesa.

A lua começava a baixar. Era hora de voltar para casa. Sam olhou a seu redor. A estreita rua estava flanqueada por tendas cujos pisos superiores se projetavam para fora. Nunca esteve naquela parte de Londres, mas isso não lhe impediria de encontrar o caminho de volta. Começou com uma suave corrida. A volta era sempre o mais duro, porque sua frescura e sua energia do princípio se dissipara.

Agora lhe custava respirar e começavam a lhe doer os músculos pelo esforço contínuo. Além disso, as partes que fora ferida se faziam notar e palpitavam enquanto corria.

Recorda, pareciam lhe dizer suas cicatrizes, recorda o tomahawk[5] entrou na sua carne, onde se alojou a bala junto ao osso. Recorda que está marcado para sempre, que é o sobrevivente, que vive, que ficou para dar testemunho.

Sam seguiu correndo, a pesar da dor e das lembranças. Aquele era o ponto que distinguia

[5] *Um tomahawk é um tipo de machado de pequena dimensão, usado, sobretudo pelos ameríndios. Era uma ferramenta de uso geral e não somente uma arma.*
Os tomahawks foram originalmente ferramentas usadas pelos nativos americanos e pelos colonos europeus, e muitas vezes eram usados como armas de luta corpo-a-corpo ou de arremesso.
No princípio teriam lâmina de pedra, mas foram depois substituídas por lâminas de ferro ou bronze. As lâminas metálicas dos tomahawks basearam-se originalmente nos machados da Royal Navy, que eram usados como objeto de intercâmbio com os nativos

aos que seguiam diante dos que se deixavam cair na sarjeta. O truque consistia em reconhecer a dor.

Em abraçá-la. A dor te mantinha acordado. A dor significava que ainda estava vivo.

Não sabia quanto tempo levava correndo, mas quando chegou às quadras de detrás de sua casa alugada, a lua se pôs. Estava tão cansado que quase não viu o ladrão. Tal era seu esgotamento que esteve a ponto de passar correndo a seu lado. Mas não o fez. Deteve-se e se escondeu entre as sombras dos estábulos da casa vizinha. Observou ao ladrão. Tinha forma de barril e levava um casaco escarlate e um tricórnio esfarrapado, com as bordas desfiadas e cinzas. Sam já o vira antes: uma vez esse dia, do outro lado da rua, quando saiu com a Rebecca da casa de lady Emeline, e também a véspera, ao subir em sua carruagem. Sua atitude era a mesma: aquele homem o estava seguindo.

Então tomou uns minutos para recuperar o fôlego; logo tirou duas bolas de chumbo do bolso de seu colete. Eram pequenas, não maiores que seu polegar, mas muito úteis para quem desfrutava correndo de madrugada pelas ruas de Londres. Fechou o punho a seu redor.

Aproximou-se com sigilo do homem de casaco escarlate e lhe agarrou o cabelo por detrás com a mão esquerda. Depois lhe atirou velozmente um murro a um lado da cabeça.

—Quem te enviou?

O outro era rápido para ser tão gordo. Revolveu-se e tentou lhe dar uma cotovelada no ventre. Sam voltou a golpeá-lo uma vez, duas, sempre no rosto.

—Que te fodam! —Grunhiu o do casaco escarlate. Seu acento londrino era tão denso que Sam mal distinguiu as palavras.

O homem lhe lançou um murro à cara. Sam se inclinou para um lado e o golpe lhe roçou o queixo. Golpeou com força, rapidamente, a axila exposta de seu oponente. O homem de casaco escarlate proferiu um grunhido e se dobrou para esse lado. Quando se ergueu, tinha uma navalha na mão. Sam se moveu em círculo, os punhos preparados, procurando outra saída. O homem lançou uma navalhada, mas Sam conseguiu lhe afastar o braço de um golpe. A navalha caiu ao chão: a luz da lua brilhou sobre seu cabo, que parecia de haste branca. Então ele virou para a esquerda e quando o outro o atacou, agarrou-o pelo braço direito e o atraiu para si.

—Seu chefe —chiou enquanto lhe retorcia o braço.

O homem se retorceu violentamente e lhe atirou outro golpe na mandíbula. Sam cambaleou, e o do casaco escarlate não necessitou nada mais: largou-se e pôs-se a correr pelas quadras. Ao passar junto à navalha se agachou para recolhê-la e desapareceu logo pela esquina dos estábulos.

Sam o seguiu instintivamente (o depredador sempre perseguia uma presa que fugia), mas se deteve antes de chegar à ruela onde desembocavam as quadras. Levava horas correndo; o ar já não era fresco, por isso se pegasse o homem de casaco escarlate, não estaria em condições de obriga-lo a falar. Suspirou, guardou as bolas de chumbo e retornou a sua casa.

Começava a raiar a alvorada.

---

americanos por comida. O desenho britânico por sua vez derivava de desenhos usados séculos antes pelos vikings.

Capítulo 03

Um dia, enquanto Coração de Ferro varria as ruas, passou uma procissão. Havia vários lacaios que, vestidos com libré dourada, iam a pé, um par de guardas montados em branquíssimos corcéis, e, por último, uma carruagem dourada com dois lacaios montados atrás. Coração de Ferro não pôde menos que olhar boquiaberto a carruagem que se aproximava. Quando estava justo a seu lado, a cortina se moveu e viu o rosto da dama que viajava em seu interior. E que rosto! Suas feições eram perfeitas, sua tez tão branca e lisa que se diria de marfim. Coração de Ferro ficou olhando-a. A seu lado, uma voz rouca perguntou:

—Parece-te formosa a princesa Solace?

Coração de Ferro se voltou e viu um velho apergaminhado onde antes não havia ninguém. Franziu o cenho, mas teve que reconhecer que a princesa era extremamente bela.

—Então —disse o idoso, aproximando-se tanto que Coração de Ferro sentiu seu fôlego fedorento. —Você gostaria de casar com ela?

De Coração de Ferro

Emeline saiu ao sol da tarde e exalou um suspiro de prazer.

—Foi uma compra da mais satisfatória. —Mas de verdade necessito todos esses vestidos? —Perguntou a senhorita Hartley a seu lado. —Não bastaria com um ou dois trajes de baile?

—Verá, senhorita Hartley...

—Por favor, não poderia me chamar Rebecca?

Emeline temperou seu tom severo. A garota era tremendamente encantadora.

—Sim, é óbvio. Rebecca, pois. É da maior importância que te vistas como é devido...

—Em pão de ouro, se for possível —disse uma voz varonil, interrompendo seu discurso.

—Ah, Samuel! —Exclamou Rebecca. —Seu queixo tem pior aspecto que esta manhã.

Emeline se voltou, alisando cuidadosamente sua frente. Não queria que o senhor Hartley notasse que a incomodara sua interrupção, ou que sentia um estranho estremecimento de emoção na parte baixa do ventre.

Indubitavelmente, aquela confusão não era própria de uma mulher de sua idade.

De fato, o queixo do senhor Hartley se pôs mais arroxeado desde a última vez que se viram. Ao que parece, essa noite tropeçou com uma porta. Uma estranha estupidez, tratando-se de um homem tão ágil.

Estava apoiado contra um poste, com os pés cruzados à altura dos tornozelos, e parecia estar ali à um bom momento. E assim devia ser, efetivamente, se aguardou ali desde que elas entraram na loja da costureira, três horas antes. Aquele homem espantoso não podia ter ficado ali

todo esse tempo, verdade?

Emeline sentiu uma pontada de má consciência.

—Senhor Hartley, sabe que é perfeitamente aceitável que nos deixe sozinhas enquanto acabamos de fazer nossas compras?

Ele levantou as sobrancelhas; sua expressão sardônica parecia dizer que conhecia perfeitamente as delícias de um dia de compras entre senhoras.

—Não me ocorreria abandoná-las, milady. Peço-lhe desculpas se minha presença lhe resulta irritante.

Tante Cristelle estalou a língua ao lado da Emeline.

—Você fala como um cortesão, monsieur. E acredito que não o favorece.

O senhor Hartley sorriu e se inclinou ante sua tia, destemido.

—Aceito a reprimenda, senhora.

—Sim, bom —atravessou Emeline. —Acredito que o seguinte são as luvas. Justo aqui ao lado há uma loja maravilhosa que...

—Possivelmente às senhoras gostem de um refrigério —disse o senhor Hartley. —Jamais me perdoaria, se se deprimissem por tanto esforço.

Emeline estava formulando uma resposta convenientemente evasiva quando tante Cristelle adiantou.

—Estaria bem tomar um chá.

Emeline não podia rechaçar o convite sem parecer grosseira, e o muito trapaceiro sabia. A boca do senhor Hartley se torceu em um sorriso enquanto a observava com seus quentes olhos marrons.

Ela franziu os lábios.

—Obrigada, senhor Hartley. Você é muito amável.

Ele inclinou a cabeça, separou-se do poste e lhe ofereceu o braço.

—Vamos?

Por que só se lembrava das boas maneiras quando lhe convinha? Emeline sorriu, tensa, e posou os dedos sobre sua manga, notando os músculos sob o tecido.

Olhou sua mão e logo olhou a ela, inclinando uma sobrancelha.

Emeline levantou o queixo e pôs-se a andar, seguida por tante Cristelle e a moça. Sua tia parecia estar ensinando a Rebecca sobre a importância do calçado.

Em torno deles, a elegante multidão que enchia as ruas do Mayfair fluía e refluía. Jovens vendedoras de alface vagabundeavam nos portais, mexericando e olhando às damas suntuosamente vestidas.

Um cavalheiro elegante, adornado com uma peruca empoeirada de rosa, passeava movendo com extravagância sua comprida bengala. Emeline ouviu bufar a tante Cristelle. Saudou com uma inclinação de cabeça às senhoritas Stevens ao passar por seu lado. A mais velha o fez com muita educação. A mais jovem, uma ruiva bonita, mas volúvel, vestida com uma enorme crinolina, riu tampando a boca com a mão.

Emeline a olhou sob as sobrancelhas com expressão de recriminação.

—O que lhe parece nossa capital, senhor Hartley?

—Abarrotada. —Inclinou a cabeça para ela ao falar. Emeline notou um aroma agradável em seu fôlego, mas não soube identificá-lo.

—Está acostumado a uma cidade menor? —levantou um pouco a saia ao aproximar-se de uma poça de nocivo aspecto. O senhor Hartley a atraiu para si quando a passaram, e por um momento Emeline sentiu o calor de seu corpo através da lã e o linho.

—Boston é menor que Londres —respondeu ele. Separaram-se e Emeline descobriu consternada que sentia falta de seu calor. —Mas está igualmente lotada. Não estou acostumado às cidades.

—Criou-se no campo?

—Mais bem na montanha.

Emeline se voltou, surpreendida por sua resposta, justo no momento em que ele se inclinava de novo. De repente, seus rostos ficaram separados por apenas uns centímetros. As finas rugas que rodeavam os olhos de cor café do senhor Hartley se afundaram quando lhe sorriu. Ela reparou que tinha uma cicatriz fina e pálida sob o olho esquerdo.

Logo afastou o olhar.

—Então se criou com os lobos, senhor Hartley?

—Absolutamente. —Seu tom era divertido, apesar do cortante de suas palavras. —Meu pai era trapaceiro na fronteira da Pensilvânia. Vivíamos em uma cabana que construiu com troncos que ainda conservavam a casca.

Parecia muito primitivo. Em realidade, seu lar era tão diferente ao que conhecia Emeline, que lhe custava imaginá-lo.

—Que educação recebeu antes que o enviassem ao internato?

—Minha mãe me ensinou a ler e escrever —respondeu o senhor Hartley. —De meu pai aprendi a seguir um rastro, a caçar e a me mover pelo bosque. Foi um excelente caçador.

Passaram por uma livraria cujo letreiro de cor vermelha viva pendurava tão baixo que quase roçou o tricornio do senhor Hartley. Emeline clareou a garganta.

—Entendo.

—Sim? —Perguntou ele suavemente. —Minha vida ali era muito diferente a tudo isto. —Assinalou com a cabeça a buliçosa rua de Londres. —consegue Imaginar um bosque tão silencioso que possa ouvir cair as folhas?

Árvores tão grandes que um homem adulto não pode rodear o tronco com os braços?

Ela disse que não com a cabeça.

—Custa imaginá-lo. Esses bosques me resultam muito alheios. Mas você os abandonou, não é certo?

Observava o fluir da multidão enquanto caminhavam, mas agora voltou a olhá-la.

Emeline conteve o fôlego ao ver seus olhos escuros.

—Deve ter sido uma mudança muito brusca, deixar a liberdade do bosque por um internato.

Ele levantou uma comissura da boca e afastou os olhos.

—Foi, mas os meninos se adaptam. Aprendi a seguir as normas e de quais meninos me

manter afastado. E era muito alto, inclusive então. Isso ajudou.

Emeline se estremeceu.

—Parecem tão selvagens, os internatos.

—Os meninos são animais selvagens, em geral.

—E os professores?

Ele encolheu os ombros.

—A maioria são competentes. Alguns são homens amargurados que desprezam aos meninos. Mas há outros que amam seriamente sua profissão e se preocupam com seus tutelados.

Emeline franziu as sobrancelhas.

—Que diferente foi sua infância da de sua irmã. Disse você que ela se criou na cidade de Boston?

—Sim. —Pela primeira vez, sua voz soou preocupada. —Às vezes acredito que nossa infância foi muito diferente.

—Sim? —Observou seu rosto. Suas expressões eram tão sutis, tão fugazes, que se sentia como uma adivinha quando surpreendia alguma mudança.

Assentiu com um gesto, as pálpebras entreabertas.

—Preocupa-me não lhe dar tudo o que necessita.

Emeline olhou à frente enquanto tentava formular uma resposta. Algum dos homens que conhecia se preocupava desse modo pelas mulheres que formavam parte de sua vida? Preocupou-se seu irmão por suas necessidades?

Acreditava que não.

Mas o senhor Hartley respirou fundo e falou de novo.

—Seu filho está cheio de energia. —Emeline enrugou o nariz.

—Em excesso, diriam alguns.

—Quantos anos tem?

—Oito, cumpre este verão.

—Tem preceptor?

—O senhor Smythe-Jones. Vem todos os dias. —Vacilou e logo disse impulsivamente. —Mas tante Cristelle opina que deveria manda-lo a uma escola como essa a que você frequentou.

Ele a olhou.

—Parece muito jovem para ir-se de casa.

—OH, muitas famílias elegantes mandam a seus filhos para internatos, inclusive sendo muito mais novos que Daniel. —Ao perceber que estava retorcendo uma cinta de seu pescoço com a mão livre, deteve-se e alisou cuidadosamente o pedaço de seda. —A minha tia preocupa-se que esteja muito entre minhas saias. Ou que não aprenda a ser um homem, vivendo entre mulheres.

—Por que estava contando aqueles detalhes íntimos de sua vida a um homem ao que mal conhecia? O senhor Hartley devia considerá-la uma néscia.

Mas ele se limitou a assentir pensativamente.

—Seu marido morreu?

—Sim, Daniel, meu filho, chama-se como ele; faleceu faz cinco anos.

—Mas você não tornou a casar-se?

Inclinou-se um pouco mais para ela e Emeline reconheceu por fim o aroma de seu fôlego. Salsinha. Era estranho que um aroma tão doméstico parecesse exótico vindo dele.

O senhor Hartley falou com suavidade.

—Não compreendo que uma mulher atraente leve tantos anos sozinha.

Ela enrugou a fronte.

—Em realidade...

—Aqui há um salão de chá —disse tante Cristelle atrás deles. —Me doem muitíssimo os ossos de tanto exercício. Descansamos aqui?

O senhor Hartley se voltou.

—Lamento-o, senhora. Sim, pararemos aqui.

—Bon —disse ela. —Vamos restaurar-nos um pouco, então. —O senhor Hartley abriu a bonita porta de madeira e cristal e entraram no pequeno salão de chá. Aqui e lá havia mesinhas redondas, e as senhoras se acomodaram enquanto o senhor Hartley ia pedir o chá.

Tante Cristelle se inclinou para dar um golpinho em Rebecca no joelho.

—Seu irmão é muito solícito com você. Deveria agradecer por isso. Nem todos os homens são assim. E os que o são frequentemente não passam muito tempo neste mundo.

A moça franziu o cenho ao ouvir aquele último comentário, mas preferiu responder ao primeiro.

—Estou muito agradecida, sim. Samuel sempre se comportava muito bem comigo quando nos víamos.

Emeline alisou um volante de encaixe de sua saia.

—O senhor Hartley disse que se criou com seu tio.

Rebecca baixou os olhos.

—Sim. Só via o Samuel uma ou duas vezes ao ano, quando ia de visita. Sempre me parecia tão grande... Inclusive quando era mais jovem que eu sou agora. Logo se alistou, claro, e usava um uniforme precioso.

Eu ficava encantada olhando-o. Nenhum homem que eu conheça caminha como ele. Anda com tanta ligeireza como se pudesse manter o passo durante dias e dias. —Levantou a vista e sorriu, sobressaltada.

—Mas o descrevo muito mal.

Curiosamente, entretanto, Emeline sabia com toda exatidão a que se referia Rebecca. A agilidade e o aprumo com que se movia o senhor Hartley a faziam pensar que conhecia seu corpo e o funcionamento deste muito melhor que a maioria dos homens. Emeline se voltou para olhá-lo. Estava esperando sua vez para pedir o chá. Diante dele, um cavalheiro de idade franzia o cenho e movia o pé com impaciência, dando golpes no chão. Havia também outros clientes, alguns movendo os pés daquela mesma maneira, outros trocando de postura, inquietos. Só o senhor Hartley se mantinha perfeitamente quieto.

Não parecia nem impaciente nem aborrecido, e dava a impressão de poder passar horas assim, com uma perna flexionada e os braços cruzados sobre o peito. Surpreendeu Emeline

olhando-o e levantou as sobrancelhas devagar, mas ela não soube se aquele gesto era de surpresa ou de desafio. Ficou corada e afastou os olhos.

—Seu irmão e você parecem estar muito unidos —disse a Rebecca. —Apesar de se terem criado separados.

A garota sorriu, mas seu olhar parecia inseguro.

—Espero que estejamos unidos. Acredito que o estamos. Eu o admiro muito.

Emeline a observou, pensativa. Seus sentimentos eram os adequados, não havia dúvida, mas Rebecca falava quase em tom inter-rogativo.

—Senhora —disse o senhor Hartley, aparecendo de repente a seu lado.

Emeline se sobressaltou e olhou com exasperação. Aproximou-se dela sem fazer ruído propositadamente...

Ele esboçou aquele sorriso irritantemente misterioso e lhe ofereceu um prato de massas recobertas de uma rosada capa de açúcar. Seus olhos de cor café pareciam repreendê-la por ser tão suscetível.

Ela tomou fôlego.

—Obrigada, senhor Hartley.

Ele inclinou a cabeça.

—É um prazer, lady Emeline.

Umf. Ela saboreou uma massa e descobriu que era ao mesmo tempo amarga e doce. Perfeita, em realidade. Olhou a sua tia. A idosa senhora tinha a cabeça inclinada para a Rebecca e estava lhe falando em voz baixa.

—Espero que minha tia não esteja exortando a sua irmã —comentou ela enquanto servia o chá.

O senhor Hartley olhou a Rebecca.

—Minha irmã é feita de uma massa mais dura do que parece. Acredito que sobreviverá, por mais fadiga que lhe faça passar sua tia.

Como todas as cadeiras estavam ocupadas, apoiava-se tranquilamente na parede, a menos de um metro dela. Emeline bebeu um gole de chá enquanto olhava seus estranhos sapatos.

Sem dar-se conta, disse o que estava pensando.

—De onde tirou essas chinelas?

O senhor Hartley estirou uma perna, com os braços ainda cruzados sobre o peito.

—São mocassins. Fazem-nos com pele de gamo as índias da tribo dos moicanos.

As senhoras da mesa do lado se levantaram para partir, mas ele não fez tentativa de sentar-se. A campainha da porta tilintou ao entrar mais gente.

Emeline seguiu olhando com o cenho franzido os mocassins e as perneiras do senhor Hartley. Ele apertara o couro suave justo por cima dos joelhos com uma cinta bordada e deixara pendurado os extremos.

—Todos os homens brancos das colônias usam esse traje?

—Não, não todos. —Voltou a cruzar as pernas. —Quase todos usam os mesmos sapatos ou botas que os cavalheiros daqui.

—Então, por que você usa esse calçado tão estranho? —Era consciente de que sua voz soava cortante, mas a insistência do senhor Hartley em vestir roupa tão pouco convencional a irritava enormemente.

Por que o fazia? Se usasse sapatos de fivela e meias, como todos os cavalheiros de Londres, ninguém repararia nele. Com sua riqueza, talvez pudesse converter-se em um cavalheiro britânico e ser aceito nos círculos elegantes. Seria respeitável.

O senhor Hartley encolheu os ombros, aparentemente alheio ao torvelinho que se agitava dentro dela.

—É o calçado que usam os caçadores dos bosques da América. É muito cômodo e muito mais prático que os sapatos dos ingleses. As perneiras protegem dos espinhos e os ramos. Estou acostumado a elas.

Olhou-a e ela viu em seus olhos que era consciente de que desejava que fosse convencional, que se parecesse mais a qualquer cavalheiro inglês. Entendia-o, e isso o entristecia.

Emeline olhou seus quentes olhos marrons sem saber o que fazer. Havia algo ali, algo que fluía entre eles, e cujas sutilezas lhe escapavam.

Então uma voz de homem ressonou atrás dela.

—Cabo Hartley! O que você faz em Londres?

Sam se esticou. O homem que o saudava era magro e de estatura média, possivelmente um pouco mais baixo. Usava um casaco verde escuro e colete marrom, perfeitamente comuns e respeitáveis.

De fato, teria tido o mesmo aspecto que milhares de cavalheiros londrinos a não ser por seus cabelos. Tinha o cabelo de um vermelho alaranjado e brilhante, recolhido para trás. Sam tentou identificá-lo, mas não pôde.

Havia vários ruivos no regimento.

O homem sorriu e lhe estendeu a mão.

—Thornton. Dick Thornton. Não o via há... Quanto? Seis anos, ao menos. O que o traz por Londres?

Sam pegou a mão que lhe estendia e a estreitou. Claro. Já se lembrava dele. Thornton pertencera aos 28° Regimento.

—Estou aqui por negócios, senhor Thornton.

—Não me diga? Londres fica muito fora de mão para um rastreador das colônias. —Thornton sorriu como se quisesse despojar a suas palavras de qualquer ofensa.

Sam encolheu os ombros tranquilamente.

—Meu tio morreu em sessenta. Assim deixei o exército e me encarreguei de seu negócio de importação, em Boston.

—Ah. —Thornton oscilou sobre os calcanhares e olhou inquisitivamente lady Emeline.

Sam sentiu uma estranha reticência apresenta-la, mas a sacudiu de cima.

—Milady, me permita lhe apresentar ao senhor Richard Thornton, meu antigo companheiro no exército. Thornton apresento lady Emeline Gordon, a irmã do capitão Saint Aubyn.

E esta é minha irmã, Rebecca Hartley, e mademoiselle Molyneux, tia de lady Emeline.

Thornton fez uma vistosa reverencia.

—Senhoras.

Lady Emeline lhe estendeu a mão.

—Como vai, senhor Thornton?

O outro ficou sério ao inclinar-se sobre sua mão.

—É uma honra conhecê-la, senhora. Permita-me lhe dizer que todos lamentamos profundamente a morte de seu irmão.

O semblante de lady Emeline não mostrou dor alguma, mas Sam a sentiu enrijecer apesar de que estavam separados por quase um metro de distância.

Não se explicava como era possível, mas tinha a impressão de que algo mudara no ar que mediava entre eles.

—Obrigada —disse ela. —Você conhecia ao Reynaud?

—Naturalmente. Todos conhecíamos e apreciávamos ao capitão Saint Aubyn. —Voltou-se para o Sam como se procurasse confirmação. —Um grande cavalheiro e um grande capitão, não é certo, Hartley?

Sempre com uma palavra amável na ponta da língua, sempre nos animando quando partíamos por esses odiosos bosques. E ao final, quando os selvagens atacaram, você teria se sentido orgulhosa se tivesse visto como aguentou, senhora. Alguns sentiam medo. Alguns pensaram em romper filas e fugir... —Thornton se deteve de repente e tossiu, olhando ao Sam com ar compungido.

Sam lhe devolveu um olhar pétreo. Muitos pensavam que fugira em Spinner's Falls. Sam não se incomodou em dar explicações nesse momento, e não pensava começar agora. Sabia que lady Emeline estava-o observando, mas se negou a olhá-la nos olhos. Que o amaldiçoasse, se queria acreditar, como todos os outros, que esse fosse seu gosto.

—Agradecemos-lhe muito a lembrança de meu sobrinho, senhor Thornton —disse mademoiselle Molyneux, rompendo o tenso silêncio.

—Bom. —Thornton endireitou o colete. —Disso faz já muito tempo. O capitão Saint Aubyn morreu como um herói. Isso é o que devem recordar.

—Você conhece a algum outro veterano do regimento aqui, em Londres? —Perguntou-lhe Sam suavemente.

Thornton exalou um suspiro enquanto pensava.

—Não a muitos, não a muitos. Para começar, houve poucos sobreviventes, claro. Estão o tenente Horn e o capitão Renshaw... Sim, lorde Vale também está aqui agora... Mas não nos movemos nos mesmos círculos, certamente.

—Sorriu a lady Emeline como se desse modo reconhecesse sua fila. —Também estão Wimbley e Ford, e o sargento Aliem, pobrezinho. É terrível no que se converteu. Perdeu uma perna e não pôde superá-lo.

Sam já havia interrogado ao Wimbley e Ford. Ao sargento Aliem era mais difícil lhe seguir o rastro. Transladou mentalmente seu nome ao princípio da lista de pessoas com as quais precisava falar.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

—E seus amigos do regimento? —Perguntou. —Lembro que cinco ou seis de vocês estavam acostumados a compartilhar a mesma fogueira pelas noites. Pareciam ter um líder, outro ruivo, o soldado...?

—MacDonald. Andy MacDonald. Sim, as pessoas estavam acostumadas a nos confundir. Pelo cabelo, sabe? É curioso, mas algumas pessoas só recordam isso de mim. —Thornton sacudiu a cabeça.

—O pobre MacDonald recebeu um balaço na cabeça no Spinner's Falls. Caiu justo a meu lado.

Sam manteve o olhar fixo, mas sentiu que uma gota de suor se deslizava por sua coluna. Não gostava de pensar nesse dia, e as ruas lotadas de Londres já o tinham posto nervoso.

—E outros?

—Mortos, todos mortos, acredito. A maioria caíram em Spinner's Falls, embora Ridley sobreviveu uns meses... Até que a gangrena o levou por fim. —Sorriu com inapetência e piscou os olhos.

Sam franziu o cenho.

—Quer...?

—Senhor Hartley, acredito que ainda temos que visitar chapeleiro. —Disse mademoiselle Molyneux.

Sam afastou o olhar do Thornton para olhar às senhoras. Rebecca observava-o com confusão, lady Emeline tinha um semblante inexpressivo e a idosa senhora parecia simplesmente incomodada.

—Peço-lhes desculpas, senhoras. Não era minha intenção as aborrecer com a lembrança de acontecimentos tão longínquos.

—Eu também me desculpo. —Thornton fez outra bela reverência. —Foi um prazer as conhecer...

—Poderia me dar sua direção? —Apressou-se a perguntar Sam. —Eu gostaria de voltar a falar com você. Muito poucos recordam o acontecido esse dia.

Thornton sorriu de orelha a orelha.

—Sim, é óbvio. Eu também gosto de recordar. Pode me encontrar em meu negócio. Não está muito longe daqui. Siga pelo Piccadilly até a Rua Dover e me encontrará. George Thornton e Filho, Fabricantes de botas.

A sapataria a fundou meu pai, você sabia?

—Obrigado. —Sam lhe estreitou a mão de novo e lhe observou enquanto se despedia das damas e se afastava. Seu cabelo vermelho se distinguiu durante um momento entre a multidão, até que desapareceu por fim.

Então se voltou para lady Emeline e lhe ofereceu o braço.

—Vamos? —E nesse momento cometeu o engano de olhá-la nos olhos. Era impossível que não o tivesse adivinhado. Era uma mulher inteligente, e escutara toda a conversa. Mas mesmo assim Sam sentiu um tombo no coração.

Lady Emeline sabia.

O senhor Hartley estava em Londres por causa do massacre de Spinner's Falls. Perguntara ao senhor Thornton com muita intenção e escutado suas respostas com excessiva intensidade.

Havia algo no massacre do 28° Regimento que o inquietava.

E Reynaud morrera em Spinner's Falls.

Emeline posou os dedos sobre seu braço, mas logo não pôde refrear-se. Crispou-os sobre seu músculo.

—Por que não me há dito nada?

Tinham começado a andar, e ele estava de perfil. Um músculo vibrou em sua face.

—Senhora?

—Não, —sussurrou ela. Sua tia e Rebecca estavam justo detrás, e não queria que a ouvissem. —Não finja que não me entende. Não sou tola.

Ele a olhou.

—Jamais a tomaria por tal.

—Pois não me trate como se o fosse. Você serviu no mesmo regimento que Reynaud. Conheceu meu irmão. O que está investigando?

—Eu... —Titubeou ele. O que estava pensando? O que estava lhe ocultando? —Não quero lhe trazer más lembranças. Não quero lhe recordar...

—Recordar-me disso Mon Dieu? Acaso acredita que esqueci a morte de meu único irmão? Que necessito que você me dele fale para recordá-lo? Penso nele cada dia. Cada dia, o asseguro.

—Deteve-se porque respirava agitadamente e começava a lhe tremer a voz. Que néscios eram os homens!

—Sinto-o —disse ele em voz baixa. —Não pretendia tirar importância a sua perda...

Ela soltou um bufido.

Ele continuou, apesar de sua interrupção.

—Mas não creia que sou insensível. Não sabia como lhe falar de seu irmão pelos acontecimentos desse dia. Pequei por ignorância, não por malícia deliberada. Perdoe-me, por favor.

Um discurso muito bonito. Emeline mordeu o lábio e viu passar a dois jovens aristocratas vestidos à última moda. O encaixe aparecia por seus punhos, seus casacos eram de veludo e suas perucas luziam em cachos extravagantes. Certamente não tinham completado ainda os vinte anos, e caminhavam com toda a arrogância que davam o dinheiro e o privilégio, convencidos de que as penúrias das classes inferiores jamais os alcançariam. Reynaud caminhara assim em outro tempo.

Emeline olhou para outro lado, recordando seus risonhos olhos negros.

—Falou-me de você.

O senhor Hartley a olhou com as sobrancelhas levantadas.

—Reynaud —esclareceu ela, embora dificilmente podia estar referindo-se a outra pessoa. —Falou de você em suas cartas.

Ele olhou à frente. Emeline viu mover-se seu pomo ao tragar saliva.

—O que lhe disse?

Ela encolheu os ombros, fingindo interessar-se pela cristaleira de uma loja de encaixes pela

qual passavam. Fazia anos que não lia as cartas do Reynaud, mas sabia de cor o conteúdo de todas e cada uma delas.

—Dizia que tinham atribuído a seu regimento um cabo americano e que admirava por sua habilidade para rastrear. Dizia que confiava em você mais que em qualquer outro rastreador, inclusive mais que nos nativos.

Que lhe ensinara a distinguir às distintas tribos índias. Que os moicanos usavam o cabelo em uma crista no alto da cabeça e que os hu... hu...

—Furões —disse ele suavemente.

Que os furões gostavam de adornar-se de vermelho e negro e levar um pedaço comprido de tecido por diante e detrás...

—Uma tanga.

—Sim, isso. —Baixou o olhar. —Dizia que lhe tinha simpatia.

Sentiu mover o peito dele junto ao dorso de sua mão quando respirou fundo.

—Obrigado.

Ela assentiu com a cabeça. Não era preciso perguntar por que lhe agradecia.

—Quanto tempo passaram juntos?

—Não muito —respondeu ele. —Depois da batalha de Quebec, me atribuíram extraoficialmente ao vigésimo oitavo Regimento. Supunha-se que só os devia acompanhar até que chegassem ao Fort Edward, para lhes servir de guia. Passei um par de meses com seu irmão, talvez um pouco mais. Logo, claro, chegamos ao Spinner's Falls.

Não foi necessário que dissesse mais. Em Spinner's Falls morreram todos, pegos no fogo cruzado de dois grupos de índios furões. Emeline lera as crônicas que publicaram os jornais.

Em realidade, muito poucos sobreviventes da batalha queriam falar disso. E menos ainda estavam dispostos a fazê-lo com uma mulher.

Emeline respirou fundo.

—Viu-o morrer?

Sentiu que ele se voltava para olhá-la.

—Senhora...

Emeline retorceu um volante de sua cintura até que sentiu que rasgava a seda.

—Viu-o morrer?

O senhor Hartley exalou um suspiro e, quando falou, sua voz soou crispada.

—Não.

Ela soltou o tecido. Era alivio o que sentia?

—Por que o pergunta? Sem dúvida não lhe faria nenhum bem saber...

—Porque quero... Não, porque preciso saber como foram seus últimos momentos. —Olhou ao rosto do senhor Hartley e soube pelo leve sulco de seu sobrecenho que estava surpreso. Fixou logo o olhar à frente, sem ver nada, enquanto tentava dar voz a seus pensamentos. —Se puder entender, ou sentir, possivelmente, um pouco do que lhe aconteceu, sentir-me-ei mais perto dele.

Ele havia enrugado ainda mais o cenho.

—Está morto. Duvido que seu irmão quisesse que pensasse tanto em sua morte.

Ela riu, mas sua risada soou como uma seca exalação.

—Mas, como você bem diz, está morto. O que pudesse ou não ter querido, já não importa.

O senhor Hartley parecia impressionado. Os homens estavam convencidos de que teria que proteger às damas das duras realidades da vida. Eram tão ingênuos, os pobrezinhos... Acreditavam acaso que dar a luz era um passeio antes do almoço?

Mas aquele misterioso indiano se recuperou em seguida.

—Explique-se, por favor.

—Faço-o por mim, não pelo Reynaud. —Soltou um suspiro. Por que se incomodava sequer? Ele não o entenderia. —Meu irmão era muito jovem quando morreu, tinha vinte e oito anos, e houve muitas coisas que deixou sem fazer nesta vida. Tenho um número infinito de lembranças dele. E nunca haverá mais...

Deteve-se e olhou distraidamente a rua. Ele não disse nada. Aquilo era uma questão íntima. Emeline não devia falar dela com um desconhecido.

Mas o senhor Hartley esteve ali, naquele estranho lugar no qual Reynaud morrera. E, portanto formava parte do Reynaud, embora fosse minimamente.

Emeline suspirou.

—Quando pequenos estávamos acostumados a olhar juntos um livro de contos. Reynaud adorava essas histórias. Eu não lembro do que tratavam exatamente, mas não a posso tirar da cabeça que se pudesse voltar a lê-la... —de repente ganhou consciência de que estava divagando. Levantou o olhar para ele.

O senhor Hartley a olhou com interesse, inclinando a cabeça. Ela agitou uma mão com gesto impaciente.

—Mas o livro não vem ao ponto. Se posso descobrir como foram suas últimas horas, Reynaud viverá um pouco mais em minha lembrança.

Mesmo se foram momentos terríveis, você compreende? Foram momentos da vida do Reynaud, e, portanto são preciosos. Aproximam-me dele.

Ele inclinou a cabeça ao mesmo tempo que enrugava as sobrancelhas.

—Acredito que a entendo.

—Sim? Seriamente? —Se assim fosse, o senhor Hartley seria a primeira pessoa que a entendia. Nem sequer tante Cristelle podia compreender por inteiro sua necessidade de averiguar tudo o que acontecera ao Reynaud durante seus últimos dias. Emeline olhou-o com assombro e crescente admiração. Talvez fosse verdadeiramente diferente dos outros. Que estranho.

Ele levantou a vista e a olhou nos olhos. Seu lábio inferior, tão sensual, curvou-se.

—Você é uma mulher de temer.

Emeline compreendeu horrorizada que podia chegar a apreciar ao Samuel Hartley. A apreciar muito. Apressou-se a olhar para diante e respirou fundo.

—Fale-me sobre isso...

Ele deixou de fingir que não sabia a que se referia.

—Estou tentando averiguar por que aconteceu aquilo em Spinner's Falls. Os furões não encontraram nosso regimento por acaso. —Voltou-se para ela e Emeline viu que seus olhos se

endureceram até tornar-se férreos: fortes, decididos, cheios de firmeza. —Acredito que alguém nos traiu.

Capítulo 04

O velho vestia imundos farrapos. Parecia improvável, pensou Coração de Ferro, que aquele homem possuísse a chave para casar-se com uma princesa. Mas quando se dispunha a lhe dar as costas, o velho lhe agarrou o braço.

—Escuta! Viverá em um castelo de mármore e a princesa Solace será sua esposa. Terá roupagens de seda e serventes para satisfazer todos seus caprichos. A única coisa que precisa fazer é seguir minhas instruções.

—E quais são suas instruções? —Perguntou Coração de Ferro.

O velho mago sorriu: porque, naturalmente, devia ser um mago se sabia tantas coisas.

—Deve guardar silêncio durante sete anos. —Coração de Ferro olhou-o fixamente.

—E se for incapaz de fazê-lo?

—Se pronunciar uma só palavra, embora seja um simples som, voltará a te encontrar em farrapos e a princesa Solace morrerá.

Talvez para ti ou para mim aquilo não fosse uma canga[6]', mas terá que recordar que Coração de Ferro trabalhava de varredor. Olhou os pés, envoltos em farrapos de couro, e logo o arroio no qual essa noite faria sua cama, e ao final fez a única coisa que podia fazer: aceitou a oferta do mago.

De Coração de Ferro

Essa noite, as nuvens cobriam a lua como cortinas. Sam olhou o céu ao deter-se junto a um portal escuro. De todos os modos, a lua estava minguando, e quando saía de detrás das nuvens emitia uma luz muito tênue.

A Sam convinha as densas sombras. Era a noite perfeita para caçar.

Deslizou em um beco e passou velozmente junto a uma figura amassada apoiada na parede. Aquele vulto não se moveu, mas o gato sentado a seu lado deixou de lamber-se para olhá-lo com olhos brilhantes.

Mais à frente havia uma fileira de bons estábulos, quase o dobro do tamanho que os de detrás de sua casa alugada. Então soltou um bufido. Para que necessitava um homem tantas bestas?

---

[6] canga: Carga colocada sobre os ombros, dai veio a derivação: cangalha. A carga era, geralmente, distribuídas de ambos os lados de uma vara longa e forte e apoiada nos ombros, ou, em lombos de alguma besta.
Também se usa como denominação ao material que vem agregado a pedras preciosas quando extraídas da terra... "livrar a pedra de sua canga".

Uma luz apareceu na porta de uma das cavalariças e por ela saiu um homem baixo e robusto, sustentando um abajur. Sam se fundiu de novo entre as sombras e permaneceu ali, imóvel. O homem deixou o abajur sobre os paralelepípedos do pátio das quadras e pinçou no bolso; tirou a seguir uma longa pipa de argila e a acendeu com a chama do abajur. Fumando satisfeito, recolheu de novo o abajur e desapareceu pela esquina dos estábulos.

Sam sorriu. Esperou um momento mais e logo o seguiu. Havia um muro com uma grade que separava as quadras do jardim traseiro da casa a que se dirigia. Passou junto à grade. Estava muito exposta, era provável que houvesse algum guarda vigiando-a, ou algum moço meio dormido por ali perto. Entrou na sombra de uma árvore que sobressaía por cima do muro. Olhou os tijolos, retrocedeu um pouco e saltou.

O muro tinha uns dois metros e meio de altura, e Sam conseguiu com muita dificuldade agarrar-se a sua borda. Impulsionou-se rapidamente, rodou por cima e aterrissou escondido ao outro lado.

Não se deteve, mas sim aproveitou o impulso da queda para correr ao longo do muro e meter-se sob uma moita, a uns passos dali. Então se deixou cair ao chão e, deitado de barriga para baixo, observou atentamente o jardim na penumbra.

Era um jardim grande e retangular, plantado com arvoredos ornamentais e arbustos dispostos em severas formas geométricas. Uma vereda de cascalho levava da parede das quadras à parte detrás da casa, onde sem dúvida haveria portas diferentes para amos e serventes. Nesse momento, nada se movia no jardim.

Sam se levantou e avançou para a casa, evitando o caminho de cascalho por medo de fazer ruído. Ao aproximar-se viu que a entrada de serviço estava um pouco abaixo do nível do chão; havia um fosso com degraus que conduzia à porta. Por cima dela, uma espécie de balcão ou terraço, com um muro baixo, muito adornado, e portas francesas. Uma luz piscava atrás delas. Sam subiu com sigilo as escadas de granito do terraço e se aproximou das portas de cristal. O homem que havia dentro não se incomodara em correr as cortinas, e aparecia tão bem iluminado como se estivesse em meio de um cenário.

Jasper Renshaw, visconde de Vale, estava recostado em uma grande poltrona de veludo vermelho. Havia passado uma perna por cima do braço da poltrona e a movia distraidamente enquanto passava uma página do enorme livro que tinha sobre o regaço. Junto à poltrona havia um sapato grande, de fivela, emborcado: o pé da perna que oscilava só estava embainhado em uma meia.

Sam bufou suavemente e se agachou junto à janela; gostava de saber que o ocupante da habitação ignorava que estava sendo observado. Vale era o comandante do 28° Regimento de Infantaria ligeira.

Enquanto que outros soldados com os quais falou haviam envelhecido e mudado nos seis anos transcorridos desde que não os via, Renshaw (agora visconde de Vale) seguia sendo o mesmo: sua cara era longa e enxuta, e profundos sulcos emolduravam uma boca larga e um nariz muito grande. Não era um homem bonito, e, entretanto sua cara jamais desagradava. Seus olhos, caídos pelas comissuras como os de um sabujo, pareciam sempre levemente tristes, inclusive

quando estava de bom humor. Pelo resto, Vale parecia não ter perdido nunca a fraqueza da adolescência. Suas pernas e braços eram longos e ossudos, e suas mãos e pés pareciam enormes, como se ainda esperasse que seus membros se enchessem. Entretanto, tinha a mesma idade que Sam. Enquanto este o observava, lambeu-se o polegar e passou outra página do livro; agarrou depois uma taça de cristal e bebeu do líquido de cor rubi que continha.

Sam recordava Vale como um bom oficial, embora menos firme que Reynaud. Era muito plácido para inspirar respeito aos homens. A ele, em troca, acudiam todos para lhe contar seus problemas e suas pequenas disputas.

O mesmo tanto se dava a jogar aos jogo de dados com os soldados rasos como que jantar com os oficiais. Sempre estava de bom humor, sempre disposto a contar uma piada ou gastar uma brincadeira a seus companheiros.

Por isso era um dos preferidos da tropa. Ninguém pensaria, pois, que fosse capaz de trair a todo um regimento.

E, entretanto, se a informação que possuía Sam fosse certa, alguém pensava que o fez. Nesse momento tocou o bolso, notando o papel que estava dentro. Alguém alertara aos franceses e seus aliados, os furões, da posição exata do 28° Regimento. Alguém conspirou para massacrar ao regimento completo em Spinner's Falls. Aquela possibilidade foi o que o levou a Inglaterra.

Precisava descobrir a verdade. Averiguar se havia um motivo pelo que aquele dia, fazia já seis anos, morreram tantos soldados.

E quando encontrasse ao responsável, talvez pudesse recuperar sua alma, recuperar a vida que perdeu em Spinner's Falls.

Seria Vale o culpado? O visconde estava endividado com o Clemmons, e este morrera no massacre. Mas mesmo assim lutara com bravura, com galhardia, em Spinner's Falls. Podia um oficial tão valente assassinar a todo um regimento para livrar-se de um só homem? Não teria ficado marcado por isso? Não levaria os sinais de sua depravação na cara como cicatrizes? Ou estaria seis anos depois tranquilamente sentado em sua biblioteca, lendo um livro?

Sam sacudiu a cabeça. O oficial ao qual conheceu seis anos antes não teria feito tal coisa. Mas ele só esteve com o 28° pouco mais de um mês. Talvez nunca tivesse conhecido ao verdadeiro Vale.

Sentia o impulso de enfrentar ele ali mesmo, mas desse modo não obteria respostas. Era preferível abordá-lo indiretamente em alguma festa. Por isso procurou os serviços de lady Emeline.

Ao pensar nela, retirou-se e voltou a cruzar o jardim nas sombras. O que pensaria lady Emeline se descobrisse o verdadeiro motivo pelo qual lhe pediu ajuda?

Ainda chorava a seu irmão, mas quereria pôr em perigo sua posição social acusando a outro aristocrata? Sam fez uma careta ao voltar a saltar o muro das quadras.

Tinha a impressão de que à lady Emeline não agradaria o caminho que tomou.

—Não, não, não! —Exclamou lady Emeline à manhã seguinte.

Rebecca ficou paralisada, com o pé levantado pela metade e cara de espanto. Estavam no salão de baile da casa de lady Emeline, onde esta tentava ensinar à moça americana alguns dos

novos passos de dança.

Tante Cristelle acompanhava-as ao clavicórdio, que dois fornidos lacaios tinham levado expressamente ao salão. O chão do salão de baile era de parquet bem polido e abrilhantado, e uma de suas paredes estava recoberta por completo de espelhos. Rebecca, com seu pé levantado e sua cara de espanto, refletia-se imensamente neles. Emeline respirou fundo e tentou trocar de expressão, forçando um sorriso.

Rebecca não pareceu tranquilizar-se.

Emeline suspirou.

—Deve te mover com desenvoltura. Com elegância. Não como um... Como um... —Procurou uma frase que não incluísse a palavra "elefante".

—Como um marinheiro bêbado —ressonou a voz do Samuel Hartley no salão de baile. Parecia divertido.

Rebecca baixou o pé dando uma pancada e olhou a seu irmão com irritação.

—Muitíssimo obrigada!

O senhor Hartley encolheu os ombros ao entrar no salão. Ia pulcramente vestido de marrom e negro, mas o machucado de seu queixo começava a tornar-se um verde amarelado, e tinha olheiras.

Emeline olhou-o entreabrindo as pálpebras. Que atividades impediam de dormir ao indiano pelas noites?

—Necessita algo, senhor Hartley?

—Sim —respondeu ele. —Senti a urgente necessidade de fiscalizar a lição de dança de minha irmã.

Rebecca bufou ao ouvir sua resposta, mas um sorriso tímido apareceu em seus lábios. Evidentemente, adorava contar com a atenção de seu irmão.

Emeline, em troca, não. A simples presença daquele homem em seu salão de baile a desconcentrava.

—Estamos muito atarefadas, senhor Hartley. Só restam dois dias para o primeiro baile da Rebecca.

—Ah. —Ele se inclinou em uma reverência com irônica precisão. —Entendo a gravidade da situação.

—Seriamente?

—Ejem! —Tante Cristelle proferiu um horrível pigarro. Emeline e o senhor Hartley se voltaram para olhá-la. —A moça e eu necessitamos de um pequeno descanso depois de tanto exercício.

Um passeio pelo jardim, possivelmente. Vamos, ma petite, instruir-te-ei sobre o modo mais elegante de conversar enquanto passeamos por nosso aborrecido jardim. —Estendeu a mão a Rebecca.

—Ah, obrigada, senhora —respondeu ela com voz débil enquanto seguia à idosa.

Emeline esperou, dando golpezinhos com o pé no chão, a que sua tia e Rebecca chegassem à porta e saíssem do salão; logo se voltou bruscamente para o senhor Hartley.

—Interrompeu a lição desta manhã. O que está fazendo aqui?

Ele levantou as sobrancelhas e se aproximou. Seu fôlego lhe roçou a face.

—O que importa a você?

—Me importar? —Ela abriu a boca, fechou-a e voltou a abri-la. —Não é que me importe, é simplesmente que...

—Está de mau humor. —Franziu os lábios e inclinou a cabeça como se estivesse examinando uma peça de fruta. —Está acostumada a estar de mau humor.

—Isso não é certo.

—Ontem o estava.

—Mas...

—E também estava de mau humor quando a conheci no salão da senhora Conrad.

—Não é...

—E embora seu humor não fosse de tudo mau no dia que tomamos o chá, tampouco pode dizer-se que fosse bom. —Sorriu-lhe amavelmente. —Mas pode ser que me equivoque.

Talvez esteja acostumada a ser uma mulher de aspecto risonho e é minha aparição o que a tornou tão azeda.

Emeline olhava boquiaberta; literalmente boquiaberta: sua boca pendurava meio aberta, como a de uma debutante recém-saída da casca do ovo. Como se atrevia! A ela ninguém falava assim! Ele havia se voltado e estava tocando distraidamente o clavicórdio da maneira mais fastidiosa. Emeline o surpreendeu olhando-a de soslaio com um sorriso; logo, ele voltou a olhar como seus dedos maltratavam o instrumento.

Emeline respirou fundo e endireitou as saias. Não era por nada que fora a mulher mais bela de inumeráveis bailes.

—Não sabia que minha voz fosse tão irritante, senhor Hartley —disse enquanto se aproximava dele parcimoniosamente. Mantinha os olhos baixos e procurava parecer afligida, uma expressão esta que não lhe resultava muito familiar. —De ter sabido que minha amargura, pouco própria de uma dama, incomodava-o tanto, teria preferido morrer mil vezes que martiriza-lo desse modo. Por favor, aceite minhas desculpas.

Esperou. Era a vez do senhor Hartley. Agora, ele se envergonharia de si mesmo por ter feito que uma dama se desculpasse de forma tão abjeta. Talvez inclusive gaguejasse. Emeline tentou não sorrir.

Mas ele guardou silêncio. Seus longos dedos seguiam tocando as teclas do clavicórdio sem a menor ideia de como se fazia. Se continuasse assim mais um momento, voltar-se-ia louca.

Por fim, ela levantou o olhar.

O senhor Hartley nem sequer prestava atenção a suas mãos. Estava olhando-a com expressão levemente divertida.

—Quando foi a última vez que se desculpou ante um homem?

Mas...! Que provocador era o muito caipira!

—Não sei —respondeu ela pensando. —Anos, possivelmente. —Aproximou-se e pôs a mão sobre o teclado, junto à sua. Logo o olhou e deixou que sua boca se curvasse lentamente em um

leve sorriso.

—Mas sei que ficou muito satisfeito com minha desculpa.

As mãos do senhor Hartley se detiveram; o salão ficou de repente em silêncio. A intensidade de seu olhar quase dava medo. Emeline não poderia ter afastado os olhos por nada do mundo.

Viu que ele percorria seu rosto com o olhar, até posá-lo por fim em sua boca. Sem pensá-lo sequer, ela entreabriu os lábios. Ele entreabriu os olhos e deu um passo para ela, cortando o espaço entre eles; logo levantou os braços...

A porta do salão de baile se abriu de repente.

—Já estamos preparadas, verdade? —Disse tante Cristelle. —Uma hora mais, acredito, e se acabou. Vão me intumescer as mãos se toco muito mais tempo esse instrumento.

—Sim, claro —murmurou Emeline quase sem fôlego. Certamente estava tão corada como uma beterraba fervida. Pela extremidade do olho, viu que o senhor Hartley conseguira colocar-se do outro lado do clavicórdio: uma distância mais que respeitável. Quando fez isso? Nem sequer o viu mover-se.

—Encontra-se bem, lady Emeline? —Perguntou a moça ingenuamente. —Parece acalorada.

OH, aqueles indianos e suas más maneiras! Emeline viu que o horrendo cavalheiro sorria, embora duvidasse de que as demais tivessem notado sua expressão.

—Perfeitamente. —Emeline alargou o braço esquerdo e puxou a manga. —Começamos outra vez com esses passos de dança? Senhor Hartley, sem dúvida isto o aborrecerá terrivelmente.

Você tem nossa permissão para seguir com suas tarefas.

—Fá-lo-ia, lady Emeline, se tivesse alguma. —O senhor Hartley se acomodou em uma cadeira e cruzou os tornozelos como se pensasse ficar ali toda a noite. —Tarefas, quero dizer. Temo que tenho toda a tarde livre.

Nenhuma pessoa em seu juízo perfeito teria esperado que Emeline sorrisse ao receber tal notícia.

—Ah. Então desfrutaremos de sua companhia, é óbvio —respondeu secamente.

Sua tia a olhou com fixidez, levantando as sobrancelhas com expressão de censura ou desconcerto; não era fácil sabê-lo. Constrangida, Emeline conseguiu dominar seu semblante e sua tia começou a tocar.

Então ficou a olhar a Rebecca praticar os passos de dança por espaço de quase um segundo; logo voltou a pensar em sua embaraçosa conversa com o senhor Hartley.

Que mosca lhe picou? Todo mundo sabia que os cavalheiros gostavam que as mulheres fossem dóceis e amáveis. Não era essa a única lição que inculcavam monotonamente nas meninas desde o berço?

Bom, essa e a necessidade de conservar a virgindade até o matrimônio, mas isso dificilmente contava em seu caso. Nem sequer podia desculpar-se assegurando estar embriagada pelo vinho que tomou na refeição, pois infelizmente estava aguado, como tante Cristelle não teve nenhuma vergonha em dizer em frente de todo o mundo.

E aquelas palavras cheias de insídia e segunda intenção que lhe havia dito o senhor Hartley ao final de sua conversa! Ruborizou-se de novo ao pensá-lo. Mas talvez ele não tivesse entendido

sua insinuação.

Emeline olhou-o. Ele a observava com as pálpebras entrecerradas enquanto um sorriso brincava em sua boca. Ao ver que o olhava, levantou uma sobrancelha. Emeline se apressou a afastar os olhos. Saltava à vista que entendera tudo.

—Não posso! —Rebecca se deteve de repente na metade de um giro. —Estes passos são tão lentos que tenho a sensação de que vou perder o equilíbrio e a cair.

—Possivelmente necessite um par —disse o senhor Hartley. Levantou-se e lhe fez uma encantadora reverência. —Posso?

A moça se ruborizou deliciosamente.

—Não te importa?

—Não, a não ser que me pise —sorriu ele.

Emeline piscou. O senhor Hartley era muito bonito quando sorria. Por que não o notou antes?

—O único problema —prosseguiu ele —é que eu sei tão pouco como você. —Olhou a Emeline, espectador.

O muito matreiro... Emeline assentiu com energia e se aproximou, de modo que Rebecca e ela ficassem uma a cada lado do senhor Hartley, em fila. Estendeu-lhe uma mão.

Ele pegou seus dedos com muita correção, mas ela sentiu o ardor de sua mão.

Clareou a garganta. Levantou suas mãos unidas até a altura do ombro e olhou para diante.

—Muito bem. —Assinalou seu pé direito. —Começamos a de três. Um, dois e três.

Durante os quinze minutos seguintes, praticaram juntos diversos passos de dança. O senhor Hartley dançava às vezes com sua irmã e às vezes com ela. E Emeline desfrutou e muito, embora não o teria confessado nem mesmo estando sob tortura. Maravilhava-a que um homem tão grande pudesse ser tão ligeiro e ágil com os pés.

De repente, Rebecca deu um mau passo e seu irmão e ela acabaram enredados. O senhor Hartley agarrou à moça pela cintura enquanto Emeline se afastava com urgência deles.

—Cuidado, Becca, ou seu par acabará no chão.

—OH, isto é-me fatal! —Exclamou a moça. —Não é justo! Você nunca mais dançou isto desde quando era menino e mesmo assim pode seguir os passos.

Emeline olhou a um e a outro.

—Como dançava o senhor Hartley quando era menino?

—Muito mal —respondeu ele.

—Dançava a giga —respondeu sua irmã ao mesmo tempo.

—A giga? —Emeline tentou imaginar o esguio senhor Hartley saltando ao dançar aquela dança campestre.

—Os camponeses do château[7] no qual me criei estavam acostumados a dançá-la também —comentou sua tia.

—Eu gostaria de vê-lo dançar a giga —disse Emeline.

[7] *château: Castelo.*

O senhor Hartley lhe lançou um olhar irônico. Emeline sorriu. Sustentaram-se o olhar um instante, mas ela não soube interpretar a expressão de seus olhos castanhos.

—Era assombrosamente rápido —disse Rebecca, animando-se. —Mas logo ficou velho e estirado e já não dança a giga.

O senhor Hartley deixou de olhar a Emeline e franziu o cenho, zombador, ao dirigir-se a sua irmã.

—Isso soou a desafio.

Tirou o casaco e, em mangas de camisa e colete, pôs os braços em jarras e levantou a cabeça bem alta.

—Seriamente vais dançar? —Rebecca ria abertamente. Ele exalou um suspiro teatral.

—Se marcas o ritmo...

Rebecca começou a bater palmas e o senhor Hartley começou a saltar. Emeline vira dançar a giga a outros homens: a camponeses celebrando alguma festa, ou a marinheiros que haviam descido a terra para passar um dia de licença. Normalmente, aquela dança se caracterizava pela estupidez de seus movimentos: as pernas e os pés se sacudiam em todas as direções, e o cabelo e a roupa se agitavam no ar como os de bonecos movidos por um cordão. Mas quando o senhor Hartley dançava, era diferente. Seus movimentos eram precisos e deliberados, seu porte contido. E parecia muito ágil.

Resultava extraordinário. Saltava daqui para lá golpeando com seus pés calçados em mocassins o chão de parquet, e, entretanto conseguia parecer elegante e veloz. Sorriu a Emeline com uma expressão de pura sorte, e seus dentes fortes e brancos brilharam em contraste com sua pele morena. Ela começou a bater palmas, como as demais, incluída sua tia.

Ele se aproximou e arrastou a Rebecca a aquela dança selvagem, fazendo-a girar até que perdeu o equilíbrio e se afastou, ofegante e risonha. Logo agarrou a Emeline, e ela tirou o chapéu girando entre suas mãos firmes e seguras. Os espelhos da parede e as caras da Rebecca e de sua tia passavam voando, e Emeline sentiu que lhe acelerava o coração até o ponto de acreditar que ia sair do peito.

O senhor Hartley a agarrou pela cintura e a levantou sobre seu rosto sorrindo, e Emeline tirou o chapéu rindo. Rindo de felicidade.

Essa noite, Sam se vestira de negro para se camuflar entre as sombras dos edifícios. Era bem passada a meia-noite, e a lua, que pendia muito alta no céu, projetava um resplendor incolor sobre a terra.

Voltava para casa depois de visitar o Ned Aliem... Ou o que restava dele. O ex-sargento estava tão bêbado que mal se fazia entender. Sam não pôde lhe tirar nenhuma informação; teria que tentá-lo de novo mais adiante, talvez ir vê-lo mais cedo, de dia. Tentar interrogar a Aliem fora uma perda de tempo, mas espreitar entre as sombras o enchia de energia.

Observava atentamente a rua. Uma carruagem se aproximava estralando, mas não se via nenhum outro indício de vida. Visitar a guarida do Ned lhe fez recordar do homem do casaco escarlate.

Havia retrocedido em seu empenho de segui-lo? Sam não havia tornado a ver aquele

forçudo. O que era estranho. O que fez que...?

—Senhor Hartley!

Sam fechou os olhos um momento. Conhecia aquela voz.

—Ouça, senhor Hartley! O que está fazendo?

Fora o melhor rastreador das colônias durante a guerra. E não era sua vaidade quem falava: Disseram-no seus comandantes. Uma vez cruzou um acampamento cheio de furões adormecidos sem que ninguém se inteirasse.

E aquela mulher o encontrara. Via na escuridão?

—Senhor Hartley...

—Sim, sim —chiou, saindo do portal em sombras do qual espreitava. Aproximou-se da magnífica carruagem, parada no meio da rua enquanto os cavalos sopravam com impaciência. A cabeça de lady Emeline parecia separada de seu corpo, aparecendo por entre as cortinas escuras que cobriam a janela da carruagem. Ele fez uma reverência.

—Boa noite, lady Emeline. Que surpresa vê-la aqui.

—Entre —disse ela com impaciência. —Não entendo o que faz você aqui sozinho a estas horas. Não sabe quão perigoso pode ser Londres para um homem sozinho?

Talvez as ruas de Boston sejam mais tranquilas e você esteja acostumado a elas.

—Sim, certamente será isso —respondeu ele com ironia ao subir na elegante carruagem. —Posso lhe perguntar o que faz você fora de casa tão tarde, milady? —Deu uns golpezinhos no teto da carruagem antes de tomar assento em frente a ela.

—Volto de uma festa, é óbvio —respondeu lady Emeline. Alisou o xale que cobria seus joelhos. A carruagem entrou em marcha com uma sacudida.

Seu interior estava na penumbra; a única luz procedia de uma vela situada junto ao rosto de lady Emeline, mas Sam pôde ver que ia suntuosamente vestida. Levava um traje de cor vermelha intensa, com desenhos amarelos.

A saia fora afastada para os lados para deixar a descoberto uma anágua amarela e verde. O decote era quadrado e muito baixo, e seus seios, empurrados para cima pelo sutiã, formavam dois montículos tensos e brancos que quase pareciam brilhar à luz da vela. Dela parecia irradiar um calor que enfraquecia os ossos do Sam.

—Foi muito aborrecido, assim que me fui cedo —continuou ela. —Não vai acreditar, mas o ponche acabou às dez, e não havia comida para fazer um lanche a meia-noite: só umas quantas empanadas de carne e um pouco de fruta.

Que escândalo. Não entendo porque a senhora Turner tenha servindo um refrigério tão pobre estando ali a flor e nata. Mas essa mulher sempre foi uma perua.

Só vou a suas festas com a esperança de ver lorde Downing, seu irmão. É um terrível fofoqueiro.

Fez uma pausa, certamente porque ficou sem fôlego. Sam a olhava fixamente, tentando descobrir por que falava tão depressa. Tinha bebido na festa? Ou estava...? Sam sentiu que um sorriso aparecia em seus lábios, e se esforçou por refreá-lo. Não, não podia ser. Lady Emeline estava nervosa? Nunca teria imaginado ver sobressaltada à sofisticada viúva.

—Mas que fazia você fora a estas horas? —Perguntou lady Emeline. Suas mãos, que estavam ocupadas brincando com o encaixe que adornava seu sutiã, detiveram-se de repente.

—Embora não seja meu assunto. —Apesar da penumbra, Sam viu que suas faces se ruborizavam.

—Não, não é seu assunto —respondeu. —Mas não pelo que imagina.

Se lady Emeline tivesse sido uma galinha negra, suas plumas teriam se arrepiado.

—Não sei o que pretende dar a entender com isso, senhor Hartley. Estou segura...

—Você pensa que fui ver uma prostituta. —Sorriu e se aconchegou no assento da carruagem, jogando as pernas a um lado para poder cruzá-las. Colocou os dedos nos bolsos do colete. Estava se divertindo.

—Reconheça-o.

—Não penso fazer tal coisa.

Mas o rubor de suas faces a traía.

—Eu... eu...

Sam estalou a língua.

—Ocorrem-lhe ideias muito obscenas. Surpreende-me, milady. Estou assombrado.

Por um momento, lady Emeline só acertou a balbuciar. Logo se recuperou, entreabrindo os olhos. Sam se preparou. Deus, quanto gostava de medir-se em duelo com aquela mulher.

—O que você faz pelas noites não me importa —disse ela meticulosamente. —Seus assuntos não me interessam minimamente.

Fazia uma declaração perfeitamente correta e saltava à vista que se encontrava incômoda naquele terreno. Se fosse um verdadeiro cavalheiro, Sam o teria deixado correr: a teria liberado, conduzindo a conversa por roteiros mais insossos e corteses, como o tempo, por exemplo. O problema era que, tendo à presa entre suas garras, resultava-lhe extremamente difícil deixá-la partir.

Isso por não falar de que as conversas educadas sempre o aborreciam.

—Meus assuntos deveriam interessá-la muito pouco, mas lhe interessam, não é certo?

Ela franziu as sobrancelhas e abriu a boca.

—Ah. Ah. —Sam levantou um dedo para detê-la. —É mais de meia-noite e estamos sozinhos em uma carruagem às escuras. O que se diga aqui jamais verá a luz do dia. Agrade-me, senhora, e seja franca.

Ela respirou fundo e se recostou no assento. As sombras ocultavam por completo seu rosto.

—Em que pode interessar a você que seus assuntos possam me interessar, senhor Hartley?

Ele sorriu com ironia.

—Touché[8], milady. Estou seguro de que se um cavalheiro sofisticado de seu círculo de amizades picasse seu interesse, negaria o até a morte. Mas eu sou feito de outra massa. De uma massa menos complexa.

—Seriamente? —Sussurrou ela na escuridão. Sam assentiu lentamente com a cabeça.

[8] *Touché: Tocar, acertar.*

—Assim posso lhe dizer que me agrada seu interesse. Que você me agrada.

—Você é muito franco.

—Poderei dizer o mesmo?

Ela sufocou um gemido de surpresa e Sam pensou, por um momento, que havia passado da raia e que ela se retiraria daquele perigoso jogo. Afinal, era uma dama de elevado berço e seu mundo estava infestado de regras e limites.

Mas ela se inclinou devagar para diante, e seu rosto penetrou no pequeno remanso de luz que entrava pela janela da carruagem. Olhou-o cara a cara e arqueou uma de suas negras sobrancelhas.

—E se o fizesse?

Sam sentiu que algo saltava em seu peito ao ver que ela se atrevia a recolher a luva: algo parecido à sorte sorriu-lhe.

—Então, milady, temos um ponto de interesse mútuo de que convém falar longamente.

—Pode ser. —Recostou-se na macia almofada vermelha. —O que fazia na rua a estas horas da noite?

—Ele sacudiu a cabeça, sorrindo levemente.

—Não vai me dizer? —A carruagem ia perdendo velocidade.

—Não. —Sam olhou pela janela. Estavam frente à casa de lady Emeline. A mansão brilhava, esplendorosa, iluminada pelos abajures. Sam voltou a olhá-la. —Mas não estive com uma mulher. Dou-lhe minha palavra.

—Isso não deveria me importar.

—Mas lhe importa, verdade?

—Acredito que você supõe muito, senhor Hartley.

—Eu acredito que não.

Um lacaio abriu a porta da carruagem. Sam apeou e se voltou para oferecer a mão a lady Emeline. Ela duvidou um momento, como se se pensasse se devia deixa-lo ajuda-la. Envolta na escuridão da carruagem, seu rosto pálido e seu branco colo refulgiam como se os iluminasse um fogo interior. Ela pôs sua mão enluvada na dele. Sam lhe apertou os dedos ao atraí-la para a luz da calçada.

—Obrigada —disse ela, e tirou sua mão.

Sam olhou fixamente seus olhos escuros, consciente de que não queria deixá-la partir. Mas ao final abriu a mão e deixou escapar a dela. Não tinha eleição.

Fez uma reverência.

—Boa noite, milady.

E se perdeu na escuridão.

Capítulo 05

O mago piscou um olho e Coração de Ferro se encontrou de repente entre os muros do castelo. Vestia o uniforme da guarda real e ali, nem a dois passos de distância, achava-se o rei em pessoa, sentado em seu trono de ouro. Podem imaginar a surpresa que levou. Abriu a boca para soltar uma exclamação, e então recordou as palavras do mago. Não devia falar, ou voltaria a achar-se envolto em farrapos e a princesa morreria.

Assim Coração de Ferro fechou a boca e prometeu não permitir que uma só palavra cruzasse seus lábios. Sua promessa logo se viu posta a prova, porque um instante depois sete fornidos malfeitores irromperam no salão do trono, dispostos a assassinar ao rei. Coração de Ferro se apressou a oferecer batalha, brandindo sua espada na mão direita e sinistra. Os outros guardas gritaram, mas quando desembainharam suas espadas os sete assassinos jaziam mortos no chão...

De Coração de Ferro

—Samuel Hartley é um homem exasperante —disse Emeline na manhã seguinte.

Estava na pequena sala de estar com a Melisande Fleming. Aquela sala era uma de suas preferidas: as paredes estavam empapeladas em franjas brancas e amarelas, com uma fina raia escarlate que se repetia de tanto em tanto. Os móveis não eram tão novos como os do salão, mas eram estofados com damasco e veludo de vivos tons de laranja e vermelho. Naquela sala, sentia-se como um gato: como se fosse fácil deitar-se sobre os tecidos suaves e ronronar. Emeline, naturalmente, jamais faria algo tão impudico, mas não deixava de ter essa sensação. De fato, Melisande e ela estavam sentadas muito corretamente junto às janelas. Ou, melhor dizendo, Melisande estava sentada e Emeline andava daqui para lá enquanto sua amiga tomava o chá.

—É um chato —resmungou Emeline, e endireitou uma almofada torta do sofá.

—Já o disse —respondeu Melisande. —Quatro vezes desde que estou aqui.

—Sim? —perguntou Emeline vagamente. —Bom, mas é certo. Não parece ter nem a menor ideia do que são as boas maneiras. O outro dia, sem ir mais longe, dançou uma giga nesta mesma casa.

Sempre tem um sorriso na cara, e suas botas não têm saltos.

—Que horror —murmurou Melisande.

Emeline lhe lançou um olhar cheio de exasperação. Melisande era sua melhor amiga quase desde o começo dos tempos. Estava sentada como sempre, como se tentasse ocupar o menor espaço humanamente possível.

Mantinha as costas retas e um ar afetado, os braços quase colados ao corpo, as mãos cruzadas sobre o regaço (quando não estava bebendo chá) e os pés cuidadosamente colocados um ao lado do outro sobre o tapete.

Certamente nunca sentia o impulso de lançar-se sobre as almofadas amontoadas no sofá vermelho. Além disso, Melisande sempre vestia marrom, supunha um ponto de conflito entre as amigas.

Às vezes, certamente, afastava-se do marrom e podia ver-se vestida de cinza, mas podia considerar-se isso uma melhora? Hoje, por exemplo, usava um vestido reto, impecavelmente talhado, de um espantoso tom marrom terra.

—Por que fazer esse vestido nesse tecido? —Perguntou Emeline. Outra mulher teria olhado a si mesma. Melisande agarrou o bule e se serviu com toda calma mais chá.

—Porque não se nota o pó.

—Será porque é da mesma cor que o pó?

—Isso.

Emeline olhou a sua amiga com ar crítico.

—Com esse cabelo tão loiro e tão fino...

—Meu cabelo também é da cor do pó —murmurou Melisande com ironia.

—Não, não o é. É só que seu cabelo e sua pele são de cores muito sutis.

—Cabelo de cor pó, olhos de cor pó, pele de cor pó...

—Sua pele não é de cor pó —disse Emeline severamente, e logo fez uma careta ao perceber que falou bobagem. Não quis dar a entender que o resto de sua amiga era de cor pó.

Melisande lhe lançou um olhar irônico.

—Se levasse cores mais vivas —se apressou a dizer Emeline. —Um bonito ameixa escuro, por exemplo. Ou um púrpura. Eu adoraria verte vestida de púrpura.

—Pois vais ficar com as vontades —respondeu sua amiga. —Estava falando de seu novo vizinho.

—É um chato.

—Pode ser que você já tenha mencionado isso antes. —Emeline passou por cima de seu comentário.

—E não sei a que se dedica pelas noites.

Melisande a olhou. Levantou uma sobrancelha quase imperceptivelmente.

—Não me referia a isso! —Emeline amaciou energicamente uma almofada.

—Menos mal —respondeu Melisande. —Mas me pergunto o que pensará lorde Vale desse indiano.

Emeline ficou olhando-a.

—Jasper não tem absolutamente nada que ver com o senhor Hartley.

—Está segura? Acredita que verá com bons olhos que te relacione com ele?

Emeline enrugou o nariz.

—Não quero falar do Jasper.

—Eu, por minha parte, devo dizer que estou indignada em nome de lorde Vale —disse Melisande sem nenhum ardor enquanto colocava uma colher de açúcar no chá.

—Estou segura de que Jasper se sentiria muito adulado se soubesse. —Emeline se sentou a borda de uma bonita poltrona de veludo dourado. Em seguida voltou a pensar no tema que as ocupava.

—É que ontem à noite me encontrei com o senhor Hartley bastante tarde. Voltava para casa da festa da Emily Turner, e tinha razão, não deveria ter ido...

—Você o disse.

—Sim, e eu acabo de dizê-lo. —Emeline deu um pequeno pulo na cadeira. Melisande podia ser tão didática às vezes. —O caso é que ali estava ele, espreitando da maneira mais suspeita em um beco escuro.

—Pode ser que ganhe a vida como bandoleiro —respondeu Melisande. Estava examinando a bandeja de doces que a donzela trouxe.

Emeline franziu o cenho. Às vezes dava trabalho saber se sua amiga brincava ou não.

—Não acredito.

—Isso me tranquiliza —repôs Melisande, e escolheu um pastel amarelo pálido.

—Embora a verdade é que parece mover-se muito sigilosamente —disse Emeline, pensativa. —O qual, imagino, deve ser extremamente útil se alguém se dedicar a assaltar caminhos.

Melisande, que havia metido o pastel na boca, limitou-se a levantar as sobrancelhas.

—Mas não. Não. —Emeline sacudiu a cabeça com decisão. —O senhor Hartley não é um bandoleiro. Então, a questão é, que fazia rondando por aí a essas horas?

Melisande tragou.

—A resposta mais óbvia é uma confusão de saias.

—Não.

—Não?

—Não. —Emeline não sabia por que a sugestão de sua amiga irritava-a tanto. Era, como dizia Melisande, o mais óbvio. Emeline respirou fundo para tranquilizar-se.

—Perguntei-lhe e me disse da maneira mais explícita que não esteve com uma mulher.

Melisande tossiu secamente.

—Perguntou a um cavalheiro se voltava de uma entrevista secreta com uma mulher?

Emeline se ruborizou.

—Sempre faz que tudo pareça horroroso.

—Limitei-me a repetir suas palavras.

—Não foi assim absolutamente. Fiz uma pergunta. E ele respondeu com toda correção.

—Mas, querida minha, não vê que diante de ti o negaria sob qualquer circunstância?

—Não me mentiu. —Emeline sabia que falava com excessiva veemência. Tinha o rosto e o pescoço acalorados. —Não o fez.

Melisande a olhou com repentino receio. Aquele era um assunto espinhoso para sua amiga. Ela tinha quase vinte e oito anos e nunca se casou, apesar de ter um dote muito respeitável.

Esteve comprometida uma vez, fazia quase dez anos, com um jovem aristocrata do qual Emeline nunca gostou. E, como se demonstrou depois, seu desagrado estava justificado: aquele descarado a abandonou por uma atraente viúva da nobreza e, após, Melisande olhava os cavalheiros em geral com extremo cinismo.

E, entretanto, apesar de suas opiniões, limitou-se a assentir com a cabeça ao ouvir asseverar Emeline que um cavalheiro a quem mal conhecia pudesse lhe dizer a verdade a respeito de um assunto tão íntimo.

Emeline sorriu, agradecida. Apagada ou não, Melisande era a melhor amiga que poderia

imaginar.

—Se não voltava de uma entrevista —disse Melisande pensativamente —pode ser que estivesse em uma casa de jogos. Perguntou-lhe onde esteve?

—Não me quis dizer isso, mas não acredito que fosse algo tão prosaico como uma casa de jogos.

—Que interessante. —Melisande ficou olhando pela janela. A sala de estar estava ao fundo da casa e dava para o jardim. —O que opina sua tia dele?

—Já a conhece. —Emeline enrugou o nariz. —Preocupa-se que sua irmã não use sapatos.

—E os usa?

—É óbvio que sim.

—Que alívio —murmurou Melisande. —E me diga, esse tal senhor Hartley é um cavalheiro muito alto, de formosa cabeleira castanha sem empoeirar e costas retas como uma vara?

—Sim. —Emeline se levantou e se aproximou da janela. —Por que o pergunta?

—Porque acredito que está fazendo algo muito próprio de um cavalheiro em seu jardim traseiro. —Melisande assinalou com a cabeça além da janela.

Emeline olhou, e sentiu uma pequena sacudida nervosa ao ver o senhor Hartley mais à frente do muro que separava os jardins. Estava conduzindo uma arma de fogo muito longa.

Nesse momento, uma pessoa apareceu correndo a toda velocidade pela trilha do jardim, seguida a passo mais cometido por um enxuto homenzinho. Daniel saíra a dar seu passeio matinal.

—O que acredita que esteja fazendo com essa enorme carabina? —Perguntou Melisande cansativamente.

O senhor Hartley havia tornado a baixar a arma e estava olhando por seu cano: coisa que parecia por si perigosa.

—Sabe Deus —resmungou Emeline. Sentia um enorme desejo de abandonar a sua excelente amiga e procurar algum pretexto para sair ao jardim. —Coisas de homens, sem dúvida.

—Mmm. E Daniel aí, tão perto dele. —Melisande a olhou divertida por cima da borda de sua xícara de chá. —Uma mamãe preocupada sairia a ver o que está fazendo seu vizinho.

Sam ouviu a presença do menino muito antes de o ver. O muro de tijolo que separava os jardins media quase dois metros de altura, mas era fácil distinguir o ruído que fazia o moço: uma corrida escorregando pela folhagem, um “Veem aqui”! ofegante e, por último, o roçar de umas botas sobre a casca de um tronco quando o moço subiu a uma árvore.

Fez-se então um silêncio relativo, quebrado unicamente pela laboriosa respiração do menino que o observava.

Sam sentara-se no banco de mármore debaixo do muro, com seu rifle Kentucky sobre os joelhos. Tirou do bolso um comprido pedaço de arame, passou-o pela boca do cano e começou a movê-lo adiante e atrás para tirar a ferrugem. Soprou logo no buraco e olhou por ele.

—O que está fazendo? —falou por fim o menino.

—Limpando minha arma. —Sam não levantou o olhar. Às vezes, um animal se mostrava mais valente quando ignorava que despertara o interesse do rastreador.

—Eu tenho uma pistola. —Ouviu-se o roçar das folhas ao trocar de postura o menino.

—Ah, sim?

—Era de meu tio Reynaud.

—Mmm. —Sam se levantou e apoiou o rifle sobre a culatra. Tirou a vareta de debaixo do cano.

—Minha mãe diz que não posso tocá-la.

—Ah.

—Posso ajudar a limpar seu rifle?

Sam se deteve e olhou ao menino entreabrindo os olhos. Daniel estava deitado em um ramo, a menos de um metro por cima de sua cabeça, com os braços e as pernas pendurando.

Tinha um arranhão na bochecha e uma mancha de terra na camisa branca. O cabelo loiro lhe caía sobre a fronte e seus olhos azuis brilhavam de emoção.

Sam suspirou.

—Se zangará sua mãe se souber que me ajuda?

—OH, não —disse o menino em seguida. Começou a avançar pouco a pouco pelo ramo, para o jardim do Sam.

—Espera, espera. —Sam deixou a um lado o rifle e foi colocar-se sob o menino, se por acaso caísse. —E seu preceptor?

Daniel estirou o pescoço e olhou para seu jardim.

—Está sentado no banco debaixo da pérgola das rosas. Sempre fica dormindo aí quando saímos a dar nosso passeio. —Começou a avançar de novo.

—Quieto —disse Sam.

O menino ficou paralisado, com os olhos muito abertos.

—O ramo não aguentará seu peso se segue avançando. Desprende as pernas. Eu te ajudo.

Daniel sorriu, aliviado, e desprendeu ambas as pernas por um lado do ramo, sujeitando-se com os braços. Sam agarrou-o pela cintura e o baixou ao chão.

Daniel correu em seguida para o rifle. Sam observava atentamente, mas o menino não tocou a arma; limitou-se a olhá-la. Então assobiou entre dentes.

—É a arma mais longa que jamais vi, dou-lhe minha palavra. Sam sorriu e se agachou junto a ele.

—É um rifle Kentucky. Os colonos as usam na fronteira da Pensilvânia, nas colônias.

Daniel olhou de soslaio.

—Por que é tão longa? Não é difícil de levar?

—Não muito. Não pesa muito. —Sam recolheu a arma e voltou a olhar cano abaixo. —Assim se aponta melhor. E se dispara melhor. Pega, joga uma olhada.

Daniel se colocou rapidamente junto a ele enquanto Sam sustentava a arma.

—Minha mãe! —Murmurou o menino. Olhou pelo cano piscando um olho e respirando pela boca. —Posso disparar?

—Aqui não —respondeu Sam. Baixou a arma. —Sobe ao banco. Assim poderá me ajudar.

O menino ficou de pé sobre o banco.

—Agarra isto. —Sam lhe deu um trapo grosso. —Agora sujeita com força o rifle e não o deixe

cair. A água está quente. Preparado?

O menino agarrou o cano com as duas mãos, com o trapo debaixo para não queimar as mãos. Estava tão concentrado que franzira a fronte.

—Preparado.

Sam agarrou uma chaleira fumegante do chão e verteu com muito cuidado um fino jorro de água fervendo no cano. Pelo ouvido do rifle começou a sair uma água negra e suja.

—OH —sussurrou Daniel. Sam olhou e sorriu.

—Segura-o assim um momento. —Deixou a chaleira, recolheu a vareta e envolveu seu extremo com um pedaço de trapo. Colocou a vareta no cano e a empurrou até a metade. —Quer fazê-lo?

—Claro! Posso? —O menino lhe sorriu, e Sam viu que, embora na cor do cabelo e dos olhos devia ter saído a seu pai, o sorriso o herdou de sua mãe.

—Adiante, então.

Sam sujeitou o canhão enquanto o menino conduzia a vareta.

—Bem. Move-a acima e abaixo. Temos que tirar daí até a última bolinha de pólvora.

—Por quê? —O moço franziu o cenho enquanto seguia esforçando-se por mover a vareta.

—Uma arma suja não é segura. —Sam não tirava o olho, mas Daniel estava fazendo um bom trabalho. —Poderia travar. Ou falhar e explodir no nariz de seu dono. A gente deve manter sempre limpa sua arma.

—Ah —resmungou o menino. —Que caça com ela? Águias?

—Não, é muito grande para caçar pássaros, mesmo que sejam tão grandes como uma águia. Os caçadores a usam para a caça maior, veados, em sua maioria. Mas também é muito útil se te encontrar com um urso ou um jaguar.

—Alguma vez se encontrou com um jaguar?

—Só uma. Andando e na curva de uma trilha e ali estava, tão grande como pode imaginar, e no meio do caminho.

Daniel deixou de mover a vareta.

—E o que fez? Disparou? —Sam sacudiu a cabeça.

—Não tive oportunidade. Esse enorme gato me jogou uma olhada e saiu fugindo em direção contrária.

—Ah. —Daniel parecia um pouco desiludido pela resposta.

—Já é suficiente —disse Sam, assinalando o rifle. —Agora, vamos jogar mais água.

Daniel assentiu com a cabeça. Olhava fixamente a arma, muito sério.

Sam afastou a vareta com o trapo, agora tingido de negro, e voltou a agarrar a chaleira da água.

—Preparado?

—Preparado.

Esta vez, a água saiu em um borbulho cinzento.

—Quantas vezes terá que jogar água? —Perguntou Daniel.

—Até que saia limpa. —Sam lhe deu a vareta, com outro trapo no extremo. —E recorda que

sempre deve usar água fervendo para que o cano seque bem e não se oxide.

Daniel assentiu com a cabeça enquanto voltava a colocar a vareta no cano da arma.

Sam esteve a ponto de sorrir. O que para ele era uma tarefa fácil, supunha um desonesto esforço para o menino, mas Daniel não se queixava. Simplesmente, pôs todo seu empenho em mover a vareta acima e abaixo.

Sam ouviu uma espécie de sussurro mais à frente do muro. O ar lhe levou o aroma de melissa. Não levantou a vista, mas seu corpo se esticou de repente, antecipando-se à aparição da mulher.

—Falta muito? —Perguntou Daniel.

—Com isso bastará. —Sam ajudou a retirar a vareta. Daniel o observou conduzir a vara de ferro.

—Você lutou na guerra?

Sam vacilou um momento; logo seguiu desembrulhando o trapo sujo da vareta.

—Sim. Lutei contra os franceses nas colônias. Preparado?

O moço assentiu com a cabeça.

—Meu tio Reynaud combateu nessa guerra.

—Sei. —Sam guardou silêncio enquanto vertia a água quente no interior do cano.

—Matou a alguém na guerra?

Sam olhou-o. O menino estava observando a água que saía do ouvido do rifle. Certamente perguntava por perguntar.

—Sim.

—A água saiu limpa.

—Bem. —Sam envolveu a vareta com um trapo limpo e a passou ao Daniel.

Este começou a conduzi-la de novo.

—Disparou com este rifle?

O sussurro do outro lado do muro cessara fazia momento. Lady Emeline poderia ter-se afastado, mas Sam não acreditava. Tinha a sensação de que estava escondida, contendo o fôlego enquanto aguardava sua resposta.

Suspirou.

—Sim. Na batalha de Quebec, quando tomamos a cidade. Um soldado francês correu para mim. Levava a baioneta colocada na ponta do rifle. Já estava manchada de sangue.

O corpinho de Daniel se deteve. Olhou ao Sam. Sam lhe sustentou o olhar.

—O matei de um disparo.

—Ah —murmurou o menino.

—Saca a vareta para que engorduremos o cano.

A voz de lady Emeline chegou flutuando por cima do muro.

—Daniel...

Sam tomou cuidado de que não se derramasse o azeite que estava vertendo em um trapo limpo. O que pensaria ela daquela história? Carecia da glória que esperavam muitos ao ouvir falar da guerra.

Claro que ela devia ter ouvido os rumores que circulavam sobre ele. Pensaria que era um covarde pelo ocorrido em Spinner's Falls?

Daniel se voltou.

—Mamãe, olhe! O senhor Hartley tem o rifle mais comprido do mundo e eu estou ajudando a limpá-lo.

—Já o vejo. —A cabeça de lady Emeline apareceu no alto do muro. Devia ter subido a um banco do outro lado. Não olhou nos olhos do Sam.

Este esfregou cuidadosamente os dedos com um trapo limpo.

—Senhora. —Talvez estivesse zangada com ele. Ela clareou a garganta.

—Não sei como vou examinar esse rifle tão prodigioso. Não há portão no muro.

—Passa por cima —disse Daniel. —Eu te ajudo.

—Hmm. —Lady Emeline olhou primeiro a seu filho e logo ao muro. —Não acredito que...

—Permita-me? —Perguntou Sam ao Daniel, muito sério. O menino assentiu com uma inclinação de cabeça.

Sam se voltou para lady Emeline, que o olhava com expressão inescrutável.

—Pode encarapitar-se um pouco mais?

—É óbvio. —Olhou para seu lado do muro e subiu em alguma coisa; de repente a via da cintura para cima.

Sam levantou as sobrancelhas e subiu ao banco de seu lado. Olhou por cima do muro. Lady Emeline permanecia empertigadamente nas pontas dos pés sobre o ramo de uma árvore.

Sam refreou um sorriso e lhe estendeu os braços. Seus olhos se abriram quando a agarrou pela cintura, e ele conteve o fôlego.

—Se me permitir...

Ela assentiu com brutalidade.

Sam a levantou por cima do muro. Doeu-lhe a velha ferida do flanco quando seus músculos se contraíram sob seu peso, mas não permitiu que o mal-estar se notasse no rosto. Baixou-a lentamente, deixando que se deslizasse um pouco sobre seu peito. Estava-se aproveitando da situação, mas de todos os modos adorava o calor de seu corpo e seu aroma de melissa. Olhou nos olhos enquanto Sam a sustentava um segundo com o rosto à altura do seu. Seus olhos negros estavam entreabertos e sua cor parecia ter-se avivado. Sam notou seu fôlego apressado sobre os lábios. Logo a depositou no chão. Ela inclinou a cabeça para alisar as saias.

—Obrigada, senhor Hartley. —Sua voz soava rouca.

—Foi um prazer, senhora.

Foi uma sorte que tivesse mantido uma expressão circunspeta, porque lhe lançou um olhar acerado. Ruborizou-se ainda mais e mordeu o lábio.

Sam a olhava perguntando-se como seria sentir aqueles dentinhos afiados sobre a pele nua. Era muito irascível. Seguramente que gostava de morder.

—Olhe, mamãe —repetiu Daniel com impaciência. Lady Emeline se aproximou da arma e a olhou com atenção.

—Muito bonita, não há dúvida.

—Quer nos ajudar a engordurá-la? —Perguntou Sam candidamente.

Lançou-lhe um olhar de advertência.

—Acredito que vou me limitar a observar.

—Ah. —Sam agarrou o trapo engordurado e envolveu a vareta com ele. —Coloca-o bem pelo cano, Danny. Terá que engordurar até a última polegada.

—Sim, senhor. —Daniel agarrou a vareta e obedeceu muito sério e com as sobrancelhas franzidas.

Sam molhou outro trapo com azeite e começou a esfregar com ele a parte exterior do cano.

—Milady, minha irmã diz que amanhã de noite nos acompanharão a um baile.

Ele a viu assentir pela extremidade do olho.

—À festa dos Westerton. Um grande acontecimento, em geral. Custou certo trabalho conseguir um convite para vocês. Por sorte você é toda uma novidade, senhor Hartley.

Há umas quantas anfitriãs que expressaram seu interesse apoiando-se só nisso.

Sam ignorou aquele comentário.

—Em sua opinião, Rebecca está preparada para esse baile?

—É óbvio. —Inclinou-se para ele, aparentemente para olhar pelo cano. Daniel seguia guiando a vareta.

—Mas certamente seria mais fácil para ela que sua apresentação ante a flor e nata de Londres tivesse lugar em um evento muito mais ligeiro.

Sam ficou calado. Fixou o olhar nas partes da culatra do rifle e tentou ignorar o sentimento de culpa que roia seu estômago.

—Rebecca me disse que foi você quem insistiu em que fossem a esse baile em particular. —A saia rosa escura de Emeline roçou seu joelho. —Queria saber por que motivo.

Emeline viu que as costas do senhor Hartley se enrijeciam de repente. Ele estava ajoelhado a seus pés, com a cabeça encurvada, enquanto passava suavemente um pano por aquele rifle extraordinário.

Era uma arma longuíssima, mas de aspecto curiosamente ligeiro, com o cano muito estreito. A madeira era de nogueira, de um tom claro muito formoso, e suas nervuras giravam em voltas ao longo da culatra.

Emeline franziu os lábios. Só um homem faria uma arma tão bela. Na base da culatra havia uma chapa dourada, chapeada formando ondas e bem brunida. As mãos do senhor Hartley, grandes e morenas, ressaltavam sobre o pano branco enquanto se moviam com ritmo suave, quase amoroso. Emeline afastou o olhar.

Aquele sentimento de irritação (quase um formigamento físico da pele) iniciou-se assim que ouviu sua voz. E sua irritação não fez mais que crescer ao olhar por cima do muro.

Ele havia tirado o casaco e o colete, coisa muito pouco apropriada inclusive na intimidade de seu jardim. Os cavalheiros jamais tiravam um objeto de roupa, a não ser em circunstâncias muito extremas.

Emeline não queria acreditar que as normas pudessem ser tão diferentes, nem sequer nos Montes da América.

Assim, o senhor Hartley estava trabalhando em mangas de camisa. O tecido rígido e engomado parecia branquíssimo em contraste com sua pele. Arregaçou as mangas, deixando ao descoberto o pelo escuro de seus antebraços, e embora soubesse que estava se pondo ridiculamente sensível, não perdia de vista aqueles antebraços nus. Ansiava tocá-los, passar os dedos por seus músculos fibrosos e sentir o roce daquele pelo negro.

Maldito fosse!

—Escolheu o baile dos Westerton por alguma razão em particular? —Perguntou-lhe em um tom que inclusive lhe soou suscetível.

—Não. —Seguia sem levantar o olhar. Jogou o excedente sobre o ombro ao trocar de postura para esfregar outra parte do rifle. Aquilo também era muito incômodo.

O sol deixava a descoberto mechas de um castanho mais claro em seu escuro cabelo.

Emeline cansou os olhos, olhando-o. Sabia que o senhor Hartley estava mentindo, embora não mostrasse indícios disso.

—Já chega —disse ele, e por um momento Emeline pensou que se referia a ela.

Mas Daniel se ergueu e sorriu.

—Já está limpo?

—Limpíssimo. —O indiano se levantou tão perto dela que quase se tocaram.

Emeline refreou o impulso de retroceder. Ele era tão alto... Em realidade, era uma grosseria de sua parte pairar sobre ela daquele modo.

—Posso experimentá-lo já? —Perguntou Daniel.

Ela abriu a boca para proferir um “Não!" retumbante, mas o senhor Hartley se adiantou.

—Este não é lugar para disparar. Pensa em todas as coisas, e as pessoas, as quais poderíamos acertar por acidente.

O filho de Emeline expôs o lábio inferior, fazendo uma careta.

—Mas...

—Daniel —disse ela em tom de advertência —não deve incomodar ao senhor Hartley quando teve a amabilidade de te deixar ajudar a limpar sua arma.

Hartley franziu o cenho como se ela acabasse de cometer um grave engano.

—Foi um prazer que Danny me ajudasse...

—Chama-se Daniel —disse ela sem poder refrear-se. Seu tom soou muito cortante.

Ele arregalou os olhos. Sua voz perdera consistência. Emeline sustentou o olhar, erguendo o queixo.

—Daniel o fez muito bem —disse ele lentamente. —Não está me incomodando.

Seu filho sorriu radiante, como se acabassem de lhe fazer o melhor elogio do mundo. Emeline deveria sentir-se agradecida por que o senhor Hartley fosse tão amável, por que soube o que dizer a um menino pequeno.

Sentia, entretanto, um vago rancor.

O senhor Hartley sorriu ao Daniel e se inclinou para recolher os trapos e o azeite.

—Certamente estará ocupada amanhã pela manhã, preparando-se para o baile.

Aquela brusca mudança de tema fez a Emeline piscar.

—Pois não. Terá que fazer um sem-fim de preparativos se se for dar um baile, mas como só vamos assistir...

—Bem. —Ele levantou a vista com expressão risonha, e Emeline compreendeu de repente que caíra na armadilha. —Então poderá me acompanhar a ver a fábrica de porcelana do senhor Wedgwood.

Eu gostaria de contar com uma opinião feminina sobre o que encomendar.

Ela abriu a boca para dizer algo do que sem dúvida se arrependeria mais tarde, mas a salvou a voz do senhor Smythe-Jones.

—Milord? Lorde Eddings? —Daniel baixou os ombros e sussurrou: —Não lhe digam que estou aqui. —Emeline enrugou o cenho.

—Tolices. Vá com seu preceptor imediatamente, Daniel.

—Mas...

—Será melhor que faça o que diz sua mãe —disse o senhor Hartley com calma.

E, como por milagre, seu filho fechou a boca.

—Sim, senhor. —Aproximou-se do muro e gritou: —Estou aqui!

Ouviram a fina voz do preceptor.

—Pode-se saber o que faz aí? Venha aqui imediatamente, lorde Eddings!

—Eu...

O senhor Hartley subiu ao banco de pedra que havia junto ao muro. Para ser tão grande, movia-se com muita ligeireza.

—Danny estava me fazendo uma visita, senhor Smythe-Jones. Espero que não lhe importe.

Do outro lado do muro se ouviu um balbucio de surpresa.

—Vamos, Danny. —O senhor Hartley fez um degrau com as mãos. —Eu ajudo.

—Obrigado! —Daniel pisou em suas grandes mãos e ele o levantou suavemente. O menino se encarapitou ao alto do muro e logo ao grosso ramo da macieira silvestre que pendurava sobre ele. Um momento depois desapareceu.

Emeline olhou as pontas dos sapatos enquanto ouvia o preceptor arreganhar a seu filho. A voz do senhor Smythe-Jones foi desaparecendo à medida que se afastavam para a casa. Ela retorceu uma cinta de sua saia.

Logo levantou os olhos.

O senhor Hartley a estava observando do alto do banco. Saltou ao chão com ligeireza e aterrissou a seu lado. Seus olhos cor café tinham um olhar intenso.

—Por que não quer que chame o seu filho de Danny?

Ela franziu os lábios.

—Chama-se Daniel.

—E Danny é o diminutivo do Daniel.

—É barão. Algum dia se sentará na Câmara dos Lordes. —A cinta estava cravada nas pontas dos dedos. —Não necessita um diminutivo.

—Necessitá-lo, não. —Ele se aproximou um pouco mais, e Emeline teve que levantar a vista para seguir olhando-o nos olhos. —Mas o que há de mal em que um menino tenha um

diminutivo?

Ela respirou fundo e ao fazê-lo se deu conta de que sentia o aroma do senhor Hartley: uma mescla de pólvora, amido e azeite de rifle.

Aquele aroma deveria tê-la repelido, mas o certo era que lhe parecia estranhamente íntimo. E aquela intimidade era excitante. Que horror.

—Era o nome de seu pai —balbuciou. A cinta se rompeu.

Ele ficou imóvel, com o corpo suspenso como se se dispusesse a saltar.

—Seu marido?

—Sim.

—Recorda a ele?

—Sim. Não. —Sacudiu-se a pergunta com um gesto. —Não sei.

Ele começou a girar lentamente em torno dela.

—Sente falta de seu marido.

Emeline encolheu os ombros enquanto tentava refrear o impulso de voltar-se para olhá-lo.

—Foi meu marido durante seis anos. Seria muito estranho que não sentisse falta dele.

—Mesmo assim, disso não se deduz que sinta falta dele. —Colocou-se detrás dela e falava sobre seu ombro. Emeline pareceu que notava seu fôlego detrás da orelha.

—O que quer dizer?

—Queria-o você?

—O amor não conta em um matrimônio nobre. —Ela mordeu o lábio.

—Não? Então não sente falta dele.

Ela fechou os olhos e recordou uns olhos azuis e risonhos, sempre brincalhões. Umas mãos pálidas e cheias de insuportável ternura. Uma voz de tenor que falava pelos cotovelos sobre cães, cavalos e faetones.

Recordou logo aquele mesmo rosto branco, Estranhamente gasto, despojado de sua risada e colocado sobre o cetim negro de um ataúde. Não queria aquelas lembranças. Eram muito dolorosas.

—Não. —Voltou-se cega para a casa, procurando um modo de sair daquele estreito jardim, de afastar-se do homem que a acossava. —Não, não sinto falta do meu marido.

Capítulo 06

O rei, enfim, ficou muito reconhecido ao guarda que lhe salvou a vida sem ajuda e com suas próprias mãos. Todos aclamaram a Coração de Ferro como um herói, e o rei o nomeou imediatamente capitão de sua guarda. Mas embora todo mundo perguntasse seu nome, ele não dizia uma palavra. Sua teimosa negativa a falar incomodava ao rei, que era homem acostumado a ter tudo o que desejasse.

Mas até esse leve remorso se dissipou quando, um dia que saíra a montar a

cavalo, um trol decidiu se esconder para almoçá-lo.

Clang! Zas! Coração de Ferro carregou contra o trol e em um abrir e fechar de olhos lhe separou a cabeça do corpo.

De Coração de Ferro

Emeline despertou ao abrirem as cortinas de sua cama. Piscou, sonolenta, e viu a cara de Harris, sua donzela. Harris era uma mulher de pelo menos cinquenta anos, rosto comprido e nariz grande e bulboso que dominava o resto de suas enxutas feições. Emeline sabia que muitas damas se queixavam de que suas donzelas passavam muito tempo mexericando e flertando com os moços do serviço. Esse não era o caso da Harris.

— Senhora, um tal senhor Hartley a está esperando abaixo, no vestíbulo — lhe disse com severidade.

Emeline olhou confusa a janela de seu dormitório. A luz parecia muito pálida.

— O que?

— Diz que tem uma entrevista com você e que não irá até que a veja.

Emeline se ergueu.

— Que horas são? — Harris franziu os lábios.

— As oito menos quinze, senhora.

— Santo céu. Mas a que se propõe esse homem? — Emeline afastou as mantas e procurou suas chinelas. — Deve estar louco. Ninguém vai de visita as oito da manhã.

— Sim, milady. — Harris se agachou para ajudá-la com as chinelas.

— Nem sequer às nove — resmungou Emeline enquanto colocava os braços no robe que lhe sustentava Harris. — A verdade é que fazer uma visita antes das onze sempre resulta suspeito.

— Eu jamais incomodaria a alguém antes das duas. Que barbaridade.

— Sim, milady.

Emeline ouviu de repente um assobio sem melodia.

— O que é esse ruído?

— O senhor Hartley está assobiando no vestíbulo, milady — respondeu Harris.

Emeline olhou fixamente a sua donzela um momento; ficou sem fala. O assobio se intensificou ao alcançar uma nota particularmente horrenda. Emeline saiu apressadamente de seu quarto ao corredor de cima.

Avançou por ele com passo decidido e se aproximou do corrimão que dava sobre a entrada de baixo. O senhor Hartley estava de pé e sujeitava seu tricornio com as mãos as costas.

Enquanto o olhava, balançava-se tranquilamente sobre os calcanhares e assobiava entre os dentes.

— Chist! — Emeline se inclinou sobre o corrimão. O senhor Hartley se virou e a olhou.

— Bom dia, milady! — Fez uma pequena reverência. Parecia muito fresco e alerta apesar de ser tão cedo, o que era alarmante.

— Acaso se tornou completamente louco? — Perguntou Emeline com aspereza. — O que faz aqui a estas horas da manhã?

— Vim levá-la aos escritórios do senhor Wegdwood para que me ajude a escolher a porcelana.

Ela enrugou o cenho.

— Eu não...

— Terá que se vestir. — Deslizou o olhar até seus seios. — E não é que me importe seu atual traje.

Emeline levou bruscamente uma mão aos seios.

— Como se atreve...!

— Espero-a aqui, não? — E começou de novo a assobiar aquela horrenda toada, ainda mais forte.

Emeline abriu a boca, percebeu que o ruído que saía pelos lábios do senhor Hartley lhe impediria de ouvi-la e voltou a fechar a boca. Recolheu suas saias e voltou para seu quarto furiosa.

Harris havia tirado já um vestido cujo tecido de cor vermelha lembrava água, e Emeline estava vestida e penteada em um tempo escandalosamente curto.

Mesmo assim, o senhor Hartley estava olhando o relógio do vestíbulo quando ela desceu as escadas.

Logo a olhou com descuido.

— Você demorou. Vamos, não quero fazer o senhor Bentley esperar, o sócio do senhor Wegdwood.

Emeline franziu o cenho enquanto ele a conduzia a toda pressa pela porta.

— A que hora é a entrevista?

— Às nove em ponto. — O senhor Hartley a ajudou a subir na carruagem que esperava.

Emeline entrecerrou os olhos, olhando-o, enquanto o senhor Hartley se sentava em frente a ela.

— Mas veio me buscar antes das oito.

— Pensei que talvez demoraria para arrumar-se. — Sorriu-lhe e seus olhos de cor café se enrugaram nas comissuras. — E tinha razão, não lhe parece? —Tocou o teto da carruagem.

— Você dá muitas coisas por certas — disse Emeline com frieza.

— Só com você, senhora. Só com você. — Sua voz era baixa, suave e tão íntima que a desconcertou.

Ela olhou pela janela para não ter que encontrar-se com seus olhos.

— E isso por quê?

Fez-se silêncio e por um momento Emeline pensou que ele evitaria a pergunta.

— Não sei por que você causa esse efeito em mim — respondeu ele finalmente. — Suponho que o mesmo daria perguntar a um jaguar por que persegue um cervo que foge ou me perguntar a mim por que me altero quando está você perto.

Ela voltou o olhar bruscamente. O senhor Hartley a observava com olhar viril, franco e calculador. Ser o objeto daquele escrutínio deveria tê-la assustado. Mas fez que se estremecesse de emoção.

— Então, admite-o?

Ele encolheu os ombros.

— Por que não? É puramente instintivo, o asseguro.

Ela retorceu uma cinta da parte dianteira de seu vestido.

Seus instintos devem ser muito incômodos, se lhe causam esse efeito cada vez que está perto de uma dama.

— Já o hei dito, recorda? — Inclinou-se para diante e lhe agarrou a mão, detendo o movimento nervoso de seus dedos, que seguiam retorcendo a cinta. — Só me acontece com você.

Emeline olhou as mãos de ambos. Deveria lhe dar uma bofetada. Pô-lo em seu lugar e lhe fazer saber que estava tomando muitas liberdades.

Mas ao ver seus dedos morenos envolvendo os seus, menores e brancos, pareceu ficar hipnotizada. A carruagem se sacudiu ao fazer uma curva, e ele afastou a mão.

Emeline alisou a cinta de seu vestido.

— Não tem um agente mercantil?

— Sim, o senhor Kitcher. Mas é um velho bastante seco. Prefiro a sua companhia.

Ela bufou suavemente.

— Onde estão esses escritórios?

— Não muito longe — respondeu ele. — Alugaram parte de um armazém.

Emeline juntou suas mãos trementes sobre o regaço.

— O senhor Wegdwood e o senhor Bentley não têm loja?

— Não. São relativamente novos neste negócio. Por isso, em parte, confio em fazer um bom trato com eles.

— Mmm. — Emeline olhou-o com curiosidade. O senhor Hartley tinha os olhos entreabertos e alerta, como se se preparasse para a batalha. — Gosta disto.

Ele levantou as sobrancelhas.

— O que?

Ela agitou uma mão vagamente.

— O comércio. Fazer negócios. Tentar conseguir um bom trato.

Os lábios sensuais do senhor Hartley se curvaram.

— Naturalmente. Mas confio em que não me delate diante do Bentley.

Um momento depois, a carruagem se deteve em frente a um armazém. O senhor Hartley apeou assim que a carruagem se aproximou dos degraus e se voltou para ajudar a Emeline.

Ela olhou com ar duvidoso o desmazelado edifício de tijolo e madeira.

— O que quer que faça?

— Me dar sua opinião, nada mais. — O senhor Hartley pôs a mão de Emeline na curva de seu cotovelo no instante em que um cavalheiro de peruca frisada e casaco de cor de ferrugem saía pelas portas do armazém.

— O senhor Hartley? — Disse o cavalheiro com acento do norte. — É uma honra lhe conhecer, senhor, uma verdadeira honra. Sou Thomas Bentley.

O senhor Hartley pegou a mão do senhor Bentley e a estreitou. A aquela distância, Emeline viu que o senhor Bentley era mais jovem do que pensava: certamente tinha pouco mais de trinta

anos.

Tinha o rosto avermelhado e a cintura um tanto robusta. O senhor Hartley apresentou a Emeline, e ao ceramista lhe aumentaram os olhos quando ouviu seu título.

— Lady Emeline. Vá, que grande honra, senhora; uma grande honra, de fato. Gostaria de um pouco de chá? Acabo de comprar um da Índia muito bom.

Emeline lhe sorriu, disse que sim com um murmúrio e o senhor Bentley os conduziu ao armazém. O edifício se erguia até muito alto, frio e escuro. Ela sentiu um cheiro de mofo e a tijolos úmidos.

A metade do local estava lotado de barris e caixas, mas o senhor Bentley conduziu a um pequeno escritório contigua à sala principal. No despacho havia o espaço justo para uma mesa larga, umas poucas cadeiras e uma pilha de caixas colocadas contra a parede. Em um canto havia uma pequena lareira com um bule fumegante.

— Bom, aqui estamos — disse alegremente o senhor Bentley enquanto afastava uma cadeira para a Emeline. — Vou trazer-lhes o chá, de acordo?

— O senhor Wegdwood vai se reunir conosco? — Perguntou o senhor Hartley, que preferiu ficar de pé.

— Ah, não — respondeu o senhor Bentley enquanto se inclinava sobre o bule. — O senhor Wegdwood é o oleiro chefe; eu, em troca, sou o administrador. Nestes momentos está inspecionando a fabricação da porcelana em Burslem.

— Aqui têm — disse ao colocar o chá sobre a mesa. Precisou amontoar vários livros de contas no chão para abrir espaço. Logo olhou ao senhor Hartley piscando com nervosismo.

Mas o americano se limitou a assentir e olhou a Emeline levantando uma sobrancelha. Ela se inclinou para diante para servir o chá.

Não tinha plena consciência de quão profundo era aquela reunião, e não queria prejudicar a posição do senhor Hartley.

Ao mesmo tempo, sentia curiosidade por vê-lo desembrulhar-se naquele mundo. Nesse momento estava muito tranquilo: seu semblante parecia relaxado, mas não deixava entrever nada.

O senhor Bentley, em troca, começava a parecer preocupado. Emeline dissimulou um sorriso enquanto bebia seu chá. Tinha a sensação de que o senhor Hartley estava fazendo duvidar a seu oponente de sua posição de forma deliberada.

Durante uns minutos, os dois cavalheiros e Emeline tomaram o chá e conversaram de coisas sem importância. Ela sabia que o senhor Hartley devia estar impaciente por ver a cerâmica que queria comprar, mas ele não permitia que a impaciência se refletisse em seu rosto. Apoiado em um canto da mesa, bebia seu chá tão tranquilo, como se estivesse visitando uma tia solteirona.

O senhor Bentley lhe lançou vários olhares carregados de preocupação e logo, por fim, deixou sua taça sobre a mesa.

— Gostaria de ver parte de nossa cerâmica, senhor?

O senhor Hartley assentiu com a cabeça e deixou a um lado sua taça. O comerciante se aproximou de uma das caixas de madeira que havia junto à parede, abriu a tampa e deixou a

descoberto um montão de palha.

Emeline não pôde evitar inclinar-se para diante. Nunca se detinha muito a pensar na baixela que usava (salvo para assegurar-se de que fosse do desenho mais novidadeiro), mas de repente aquilo lhe pareceu um assunto de suma importância. O senhor Hartley lhe lançou um olhar por trás das costas do senhor Bentley. Sacudiu a cabeça quase imperceptivelmente. Ela enrugou o nariz: sentia-se como se a tivessem arreganhado como a uma menina. Mesmo assim, voltou a tornar-se para trás e alisou seus rasgos em uma expressão de aborrecimento.

O senhor Hartley esticou a boca como se seu entusiasmo lhe fizesse graça, e lhe piscou um olho. Emeline levantou o nariz e afastou o rosto. Mais tarde poria em seu lugar a aquele homem.

Enquanto isso, o senhor Bentley afastara cuidadosamente uma camada de palha. Debaixo havia uma jarra com tampa, em forma de dente, esmaltada em verde escuro. O senhor Bentley entregou a jarra ao senhor Hartley, que a agarrou e a examinou sem dizer nada. Aproximou a jarra, colocou-a sobre a mesa, diante de Emeline, e esteve observando-a enquanto ela se inclinava para examiná-la.

O senhor Bentley seguia tirando cerâmica: bules, pratos, taças, terrinas e sopeiras. Pouco depois, a mesa estava coberta de objetos de cerâmica de todas classes, muitos deles em forma de dente ou couve-flor e quase todos esmaltados em verde escuro.

O senhor Hartley levantou uma sobrancelha olhando a Emeline enquanto o senhor Bentley estava de costas. Ela respondeu levantando as suas.

O certo era que a cerâmica era muito bonita e estava bem feita, mas não era nada fora do comum.

Então ele assentiu levemente com a cabeça e se voltou para o outro cavalheiro.

— Entendi que o senhor Wegdwood tem peças novas. — O senhor Bentley ficou parado um momento, inclinado ainda sobre a gaveta de madeira.

— Né, não estou seguro...

— Disse-me que está trabalhando em uma porcelana muito fina. — Olhou aos olhos do comerciante e sorriu.

— Bom, a respeito disso... — O senhor Bentley lançou um olhar a uma pequena caixa que estava separada em um canto do despacho. Clareou a garganta.

— Em efeito, o senhor Wegdwood está experimentando com um tipo de porcelana, mas ainda não está preparado para mostrá-la em público. Em realidade, confia em apresentar-lhe primeiro à rainha.

Emeline deu umas palmadas.

— Que emocionante, senhor Bentley!

O comerciante ficou ainda mais avermelhado.

— Obrigado, senhora. É-o, em efeito.

— Mas não vai nos deixar ver essa maravilhosa porcelana? — Emeline se inclinou um pouco para diante, deixando que seus seios estufassem por cima do decote quadrado de seu sutiã. — Por favor...

O homem ficou vermelho e Emeline esteve a ponto de sorrir. Não o teria admitido nem em

um milhão de anos, mas estava desfrutando enormemente da conversa. Quem ia imaginar que o comércio consistisse em tal batalha de engenhos?

— Né... — O senhor Bentley tirou um lenço e enxugou com nervosismo a fronte brilhante. Logo encolheu os ombros. — Por que não? Se isso lhe agradar, milady.

— OH, sim.

Depois de decidir-se, o comerciante se aproximou da pequena caixa do canto e levantou a tampa. Pinçou dentro e tirou algo com grande cuidado antes de dar a volta. Emeline conteve o fôlego. Era um bule muito singelo.

Tinha uma formosa cor creme, quase amarelado, com linhas retas muito clássicas e um cano muito pequeno e bonito.

Emeline alargou as mãos.

— Posso?

O comerciante pôs o bule em suas mãos e Emeline notou a ligeireza da peça; não estava acostumada a uma cerâmica tão fina. Deu-lhe a volta para olhar a marca do fabricante. Na base estava estampado o nome do Wegdwood.

— É muito elegante — murmurou suavemente.

Levantou os olhos a tempo de ver o senhor Hartley observando-a, e conteve o fôlego. O viu com as pálpebras entreabertas e os lábios esticados, mas mesmo assim desprendia um ar possessivo.

Emeline compreendeu de algum modo que lhe agradava compartilhar com ela o descobrimento daquele bule de porcelana. Tanto como a agradava a ela. O senhor Hartley e ela formavam uma equipe extraordinariamente bem sincronizada.

Mas aquela ideia a pôs bastante nervosa. Não devia desfrutar em fazer entendimentos. Não devia lhe agradar saber que ele valorizava sua opinião. Não devia lhe importar absolutamente.

O senhor Hartley havia entrecerrado os olhos. Não havia amabilidade neles. Nem rastro de compaixão. Era como se um gato doméstico mostrasse de repente ao jaguar que sempre espreitava sob sua aparência tranquila.

Como se ela fosse sua presa.

Então inclinou a cabeça uma vez e se voltou para negociar com o senhor Bentley. Havia tornado a adotar sua aparência civilizada, mas o comerciante teve que fazer provisão de engenho para seguir o ritmo dos implacáveis regateios do americano, e as somas de dinheiro que o senhor Hartley mencionava com toda tranquilidade bastavam para fazer que Emeline levantasse as sobrancelhas.

Não lhe cabia nenhuma dúvida de que havia feito uma fortuna com o negócio de seu tio em apenas quatro anos.

Enquanto os homens debatiam, Emeline se inclinou sobre o bule, seguiu com os dedos suas linhas elegantes e pensou nas senhoras das colônias que serviriam o chá com aqueles pequenos e delicados canos.

E se perguntou por que Hartley a levou ali.

O que pretendia lhe mostrar, além de um formoso bule?

— É só que não estou muito segura do decote. — Rebecca se olhava ao espelho e tentava em vão subir o sutiã. O espelho parecia refletir sua pele em quantidade excessiva.

— Está perfeito, senhorita. — Evans, sua donzela, nem sequer levantou os olhos enquanto ia daqui para lá pelo quarto, recolhendo a desordem que deixou a toilet de sua senhora.

Rebecca puxou outra vez o sutiã e ao fim se deu por vencida. Lady Emeline em pessoa lhe recomendou a Evans, e se a donzela dizia que era necessário que Rebecca fosse meio nua a seu primeiro baile em Londres, ela concordaria.

Assistira a muitos bailes e reuniões sociais em Boston, naturalmente, mas lady Emeline lhe deixara claro que em Londres os bailes eram completamente diferentes.

Rebecca se sentia culpada por ser objeto de tantos incômodos. Fora ela quem se empenhou em que Samuel a levasse consigo naquela viagem. E agora ele parecia sentir-se obrigado a gastar grandes somas de dinheiro para que se entretivesse em Londres. Aquilo não era exatamente o que se propôs ao lhe pedir que a deixasse acompanhá-lo. A única coisa que queria era passar algum tempo com ele.

Talvez conhecer um pouco melhor a seu irmão mais velho. Aproximou-se de uma poltrona, pensativa.

— Não — disse a donzela.

Rebecca ficou parada, meio agachada sobre a poltrona, em uma postura muito pouco própria de uma dama.

Evans forçou um sorriso.

— Não quererá que lhe enrugue a saia, verdade?

Rebecca se ergueu.

— Mas quando me sentar na carruagem sem dúvida se...

— Isso é inevitável, não acredita? — Respondeu a donzela. — E a verdade é que é uma pena. Não sei por que esses senhores tão preparados não inventam um método para que as senhoras possam ir aos bailes de pé.

— Ah, sim? — Murmurou Rebecca fracamente.

Evans era uma mulher miúda e de cabelo escuro, assombrosamente elegante. Usava uma anquinha tão larga que mal podia desempenhar seus trabalhos como donzela.

Em realidade, a Rebecca dava bastante medo.

A donzela, entretanto, parecia fazer esforços por mostrar-se amável.

— Talvez possamos descer para descansar na salinha de estar. No corredor não, certamente. Uma dama jamais deve deixar-se ver esperando a que chegue sua carruagem.

— Claro, claro. — Rebecca se voltou para a porta, aliviada. — Mas recorde que não devemos nos sentar — lhe advertiu a donzela a suas costas.

— Pergunto-me se teremos permissão de usar o reservado — resmungou ela para si mesma enquanto tentava descer as escadas com suas enormes saias.

Olhou a seu redor, compungida, para ver se alguém ouviu seu ousado comentário. Mas só viu um lacaio (o de cabelo negro) no vestíbulo de baixo, olhando à frente, aparentemente surdo a

tudo o que acontecia a seu redor. Rebecca exalou um suspiro de alívio. Seguiu descendo as escadas sem tropeços até que chegou ao último degrau. Ali, sem saber como, enganchou o salto do sapato na bainha do vestido e oscilou um momento, cambaleando torpemente até que conseguiu agarrar-se ao corrimão com ambas as mãos. ficou imóvel, agarrada ainda à bola de madeira do final do corrimão, e olhou ao lacaio.

A estava olhando; adiantara um pé como se se dispusesse a saltar em seu auxílio. Quando seus olhares se encontraram, o lacaio afastou o pé e voltou a olhar à frente, imperturbável.

Que vergonha! Nem sequer podia caminhar metida em suas próprias saias sem cair pelas escadas diante dos criados. Pôs com todo cuidado ambos os pés sobre o mármore do vestíbulo e soltou o corrimão. tomou um momento para alisar as saias e caminhou logo com decisão para as portas a sua direita. Eram altas e de madeira escura, com os trincos de acordo com seu tamanho. Rebecca agarrou um e puxou.

Não aconteceu nada.

Começou a suar pela raiz do cabelo. O lacaio moreno ia pensar que era uma perfeita inútil. por que precisava ser tão encantador? Uma coisa era ficar em ridículo diante de um velho calvo, e outra bem diferente...

Ele clareou a garganta justamente a suas costas.

Rebecca soltou um gritinho e se voltou. Os belos olhos verdes do lacaio aumentaram ante a surpresa, mas se limitou a dizer:

— Se me permitir, senhorita...

Alargou o braço e abriu a porta.

Rebecca olhou além da porta aberta, para o interior da biblioteca. Ai, Deus.

— A verdade é que acredito que mudei de ideia. Eu gostaria de me sentar na salinha de estar, se fizer o favor. — E assinalou detrás dele, como uma menina ligeiramente atrasada.

Por sorte, ele não pareceu perceber.

— Sim, senhorita. — Deu meia volta e abriu a porta do outro lado do vestíbulo.

Rebecca levantou a cabeça bem alto e cruzou o vestíbulo solenemente, mas ao aproximar-se do lacaio percebeu que este não estava olhando onde devia. Parou em seco e cobriu os seios com ambas as mãos.

— É muito baixo, verdade? Sabia que não deveria ter escutado a essa donzela. Pode ser que não lhe importe que todo mundo lhe veja as tetas, mas eu não posso... — Seu cérebro alcançou de repente a sua boca.

Afastou as mãos de seu decote e tapou sua enorme bocarra.

E então ficou olhando ao muito bonito lacaio de cabelo negro, que a olhava com fixidez. Em realidade, não podia fazer outra coisa, salvo, possivelmente, morrer no ato, ali mesmo, no corredor da casa de seu irmão em Londres, e essa opção, por desgraça, parecia muito improvável no momento.

Por fim, ele clareou a garganta.

— Você é a moça mais formosa que jamais vi, senhorita, e com esse vestido parece uma princesa.

Rebecca piscou e afastou as mãos cautelosamente.

— Seriamente?

— O juro sobre a tumba de minha mãe — disse ele, muito sério.

— Ah, você também é órfão de mãe? — Ele assentiu com a cabeça.

— Que pena, verdade? Minha mãe morreu ao nascer eu, e nunca a conheci.

— A minha morreu fará dois anos, o dia de San Miguel — disse ele pronunciando os res com um suave som gutural.

— Quanto o sinto.

Ele encolheu os ombros.

— Morreu ao nascer minha irmã pequena. Sou o mais velho de dez irmãos.

Lhe sorriu.

— Você não fala como os outros serventes.

— Porque sou irlandês, senhorita. — Seus olhos verdes pareciam brilhar ao olhá-la.

— Então, por que...?

Mas a voz de seu irmão a interrompeu.

— Está pronta para sair, Rebecca?

Ela sobressaltou e se voltou bruscamente pela segunda vez essa noite. Samuel estava nas escadas, a três degraus dela.

— Desejaria que fizesse um pouco de ruído quando te move — lhe disse.

Ele levantou as sobrancelhas e olhou fugazmente ao lacaio. Rebecca seguiu seu olhar e viu que o criado de cabelo negro estava outra vez apostado junto à parede, com a vista fixa à frente.

Era como um ser mágico que de repente se tornasse de madeira.

— O'Hare, se importaria de nos abrir a porta? — Perguntou Samuel, e Rebecca se perguntou um instante com quem falava.

Então o lacaio moreno deu um salto para diante.

— Senhor. — Abriu a porta e a sustentou para que saíssem.

Rebecca o olhou ao passar, mas ele tinha um semblante perfeitamente inexpressivo, e o brilho de seus olhos verdes desaparecera. Então suspirou e pôs a mão sobre o braço do Samuel ao descer a escada para a carruagem.

Se não tivesse participado, poderia ter pensado que sua conversa com O'Hare, o lacaio, fora fruto de sua imaginação. acomodaram-se na carruagem e Rebecca se fixou por fim no traje de seu irmão. Samuel usava um casaco verde escuro, muito correto, meias e colete de brocado dourado. Mas, por desgraça, decidira usar as perneiras e os mocassins por cima das meias.

— Lady Emeline não irá gostar de suas perneiras — comentou ela. Ele olhou as pernas e esticou os lábios.

— Não me cabe dúvida de que me dará sua opinião a respeito. Rebecca o olhou no rosto e de repente lhe ocorreu uma ideia muito curiosa. Samuel sorria com os olhos, igual a O'Hare, o lacaio.

Lady Emeline se refreou um minuto inteiro para entrar na carruagem: um minuto mais do que calculava Samuel.

— Como lhe ocorreu usar essas coisas? — Ela olhava com o cenho franzido seus pés e suas pernas.

— Acredito lhe ter dito em outra ocasião que são muito cômodas. — Certamente ela franziria ainda mais o cenho se descobrisse que sua expressão lhe parecia adorável. Usava um vestido vermelho claro, com complicados bordados, e anágua amarela. Estava acostumada a usar cores mais vivas, e embora aqueles, mais claros, favoreciam-lhe, Samuel preferia os vermelhos intensos e os atrevidos laranjas.

Essa noite, lady Emeline era uma dama elegante da alta sociedade londrina, muito afastada da mulher que o acompanhou a um armazém a inspecionar cerâmica. O que lhe teria parecido aquela experiência?

Parecia interessada na transação comercial, mas era unicamente pela novidade? Ou possivelmente sentia a mesma comunhão intelectual que sentia ele?

Lady Emeline o olhou sacudindo a cabeça, alheia ao rumo que tomaram seus pensamentos. Talvez começava a perceber que era inútil discutir sobre suas perneiras. voltou-se para a Rebecca.

— Recorda que não deve dançar com ninguém a quem eu não dê expressamente a permissão. Nem conversar com ninguém a quem não te tenha apresentado. Haverá homens, não os chamo cavalheiros, que pretenderão quebrar as normas, mas não deve lhes permitir.

Sam se perguntou se estava pensando nele. O transpassou com o olhar, e então esteve seguro de que assim era. Sorriu a seu galinho de penas arrepiadas. Lady Emeline ia sentada junto a sua tia, ambas direitas como velas, embora a idosa quase ultrapassava em uma cabeça a sua sobrinha. A carruagem dobrou uma esquina estralando, e todos seus ocupantes cambalearam. A seu lado, Rebecca havia cruzado os braços.

Sam se inclinou para ela.

— Está esplêndida. Quase não te reconheci ao descer as escadas. — Rebecca mordeu o lábio e o olhou, e de repente ele a recordou de menina. Rebecca sempre o olhava assim quando ia vê-la na casa de seu tio, em Boston.

Recordava-a com touca e avental brancos, de pé no escuro vestíbulo do tio Thomas, esperando timidamente para lhe saudar. Ele nunca sabia o que lhe dizer quando ia visitá-la.

Só ia a Boston uma ou duas vezes ao ano. Sua irmãzinha lhe parecia uma criatura estranha, uma senhorita educada na lambida atmosfera de Boston elegante.

Tudo o que ele conhecia (todo o relacionado com o bosque, a caça e o ofício de trapaceiro, e depois com o exército) era-lhe completamente alheio.

Sam piscou agora, ao perceber que Rebecca lhe falara.

— O que?

Ela se aproximou. Seus olhos marrons tinham uma expressão vulnerável.

— Acreditas que alguém quererá dançar comigo?

— Terá que afugentá-los a pauladas.

Ela soltou uma risadinha e, por um momento, aquela garotinha de touca branca brilhou em seus olhos.

Mademoiselle Molyneux pigarreou.

— Quase chegamos, *ma petite*. Componha-se para oferecer um aspecto gentil e refinado. — A idosa senhora lhe olhou as saias de repente. —Te terá recordado de pôr sapatos, verdade?

Rebecca piscou.

— Sim, senhora.

— *Bon*. Aqui está a mansão.

Sam olhou pela janela e viu uma fila de carruagens que avançavam lentamente para a casa do conde de Westerton. Lady Emeline tinha razão: aquele baile era muito ostentoso para ser o primeiro de Rebecca.

Mas apresentar a sua irmã em sociedade era só um dos motivos pelo qual escolhera aquela festa em particular. O outro (e mais importante) era que andava à espreita.

Aguardou pacientemente enquanto a carruagem avançava devagar pela fila, escutando só pela metade a conversa das mulheres. Inclusive nesse momento, quando todo seu ser se achava concentrado em seu objetivo, estava pendente de lady Emeline. Sem voltar a cabeça, seguia a cadência de seu discurso, as pausas e as desigualdades de seu tom. Sabia quando ela o olhava e sentia em seu olhar curiosidade e desconcerto.

Lady Emeline seguia querendo saber por que escolheu aquele baile. Ele podia dizer-lhe que Também tinha a ver com seu irmão. Mas algo em seu foro interno lhe impedia de lhe revelar seu verdadeiro propósito.

Um lacaio ao qual não conhecia abriu a porta da carruagem e Sam olhou-o entreabrindo os olhos. Também devia estar atento a aquilo.

Notou o quão perto estava O'Hare de sua irmã um momento antes, no vestíbulo. Assim olhou ao lacaio nos olhos. O homem baixou o olhar imediatamente, coisa que não fez O'Hare.

Ele admirava a coragem, mas se perguntava quanto podia durar como lacaio um criado com tanto brio. Apeou na rua de paralelepípedos adiante da casa dos Westerton e se voltou para ajudar a sair a sua irmã e a *mademoiselle* Molyneux. Só lady Emeline ficou na carruagem. Duvidou na porta, o olhando com receio.

Ele sorriu e lhe estendeu a mão.

— Milady...

Ela franziu os lábios.

— Senhor Hartley.

Pôs a mão sobre a dele e Sam teve o prazer de estreitar seus dedos. Ela desceu os degraus majestosamente e tentou afastar a mão. Mas Sam se inclinou sobre ela e roçou com os lábios a fina pelica de suas luvas, cujo aroma de melissa banhou seu rosto.

Logo se ergueu.

— Vamos?

A expressão de lady Emeline se suavizou um tanto enquanto ele se inclinava sobre sua mão. Sam ficou quieto; as pessoas que haviam a seu redor, sua irmã, inclusive seu objetivo, pareceram esfumar-se e ficar em segundo plano enquanto olhava a lady Emeline. Ela tinha os lábios entreabertos, vermelhos e úmidos, como se acabasse de os lamber e um olhar inseguro.

Se estivessem sozinhos, a teria estreitado entre seus braços até ficarem unidos, teria

baixado a cabeça e...

— Samuel?

Voltou a cabeça bruscamente para olhar a sua irmã. Rebecca. Ai, Deus!

— Sim?

Ela parecia confusa.

— Encontra-te bem?

— Sim. — Ofereceu o braço a *mademoiselle* Molyneux, que o aceitou com um olhar pensativo. Sam se armou de coragem e, voltando-se para lady Emeline, perguntou com voz grave: — Vamos?

As palavras eram as mesmas de instantes antes, mas seu significado mudara radicalmente. Os olhos de lady Emeline se dilataram, e Sam viu que seus doces seios se enchiam ao respirar.

Logo o olhou anos olhos e levantou o queixo.

— É óbvio.

O qual fez que Samuel se perguntasse o que quis dizer exatamente lady Emeline com aquelas duas inofensivas palavras enquanto acompanhava às senhoras escada acima.

Centenas, possivelmente milhares de velas iluminavam o interior do Westerton House além das grandes velas de entrada. O ambiente morno do vestíbulo dava uma ideia do incômodo calor que reinaria no salão de baile.

Sam não conseguia entender por que alguém assistia voluntariamente a acontecimentos como aquele. Sentiu que começava a suar pelas costas. Odiava as multidões.

Sempre as odiou, mas desde o ocorrido em *Spinner's Falls*... Afugentou aquela ideia e procurou concentrar-se no motivo que o levou ali.

As senhoras entregaram suas capas a um lacaio, que as levou. Logo se acharam à entrada do salão de baile, e um lacaio com magnífica peruca os anunciou. O salão era grande como uma caverna, mas isso não impedia que fizesse calor: havia muita gente. Os convidados estavam literalmente ombro com ombro, de modo que para avançar teria que esperar que algum se movesse.

Sam sentiu que seus braços se crispavam e teve que fazer um esforço consciente por impedi-lo. Assim imaginava o inferno. O calor, o roçar dos corpos, o ruído de dezenas de vozes rindo, falando, lamentando-se.

Sentiu que uma gota de suor escorregava por suas costas. *Mademoiselle* Molyneux encontrou a uma amiga e se perdeu entre a multidão. Um homem se chocou com lady Emeline, agarrada ainda a seu braço direito, e Sam tirou o chapéu mostrando os dentes. Viu um olhar sobressaltado em um rosto corado e logo aquele homem também se perdeu de vista.

Então fechou os olhos um momento, tentando controlar a angústia que se agitava em seu peito, mas ao fechar as pálpebras sentiu que o pior de tudo alagava seus sentidos. O aroma.

OH, Deus, o cheiro de cera queimada, a mau hálito, a corpos suarentos. Cheiro de homem. Aquele vapor forte e ácido, aquele almíscar rançoso, aquela peste a suor putrefato. Empurravam-se uns aos outros a seu redor, tentando passar, tentando fugir. Alguns, o bastante velhos para ser avós; outros, muito jovens para barbear-se; e todos eles temendo por suas vidas, desejosos de

viver um dia mais.

Isso era o que cheirava: o terror da morte. Ofegou, mas os pulmões ávidos tinham sorvido todo o ar, e só aspirou o medo da batalha e o cheiro de suor e sangue.

— Senhor Hartley... Samuel...

Sua voz soava perto, e Sam sentiu uma mão fresca sobre sua face. Fazendo um esforço, abriu os olhos.

Os olhos negros de lady Emeline olhavam-no fixamente, e ele se aferrou a aquela imagem, tentando concentrar-se só nela.

— Encontra-se bem? — Perguntou ela.

Abriu a boca e articulou cuidadosamente uma só palavra, lhe dizendo a verdade porque não podia fazer outra coisa.

— Não.

Ela deixou de o olhar um momento e Sam se agarrou a seus ombros para manter o equilíbrio.

— O que lhe acontece? Sabe? — Perguntou ela a Rebecca.

— Não. Nunca o vi assim — respondeu Rebecca.

Os olhos negros de lady Emeline voltaram a cravar-se nos seus, e Sam sentiu alívio.

— Me acompanhe.

Ele assentiu com um gesto. Tragou saliva compulsivamente e pôs-se a andar atrás dela, cambaleando como um bêbado. Avançaram devagar. Sam sabia que o suor lhe corria pelas faces.

Não tirava o olho de lady Emeline: ela era seu guia de volta a realidade. Logo, repentinamente, viu umas portas e saiu dando tropeções ao ar fresco e limpo. Era um terraço com corrimão baixo. Aproximou-se de um de seus extremos e vomitou por sobre o corrimão, em cima dos arbustos.

— Está enjoado — ouviu dizer a Rebecca enquanto respirava a grandes baforadas. — Pode ser que tenha comido algo em mal estado. Deveríamos chamar um médico.

— Não. — Sua voz soou áspera e estrangulada. Clareou a garganta e procurou falar com normalidade. — Nada de médicos.

Atrás dele, Rebecca deixou escapar um gemido de angústia. Sam desejou poder dar a volta, assegurar-lhe que não acontecia nada mau.

— Senhor Hartley — murmurou lady Emeline muito perto dele. Pôs-lhe a mão sobre o ombro. Sam se encurvou. Teria se sentido humilhado que qualquer mulher o visse assim; quanto mais ela. — Você está doente.

— Por favor, faça caso a sua irmã e deixe que mandemos a procurar um médico.

Sam fechou os olhos, desejando que seu corpo deixasse de tremer, de traí-lo com medos fantasmagóricos.

— Não.

Ela afastou a mão.

— Rebecca, pode ficar com seu irmão enquanto vou procurar um pouco de vinho? Talvez isso o reanime.

— Sim, certamente — respondeu Rebecca.

E então lady Emeline começou a afastar-se. Sam ouviu um leve gemido e se deu conta vagamente de que procedia dele, mas não podia sossegá-lo, nem refrear o impulso de obrigá-la a ficar a seu lado. Voltou-se com intenção de retê-la, mas o que viu o deixou gelado.

Lorde Vale estava na porta que dava ao salão de baile.

Jasper fechou as portas atrás dele, esboçou um sorriso despreocupado e encantador e disse:

— Emmie! Santo céu, não esperava verte aqui.

A única coisa que acertou pensar Emeline foi: *Como vou liberar-me dele*? Um sentimento muito pouco amável, tratando-se de um homem ao qual conhecia de toda a vida, mas assim era.

Precisava afastar o Samuel antes de que Jasper percebesse o estado em que se achava. Sabia intuitivamente que Sam não suportaria que outro homem o visse assim.

Tudo aconteceu tão depressa no salão de baile... Sentiu o Samuel esticar-se a seu lado ao entrar na casa, mas não deu importância. Muitos homens se poriam nervosos ao achar-se em uma festa tão lotada como aquela.

Mas ele diminuíra o passo enquanto entravam no salão. Moviam-se entre a multidão, sim, mas mesmo assim ele caminhava de forma estranha.

Ela observou por fim seu rosto e viu que estava sofrendo. Ignorava se se tratava de um sofrimento físico ou moral, mas tudo nele, dos olhos fechados ao rosto pálido e suarento, passando pela repentina força com que agarrava sua mão, denotava uma intensa dor. A ideia de que um homem tão forte estivesse sofrendo a deixou quase paralisada.

Era como se houvesse sentido o eco de sua dor no fundo de seu próprio ser. Tirou-o do salão o mais rápido possível, consciente a todo momento de sua calada agonia.

E agora precisava livrar-se do Jasper.

Emeline quadrou os ombros e adotou sua expressão mais altiva: a que lhe ensinaram desde o berço por ser a filha de um conde. Mas ao final não foi necessário: Jasper nem sequer a estava olhando.

Seus olhos estavam cravados além dela, presumivelmente no Samuel.

— Hartley? Mas se não é o cabo Hartley, não é certo? — Perguntou Jasper.

— Sim. — Aquele cortante monossílabo procedia de trás dela. Emeline se voltou-se e viu que Samuel já não estava inclinado sobre o corrimão, a não ser erguido, embora seguia estando pálido e o suor fazia brilhar seu rosto.

Não se movia, como se esperasse algo. A seu lado, Rebecca vacilava, olhando a um e a outro com evidente confusão.

Jasper deu um passo adiante.

— Não o via desde... — interrompeu-se como se não se atrevesse a pronunciar aquele nome.

— Desde o *Spinner's Falls*.

—Sim. — O semblante do Jasper perdera por completo seu habitual regozijo e, sem ele, Emeline viu as rugas esculpidas junto a seu longo nariz e sua boca muito larga.

— Sabia que fomos traídos? — Perguntou Samuel suavemente.

Jasper se sobressaltou. Juntou as sobrancelhas cheias.

— O que?

— Alguém traiu o regimento. Sabe algo a respeito?

— Por que ia sabê-lo...

Samuel encolheu os ombros.

— Você estava endividado com o Clemmons.

— Como diz?

— Gravemente endividado. Todos os veteranos do regimento com os quais falei desde minha chegada a Inglaterra o recordam com clareza. Corria o risco de ver-se expulso do exército, despojado de sua fila, desonrado...

Jasper jogou a cabeça para trás como se lhe tivessem golpeado.

— Isso...

— O massacre de *Spinner's Falls* lhe salvou de ter que pagar essa dívida.

Jasper flexionou lentamente os dedos e Emeline sentiu uma comichão na nuca: o ar estava carregado de agressividade.

— O que está dando a entender exatamente, Hartley?

— Você tinha um motivo para nos trair — afirmou Samuel com calma.

— Acredita que vendi meus homens aos franceses? — Jasper falava quase com despreocupação, mas sua cara parecia petrificada.

— Talvez — disse Samuel em voz tão baixa que quase era um sussurro. Cambaleava levemente: não estava tão recuperado como queria acreditar. — Ou aos furões. O resultado é o mesmo, em todo caso.

Sabiam que estaríamos no *Spinner's Falls*. Sabiam e esperaram, e quando chegamos mataram a todos...

Jasper fechou seus grandes punhos e deu um passo para o Samuel.

Emeline sabia que devia intervir antes de que chegassem a resolver com as mãos.

— Basta, Samuel! Deixe de dizer essas coisas. — O Samuel não afastou os olhos do Jasper.

— Por quê?

— Por favor, Samuel, com exceção do Jasper.

— Por quê? — Samuel desviou por fim os olhos, olhando-os a ambos. — O que é para você este homem?

Ela mordeu o lábio.

— Um amigo. É...

Mas Jasper tomou a palavra.

— Sou seu prometido.

Capítulo 07

Todos elogiavam ao capitão da guarda por sua valentia, sua fortaleza e sua lealdade, embora muitos se perguntavam por que um homem como ele se negava obstinadamente a dizer uma só palavra. Mas o que de verdade encheu de bênção o Coração de Ferro foi salvar a vida do rei pela terceira vez. O castelo foi atacado por um dragão que cuspia fogo, e Coração de Ferro afugentou a horrível besta com grandes cutiladas de sua espada. Depois daquilo, o rei proclamou que somente havia um galardão possível para homem tão galhardo. Coração de Ferro devia custodiar seu bem mais prezado: a princesa real em pessoa...

De Coração de Ferro

— Seu prometido? — Sam se sentiu como se lhe tivessem atirado um murro no estômago.

Seus pulmões se desinflaram e o fôlego deixou seu corpo com um assobio quando voltou lentamente a cabeça para olhar os doces olhos negros de lady Emeline.

— Ainda não o anunciamos oficialmente, mas faz anos que o celebramos — murmurou ela.

Como era possível que aquela mulher estivesse comprometida com outro e ele não soubesse? Era como se de repente tivesse perdido algo que não era inteiramente consciente de desejar. O qual resultava um disparate.

Ela era uma mulher da nobreza, filha, irmã, mãe e viúva de aristocratas. Seu mundo estava tão afastado do dele que ele podia muito bem ser um menino tentando alcançar a lua no firmamento.

Era impossível. Mas não tinha tempo de seguir pensando em lady Emeline. De todos os modos, aquele não era o momento adequado.

Se o cheiro dos corpos dos homens não o tivesse enjoado, e não lhe tivesse assaltado a lembrança do massacre, jamais teria acusado ao Vale naquele lugar. Mas o fez, e já não fazia sentido arrepender-se.

— Eu não traí ao regimento — afirmou Vale. De repente adotou uma atitude tranquila e despreocupada, e, entretanto parecia preparado para atacar.

Sam se esticou.

Ao mesmo tempo, Rebecca lhe tocou o ombro.

— Vamos, Samuel. Por favor, vamos.

Sam viu que sua irmã tentava não chorar. *Deus, o que fizera*?

— Faz seis anos, quando o conheci, não parecia que você estivesse louco — disse Vale tranquilamente. — O que lhe faz pensar que fomos traídos?

Sam lhe olhou com fixidez. Vale tinha uma dessas caras nas quais alguém confiava de maneira instintiva: um semblante franco e simpático, adornado quase sempre por um sorriso. Mas Sam conheceu a vários homens que sorriam ao matar.

— Você estava endividado com o tenente Clemmons. Todo mundo sabia.

— E?

— Que Clemmons morreu no massacre, e a dívida ficou anulada.

Vale soltou uma gargalhada carregada de incredulidade.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Acredita que fiz matar a duzentos e quarenta e seis homens unicamente para não ter que saldar minha dívida com o Clemmons? Está louco.

Talvez o estivesse. Rebecca chorava atrás dele, e lady Emeline o observava com desconfiança, como se temesse que de repente subisse pelas paredes. Vale o observava sem nenhum temor.

Sam se lembrou do visconde aquele dia, sentado escarranchado sobre seus arreios, tentando alcançar ao coronel Darby em meio do amontoado de combatentes. Um disparo matou a seu cavalo, e o viu saltar quando o animal desabava sob seu corpo. Viu-o ficar em pé e abrir a boca em um grito de guerra que Sam não ouviu, brandir sua espada grosseiramente e ver, desesperado, como Darby era arrojado de seus arreios e passado a faca. Logo, Vale seguira lutando, apesar de que a batalha estava claramente totalmente perdida.

Assim devia desculpar-se com ele e recuar. Aquele homem não podia ser um traidor. Mas algo dentro dele sussurrava: *Um homem valente não tem por que ser um homem sincero*.

MacDonald também mostrou sua valentia como soldado antes de ser detido. No mais fundo de suas vísceras, Sam precisava averiguar a verdade sobre o acontecido no *Spinner's Falls.*

Lady Emeline se sacudiu como se saísse de um transe e se aproximou das portas com passo decidido, as costas retas como um militar. Um lacaio que havia ali contemplava atônito o espetáculo.

Lady Emeline lhe assinalou.

— Você. Traga um pouco de vinho e uns biscoitos, por favor. Obrigada. — Logo fechou firmemente as portas em sua cara.

— Isso é quão único tem? — Perguntou Vale. — Minhas dívidas de jogo lhe induziram a pensar que traí a nosso regimento e que me fiz capturar pelos índios? Que permiti que matassem ao Reynaud?

Lady Emeline deu um pulo. Vale não pareceu notá-lo. Sam não queria falar daquilo diante dela, mas agora era inevitável.

— Havia uma carta que detalhava o itinerário que devíamos seguir até o *Fort Edward*. Incluía um mapa com desenhos que os índios podiam decifrar.

Vale se apoiou no corrimão.

— Como sabe sobre essa carta?

— Eu a tinha.

Rebecca, que deixou de chorar, disse aturdida:

— Por isso queria que viesse a este baile, verdade? Não era por mim. Queria te encontrar com lorde Vale.

Maldição. Sam olhou a sua irmã pequena.

— Eu...

— Por que não me disse isso? — perguntou ela.

— Nem a mim — disse lady Emeline. Falava com calma, mas Sam compreendeu que não devia deduzir disso que não estava zangada. — Reynaud morreu nessa batalha. Não pensou que tinha direito de sabê-lo?

Sam franziu o cenho. Doía-lhe a cabeça, sentia o gosto de ácido na boca e não queria enfrentar às mulheres que formavam parte de sua vida. Aquilo era um assunto de homens, embora não fosse tão néscio para dizê-lo em voz alta.

Mas, ao que parece, Vale não tinha tais escrúpulos.

— Emmie, isto só servirá para reabrir velhas feridas. Por que não vão você e a senhorita...? — Vacilou e olhou a Rebecca.

— É a senhorita Hartley — disse lady Emeline com tranquilidade. — A irmã do senhor Hartley.

— Senhorita Hartley. — Vale inclinou a cabeça, cortês e educado embora o estivessem acusando de traidor. — Por que não entram e desfrutam do baile?

Sam esteve a ponto de gemer. Acaso Vale não sabia nada de mulheres?

Lady Emeline esboçou um sorriso forçado, apertando os lábios em uma fina linha.

— Acredito que vou ficar aqui.

Vale voltou a abrir a boca, o muito néscio.

— Eu também — acrescentou Rebecca antes que ele pudesse dizer algo.

Todos se voltaram para ela. Rebecca ficou corada, mas levantou o queixo com ar desafiante. Lady Emeline clareou a garganta.

— Sentar-nos-emos aqui. — Aproximou-se de um banco de mármore colocado junto ao corrimão. Rebecca a seguiu. Sentaram-se, cruzaram os braços e adotaram uma expressão quase idêntica de espera.

Se fosse outras as circunstâncias, teria tido graça. Maldição. Sam levantou uma sobrancelha olhando a Vale.

O visconde encolheu os ombros, impotente. Só Deus sabia de onde tirou aquele homem sua fama de crápula.

O lacaio voltou com uma taça de vinho em uma bandeja. Samuel a agarrou e bebeu. Cuspiu o primeiro gole por cima do corrimão, sobre os arbustos, e entornou logo o resto. Começava a sentir-se um pouco melhor.

Vale pigarreou depois de que o lacaio partisse.

— Sim, bom. De onde saiu essa carta da qual fala? Como sabemos que não era falsa?

— Não o era — respondeu Sam. Sentiu, mais que vê-lo, que lady Emeline franzia os lábios. Como se atrevia a ficar ali sentada e julgá-lo? — Recebi-a de um índio Delaware, meio inglês por parte de mãe. Somos amigos, conheço-o há muitos anos.

— Esse estranho homenzinho que foi te visitar no escritório a primavera passada! — Exclamou Rebecca. — Agora me lembro. Estava em seu escritório quando fui te levar o almoço. Sam assentiu com a cabeça.

Seus escritórios estavam perto do porto de Boston, um lugar que sua irmã não estava acostumada a visitar. Mas esse dia ele se esqueceu da cesta que a cozinheira lhe preparava com o almoço, e Rebecca foi levar-lhe.

— Depois esteve tão distraído... — Murmurou ela. Olhava-o como se o visse pela primeira vez. Como se fosse um desconhecido. — E zangado. Esteve de mau humor durante dias. Agora

entendo por que.

Sam enrugou o cenho, mas nesse momento não podia amainar a angústia de sua irmã. Olhou ao Vale.

— Coshocton, o índio, obteve a carta de um comerciante francês que esteve vivendo entre os furões. Foram os furões quem nos atacou.

— Isso já sei — replicou Vale. — Mas sabe se foi alguém de nosso grupo quem escreveu essa ditosa carta? Pode ser um francês o...

Sam sacudiu a cabeça. — Estava escrita em inglês. E mais, quem a escreveu sabia demasiado. Você deve se recordar que nossa marcha para o *Fort Edward* era secreta.

Só os oficiais e uns poucos exploradores sabiam que iríamos a pé, em vez de atravessar em canoas o lago Champlain.

Vale o olhou com fixidez.

— Lembro que a travessia do lago era o itinerário mais frequente.

Sam assentiu com um gesto.

— Qualquer um que soubesse aonde nos dirigíamos, teria pensado que iríamos em barcos, não por terra.

Vale franziu os lábios e logo pareceu tomar uma decisão.

— Verá, Hartley. Minhas dívidas eram muito elevadas, não o nego, mas podia pagá-las.

Sam entreabriu os olhos.

— Seriamente?

— Sim. E, de fato, paguei-as. — Sam o olhou com estranheza.

—O que?

— Paguei em segredo minha dívida aos herdeiros de Clemmons. — Vale afastou o olhar, como se aquilo o envergonhasse. Falava com voz áspera. — Era o mínimo que podia fazer, não acredita? — Dadas as circunstâncias. Duvido que os homens com os quais falou saibam, mas pode entrar em contato com meus advogados, se o desejar. Tenho documentos que o demonstram.

Sam fechou os olhos. Doía-lhe a cabeça e se sentia como um idiota.

— Quem mais tinha motivos para trair o regimento, além do Jasper? — Perguntou lady Emeline com calma. — Porque conheço o Jasper desde sempre e não posso acreditar que fosse capaz de fazer algo que acabasse com a vida do Reynaud.

O visconde Vale sorriu.

— Obrigado, Emeline, embora percebo que não me absolve da culpa de traição.

Ela se limitou a encolher os ombros.

— Mas Emeline tem razão. — Vale ficou sério. — Eu não traí ao regimento, Hartley.

Sam olhou fixamente ao aristocrata. Não queria acreditar nele; viajara a Inglaterra porque procurava respostas. Confiava em que Vale fosse a chave. Em resolver de uma vez por todas o acontecido no *Spinner's Falls*.

Mas os motivos que podia ter aquele homem para trair ao regimento pareciam ter evaporado. Além disso, de repente soube instintivamente que ele não era o traidor.

E, embora suas vísceras não lhe dissessem que Vale era inocente, estava lady Emeline. Ela

confiava nele, maldita seja.

Lady Emeline ficou em pé e sacudiu as saias.

— Acredito que isso significa que o traidor é outro, não lhes parece?

— Deveria retornar à festa — disse Emeline ao Jasper. — Rebecca e eu queremos voltar para casa.

Não incluiu o Samuel em suas palavras, mas era ele quem mais a preocupava. Samuel já não cambaleava, mas seguia tendo o rosto pálido e suarento.

Emeline, entretanto, procurou não olhá-lo ao dirigir-se ao Jasper. Sabia que Samuel não acolheria de bom grau que se mostrasse preocupada com ele diante de outro homem.

— Não acredito que convenha voltar a cruzar o salão de baile. Rebecca já teve suficientes emoções por esta noite. Vou mandar recado a *tante* Cristelle para que se reúna conosco diante da casa. Iremos rodeando os estábulos.

— *Non.*

Emeline se voltou, sobressaltada, ao ouvir aquele monossílabo. Obviamente, estava mais nervosa do que acreditava.

Sua tia saiu de entre as sombras que rodeavam a porta.

— Dentro se murmura que dois cavalheiros estão brigando. — Olhou-os carrancuda a ambos, embora só Jasper pareceu envergonhado. — Então ficarei para travar os rumores. Direi a um lacaio que mande a carruagem aos estábulos.

— Mas como vais voltar para casa? — Perguntou Emeline. Sua tia encolheu os ombros expressivamente.

— Tenho muitos amigos, não? Não será tão difícil encontrar uma carruagem. — Lançou um olhar a Rebecca, que começava a parecer murchar. — Anda, vai a casa a arrumar as coisas, *ma petite.*

Emeline sorriu agradecida e cansada à idosa senhora.

— Obrigada, *tante*.

Tante Cristelle soltou um bufido.

—É você quem fica com a pior parte, acredito, lutando com estes dois touros. — Inclinou a cabeça e voltou para o salão de baile.

Emeline quadrou os ombros e se voltou para seus "touros".

— Acompanho-te à carruagem. — Jasper lhe ofereceu o braço e, ao aceitá-lo, Emeline se repreendeu para si mesma por sentir-se doída porque Samuel não tivesse feito o mesmo.

Guardou silêncio enquanto Jasper a conduzia pelo jardim dos Westerton no caminho dos estábulos, sem perder de vista nem um instante que Samuel a seguia com sua irmã. Quando chegaram à luz, a um lado da rua, levantou o olhar para o Jasper.

— Obrigada. E procura não ficar até muito tarde.

— Sim, senhora. — Jasper lhe sorriu. —Estarei bem aconchegado na cama antes de meia-noite. Não queria me converter em abóbora.

Emeline enrugou o nariz, exasperada por sua despreocupada resposta. Mas só conseguiu que seu sorriso se fizesse mais largo. A carruagem dobrou a esquina estralando.

Então disse apressadamente:

— Eu gostaria que Hartley e você viessem amanhã a casa a tomar o chá, para que possamos seguir falando de tudo isto. — Não era um convite muito galante; nem sequer olhou ao Samuel e a Rebecca, apesar de que deviam estar escutando-a.

Jasper a olhou levantando uma sobrancelha. Às vezes fazia graças, mas isso não significava que aceitasse ordens dela. Emeline conteve o fôlego um instante.

Logo, ele voltou a sorrir.

— É óbvio. Que durma bem, carinho. — Inclinou-se e a beijou suavemente na têmpora. Jasper a beijara assim dúzias, talvez centenas de vezes, desde que se conheciam. Mas esta vez Emeline era consciente de que Samuel estava atrás dela, na escuridão, observando-os. Sentiu-se estranhamente sobressaltada, o qual era absurdo. Não devia nada ao indiano; menos que nada, em realidade, tendo em conta que sua meta foi Jasper desde o começo.

— Boa noite, Jasper.

Ele assentiu com a cabeça e se voltou para o Samuel.

— Amanhã, então?

Samuel não sorriu, mas inclinou a cabeça.

— Amanhã.

Jasper fez uma saudação militar carregada de ironia e se afastou rua abaixo. Apesar de que o aconselhou voltar para o baile, tinha outros planos, pelo visto. Mas isso não era assunto de Emeline. Encolheu os ombros e ao dar a volta encontrou o Samuel atrás dela, muito mais perto do que esperava.

Franziu os lábios.

— Vamos?

— Como deseja. — Ele se afastou e assinalou os degraus da carruagem que esperava.

Emeline se viu obrigada a lhe roçar ao passar para subir a carruagem. Que era o que ele pretendia, sem dúvida. Os homens podiam ser tão transparentes quando queriam mostrar-se dominantes...

Ao subir o primeiro degrau, sentiu que ele a agarrava pelo cotovelo. Estava justo atrás dela, quase impudicamente perto. Então lhe lançou um olhar e ele esticou a boca.

Diabo de homem.

Emeline se acomodou no assento e o viu tocar no teto da carruagem e sentar-se junto a sua irmã. Olhou pensativamente as descoloridas nódoas de seu queixo.

— Teve uma briga recentemente.

Ele se limitou a levantar as sobrancelhas.

Emeline assinalou com o queixo.

— Essas marcas de seu queixo. Alguém o golpeou.

— Samuel... — Rebecca também olhava fixamente a seu irmão.

— Não é nada — disse ele.

— Há muitas coisas que não me conta, verdade? — Murmurou Rebecca. — Quase tudo, em realidade.

Ele juntou as sobrancelhas.

— Becca...

— Não. — Voltou o rosto para a janela. — Esta noite estou muito cansada para discutir.

— Sinto-o — disse ele.

Rebecca exalou um grande suspiro, como se o peso do mundo pairasse sobre seus ombros.

— Nem sequer pude dançar.

Samuel olhou a Emeline como se procurasse ajuda, mas ela sentia tão pouca compaixão por ele como sua irmã. Olhava fixamente pela janela escura, observando seu próprio reflexo. Fixou-se em que as pequenas rugas que contornavam sua boca a faziam parecer especialmente velha essa noite.

Fizeram o resto da viagem a casa em silêncio, a carruagem sacudindo-se e dando tombos enquanto cruzava as ruas às escuras de Londres. Quando se detiveram diante de sua casa, Emeline se sentia rígida e dolorida; teria gostado de não voltar a assistir a outro baile em toda sua vida. A porta da carruagem se abriu e o lacaio baixou os degraus metálicos. Samuel apeou e ajudou a sua irmã a descer.

Rebecca não esperou: subiu imediatamente a escada da casa de seu irmão e desapareceu dentro. Samuel ficou olhando-a, carrancudo, mas não fez ameaça de segui-la. Estendeu a mão a Emeline.

Ela respirou fundo e pôs cuidadosamente as pontas dos dedos sobre sua mão. Apesar de sua precaução, Samuel a atraiu para si ao descer.

— Me convide a entrar — murmurou quando ela passava a seu lado. Que cara mais dura! Emeline pisou nos paralelepípedos de diante de sua casa e tentou afastar a mão. Mas ele não o permitiu.

Ela levantou a cabeça e olhou nos olhos. Samuel os tinha ligeiramente entreabertos, a boca estirada em uma resolvida linha horizontal.

— Senhor Hartley — disse ela com frieza. — Faria o favor de entrar um momento? Tenho um quadro no salão sobre o qual eu gostaria que me desse sua opinião.

Ele assentiu com a cabeça e lhe soltou a mão. Mas a seguiu de perto quando Emeline subiu a escada de sua casa, como se temesse algum estratagema.

Já dentro, Emeline entregou seu manto a Crabs.

— Prepare a salinha de estar, por favor.

Crabs estava com ela desde antes de suas bodas, e em todos aqueles anos Emeline não vira ainda uma expressão de surpresa. Essa noite não foi diferente.

— Senhora. — O mordomo estalou os dedos e dois lacaios correram a acender as velas e a preparar o fogo.

Emeline foi atrás deles. Cruzou a sala às escuras sem deter-se e ficou junto à janela, fingindo olhar fora, embora naturalmente só via seu próprio reflexo fantasmal.

Passado um momento, a agitação atrás dela terminou e ouviu fechar a porta. Voltou-se então.

Samuel estava se aproximando dela; sua cara parecia séria à luz das velas.

— Por que Vale?

— O que?

Ele seguiu se aproximando com passo Estranhamente silencioso, amortecido pelo tapete da sala.

— Vale. por que vai se casar com ele?

Ela agarrou o tecido de sua saia com a mão direita e levantou o queixo.

— Por que não? Conheço-o desde menina.

Samuel se deteve por fim diante dela, muito, muito perto (maldito fosse), e Emeline teve que estirar o pescoço para olhá-lo nos olhos.

Aos olhos irados.

— Ama-o?

— Como se atreve!

As narinas do Samuel se inflaram, mas essa foi sua única reação.

— Ama-o?

Emeline tragou saliva.

— Claro que o amo. Jasper é como um irmão para mim...

Ele soltou uma desagradável gargalhada.

— E faria amor com seu irmão?

Emeline deu-lhe uma bofetada. O golpe ressonou na sala, e ela sentiu sua ardência na mão. afastou-se, assombrada por sua própria violência, mas antes de que pudesse dizer (ou pensar) algo mais, Samuel se apoderou dela.

Apertou-a contra si e baixou a cabeça até que Emeline sentiu o roce de seu fôlego na face.

— Beija-te como um irmão. Como se significasse tão pouco para ele como a criada que lhe leva o chá pelas manhãs. Seriamente é assim como quer que seja seu matrimônio?

— Sim. — Olhou-o com raiva, naquela distância tão curta e íntima. Não tinha onde posar as mãos, salvo nos ombros do Samuel, e se aferrava a ele como se estivessem abraçados. Como se fossem amantes.

— Sim, isso é o que quero. Um homem civilizado. Um inglês que conheça as regras deste mundo, um aristocrata que me ajude com meu filho e minhas terras. Jasper e eu encaixamos perfeitamente.

Parecemo-nos como duas gotas de água.

Viu dor em seus olhos. Era muito sutil; poucas pessoas, talvez nenhuma, teriam se dado conta, mas Emeline o viu e o entendeu. Estava lhe causando dor.

Assim afundou ainda mais a faca.

— Casar-nos-emos logo e seremos muito, muito felizes...

— Maldita seja — grunhiu ele, e então a beijou.

Sua boca desceu sobre a dela com violência, esmagando os lábios contra seus dentes até que Emeline sentiu o sabor do sangue. Tentou afastar-se, mas ele a agarrou com mais força e a levantou do chão para que não tivesse onde apoiar-se. Emeline arqueou a cabeça e ele a seguiu, pondo-se a andar com ela até que suas costas tocaram a parede. E então Emeline não teve

verdadeiramente aonde ir.

Deveria ter-se dado por vencida nesse momento (sabia que não lhe faria mal), mas algo em seu foro interno se negava a admitir sua derrota. Abriu a boca e, ao ver que ele vacilava uma fração de segundo, aproveitou a oportunidade.

Mordeu-lhe.

Samuel retrocedeu bruscamente e lhe sorriu, seu belo lábio inferior ensanguentado.

— Gata.

O teria esbofeteado (de novo), se ele não tivesse segurado seus braços.

E então foi muito tarde. Samuel voltou a inclinar a cabeça para ela. Esta vez, beijou-a suave e levemente, roçando seus lábios com delicadeza. Incitando-a, como se tivesse todo o tempo do mundo.

Emeline jogou o rosto para diante procurando aprofundar o contato, mas ele se afastou. Talvez temia que voltasse a lhe morder. Ou possivelmente estava simplesmente jogando com ela.

Emeline já não podia pensar, e de todos os modos pouco importava. Samuel retornou, posando-se como uma mariposa noturna sobre seus lábios.

Doce e suavemente, como se ela fosse feita de cristal fino, como se fosse uma criatura frágil e delicada, e não a gata que acabava de acusá-la de ser.

Ao final, ela não pôde resistir. Abriu os lábios com o acanhamento de uma virgem, como se nunca antes a tivessem beijado. E talvez fosse certo: ninguém, ao menos, a beijou assim.

A ponta da língua do Samuel penetrou em sua boca e voltou a sair, e a língua de Emeline a seguiu. Perseguiu-a até a boca do Samuel, e ele a chupou suavemente, mordendo-a com extrema delicadeza.

Ele apoiava todo seu peso contra ela, sujeitando-a firmemente contra a parede. E Emeline desejou agitada que não houvesse tantas camadas de roupa entre os dois. Poder sentir a dureza de seu corpo.

Poder sentir a ele. Gemeu, um som leve e sibilante, completamente impróprio dela, e Samuel ficou quieto.

Depositou-a com cuidado no chão e afastou a boca, as mãos, o corpo inteiro dela. Emeline o olhava fixamente, muda de assombro.

Ele fez uma reverência.

— Boa noite. — E saiu da sala.

As pernas de Emeline tremiam; ficou um momento apoiada contra a parede da salinha de estar, sem tentar sequer aproximar-se do sofá por medo de que lhe falhassem as pernas.

Enquanto estava ali apoiada, lambeu os lábios e notou o sabor do sangue.

Mas não sabia se era seu ou dele.

Um homem civilizado. Sam passou roçando ao lacaio boquiaberto e saiu da casa de Emeline. *Um homem civilizado*.

Desceu os degraus correndo e seguiu correndo; encontrava consolo na flexão e o calor de seus músculos, que tão familiares lhe resultavam. *Um homem civilizado*.

De todos os qualificativos que podia usar para descrevê-lo, "não civilizado" era o menos provável. Dobrou uma esquina e teve que esquivar a um grupo de rufiões bêbados. Os homens se dispersaram, surpreendidos ao vê-lo aparecer. Quando começaram a lhe lançar insultos, Sam já estava a metros de distância. Seguiu rua abaixo e, cedendo a um impulso, meteu-se por um beco escuro.

Seus pés golpeavam ritmicamente os paralelepípedos; cada pegada sacudia em silêncio seu corpo. Com cada passo, este se soltava, engordurava-se mais e mais, até que começou a correr quase sem dar-se conta, quase sem esforço. O impulso cresceu até voar. Podia correr assim durante milhas, durante horas, dias inteiros, se fosse necessário.

Era absurdo desejar a uma mulher que não o queria. Em Boston era uma figura muito respeitada, um dos líderes do grêmio dos comerciantes, graças ao negócio de seu tio e à riqueza que acumulou desde que o herdou. Só no ano anterior se dirigiram a ele dois pais ávidos para lhe fazer saber que os agradaria tê-lo por genro. As senhoritas em questão eram bastante agradáveis, mas não havia faísca.

Nada que as fizesse se destacar sobre as demais. Começou a pensar que punha a barra muito alta. Que um homem de sua posição devia contentar-se com uma senhorita de boa família e cara bonita; que isso era o mais conveniente para que um matrimônio fosse satisfatório.

Soltou uma maldição e apertou o passo, saltando por cima de um montão de desperdícios. E agora sentia um desejo estúpido e absolutamente incontrolável por uma mulher a que simplesmente não podia ter.

Uma mulher que procurava um homem civilizado. Por que ela? Por que aquela afetada aristocrata que nem sequer lhe tinha simpatia?

Deteve-se e apoiou as mãos sobre os rins para estirar as costas. Era uma brincadeira do destino, devia sê-lo, que tudo tivesse saído de repente à luz essa noite. Seus pesadelos sobre o massacre, materializados no salão de baile. Seu enfrentamento com Vale. A horrível revelação de que ela estava comprometida com aquele pedante de alto topete. Jogou a cabeça para trás e riu da noite, do céu negro e do mundo que tremia a seu redor, a ponto de cair. Um gato se assustou e escapou entre as sombras, miando de chateio.

E então Sam começou de novo a correr.

Emeline tocou com um dedo as capas de pano grosso verde do livro. Um fino polvilho de mofo caiu sobre a mesa. Por fim encontrou o livro de contos que Reynaud e ela folheavam quando meninos durante horas. Passou a manhã revistando exaustivamente o sótão, entre pó e espirros, e depois teve que tomar um banho quente. Mas encontrou o livro. Agora contemplava seu achado, que repousava sobre uma mesa de sua sala de estar.

O que não esperava era que estivesse em tão mal estado. Em sua lembrança, o livro estava novo e impecável, e os compridos e finos dedos do Reynaud passavam habilmente as páginas. Em realidade, os vermes e as traças se envolveram visivelmente com ele. A encadernação estava curvada, as páginas amareladas e separadas. Algumas se viam manchadas de mofo e umidade. Emeline enrugou o cenho enquanto riscava com os dedos o relevo de um canto da capa.

Representava uma lança ou um cajado apoiado na desvencilhada mochila de um soldado, como se seu dono, ao chegar da guerra, tivesse deixado suas coisas junto à porta de casa.

Emeline suspirou e, ao abrir a capa, descobriu outra ingrata surpresa: o livro estava em alemão, e ela o esquecera por completo.

Mal aprendera a ler quando Reynaud e ela olhavam o livro, e passava quase todo o tempo olhando as ilustrações.

Acreditava, ao menos, que estava em alemão. O título aparecia no frontispício, em letras muito adornadas, quase ilegíveis, e sob ele havia uma tosca gravura. Mostrava a quatro soldados com altos chapéus e botas, partindo cotovelo com cotovelo. Sua aia era uma emigrada prussiana; cruzara o canal sendo muito menina. O livro devia ter sido seu em princípio. Contava-lhes os contos de cor, ou os traduzia ao inglês enquanto passava as páginas...

Chegaram vozes do corredor, além da porta da salinha de estar, e Emeline se ergueu e se afastou uns passos da mesa. Por alguma razão não queria compartilhar ainda seu achado com seus convidados.

A porta se abriu e apareceu Crabs.

— Lorde Vale e o senhor Hartley estão aqui, milady. — Emeline assentiu com a cabeça.

— Faça-os entrar.

Procurou dissimular sua surpresa. Os convidou a tomar o chá essa manhã, mas não lhe ocorreu que, depois de sua briga da véspera, pudessem chegar juntos. E entretanto ali estavam.

Jasper foi o primeiro a entrar, com um chamativo casaco escarlate debruado de dourado e um colete azul cobalto combinando com a cor de seus olhos, recolheu o cabelo, de tom mogno escuro, em uma peruca empoada que sem dúvida esteve impecável essa manhã, quando se despediu de seu ajudante de câmara. Agora, em troca, algumas mechas frisadas se amotinavam em torno de suas têmporas.

Emeline conhecia umas quantas moças que de boa vontade teriam matado a seu ser mais querido por ter um cabelo como o do Jasper.

— Carinho. — Jasper avançou e lhe deu um beijo despreocupado perto da orelha esquerda. Emeline olhou por cima de seu ombro e se encontrou com o enigmático olhar do Samuel.

O indiano se vestiu de marrom e, embora mais bonito que Jasper, junto a ele parecia um corvo à sombra de um pavão. O visconde retrocedeu e se deixou cair em uma de suas poltronas de cor laranja entardecer.

— Hartley e eu estamos com o chapéu na mão, como dois mendigos ante uma rainha. O que vais fazer conosco? Pretende pactuar uma trégua?

— Pode ser. — Emeline lhe sorriu rapidamente e logo se voltou para o Samuel, armando-se de coragem. — Sua irmã vai se reunir conosco?

— Não. — Samuel apoiou seus longos dedos sobre o respaldo de uma cadeira. — Lhe envia suas desculpas. Tem enxaqueca.

— Lamento sabê-lo. — Emeline assinalou uma cadeira. — Por favor, teria a amabilidade de sentar-se, senhor Hartley?

Ele inclinou a cabeça e se sentou. Usava o cabelo preso ao estilo militar, sem uma só mecha

fora de seu lugar.

Ao vê-lo, sentiu o perverso desejo de revolver-lhe, de deixar que sua cabeleira lhe caísse sobre os ombros e passar os dedos por ela até puxar-lhe o couro cabeludo.

As criadas entraram com o chá nesse momento e Emeline se alegrou de ter a oportunidade de se acalmar. Sentou-se e ficou inspecionando a disposição da louça, com os olhos baixos, afastados da parede e dele.

A noite anterior Samuel a beijou naquela mesma sala. A encostou contra a parede do lado da janela, e esboçou a forma de seus lábios com a língua, e lhe mordeu. Provou seu sangue.

Tremeu-lhe a mão e sua colherinha emitiu um tinido. Ao levantar a vista encontrou com o turvo olhar do Samuel. Seu rosto parecia lavrado em pedra.

Ela clareou a garganta e afastou o olhar.

— Chá, Jasper?

— Sim, por favor — respondeu ele alegremente.

Não percebia em modo algum a energia subjacente que corria entre o Samuel e ela? Ou acaso era consciente dela e preferia ignorá-la? Afinal de contas, o seu era um acordo muito civilizado.

Ela não esperava que ele vivesse como um monge antes de casar-se (nem depois, em realidade), e possivelmente ele fosse igualmente tolerante.

Emeline lhe entregou a xícara de chá e perguntou sem levantar o olhar:

— E você, senhor Hartley?

Houve um silêncio. Jasper revolveu com estrépito o açúcar de seu chá (era terrivelmente guloso) e bebeu um gole.

— Chá, senhor Hartley?

Emeline seguiu olhando seus dedos, crispados em torno da asa do bule, até que não pôde suportar mais. Jasper sem dúvida notava que acontecia algo estranho. Ela levantou o olhar.

Samuel seguia observando-a.

— Sim. Eu gostaria de tomar um pouco de chá. — Mas não era isso o que dizia sua voz profunda.

Ela estremeceu: sentiu que um tremor percorria seu corpo e compreendeu que estava penosamente acalorada. O bule golpeou a xícara com um tinido quando serviu o chá. Que homem tão abominável! Acaso pretendia humilhá-la?

Enquanto isso, Jasper apoiara seu pires sobre o joelho em precário equilíbrio. Parecia ter se esquecido do chá após beber um par de goles e a xícara parecia esperar unicamente um movimento repentino para estelar se contra o chão.

— Sam me falou de um tal Dick Thornton, Emmie — disse. — Eu não me lembro de nenhum Thornton. Mas no princípio havia mais de quatrocentos homens no regimento, claro, e ninguém conhecia a todos por seu nome. De vista sim, à maioria, mas não de nome.

Samuel pusera sua xícara em uma mesinha, junto a sua cadeira. — Depois de Quebec ficaram menos. — Emeline clareou a garganta.

— O senhor Thornton era um soldado raso? Não o teria adivinhado ao vê-lo o outro dia.

Falava com muita correção.

— Thornton era soldado raso na guerra, quando o conheci — disse Samuel. — Era muito amigo de outro soldado, um tal MacDonald...

— Os gêmeos ruivos! — Exclamou Jasper. — Sempre juntos, sempre tramando alguma travessura.

Samuel assentiu com a cabeça.

— Isso.

Emeline olhou a um e a outro. Pareciam ter chegado a uma espécie de acordo entre cavalheiros sem sua ajuda.

— Você também conhecia esse tal MacDonald?

Jasper se inclinou para diante e esteve a ponto de derrubar a xícara de chá.

— Caramba, agora me lembro. Foi um assunto muito feio, esse. Não acusaram ao MacDonald e a seu amigo Brown de assassinato...? Hum. — Interrompeu-se tossindo e lançou a Emeline um olhar envergonhado.

Ela levantou as sobrancelhas. Pelo olhar que trocaram os cavalheiros, aquele feio assunto era o bastante truculento para que o julgassem pouco apto para seus ouvidos. Suspirou, exasperada. Os homens eram tão parvos às vezes...

— MacDonald sobreviveu ao massacre? — Perguntou Jasper. Samuel sacudiu a cabeça.

— Não. Thornton me disse que o viu cair, e Brown também deve ter morrido no ataque. Teríamos ouvido falar de seu conselho de guerra, se tivesse sobrevivido.

— Mas não estamos seguros de que Brown morreu.

— Não.

— Deveríamos perguntar ao Thornton, a ver se sabe — disse Jasper, pensativo.

Samuel levantou as sobrancelhas.

— Deveríamos?

Jasper parecia um menino sobressaltado; Emeline conhecia aquela expressão desde sua infância. Ele a usava frequentemente para sair-se com a suas sem muitas discussões.

— Pensei que podia lhe ajudar em suas investigações, posto que não sou o traidor.

— Alegra-me que se outorgou a absolvição — disse Samuel, um tanto enrijecido — mas eu não sou tão otimista...

— OH, vamos, Samuel! — Explodiu Emeline. — Você sabe que Jasper não é o traidor. Reconhece-o. — Olhou-o com aborrecimento, e só quando era já muito tarde percebeu de que o havia tuteado.

Samuel lhe fez uma linda e exagerada reverência.

— Como deseja, minha senhora. — Voltou-se para o Jasper. — Admito sua inocência, embora só seja para aplacar a sua prometida.

— É muito amável, sem dúvida. — Jasper sorriu mostrando os dentes.

Samuel também mostrou os seus. Emeline se ergueu com decisão.

— Então está decidido. Investigarão o massacre e o que aconteceu depois. Juntos.

Jasper olhou ao Samuel levantando as sobrancelhas.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Samuel assentiu severamente.

— Juntos.

Capítulo 08

Dia após dia, noite após noite, Coração de Ferro custodiou à princesa Solace. Permanecia em pé atrás dela enquanto comia. Seguia-a quando passeava pelos jardins reais.

Cavalgava ao seu lado quando saía a caçar com seus falcões. E a escutava com rosto grave quando lhe contava seus pensamentos, suas emoções, e os segredos mais profundos que escondia seu coração.

É estranho, mas certo: uma mulher pode chegar a amar a um homem embora ele não diga uma só palavra...

De Coração de Ferro

Rebecca abriu a porta de seu quarto uma fresta e surgiu fora. O corredor parecia deserto. Saiu nas pontas dos pés, sem fazer ruído, e fechou a porta a suas costas. Supunha-se que estava jogada na cama, afligida por uma dor de cabeça. Evans já havia levado um pano perfumado e ordenara que deixasse meia hora sobre a fronte. Mas como a dor de cabeça não era mais que uma desculpa, não se sentiu culpada por desobedecê-la. Sentia, não obstante, um medo insidioso por sua donzela. Por isso o sigilo com que se movia.

Desceu as escadas às escondidas e se encaminhou para a parte de trás da casa, à porta que dava ao jardim. A noite anterior, quando deu a Samuel aquele ataque no salão de baile, assustou-se muitíssimo.

Seu irmão mais velho sempre parecia tão firme, tão forte e dominante... vê-lo pálido e tremente de repente a aterrorizou. Samuel era a rocha em que se apoiava. Se ele lhe faltasse, quem seria sua âncora?

Chegavam vozes de cima e Rebecca se deteve. As vozes se mesclavam: eram duas criadas discutindo sobre a limpeza das lareiras. Rebecca relaxou. O corredor de trás estava na penumbra, mas a porta ficava justo adiante. Era absurdo, depois do medo que sentiu por seu irmão no salão de baile, que se sentisse traída ao confessar a ele seu verdadeiro motivo para viajar a Inglaterra.

Fora ela quem lhe suplicara que permitisse acompanhá-lo. Sentiu-se tão contente (tão agradecida) quando ele acessou... Agora, seu desencanto era proporcional a sua primeira felicidade.

Empurrou a porta que conduzia ao jardim de trás e saiu ao sol. Talvez porque os autênticos proprietários alugavam a casa, o jardim tinha certo ar sombrio de abandono. Não havia flores, ao menos que se vissem.

Em troca, sim umas poucas trilhas de cascalho contornadas de sebes que lhe chegavam ao

ombro. Aqui e lá crescia alguma árvore ornamental, e às vezes as sebes se abriam para deixar a descoberto uma pracinha ou uma rotunda com pequenos caminhos de pedra e de arbustos recortados formando intrincadas figuras.

Ao longo das trilhas, a intervalos frequentes, havia bancos colocados ali se por acaso o passeante se cansasse do monótono cenário.

Rebecca pôs-se a andar por uma das trilhas, deixando que sua mão roçasse indolentemente os desalinhados arbustos ao passar. Sabia que seus sentimentos para o Samuel a afligiam. Sentia-se como se sempre estivesse reclamando sua atenção, como uma menina pequena e não como uma mulher adulta. Não entendia por que se sentia assim. Possivelmente...

— Boa tarde.

Rebecca se sobressaltou ao ouvir aquela voz e se virou bruscamente. A sua direita, a sebe se abria para revelar outra daquelas pequenas clareiras de forma quadrangular. Um homem acabava de se levantar do banco que havia dentro da pracinha. Era ruivo, e por um momento não soube identificá-lo. Ele se adiantou e ela se lembrou de que era o companheiro do regimento de seu irmão que se encontraram na rua.

Não recordava seu nome.

— Ah! Não o tinha visto.

Ele sorriu, deixando a descoberto uma formosa dentadura branca.

— Sinto muito, não queria assustá-la.

— Não tem importância — fez-se um silêncio e ela passeou o olhar pelo jardim deserto. — Né... por que...?

— Estará se perguntando o que estou fazendo em seu formoso jardim?

Ela assentiu, agradecida.

— Bom, a verdade é que vim visitar seu irmão — disse ele com um sorriso irônico e cúmplice. — Mas não está em casa, assim vim aqui esperar que retorne. Confiava em que pudéssemos conversar um momento, seu irmão e eu. Já não vejo muitos antigos companheiros do regimento. A maioria morreram no massacre, sabe? e os que restaram foram repartidos entre outros regimentos imediatamente depois.

— *Spinner's Falls* — murmurou ela.

O nome da batalha havia ficado gravado em sua memória. Samuel nunca o mencionou. Rebecca não fazia nem a menor ideia de quão importante foi para ele até o baile da véspera.

Movida por um impulso, inclinou-se para aquele homem.

— Pode me falar do *Spinner's Falls*? O que ocorreu? Samuel nunca fala disso.

Ele levantou as sobrancelhas, mas assentiu com um gesto.

— Claro, é óbvio. Entendo-o perfeitamente.

Juntou as mãos à costas e começou a passear com o queixo apoiado no peito, como se refletisse.

— O regimento voltava de Quebec a pé — começou a dizer — depois de arrebatar o forte aos franceses. A cidade de Quebec estava muito bem fortificada, e o assédio durou todo o verão, mas ao final ganhamos. Então chegou o outono e os comandos pensaram que convinha retirar-se

antes que chegassem os rigores do inverno. Começamos a partir para o sul, em direção ao Fort Edward. Ninguém conhecia nossa rota, salvo os oficiais. Os índios espreitavam nos bosques a nosso redor. Nosso comandante, o coronel Darby, queria chegar ao forte sem alertar aos selvagens de nossa presença.

— Mas não foi assim — disse Rebecca em voz baixa.

— Não — suspirou ele. — Não foi assim. Na segunda semana, o regimento foi atacado. Quando se produziu a emboscada, íamos em fila de duas e a coluna se estendia ao longo de quase meia milha. — Deixou de falar.

Rebecca esperou, mas ele não continuou seu relato. Tinham chegado ao extremo do jardim, junto à grade traseira que dava aos estábulos. Rebecca se deteve e olhou ao amigo do Samuel. Como se chamava? Por que lhe custava tanto lembrar-se dos nomes?

— O que ocorreu então?

Ele ergueu a cabeça, olhou o céu com os olhos entreabertos e a olhou pela extremidade do olho.

— Atacaram-nos pelos dois lados, e quase todos os homens morreram. Você sabe que os selvagens gostam de cortar o couro cabeludo de suas vítimas com suas machadinhas, como uma espécie de troféu de guerra. Pode imaginar meu pavor — se tocou na cabeça com ar pesaroso. — Ouvi um homem gritar a outro que queria minha cabeleira, que era muito bonita.

Rebecca olhou as pontas dos sapatos. Não sabia se se alegrava por saber ao fim o que viveu seu irmão, embora fosse só uma parte. Talvez teria sido preferível permanecer na ignorância.

— Claro que MacDonald não teve tanta sorte — acrescentou o amigo do Samuel.

Rebecca piscou e levantou o olhar.

— Quem?

Ele esboçou um sorriso cordial e voltou a tocar o cabelo.

— MacDonald. Outro soldado, meu amigo. Tinha o cabelo tão vermelho como eu. Os índios lhe arrancaram a cabeleira de um talho, o pobre diabo.

— Nunca falou como morreu Saint Aubyn, verdade? — Perguntou Sam essa tarde. — Iam na carruagem de Vale, a caminho do extremo leste de Londres. Thornton não estava em seu lugar de trabalho, e decidiram tentar falar com o Ned Aliem, o sargento que sobreviveu ao massacre. Sam confiava em que estivesse sóbrio. Vale se separou da janela.

— A Emmie?

Sam assentiu sem dizer nada.

— Não. Não disse que seu querido irmão foi crucificado e queimado vivo, é óbvio. — Vale lhe lançou um sorriso amargo. — O diria você?

— Não. — Sam sustentou o seu olhar; sentia uma gratidão reticente porque Vale se manteve firme, ante as, sem dúvidas, pressões exercidas por lady Emeline para que lhe contasse o acontecido.

Já vira como se conduzia a dama. Quando se propunha algo, era necessário muita firmeza de vontade para resistir a ela. Vale, evidentemente, a possuía. Maldito fosse.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

O visconde soltou um grunhido e assentiu com a cabeça.

— Então não há problema.

— Pode ser que sim. — Vale ergueu as sobrancelhas.

A carruagem se sacudiu ao dobrar uma esquina e Sam se agarrou ao suporte de couro que pendurava sobre sua cabeça.

— Quer saber o que aconteceu. Como morreu Reynaud. — Santo céu. — Vale fechou os olhos, angustiado.

Sam afastou o olhar. De repente percebia que em parte acreditou que Vale não quisesse a lady Emeline. Em que seu compromisso fosse um assunto meramente prático. Evidentemente, não era assim.

— Não deve dizer, — falou ele. — Não é necessário que viva com essa imagem na cabeça.

— Sei — grunhiu Sam.

— Então estamos de acordo.

Sam assentiu de novo.

Vale lhe olhou e começou a dizer algo, mas a carruagem se deteve de repente. Então olhou pela janela.

— Você me trouxe a uma parte encantadora de Londres.

Estavam nos subúrbios do leste de Londres. Os edifícios ruinosos se apinhavam tão proximamente que com frequência só restava entre eles uma passagem larga o bastante para que passasse um homem.

Teriam que fazer o resto do trajeto a pé.

Sam levantou as sobrancelhas educadamente.

— Pode ficar na carruagem, se tiver medo. — O outro soltou um bufido.

A porta se abriu e um lacaio baixou o degrau. O criado os observou com o cenho franzido enquanto desciam.

— Quer que os acompanhe senhor? Esta vizinhança é perigosa.

— Não nos acontecerá nada. — Vale lhe deu uma palmada no ombro. — Fique e vigie a carruagem até nossa volta.

— Sim, senhor.

Sam o conduziu por um escuro beco.

— O criado tem razão… — disse Vale atrás dele. — De verdade precisamos visitar o Ned Aliem?

Sam encolheu os ombros.

— Não há muitos mais aos que interrogar. Não houve muitos sobreviventes, como sabe. E Aliem era oficial.

— Mal houve sobreviventes — resmungou Vale. ouviu-se um chapinho e soltou uma maldição.

Sam dissimulou um sorriso.

— O que aconteceu com o seu tenente? Era Horn, não?

— Matthew Horn. Quão último sei dele é que estava viajando pela Europa.

— E o naturalista?

— Munroe? — Vale falava com despreocupação, mas Sam sabia que conseguira que lhe prestasse toda sua atenção.

Entraram em um pátio minúsculo e Sam lançou um rápido olhar ao redor. As casas pareciam ter se erguido a toda pressa depois do grande incêndio, e estavam já em estado de decrepitude, inclinavam-se ameaçadoramente para o pequeno pátio, que, a julgar pelo cheiro, fazia também as vezes de privada.

— O homem que sobreviveu junto com você — disse Sam. — Havia um naturalista agregado ao 28° Regimento, um escocês muito calado ao que os furões fizeram prisioneiro, junto com outros homens.

— Alistair Munroe está na Escócia, segundo minhas últimas notícias. Tem um enorme castelo cheio de correntes de ar e não sai muito.

— Devido a seus ferimentos? — Perguntou Sam suavemente. Meteram-se no beco que conduzia à casa em que Aliem tinha um quarto. Vale não havia respondido. Sam olhou para trás.

Os olhos daquele homem ocultavam demônios, e Sam se perguntou com desassossego se refletiam seu próprio olhar.

— Você viu o que lhe fizeram esses selvagens. Quereria sair, com cicatrizes como essas?

Sam afastou o olhar. O grupo de resgate demorou quase duas semanas em seguir o rastro dos furões até seu acampamento, e durante esse tempo os soldados prisioneiros haviam sido torturados.

Os ferimentos do Munroe eram especialmente terríveis. Suas mãos... Sam afugentou aquela lembrança e seguiu caminhando, atento aos portais e às sombras pelas quais passavam.

— Não.

Vale assentiu com a cabeça.

— Faz anos que não o vejo.

— Mesmo assim — disse Sam — deveríamos lhe escrever uma carta.

— Tentei-o. Mas nunca responde.

— Vale apertou o passo, e Sam sentiu seu fôlego na nuca. — A quem busca?

Sam o olhou.

— No outro dia me seguiram.

— Sério? — Perguntou o visconde alegremente. — Por quê?

—Não sei. — E isso o preocupava.

— Deve ter revolvido algum assunto, ou inquietado a alguém. A quem foi ver?

Sam se deteve junto a uma viga baixa.

— Ned Aliem vive aqui.

Vale se limitou a olhá-lo e a levantar suas sobrancelhas peludas.

— Falei com três soldados — disse Sam com impaciência. — Barrows, Douglas...

— Não me lembro deles.

— Não, claro. Eram soldados do suprimento, certamente passaram quase todo o massacre escondidos debaixo das carroças de provisões. Não pareciam saber nada. O outro era um sapador

do exército...

— Um desses que derrubavam árvores e essas coisas para limpar o caminho à coluna em movimento?

— Sim. — Sam fez uma careta. — Me descreveu como decapitou um índio com seu machado. Estava muito orgulhoso de si mesmo. Mas, além disso, não me disse nada.

Também tentei falar com Aliem, mas a primeira vez que o vi estava muito bêbado. Duvido que o sapador ou ele mandassem ao homem que me seguiu.

Vale sorriu.

— Que interessante.

— Se você o diz. — Sam se agachou para entrar no prédio. O interior era frio e escuro. Avançou quase as escuras, pela lembrança.

Atrás dele, Vale resmungou uma maldição.

— Vai tudo bem por aí? — Perguntou Sam com ironia.

— Estupendamente. Estou desfrutando desta paisagem tão pitoresca — replicou o visconde.

Sam sorriu. Subiram um lance de escadas e logo conduziu ao Vale até o quarto de Aliem. Nada havia mudado desde a vez anterior: seguia sendo pequeno e fedorento. Ned Aliem jazia em um canto, reduzido a um montão de farrapos.

Sam suspirou e se aproximou dele. O cheiro piorou à medida que se aproximava.

— Santo céu — resmungou Vale ao segui-lo. Tocou Aliem com o pé. — Pestilento bêbado.

— Não acredito que seja isso. — Sam se agachou junto ao homem deitado e o fez se voltar de costas. Aliem estava rígido, como se fosse de madeira. Uma navalha com uma parte de haste branca saía do seu peito.

— Está morto.

Vale se agachou a seu lado e olhou o cadáver.

— Que me crucifiquem.

— Não há dúvida. — Sam se levantou rapidamente e limpou as mãos nas meias. de repente o quarto lhe pareceu muito estreito, muito pequeno, muito fedorento. voltou-se dando tombos e saiu quase correndo. Desceu as escadas a toda pressa e saiu à luz.

Até mesmo o pátio imundo era preferível ao quarto do morto. Respirou fundo, tentando controlar as náuseas que notava no ventre. Ao sair ao estreito beco, sentiu o estrépito dos passos de Vale a suas costas.

— Qualquer um poderia tê-lo matado, vivendo nesta pocilga — ofegou o visconde.

— Talvez. — Sam agradeceu a contra gosto que não mencionasse sua desonrosa retirada. — Ou pode ser que me seguissem até aqui. O homem que me seguia tinha uma navalha com partes de haste branca.

Vale suspirou.

— Então o sargento Aliem devia saber algo.

— Santo céu. — Sam se deteve. — Deveria ter voltado antes.

O visconde o olhou um momento e jogou logo a cabeça para trás para olhar a pequena parte de céu que se via sobre suas cabeças.

— Eram tantos...

Sam o olhou sem entender.

— O que?

— Lembra-se do Tommy Pasta?

A lembrança de um moço (muito jovem para ter dito a verdade sobre sua idade) assaltou de repente ao Sam. Faces sardentas, cabelo escuro, uma figura enxuta e fibrosa.

— Estava acostumado a fingir que se barbeava — disse Vale com ar sonhador. — Sabia? Certamente tinha uns três cabelos no queixo, e todas as manhãs passava a navalha, tão orgulhoso.

— Ganhou a navalha ao Ted Barnes.

— Não me diga. — Vale o olhou. — Não sabia. — Sam assentiu com a cabeça.

— Com a barba tão cheia que tinha Barnes... Que ironia — fez-se um silêncio enquanto meditavam ambos sobre aquele velho rumor. Um roedor se movimentou nas sombras, perto do portal.

— E agora estão os dois mortos — comentou Vale em voz baixa — como todos os outros.

Não havia nada que acrescentar, de modo que Sam girou sobre seus calcanhares e pôs-se a andar para a carruagem.

Vale caminhava um pouco atrás. O beco era tão estreito que não cabiam os dois cotovelo com cotovelo.

— Se alguém nos traiu, os vingaremos. A todos — disse o visconde com naturalidade.

São assentiu com os olhos fixos à frente.

— Aonde vamos agora? — Perguntou-lhe.

— A ver o Dick Thornton. Pode ser que tenha retornado ao trabalho. Temos que o interrogar.

— Me alegro de que esteja de acordo comigo. — O visconde assobiou umas quantas notas alegres e logo se interrompeu. — Viu o corpo do MacDonald, por certo?

— Não. — Dobraram a esquina e a carruagem apareceu ante sua vista; os lacaios e o chofer andavam a seu redor, nervosos. — Não voltei. Tive que correr até o Fort Edward e guiar logo ao destacamento com o resgate.

Essa era uma das coisas que queria perguntar a Aliem: quem sobreviveu do regimento.

Vale assentiu com a cabeça, possivelmente ocupado em suas terríveis lembranças, enquanto voltavam para o lugar onde aguardava a carruagem.

Os lacaios pareceram aliviados ao vê-los. Vale lhes fez um gesto com a cabeça e Sam subiu na carruagem e se acomodou no assento, em frente ao visconde. A carruagem entrou em marcha.

— Alguma vez o agradeci? — Perguntou Vale. Olhava pela janela, enfrascado aparentemente na deprimente vizinhança.

— Sim — mentiu Sam. De fato, Vale estava traumatizado quando o regimento de resgate conseguiu resgatar aos poucos oficiais sobreviventes no acampamento dos índios furões. Todos os prisioneiros foram recebidos a cacetadas: os índios, homens e mulheres, colocavam-se em duas filas e, entre gritos de vitória e cânticos, golpeavam à vítima quando esta passava entre eles. Logo, pelo que Sam ouviu,

Vale foi obrigado a presenciar a morte de Saint Aubyn e a tortura de Munroe e os outros. Não estava em condições de agradecer a ninguém quando por fim o resgataram.

O visconde franzira o cenho.

— Então, só sabemos que MacDonald morreu porque o assegura Thornton.

Sam o olhou.

— Sim.

— Olhe, se alguém tinha motivos para assegurar-se de que nosso regimento não chegasse ao Fort Edward, era MacDonald. — Vale se inclinou para diante. — Esse tipo partiu acorrentado.

— No forte o teriam enforcado — disse Sam. — Violação e assassinato. O conselho de guerra teria durado muito pouco.

— MacDonald era uma boa peça. Ele e outro soldado chamado Brown saquearam a cabana de um colono francês, e violaram e assassinaram à esposa quando esta os surpreendeu. Por desgraça para eles, a esposa do colono francês era inglesa, filha de um coronel britânico. O saque e a violação eram delitos que se condenavam com a forca, mas alguns oficiais faziam a vista grossa, sempre e quando não acontecessem sistematicamente.

Mas a violação e o assassinato de uma inglesa era um crime que não podia ser escondido sob o tapete. Houve uma investigação dentro do exército britânico e pouco depois alguns soldados revelaram que Brown se gabou de tê-lo feito estando bêbado. Uma vez detido, Brown delatou ao MacDonald, e ambos partiam com grilhões quando o 28° Regimento de Infantaria foi atacado.

Sam fez uma careta ao recordá-lo.

— Pode ser que o traidor fosse Brown. — Vale assentiu com a cabeça.

— MacDonald parecia ser o cabeça desse pequeno bando, mas você tem razão. Brown tinha tantos motivos como MacDonald para tentar deter a marcha.

— Ou pode ser que atuassem juntos. — Sam sacudiu a cabeça. — Em todo caso, como sabiam que rota íamos seguir?

Vale encolheu os ombros.

— Não era Brown amigo de Aliem?

— Sim. Estava acostumado a sentar-se com ele junto ao fogo.

— E Aliem era oficial; devia conhecer a rota.

— Pode ser que levasse alguma mensagem, se o subornaram.

— Não seria a um francês, não? — Vale levantou as sobrancelhas.

— Não. Mas só necessitavam um intermediário que levasse uma mensagem a um índio neutro e, como sabe, havia muitos que trocavam constantemente de bando ou que tinham entendimentos com ingleses e franceses.

— Se Aliem falou com alguém sobre a rota que seguia o regimento, esse seria sem dúvida um bom motivo para matá-lo.

Sam fez uma careta ao pensar no patético saco de ossos que acabavam de encontrar.

— Sim.

Vale sacudiu a cabeça.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— A hipótese tem lacunas, mas em todo caso devemos falar com o Thornton outra vez para saber o que recorda exatamente.

Sam franziu o cenho. Thornton o havia posto nervoso desde o começo.

— Parece-lhe sensato? Colocar ao Thornton nisto? Que saibamos, poderia ser o traidor.

— Razão de mais para contar-lhe tudo. Se acredita que confiamos nele, será mais provável que cometa um deslize. — Vale tocou os lábios com um dedo comprido e ossudo. Logo sorriu quase com doçura.

— Terá que ter por perto os amigos; e aos inimigos, mais perto ainda.

Emeline se deteve na entrada do jardim da casa do Samuel. Que fazia Rebecca com o Thornton... a sós?

— Pode se retirar — disse distraidamente ao mordomo que a acompanhou ao atravessar a casa para sair ao jardim.

Fora com a esperança de encontrar melhor a Rebecca. Possivelmente pudessem sair a comprar uns sapatos de baile. Comprar uns sapatos novos sempre a animava, e tinha a sensação de que a pobre moça necessitava de uma distração depois do acontecido a noite anterior.

Mas Rebecca já parecia reanimada.

Emeline quadrou os ombros.

— Boa tarde.

Rebecca se separou do senhor Thornton de um salto e se voltou para ela com expressão compungida.

O senhor Thornton, em troca, virou-se suavemente.

— Lady Emeline, que prazer vê-la de novo.

Emeline entreabriu as pálpebras. Thornton e Rebecca foram apresentados formalmente, o qual era um ponto a favor do Thornton, embora não desculpava seu encontro a sós, sem a presença de uma donzela.

E, em todo caso, resultava estranho encontrar ao senhor Thornton no jardim, com a Rebecca, fazendo tão pouco tempo que falou dele com o Samuel e Jasper. Muito estranho.

— Senhor Thornton. — Emeline inclinou a cabeça. — O que... surpresa lhe ver aqui. Tinha assuntos que tratar com o senhor Hartley?

O sorriso do Thornton se fez mais amplo ao ouvir sua pergunta carregada de intenção.

— Em efeito, mas pelo visto o senhor Hartley não está em casa. Estava esperando aqui, no jardim, quando a senhorita Hartley se reuniu comigo. Fez-me a espera muito mais agradável. — Concluiu seu bonito discurso com uma suave reverencia dirigida a Rebecca.

Umf. Emeline deu o braço a Rebecca e começou a passear.

— Acredito que disse que se dedicava ao comércio, senhor Thornton.

A trilha do jardim era estreita, e Thornton se via obrigado a caminhar atrás delas.

— Sim. Fabrico botas.

— Botas. Ah, compreendo. — Emeline não se incomodou em olhar a seu redor. O jardim da casa era medíocre, mas caminhava devagar, como se seriamente lhe interessasse a murcha

vegetação.

— As botas são muito importantes, não me cabe dúvida — disse Rebecca, saindo em defesa do senhor Thornton, que não era absolutamente o que pretendia Emeline.

— As forneço ao exército de Sua Majestade — disse o senhor Thornton atrás delas.

— Seriamente? — Emeline pensou que o senhor Thornton podia muito bem ser rico. Tinha escassos conhecimentos sobre o funcionamento do exército, mas podia imaginar montões e montões de botas que lhe encomendariam.

— E se fabricam aqui, em Londres? — Perguntou Rebecca. Estirou um pouco o pescoço para tentar vê-lo.

— OH, sim. Tenho uma fábrica na rua Dover em que dou trabalho a trinta e duas pessoas.

— Então, não as fabrica você mesmo? — Inquiriu Emeline com doçura.

Rebecca sufocou um gemido de surpresa, mas o senhor Thornton respondeu alegremente:

— Não, milady. Temo que nem sequer saberia por onde começar. Meu pai sim as fabricava, claro, quando fundou o negócio, mas muito pouco depois contratou a outros dois operários para que trabalhassem em seu lugar. Eu poderia ter aprendido quando moço, mas tive certas desavenças com ele...

— Por isso se engajou no exército? — O interrompeu Rebecca. Deteve-se e se voltou para olhar ao senhor Thornton, e Emeline se viu obrigada a parar também.

O senhor Thornton sorriu e Emeline percebeu que era bastante arrumado, embora puxando para o comum. Não era desses homens que se destacavam entre uma multidão, mas possivelmente isso o fazia mais perigoso.

— Sim, temo que me uni às forças do Rei por causa de uma desavença. Deixei a meu pai e a minha esposa...

— Está casado? — Atalhou-lhe Emeline.

— Não. — O senhor Thornton ficou sério. — A pobre Marie morreu pouco depois de que voltasse para casa.

— OH! Quanto o lamento — murmurou Rebecca. Emeline olhou pela trilha. Alguém se aproximava.

— Foi um golpe terrível — disse o senhor Thornton. — Ela...

— Emmie! Ah, está aí. — Jasper avançava energicamente pela trilha com um sorriso em seu rosto longo de cavalo.

O senhor Thornton se deteve e se virou ao ouvir sua voz. Seu semblante se voltou curiosamente inexpressivo. Mas não era ao Jasper a quem esperava Emeline. Sentiu uma onda de confusão, uma espécie de desencanto, e então o viu. Samuel vinha atrás dele, com os olhos entreabertos e a expressão sombria.

Emeline estendeu as mãos.

— Vá, Jasper, não esperava vê-lo até a noite, em todo caso, tiveram êxito em suas pesquisas?

Jasper pegou suas mãos e se inclinou sobre ela, roçando seus nódulos com um beijo.

— Ah! Perdemos a pista e ao final fomos em busca do senhor Thornton. Mas não estava em

seu negócio, e nos retiramos aqui, derrotados, só para descobrir que nos serviram de bandeja o homem que procuramos.

Samuel havia alcançado o Jasper.

— Lady Emeline, Rebecca. — Saudou-as com uma inclinação de cabeça e estendeu a mão a seu convidado. — Senhor Thornton, me alegro de vê-lo, embora me confesse um pouco surpreso por encontrá-lo em minha casa.

O senhor Thornton estreitou-lhe a mão entre as suas.

— Eu estou tão surpreso como você, senhor Hartley. Não tinha intenção de abusar de sua hospitalidade, mas estava nesta vizinhança e meus pés me trouxeram até sua casa, quisesse eu ou não.

— Seriamente? — Samuel inclinou a cabeça, observando-o.

— Sim. Pode ser que fossem nossas lembranças da guerra, o outro dia. Eu... — Titubeou um momento e baixou a vista antes de fixar o olhar nos olhos do Samuel. — Talvez você pense que esteja fantasiando, mas quando conversamos me deu a impressão de que você não acreditava que o que aconteceu no *Spinner's Falls* fosse um acidente.

Fez-se um silêncio enquanto se olhavam. Samuel passava uma cabeça ao Thornton, mas entre eles havia certas similitudes impossíveis de passar por cima. Ambos eram homens que se fizeram por si mesmo e que se dedicavam ao comércio.

Ambos se conduziam com uma espécie de desenvolta confiança em suas pessoas: possuíam a capacidade de olhar aos olhos a cavalheiros de mais alta estirpe e de lhe desafiar a fazer algum comentário.

E Emeline sabia que, para triunfar em seu ofício, ambos deviam ser audazes. Eram homens que agarravam a oportunidade em pleno voo, sabedores de que as consequências podiam muito bem serem arriscadas.

Sam olhou por fim de soslaio a Rebecca e a ela, clareou a garganta.

— Talvez, se as senhoras o permitirem, deveríamos nos retirar os três a meu escritório para debater este assunto.

Emeline arqueou uma sobrancelha. Seriamente pensava Samuel que ia permitir que se livrasse dela tão facilmente?

— Mas me interessa enormemente o que têm a dizer ao senhor Thornton. Por favor, continuem.

— Isto, Emmie... — começou a dizer Jasper com nervosismo. Ela não olhou ao Jasper: tinha os olhos fixos nos do Samuel. — É o mínimo que pode fazer, não lhe parece?

Viu que um músculo vibrava em sua mandíbula. Não parecia contente, mas assentiu com a cabeça antes de voltar-se de novo para o senhor Thornton.

— Fomos traídos.

Emeline sentiu um brilho de satisfação. Samuel a tratava como a uma igual, e esse tipo de confiança era estranhamente embriagadora.

O senhor Thornton exalou um suspiro.

— Sabia.

— Sim? — Perguntou Samuel suavemente.

— Naquele momento, não. — O senhor Thornton tinha uma expressão grave. — Mas precisavam existir muitas coincidências para que os índios nos atacassem justo naquele lugar, e eram tantos... — Sacudiu a cabeça. — Aquilo deve ter sido planejado por alguém.

— Isso parece — disse por fim Jasper. — Queríamos lhe perguntar se está seguro de que MacDonald e Brown morreram.

— MacDonald? — O senhor Thornton pareceu confuso um momento; logo olhou rapidamente às damas e assentiu com uma inclinação de cabeça. — Sim, certamente. Entendo aonde querem chegar, mas temo que morreram ambos. Eu mesmo ajudei a enterrá-los.

Emeline franziu os lábios se perguntando o que fez aquele MacDonald. Teria que perguntar mais tarde ao Samuel, em privado.

— Maldito seja — resmungou Jasper. — Se tivesse sido MacDonald, nos teria facilitado resolver este assunto limpamente. Mas de todos os modos, temos que lhe fazer algumas perguntas mais.

— Talvez deveríamos entrar — disse Samuel. Estendeu o braço a sua irmã, mas Rebecca o ignorou e pegou em troca o do senhor Thornton. Samuel esticou os lábios.

Emeline odiava vê-lo doído. Pôs a mão sobre sua manga.

— Que boa ideia, eu adoraria tomar um chá.

Samuel a olhou aos olhos e depois sua mão e vice-versa. Levantou as sobrancelhas quase imperceptivelmente. O olhou elevando o queixo. Mas os outros já haviam começado a andar para a parte traseira da casa.

— Não sei se servirá de algo — ia dizendo o senhor Thornton diante deles. — Com quem de verdade deveriam falar é com o cabo Craddock.

— E isso por quê? — Perguntou Samuel. O senhor Thornton olhou para trás.

— Foi ele quem se ocupou de recolher aos feridos no *Spinner's Falls*, depois de que você... Enfim, de que escapasse para o bosque. Suponho que poderia se dizer que era o oficial ao comando.

Emeline notou que o braço do Samuel se crispava sob seus dedos, mas ele guardou silêncio.

Jasper pareceu não notar que o senhor Thornton acabava virtualmente de chamar de covarde ao Samuel na cara.

— Está aqui, em Londres?

— Não. Acredito que se retirou ao campo depois da guerra. Pode ser que me equivoque, certamente; ouvem-se tantas coisas... Mas me parece que vive em Sussex, perto de Portsmouth.

Samuel pareceu notar que Emeline dava um ligeiro pulo, apesar de que ela tentou dissimulá-lo.

— O que ocorre? — Murmurou ele sem afastar os olhos do caminho.

Ela vacilou. Acabava de classificar os convites que recebeu essa manhã, tentando decidir a que acontecimentos sociais lhe convinha assistir durante o mês seguinte.

O olhou juntando as sobrancelhas.

Que alternativa restava, em realidade? Quase parecia que as fadas haviam estendido a

armadilha, e que ela era a desafortunada lebre que havia caído nela. Fazia sentido resistir?

— Convidaram-nos ao imóvel dos Hasselthorpe em Sussex.

— O que? — Jasper se deteve e se voltou.

— Lorde e lady Hasselthorpe, querido. Lembra-te deles? Convidaram-nos faz semanas, e sua casa não está muito longe de Portsmouth.

— Caramba, tem razão. — Os sulcos que Jasper tinha junto ao nariz e a boca se estiraram até formar um arco quando sorriu. — Que golpe de sorte! Podemos ir todos à festa e fazer uma visita ao Craddock. Quer dizer... — Olhou preocupado ao senhor Thornton. A Rebecca e Samuel seria fácil incluí-los no convite como amigos de Emeline. Mas um sapateiro (embora fosse muito rico) era coisa bem diferente.

O senhor Thornton, entretanto, sorriu e piscou um olho.

— Descanse, eu posso prosseguir com nossas pesquisas aqui em Londres enquanto vocês vão falar com o Craddock.

E então Emeline compreendeu que tudo estava decidido. Sua respiração pareceu agitar-se, como se estivessem lhe esmagando o peito. Falariam sobre os detalhes da viagem mil e uma vezes, e ela teria que pedir a lady Hasselthorpe que convidasse aos Hartley, mas ao final tudo se resolveria, ia assistir a uma longa festa campestre com o Samuel.

Ergueu o olhar, consciente de que ele a estava olhando, e ao encontrar com seus olhos de cor café, se perguntou se saberia o que acostumava acontecer naquelas festas.

Capítulo 09

> *De todas as coisas do mundo que o rei amava, a que mais amava era sua filha. Mimava-a tanto, que cada vez que ela pedia algo, o rei fazia todo o possível para que o tivesse. Por esse motivo, quando a princesa Solace lhe pediu permissão para casar-se com seu guarda, em lugar de zangar-se, como teriam feito a maioria dos reis, seu pai se limitou a suspirar e assentiu com a cabeça.*
>
> *E assim foi como Coração de Ferro desposou a donzela mais formosa do país, que para cúmulo era princesa...*
>
> *De Coração de Ferro*

— Vais estar muito tempo fora? — Perguntou Daniel uma semana depois.

Estava deitado na cama de Emeline, com a cabeça pendurando a um lado e os pés no ar, estorvando a Harris, que estava fazendo a bagagem.

— Duas semanas, possivelmente — respondeu Emeline com energia. Estava sentada diante de sua pequena e bonita penteadeira, tentando decidir que joias levar a festa dos Hasselthorpe.

— Duas semanas são quatorze dias. É muitíssimo tempo. — Daniel meneou um pé e o enredou nas cortinas da cama.

— Lorde Eddings! — Exclamou Harris.

Não deveria sentir falta dos próprios filhos. Emeline sabia. Muitas mulheres de sua fila raramente viam os seus. E entretanto, ela odiava separar-se do Daniel. Causa muita pena lhe dizer adeus...

— Com isso é suficiente — disse Emeline a sua donzela.

— Mas senhora, ainda resta a metade.

— Sei. — Emeline lhe sorriu. — Você trabalhou tanto que sem dúvida necessita um descanso, por que não toma um pouco de chá na cozinha?

Harris franziu os lábios, mas sabia que não devia contradizer a sua senhora. Deixou o montão de roupa que sustentava nos braços e saiu do quarto com passo decidido, fechando a porta atrás si.

Emeline se levantou, aproximou-se da cama e afastou o montão de anáguas estendidas sobre o colchão para abrir espaço. Logo se sentou apoiando as costas na grande cabeceira de carvalho e estirou as pernas sobre a cama.

— Veem aqui.

Daniel engatinhou para ela como um cachorrinho ávido de carícias.

— Não quero que vá.

Se aconchegou contra ela. Cheirava a suor de menino pequeno e seus joelhos ossudos se cravavam no quadril de sua mãe. Emeline acariciou seus cachos loiros.

— Sei, carinho. Mas não estarei fora muito tempo, e te escreverei todos os dias.

Ele se moveu para se aconchegar em silêncio. Tinha a cara escondida contra seu peito.

— *Tante* Cristelle vai ficar aqui, contigo — sussurrou Emeline. — Suponho que não comerá nem um só pão-doce, nem um caramelo, nem um bolo enquanto eu esteja fora. Quando voltar te terá consumido e parecerá um palito; estará tão fraco que não te reconhecerei. — ouviu um risinho sufocado junto a seu flanco, até que os olhos azuis do Daniel emergiram de novo.

— Tola. A tia me dará montões de doces.

Emeline fingiu estar assombrada.

— Você acredita? Comigo é muito severa.

— Quando voltar estarei gordo. — Inflou as faces para demonstrar.

Ela riu, admirada.

— Também poderei conversar com o senhor Hartley — disse seu filho. Emeline piscou, surpreendida.

— Sinto muito, carinho, mas o senhor Hartley e sua irmã também estarão na festa.

Seu filho fez uma careta com a boca.

— Falas muito com o senhor Hartley? — Daniel lhe lançou um olhar.

—Falo com ele por cima do muro, e às vezes vou visitá-lo em seu jardim. Mas não lhe incomodo, seriamente que não.

Emeline tinha suas dúvidas a respeito. Mas nesse momento lhe interessava mais a notícia de que Samuel e seu filho haviam forjado um vínculo sem que ela se inteirasse sequer. Não estava segura do que sentia a respeito.

O menino interrompeu suas reflexões, retorcendo-se inquieto.

— Pode cantar minha canção? —perguntou Daniel com uma vozinha.

Emeline acariciou o seu cabelo e cantou Billy Boy, trocando o nome do Billy pelo do Danny, como fazia desde que seu filho era um bebê. Por isso era sua canção.

OH, onde estiveste Danny Boy, Danny Boy?
OH, onde estiveste, Danny querido?

E enquanto cantava, se perguntou o que lhe proporcionariam as duas semanas seguintes.

A carruagem alugada não era tão confortável como a da lady Emeline, e Sam começava a arrepender-se de sua decisão de viajar nele com a Rebecca, em vez de alugar um cavalo. Mas Becca e ele mal se dirigiram a palavra desde o desastroso baile em casa dos Westerton, e Sam confiava em que a proximidade a que se veriam forçados durante a viagem, rompesse o gelo entre eles.

De momento, entretanto, não foi assim.

Sentada em frente a ele, sua irmã olhava pela janela como se a paisagem de sebes e campos de trabalho fosse a coisa mais fascinante do mundo. Não tinha um perfil clássico, mas era muito agradável.

Às vezes, quando a olhava pela extremidade do olho, assaltava-lhe uma lembrança, como uma chama. Rebecca se parecia um pouco a sua mãe.

Sam clareou a garganta.

— Haverá um baile, acredito.

Becca se voltou e enrugou a fronte.

— O que?

— Digo que acredito que haverá um baile. Nessa festa.

— Ah, sim? — Não parecia especialmente interessada. Sam acreditava que ia entusiasmar se.

— Lamento te haver estragado o último.

Ela exalou um suspiro, como se estivesse incômoda.

— Por que não me falou sobre isso, Samuel?

Ele ficou olhando-a um momento, tentando compreender a que se referia. Então um horrível calafrio percorreu seu ventre. Sem dúvida sua irmã não podia estar falando de...

— Te falar sobre o que?

— Já sabe. — Enrugou os lábios, exasperada. — Não me fala nunca disso. Nunca...

— Agora estamos falando.

— Mas não está dizendo nada! — Elevou muito a voz e pareceu envergonhar-se. — Nunca diz nada, nem sequer quando as pessoas te acusam de coisas terríveis. O senhor Thornton esteve a ponto de te chamar covarde à cara quando estávamos no jardim a semana passada, e você não lhe disse uma palavra. por que não pode te defender, ao menos?

Sam sentiu que seus lábios se esticavam.

— O que dizem pessoas como Thornton não merece resposta.

— Então, prefere guardar silêncio e deixar que o condenem? — Ele sacudiu a cabeça. Não havia modo de lhe explicar seus atos.

— Samuel, eu não sou uma dessas pessoas. Embora não queira te justificar ante eles, deve falar comigo. Só nos temos um ao outro. O tio Thomas está morto, e papai e mamãe morreram antes de que eu pudesse conhecê-los sequer. Tão terrível é que queira me sentir mais perto de ti? Que queira saber o que ocorreu a meu irmão na guerra?

Agora foi ele quem olhou pela janela, e tragou bílis. A estreita carruagem parecia cheirar de repente a suor de homens, mas Samuel sabia que era seu cérebro, que lhe jogava pesadelos passados.

— Não é fácil falar da guerra.

— Mas eu ouvi outros homens fazê-lo — disse ela a meia voz. — Oficiais de cavalaria que se gabam de suas cargas e marinheiros falando de batalhas no mar.

Ele franziu o cenho com impaciência.

— Eles não...

— Não o que? — Inclinou-se para ele, sobre seus joelhos, como se quisesse lhe extrair as palavras. — Me fale sobre isso, Samuel.

Sustentou o seu olhar, embora fazê-lo produziu uma dor física.

— Quão soldados combateram no fronte, os que hão sentido o fôlego de outro homem antes de arrebatar-lhe para sempre a vida... — Fechou os olhos. — Esses raramente falam disso. Não é algo que queiramos recordar.

É doloroso.

Fez-se um silêncio, e logo ela murmurou:

— Então, do que pode falar? Deve haver algo.

Ele a olhou, e um sorriso lento curvou seus lábios ao recordar.

— Da chuva.

— O que?

— Quando chove e atinge a marcha forçada, não há onde se esconder. Os homens, a roupa, todas as provisões se molham. O caminho se converte em lamaçal sob as botas e os homens começam a escorregar. E quando a gente cai, é pelo visto uma norma que caiam depois meia dúzia mais, melando a roupa e o cabelo de lama.

— Mas certamente podiam montar uma tenda quando paravam para passar a noite.

— Sim, podíamos, mas então a tenda também estava ensopada e o chão era só lamaçal, e ao final alguém se perguntava se não era melhor dormir ao relento. — Lhe sorriu, e o coração do Samuel pareceu aliviar-se.

— Pobre Samuel! Não sabia que tivesse passado tanto tempo na lama quando foi soldado. Sempre imaginava realizando façanhas heroicas.

— Em minhas façanhas mais heroicas quase sempre intervinha um bule.

— Um bule? — Ele assentiu com a cabeça, recostando-se no assento da carruagem. — Depois de um dia de marcha sob água, as provisões sempre estavam molhadas, incluídos as

ervilhas secas e a farinha. — Ela enrugou o nariz.

— Farinha molhada?

— Molhada e pegajosa. E às vezes precisava durar outra semana, molhada ou não.

— E não apodrecia?

— Frequentemente sim. Quando acabava a semana, costumava estar de cor verde.

— Ah. — Ela tampou o nariz, como se notasse o cheiro da farinha mofada. — E o que fazia?

Ele se inclinou para diante e sussurrou:

— Ah, esse é meu segredo. Muitos no exército queriam saber que fazia eu com meu pequeno bule.

— Está me zombando, me diga o que fazia com um bule que fosse tão heroico.

Ele encolheu os ombros modestamente.

— Só dar de comer a todo o acampamento com farinha mofada. Descobri que, se enxaguasse a farinha três vezes e a mesclava logo com a água de um bule bem quente, saía uma sopa bastante rica. Naturalmente, era mais gostosa nos dias em que apanhava um coelho ou um esquilo.

— Que horror — disse sua irmã.

— Você perguntou. — Sorriu-lhe. Becca estava falando com ele, e ele a aborreceria com estúpidas anedotas sobre a vida no exército, se isso a fazia feliz.

— Samuel...

— O que, querida? — Lhe encolheu o coração ao ver sua expressão indecisa. Ela estava certa: só tinham um ao outro. Era importante que não se distanciassem. — Me Diga.

Rebecca mordeu o lábio, e Sam recordou quão jovem era.

— Acreditas que conversarão comigo, todas essas senhoras inglesas com tantos títulos?

Nesse momento, Samuel desejou poder lhe facilitar o caminho, assegurar-se de que ninguém jamais lhe faria mal. Mas só podia lhe dizer a verdade.

— Acredito que a maioria sim. Haverá uma ou duas garotas que se deem muitos ares, mas com essas não vale a pena falar, de todas formas.

— Sei. Mas é que estou tão nervosa... Parece que nunca sei o que fazer com minhas mãos, e sempre estou me perguntando se estarei bem penteada.

— Tem a essa donzela que te buscou lady Emeline. Eu estarei ali, e também ela. Ao menos, não te deixará sair mau penteada. E eu acredito que estará perfeita em qualquer caso.

Rebecca se ruborizou. Suas faces se tingiram de um delicado tom de rosa.

— O diz de verdade?

— Sim.

— Bem, então recordarei que meu irmão era o soldado que melhor fazia a sopa de farinha mofada de todo o exército de Sua Majestade, e levarei a cabeça bem alta.

Sam riu e lhe devolveu o sorriso. A carruagem passou por cima de algo e ao olhar pela janela viu que estavam cruzando uma estreita ponte de pedra. Os lados da carruagem quase roçavam as muretas.

Rebecca seguiu seu olhar.

— Estamos chegando a um povoado?

Ele afastou a cortina para olhar mais adiante.

— Não. — Deixou cair a cortina e a olhou. — Mas acredito que já não falta muito.

— Menos mal. Sinto dores musculares. — Revolveu-se inquieta em seu assento. — É uma pena que o pobre Thornton não tenha podido vir.

— Não acredito que se importe.

— Mas... — Rebecca enrugou a fronte. — Parece uma hipocrisia, não acredita? Quero dizer que não o convidaram só porque fabrica botas. Você também é comerciante.

— Certo.

— Não acredito que nas colônias fizessem essa restrição. — Olhou as mãos, carrancuda.

Sam ficou calado. O certo era que também lhe incomodavam aquelas restrições entre pessoas, só por sua fila.

— Aqui, na Inglaterra, parece muito mais difícil que um homem cresça unicamente por seus méritos. — Rebecca estava mordendo o lábio inferior, sem afastar a vista de suas mãos.

— Até o senhor Thornton tinha o negócio de seu pai, embora fosse muito pequeno ao princípio. Um homem que não tivesse nada, que fosse um criado, poderia chegar a ser uma pessoa respeitável?

Sam entreabriu os olhos, perguntando-se se sua irmã estava pensando em um certo criado.

— Pode ser. Com um pouco de sorte...

— Mas não é provável, verdade? — Rebecca levantou o olhar.

— Não — respondeu ele suavemente. — Não é muito provável que um homem que trabalha como criado consiga uma fortuna na Inglaterra. Quase todos seguirão sendo criados até sua morte.

Ela entreabriu os lábios como se desejasse dizer algo mais. Logo os fechou com firmeza e ficou a olhar pela janela. Ficaram calados de novo, mas esta vez o silêncio era agradável.

Sam fechou os olhos e apoiou a cabeça no respaldo do assento. Meio adormecido, perguntou-se se as perguntas de sua irmã estavam motivadas por O'Hare, o lacaio. Dormitou um pouco e, quando voltou a despertar, a carruagem estava penetrando uma imensa avenida.

— É muito grande, verdade? — Disse Rebecca com uma vozinha.

Sam teve que lhe dar a razão. A casa dos Hasselthorpe era uma enorme mansão, erguia-se imponente ao final da avenida, em meio de uma vasta pradaria de erva aparada, para maior brilho da mansão.

Saltava à vista que várias gerações tinham trabalhado em sua arquitetura de pedra cinza. Aqui havia janelas góticas; lá, chaminés Tudor. Os distintos estilos, mesclados sem ordem nem concordância, testemunhavam que a família que vivia ali levava séculos ocupando o lugar. Na parte de diante, a avenida desembocava em um girador em que havia já quatro carruagens depositando a senhoras e cavalheiros da aristocracia.

Samuel se ergueu e lançou a Rebecca um olhar tranquilizador.

— Chegamos.

Fazia um dia perfeito para um lanche campestre, pensou Emeline à manhã seguinte. Brilhava o sol e o céu era de um azul radiante, com macias nuvens brancas. Soprava uma aragem muito leve que brincava com as cintas das senhoras sem fazer voar seus chapéus. Os cavalheiros apresentavam uma aparência atrativa e varonil, a das damas era linda e delicada. A erva seguia sendo verde e a paisagem encantadora: colinas ondulantes, com umas poucas ovelhas aqui e lá para lhe dar interesse. Não se podia pedir mais.

Ou se deveria ter pedido mais, porque por desgraça a lady Hasselthorpe esquecera o vinho. Para falar a verdade, a falta de bebida era culpa da governanta, mas toda dama sabia que o comportamento dos criados refletia o de sua ama. Uma boa dama contratava a uma governanta competente. Uma dama distraída se conformava com uma governanta que se esquecia do vinho.

Emeline suspirou. Era curioso a sede que sentia alguém assim que descobria que não havia nada que beber. O lacaio principal mandara já a vários moços em busca do vinho, mas tendo em conta que os convidados caminharam mais de meia hora até encontrar aquele formoso lugar, a bebida demoraria para chegar.

Lady Hasselthorpe revoava em torno de seus convidados com as faces rosadas, fazendo vagos dramalhões com as mãos. Era uma mulher muito bela, com o cabelo dourado, a fronte larga e lisa e uma boquinha de botão de rosa, mas, ai! Seu intelecto não estava à altura de sua beleza.

Emeline passou uma vez vinte intermináveis minutos com ela em um baile, tentando travar conversa, só para perceber que sua interlocutora era incapaz de seguir seus pensamentos até uma conclusão lógica.

Então desejou que Melisande estivesse ali, mas sua amiga não chegaria até o dia seguinte. Uma sonora explosão de risadas atraiu sua atenção. Jasper estava em meio de um grupo de cavalheiros aos quais voltou a fazer rir a gargalhadas ao contar algo enquanto lhe observava. Lorde Hasselthorpe, em troca, parecia enfrascado em uma conversação muito séria com o mais ilustre dos convidados, o duque do Lister.

Ambos eram membros proeminentes do Parlamento, e Emeline suspeitava que seu anfitrião tinha aspirações políticas ainda mais ambiciosas. Notou que Lister lançava a Jasper um olhar incomodado, do qual seu prometido não percebeu.

O duque era um homem alto e calvo, de meia idade, cujo péssimo humor era bem conhecido de todos.

— Damos um passeio? — Ouviu a voz profunda do Samuel a seu lado.

Emeline se voltou sem surpresa. Percebera o momento exato em que este punha-se a andar para ela. Era estranho, mas tinha a impressão de estar sempre atenta a seus movimentos.

— Acreditava que estava zangado comigo, senhor Hartley.

Outro homem teria mentido; Samuel, em troca, respondeu com toda franqueza.

— Não estou zangado, mas sim decepcionado por seu plano de casar-se por conveniência e não por paixão.

— Então não entendo por que deseja passear comigo, se tanto lhe ofende minha decisão.

Era a primeira vez que podiam falar a sós desde a discussão com o Jasper, fazia já mais de uma semana, e após o desastroso beijo de depois. Emeline olhou ao Jasper. Seu prometido estava

contando alguma anedota; seu rosto alongado tinha uma expressão animada, e não lhes emprestava atenção.

Samuel inclinou a cabeça para ela.

— Não? Acredito que você é o bastante sofisticada para entender meus motivos.

— Mesmo assim, não me agrada passear com cavalheiros que não dominam suficientemente seu temperamento.

Samuel se aproximou de novo, esquadrinhou seus olhos e, embora um leve sorriso brincava em seus lábios a favor de outros convidados à festa, Emeline compreendeu que tudo aquilo não fazia nenhuma graça.

—Deixa de tentar brigar comigo e vamos dar um passeio.

Lady Hasselthorpe se voltou para eles nesse momento. Por alguma razão, sua anfitriã decidiu usar uma larga anquinha coberta de raso de cor laranja e azul lavanda para dar um passeio pelo campo.

Agora, sua elegante saia oscilava incongruentemente, varrendo com a bainha a erva.

— Ai, lady Emeline, não me diga que a desiludi. Não entendo o que aconteceu com o vinho. Terei que despedir imediatamente à senhora Leaping quando voltarmos. Claro que... — retorceu as mãos à altura da cintura com um lindo gesto, confuso e absolutamente inútil. — Não sei onde vou encontrar outra governanta. Escasseiam tanto por aqui...

— Encontrar uma boa governanta sempre é um problema — murmurou Emeline.

— E olhem, essa mulher está sozinha. — Lady Hasselthorpe indicou a uma mulher loira, de chamativa beleza, embelezada com um vestido verde que exibia seu assombroso busto. — É a amiga especial do duque, sabem? Ele insistiu em que a convidasse, e nenhuma senhora quer falar com ela, certamente. — Lady Hasselthorpe enrugou a fronte, inquieta. — E além de tudo, sem vinho! O que vou fazer?

— Quer que investiguemos como vai a recuperação do vinho? — Perguntou Samuel muito sério antes que Emeline pudesse dizer algo.

— OH, Fariam-no, senhor Hartley, lady Emeline? Ficaria muito agradecida. — Lady Emeline olhou a seu redor vagamente. — Suponho que terei que ser eu quem fale com a senhora Fitzwilliam. Será muito audaz, não lhes parece?

— Em efeito, milady. — Samuel fez uma reverência. — Enquanto isso, nós iremos em busca de seu vinho. Lady Emeline? — Estendeu-lhe o braço.

O que fazia impossível uma negativa.

— É óbvio. — Emeline sorriu e posou os dedos sobre o braço daquele homem diabólico, notando em excesso o calor que emanava de seu corpo. Só esperava que aquele calor não se refletisse em sua cara.

Enquanto caminhavam pela colina, Samuel ajustou seus passos ao de Emeline, e logo deixaram para trás aos convidados. Agora que ele se saiu com a sua e estavam passeando juntos, ela esperava que travasse conversa em seguida, mas ele guardou silêncio. Emeline o olhava de soslaio. Samuel olhava fixamente o caminho com o cenho um pouco franzido. O que estaria pensando? E o que importava a ela?

Emeline deixou escapar uma exalação e olhou à frente. Afinal de contas, fazia um dia muito formoso, por que deixar que um acompanhante carrancudo o estragasse...?

— Quem é esse jovem que estava falando com a Rebecca e as outras senhoritas? — A voz do Samuel interrompeu suas reflexões.

Que necessidade, sentir uma pontada de decepção porque ele começasse a conversa falando de sua irmã...! Acaso esquecera que na semana anterior a beijara? Talvez sim. Bom, então ela também o esqueceria.

— Qual?

Samuel agitou uma mão com impaciência.

— Esse que ri como um idiota.

Ela sorriu. Por desgraça, aquela era uma descrição muito acertada do jovem em questão.

— O senhor Theodore Green. Tem uma renda anual excelente e um imóvel em Oxford.

— Sabe algo mais sobre ele?

Ela encolheu os ombros, contrariada.

— Que mais terá que saber? Não acredito que jogue....

Samuel a olhou com uma espécie de decepção.

— É esse seu único critério para julgar a um homem? Sua renda?

— E sua fila, é óbvio — respondeu ela com ironia.

— É óbvio.

— É sobrinho de um barão. Um magnífico partido para a Rebecca, se puder passar por cima dessa risada de idiota — comentou ela, pensativa. Algo parecia impulsioná-la a provocar a aquele homem.

— A verdade é que não acredito que possamos apontar mais alto. Seu dinheiro de indiano só conseguirá lhe abrir as portas de certos círculos, mas não poderá ir mais à frente. Temo que sua linhagem não servirá de nada a esse respeito.

Ele crispou os lábios como se grunhisse.

— Não é tão superficial como pretende.

— Não sei a que te refere. — Alegrava-se de olhar à frente, porque não estava segura de poder controlar sua expressão. Um vento brincalhão levantou a barra de suas saias, e as baixou.

— Só falas de fila e dinheiro. Como se isso fosse a única coisa que define a um homem.

— Estamos falando das possibilidades de casar de sua irmã, não é certo? Como quer que julgue a um cavalheiro?

— Por seu caráter, por seu intelecto, por sua generosidade para outros — respondeu ele rapidamente. Falava em voz baixa e intensa. Tinham chegado ao alto de uma pequena colina, e ante eles se estendiam os campos dourados, delimitados por sebes e baixos muros de pedra. — Por como cumpre com seu dever e cuida de quem depende dele. Há muitas coisas que eu teria em conta antes que suas rendas, se tivesse que julgar a um homem digno de casar-se com minha irmã.

Emeline franziu os lábios.

— Então, se encontrasse um mendigo inteligente e bondoso na rua, estaria disposto a

assinar com ele imediatamente um contrato matrimonial?

— Não te faça de tola. — Seu braço era duro como uma rocha sob os dedos de Emeline. — Não te favorece, e sabe perfeitamente o que quero dizer.

— Sim? — Ela soltou uma breve risada. — Te peço desculpas, mas pode ser que seja tola. Aqui, na Inglaterra, nós gostamos de casar a nossas filhas e irmãs com cavalheiros que possam as manter como é devido...

— Mesmo que o homem em questão seja um descarado, ou um cretino, ou um...

— Sim! — Samuel caminhava tão às pressas que Emeline precisava dar saltos para manter o seu passo. — Só pensamos no dinheiro e a fila porque somos uns infelizes avaros. Se eu encontrasse um conde com vinte mil libras anuais de renda, casaria-me com ele mesmo que tivesse mil achaques e para cúmulo estivesse senil.

Samuel parou em seco e a agarrou pelos antebraços, o qual foi uma sorte, porque de outro modo talvez ela teria caído. Quando o olhou ao rosto, soube que devia ter medo.

Samuel estava pálido de raiva, a boca torcida em uma careta zombadora. Medo, entretanto, era a última coisa que sentia.

— Gata — murmurou ele, e então a levantou quase em êxtase para aproximar as bocas de ambos.

A palavra "beijo" não descrevia adequadamente seu abraço. Samuel se apoderou da boca de Emeline, obrigando-a a abrir os lábios e aceitar sua língua. E ela desfrutou, opondo fúria a sua raiva. agarrou-se a seus ombros e cravou as unhas no pano de seu casaco. Se tivesse podido tocar sua pele nua, o teria arranhado, teria deixado a marca de sua ânsia, e teria se alegrado disso.

Ofegava, quase soluçando; sua boca se movia sob a dele e os lábios de ambos se roçavam grosseiramente. Não houve sutileza, nem carícias delicadas naquele beijo. Foi um desdobramento de luxúria e raiva.

Emeline podia cheirar sua pele. Samuel não usava talco, pomadas nem perfume: era só seu aroma, e a deixava louca. Desejava lhe arrancar o casaco dos ombros, tirar a camisa e a gravata e afundar o nariz em seu pescoço nu. Estava a ponto de perder o controle sobre aquele desejo brutal, e isso foi o que por fim a fez deter-se. Jogou a cabeça para trás e viu que ele a observava quase analiticamente.

Seus olhos tinham uma expressão muito mais calma do que ela estava.

Maldito fosse! Como se atrevia a não alterar-se como ela? Samuel pareceu ver a ira refletida em seus olhos. Curvou a boca, embora não em um sorriso.

— O faz propositadamente.

— O que? — Disse ela sufocando uma exclamação de perplexidade. Ele estudou seu rosto.

— Discute comigo, faz-me zangar até que não posso suportá-lo mais e te beijo.

— O diz como se tivesse planejado fazer que me beije. — Tentou afastar-se, mas ele a reteve.

— E não é assim?

— É óbvio que não.

— Eu acredito que sim — murmurou ele. — Acredito que tem a impressão de que só pode

aceitar meu contato quando a forço a isso.

— Isso não é certo!

— Então demonstre-me — murmurou Samuel, baixando de novo a cabeça para ela. — Embainha suas garras e me beije.

Roçou suavemente seus lábios em uma carícia quase reverente. Ela sufocou um gemido, entreabrindo os lábios, e ele a beijou com a boca aberta. Com desejo. Docemente. Emeline podia afogar-se em um beijo assim; era muito mais perigoso que sua violenta resistência de antes. Aquele beijo falava de desejo, de necessidade. Ela se estremeceu ante a possibilidade de que aquele homem pudesse desejá-la tanto.

E ante a ideia de que ela correspondesse a seu desejo. Sabia que não devia, mas apertou sua boca contra a dele. Beijou ao Samuel, e todos seus inúteis desejos ficaram presos no sussurro de seus fôlegos. Se pudesse...

Samuel levantou de repente a cabeça e ela abriu os olhos aturdida; já sentia falta de sua boca.

Ele estava olhando para trás.

— Os criados aos quais lady Hasselthorpe mandou procurar o vinho estão a ponto de chegar. Encontra-te bem?

— Sim. — Tremiam-lhe as mãos, mas as escondeu entre suas saias e se voltou, compondo uma expressão de aborrecimento que pôs em seu semblante. Os dois criados vinham, em efeito, subindo pela pequena colina, carregados com um cesto de garrafas de vinho que levavam entre ambos. Não pareciam especialmente interessados, assim que talvez não tivessem presenciado seu explosivo encontro.

— Posso lhe dar meu braço? — Samuel o ofereceu.

Ela o aceitou enquanto tentava aquietar seus sentidos trementes. Desde quando era tão impulsiva? O efeito que Samuel Hartley sortia sobre ela lhe desagradava. Ele parecia arrancar de seus membros o véu da civilização.

Fazia que se sentisse nua e exposta, convertendo-a em uma criatura tosca, toda emoções e nervos, prostrada a seus pés sem máscara alguma, incapaz de controlar seus instintos mais baixos.

Devia rechaçar seu braço e afastar-se dele o antes possível. Devia reencontrar-se com seu antigo eu, sossegar seus nervos a flor de pele com os rituais da cortesia.

Mas posou os dedos em seu braço e ao fazê-lo sentiu que lhe lançava um olhar triunfante, como se ela o tivesse mimado em algo.

O contato de lady Emeline o serenava, apesar de que ela o concedesse a contra gosto, e seu aroma de melissa flutuava suavemente até sua cara. Sam fechou os olhos um segundo, tentando recuperar o domínio de si antes de que chegassem os criados. Havia sido militar, enfrentou a vociferantes guerreiros índios sem romper filas. E entretanto, aos poucos segundos de estar em companhia de lady

Emeline começava a suar. Resmungou uma maldição enquanto os criados se aproximavam. Aquilo devia acabar. Ela era uma aristocrata: não era para ele.

Deixou que seu semblante relaxasse e saudou os lacaios.

— Tínhamos saído em sua busca. Posso ajudá-los a levar isso? — Assinalou o cesto cheio de vinho.

— Não, senhor. Obrigado, senhor — respondeu o mais velho dos dois. Respirava agitadamente, e seu companheiro estava com o rosto corado, mas sua voz tinha uma nota de surpresa e perplexidade.

Obviamente, não se esperava de um cavalheiro que se oferecesse a ajudar aos criados.

Sam suspirou e voltou-se para lady Emeline para retornar ao lugar onde ia celebrar o lanche campestre.

— Sua gente sente um respeito reverencial pelas distinções entre os homens.

Ela levantou o olhar. Um leve cenho franzia suas sobrancelhas.

— Como diz?

Sam assinalou os criados que resfolegavam atrás deles.

— Cada pequeno detalhe de fila, cada oportunidade, por mínima que seja, de diferenciar uma pessoa de outra. Os ingleses rendem culto às mais ridículas diferenças entre os homens.

— Insinuas que nas colônias não há distinções de fila? Porque se for assim, não te acredito.

— Sim existe, mas te asseguro que não idolatramos a posição social na mesma medida que vocês. Na América, um homem pode elevar-se acima da posição que nasceu.

— Como fez seu amigo, o senhor Thornton. — Deu-lhe uns tapinhas no braço, para enfatizar suas palavras. — Um inglês.

— Thornton não foi convidado a esta bonita festa campestre, não é assim? — Viu que o rosto de Emeline corava com um formoso rosa escuro e dissimulou um sorriso. Ela odiava perder uma discussão.

— Pode ser que tenha melhorado quanto a riqueza e posição social, mas está claro que os de sua classe ainda o consideram pouco digno de sua companhia.

— Vamos, senhor Hartley — replicou ela. — Você serviu no exército. Não me diga que ali não havia filas.

— Sim, havia, — respondeu ele com acidez. — E alguns néscios exímios mandavam mais que eu, inclusive chegaram a generais só por seu nascimento. Terá que encontrar um argumento melhor, se quer me convencer da bondade dessa classe de hierarquias.

— Meu irmão era um mau soldado? — Perguntou ela, crispada. Sam se amaldiçoou por ser tão néscio. Deus! Como podia ter sido tão desconsiderado? Naturalmente, Emeline pensaria em seu irmão em primeiro lugar.

— Não. O capitão Saint Aubyn era um dos melhores oficiais que conheci.

Ela havia abaixado a cabeça; seus lábios se estreitaram. Era uma mulher muito confiante, mas às vezes podia ser também muito vulnerável. Ao Sam doía vê-la assim. Era estranho: sua língua viperina o fazia se sentir vivo, lhe dava vontade de apoderar-se dela e de beijá-la até que ela começasse a gemer. Mas quando demonstrava aquela estranha debilidade, Emeline o esmagava.

Oxalá não a demonstrasse com ninguém mais. De fato, não podia suportar a ideia de que outro homem visse aquela faceta dela. Queria ser o único em proteger aquele lado tenro.

— E Jasper? — Perguntou ela. — Ele também era um bom oficial? Não sei por que, mas não

o imagino ao comando de um grupo de soldados. Jogando às cartas e brincando com eles, sim. Mas dando-lhes ordens, não.

— Então pode ser que conheça muito bem a seu prometido. — Ela levantou a cabeça e o olhou, carrancuda.

— Conheço o Jasper desde que usava fraldas.

Ele encolheu os ombros.

— Não acredito que se chegue a conhecer de verdade a um homem até que a gente vê como encara a morte.

Viam já o lugar do lanche. Lady Emeline olhou ao Jasper, que seguia estando em meio de um grupo de homens risonhos, tirou o casaco por alguma razão (o qual era muito pouco apropriado) e gesticulava em colete e mangas de camisa, agitando os longos braços no ar como um ganso enorme. Enquanto o observavam, outra onda de risadas estendeu entre seus acompanhantes.

— Lorde Vale é o homem mais corajoso na batalha que conheci — disse Sam, pensativo.

Lady Emeline se voltou para olhá-lo com as sobrancelhas erguidas. Ele assentiu com um gesto.

— O vi cair de um cavalo morto por um disparo. O vi levantar-se ensanguentado e seguir lutando, apesar de que a seu redor só havia morte. Encarou a batalha (e a morte) como se não tivesse medo. Às vezes sorria enquanto lutava.

Ela franziu os lábios enquanto via o Jasper gesticular.

— Pode ser que não tivesse medo. — Sam sacudiu lentamente a cabeça.

— Só os néscios não têm medo na batalha, e lorde Vale não é nenhum néscio.

— Então é que é um ator consumado.

— Pode ser.

— Nossos salvadores! — Lady Hasselthorpe correu para ela agitando as mãos inutilmente. — Obrigado, senhor Hartley, lady Emeline, salvaram do desastre meu pequeno almoço ao ar livre.

Sam sorriu e fez uma reverência.

— E você? — Perguntou lady Emeline suavemente enquanto sua anfitriã revoava por ali, estorvando aos criados.

Sam a olhou inquisitivamente.

— Como confrontou a morte? — Perguntou-lhe ela em voz tão baixa que só ele pôde ouvi-la.

Sam sentiu que sua expressão paralisava.

— O melhor que pude.

Ela sacudiu a cabeça ligeiramente.

— Acredito que foi tão heroico como Jasper na batalha. — Ele afastou o olhar. Não podia olhá-la aos olhos.

— Em um campo de batalha não há heróis, milady; só há sobreviventes.

— É muito modesto...

— Não. — Sabia que falava com muita intensidade. Corria o risco de chamar a atenção. Mas não podia conversar tranquilamente sobre aquele assunto. — Eu não sou um herói.

— Emmie! — Suado-lhes lorde Vale. — Deve comer um pouco de bolo de pombo antes que

o devoremos todo. Me esforcei para guardar um ou dois pedaços. Mas temo que o frango assado já desapareceu.

Sam saudou Vale com uma inclinação de cabeça, mas antes de levá-la para lá, se aproximou um pouco de Emeline e, porque era importante que não fizesse ilusões a respeito dele, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Jamais me acredite um herói.

Capítulo 10

E assim, todas as coisas que prometeu o velho mago se fizeram realidade. Coração de Ferro vivia em um castelo maravilhoso, com a princesa Solace como esposa. Luzia roupagens púrpuras e carmesins, e por toda parte tinha criados para servi-lo. Seguia sem poder falar, claro, porque se falasse romperia a promessa que fez ao mago, mas seu silêncio não parecia uma prova tão penosa de suportar.

Afinal de contas, a um soldado raramente pedem opinião...

De Coração de Ferro

— Esse cenho franzido não te cai bem — murmurou Melisande à manhã seguinte.

Emeline tentou desenrugar sua fronte, mas tinha a impressão de que seu mau humor seguia sendo evidente. Afinal de contas, estava observando ao Samuel.

— Oxalá tivesse vindo ontem e não hoje. — Melisande levantou um pouco uma sobrancelha.

— Se soubesse que sentia saudades de minha companhia, teria vindo, querida. Por isso está de um humor tão sombrio?

Emeline suspirou e deu o braço a sua amiga.

— Não. Meu humor não tem nada a ver contigo, salvo porque faz que me sinta mais calma.

Estavam na longa pradaria aparada da parte detrás de Hasselthorpe House. A metade dos convidados se reuniu ali para praticar o tiro ao alvo, e a outra metade preferiu aproximar-se do povoado próximo a admirar as vistas. Ao fundo da pradaria, os lacaios estavam levantando alvos de tecido pintado, atrás deles havia fardos de palha para aparar as balas. Os cavalheiros que foram participar andavam por ali, exibindo suas armas às damas admiradas que, naturalmente, formavam o público.

— A carabina do senhor Hartley é incrivelmente longa — começou Melisande. — Será por isso que o olha com tanta raiva.

— Por que precisa fazer-se notar? — Resmungou Emeline, recolheu com impaciência as saias de listas rosas e verdes. — É como se sempre se empenhasse em ser diferente dos outros. Estou convencida de que o faz unicamente para me chatear.

— Sim, certamente é nisso a primeira coisa que pensa quando acorda pela manhã: “Como vou chatear a lady Emeline hoje?"

Emeline olhou a sua amiga, que lhe devolveu o olhar com seus grandes olhos castanhos carregados de inocência.

— Estou me comportando como uma idiota, verdade?

— Bom, querida, eu não diria tanto...

— Não, não é necessário que o diga. — Emeline suspirou. — Trouxe uma coisa que quero te mostrar.

Melisande a olhou com as sobrancelhas erguidas.

— Ah, sim?

— É um livro de contos que minha aia costumava a nos ler. O encontrei recentemente, mas acredito que está escrito em alemão. Poderá traduzir isso.

—Posso tentá-lo — respondeu sua amiga. — Mas não te prometo nada. Meu alemão é bastante bom, mas há muitas palavras que desconheço. Aprendi-o de minha mãe, não dos livros.

Emeline assentiu com a cabeça. A mãe de Melisande era prussiana e nunca aprendeu inglês totalmente, apesar de ter se casado à idade de dezessete anos. Melisande cresceu falando ambos os idiomas.

— Obrigada.

Colocados por fim os alvos, o último lacaio começou a caminhar para o grupo de atiradores. Os cavalheiros abaixaram as cabeças com ar grave, tentando decidir em que ordem dispariam.

— Não sei por que, mas esse homem faz que qualquer ideia inteligente se esfume de minha cabeça. — Emeline se surpreendeu olhando ao Samuel de novo.

Diferentemente dos outros cavalheiros, não apontava ostentosamente com a arma, nem fazia dramalhões. Sustentava o rifle com a culatra apoiada no chão, tranquilamente, com o quadril inclinado.

Surpreendeu a Emeline o olhando e inclinou a cabeça sem sorrir. Ela se apressou a olhar para outro lado, mas seguiu vendo mentalmente seu simples casaco marrom, as perneiras de couro deslustrado (às que já se acostumou) e a cabeça descoberta, cujo cabelo o vento revolvia. Nada em sua aparência o fazia destacar. Apesar de que outros senhores foram vestidos para disparar no campo, Samuel poderia ter passado por um servente, tão simples eram suas roupas. E entretanto ela teve que fazer um esforço de vontade para afastar o olhar dele.

Puxou o laço de seu pescoço.

— Ontem me beijou.

Melisande ficou quieta.

— O senhor Hartley?

— Sim. — Emeline sentia os olhos do Samuel fixos nela, apesar de que não havia tornado a olhá-la.

— E você beijou a ele? — Perguntou sua amiga como se lhe perguntasse o preço de umas cintas em um mercado.

— Deus. — Emeline se engasgou ao falar.

— Imagino que isso significa que sim — murmurou Melisande. — É um homem bonito, embora um pouco primitivo. Mas não acreditava que pudesse te atrair.

— E não me atrai!

Mas no fundo sabia que mentia. Aquilo era uma febre terrível. Cada vez que Samuel se aproximava, ela se acalorava. Era incapaz de controlar seu corpo (ou a si mesma) quando estava perto daquele diabo de homem.

Não se sentira tão selvagem em toda sua vida, nem sequer com o Danny, seu marido, e essa ideia fez que mordesse o lábio. Danny era tão jovem, tão alegre...

E ela se sentira jovem e alegre a seu lado. Parecia injusto ter agora sentimentos mais fortes por outro homem: por um homem que nem sequer era seu marido.

Melisande a olhou com cepticismo.

— Então o evitará no futuro, sem dúvida.

Emeline voltou a cabeça para que Samuel desaparecesse de seu campo de visão, ficou olhando o lago ornamental que havia por trás dos alvos. Parecia cheio de juncos.

Lady Hasselthorpe deveria ter ordenado que o limpassem antes da festa. A senhora Fitzwilliams permanecia sozinha junto a margem, pobre mulher.

— Não sei o que vou fazer.

— Uma mulher sensata procuraria a companhia de seu prometido, certamente — murmurou Melisande.

Jasper formava parte do grupo de atiradores, é óbvio. Adorava tudo o que envolvia exercício físico. Mas, diferentemente a Samuel, estava em constante movimento: tanto podia se abaixar como se levantar com um salto e se aproximar para ajudar o criado a endireitar os alvos. Emeline recordou por um instante o que lhe dissera Samuel sobre ele: que lutava como se não tivesse medo. Não era esse, certamente, o homem que ela conhecia. Claro que uma mulher talvez nunca chegasse a conhecer totalmente os homens com quem vivia.

Emeline sacudiu a cabeça. Nada daquilo importava.

— Isto não tem nada que ver com o Jasper. Já sabe.

— Tem um acordo com ele, — recordou sua amiga com voz neutra.

— Um acordo, sim. É exatamente isso. E os sentimentos do Jasper não entram em seus termos.

— Não? — Melisande olhou os pés, franzindo os lábios. — Eu acredito que te tem certo carinho.

— Vê-me como uma irmã.

— Esse pode ser o fundamento de um matrimônio bem ajustado...

— Tem outras mulheres.

Melisande não disse nada e Emeline se perguntou se havia escandalizado a sua amiga. Esperava-se que um cavalheiro da aristocracia tivesse aventuras amorosas antes e depois de suas bodas, mas se considerava de mau gosto falar disso em voz alta.

— Antes essas coisas não lhe importavam — disse Melisande. Os cavalheiros começavam a alinhar-se para disparar por turnos. — Anda, vamos vê-los atirar.

Caminharam para eles.

— Segue sem me importar o que Jasper sente por mim — disse Emeline em voz baixa. — De

fato, acredito que o melhor para uma mulher casada é que seu marido lhe tenha carinho e consideração. É preferível à paixão desenfreada.

Sentiu o olhar afiado de Melisande, mas sua amiga não disse nada. Aproximaram-se do grupo de cavalheiros. O duque de Lister se adiantou e se preparou para disparar com muita pompa.

Sem dúvida lhe concederam o primeiro turno em reconhecimento a sua fila.

— Que homem tão desagradável — murmurou Melisande. Emeline levantou as sobrancelhas.

— O duque?

— Mmm. Arrasta a sua amante a toda parte como a um cachorrinho preso a uma corrente.

— A ela não parece importar. — Emeline olhou de novo à senhora Fitzwilliams. Esta fazia sombra com a mão para ver o disparo, e seu cabelo dourado brilhava ao sol. Parecia perfeitamente relaxada.

— Não pode mostrar-se ofendida, não acredita? Se quer manter sua posição. — Melisande a olhou com o cenho franzido e Emeline se sentiu de repente muito estúpida. — Mas de todos os modos deve ser muito desagradável. Nenhuma senhora fala com ela, e ele, em troca, é perfeitamente respeitável.

O duque levou a carabina ao ombro.

Melisande tampou os ouvidos quando disparou e fez uma careta quando o estrondo do disparo ressonou em Hasselthorpe House.

— Por que as armas precisam fazer tanto ruído?

— Para impressionar devidamente às senhoras, imagino — disse Emeline com ar distraído.

Um criado avançou cerimoniosamente para o alvo e pintou um círculo negro ao redor do buraco da bala para que todo mundo pudesse ver onde esta havia acertado. O tiro do Lister estava perto da borda do alvo.

O duque enrugou o cenho, mas as senhoras aplaudiram com entusiasmo. A senhora Fitzwilliams ameaçou se aproximar como se quisesse felicitar a seu protetor, mas o duque não a viu e se afastou para falar com lorde Hasselthorpe com voz retumbante. Emeline viu que ela se detinha, indecisa, e que ato seguido sorria e voltava para a margem do lago.

Melisande tinha razão. Evidentemente, ser a querida de alguém não era tarefa fácil.

— Verdade que estão galhardos os cavalheiros? — Lady Hasselthorpe se aproximou delas. Esse dia, sua anfitriã ia vestida de fustãn com pontos rosas sobre uma enorme anquinha.

Adornavam suas saias recamadas com esmero grande quantidade de cintas rosas e verdes, e na mão sustentava um cajado branco de pastora. Ao que parece, ia caracterizada de rústica pastora, embora Emeline duvidasse de que muitas pastoras levassem anquinhas enquanto atendiam a suas ovelhas.

— Eu adoro ver os homens exibirem suas proezas. — Outro forte estampido a interrompeu. Melisande se sobressaltou ao ouvi-lo.

— É encantador — disse com um sorriso forçado.

— E agora toca ao senhor Hartley, com sua estranha carabina. — Lady Hasselthorpe olhou

aos cavalheiros estreitando os olhos: era notoriamente curta de vista, mas se negava a usar óculos.

— Acredita que funcionará bem, com esse cano tão longo? Pode ser que exploda. Seria muito emocionante!

— Sim — disse Emeline.

Samuel se aproximou da marca e ficou olhando o alvo um momento. Emeline franziu o cenho, perguntando-se que fazia. Logo, tão depressa que mal pôde lhe seguir com o olhar, ele ergueu o rifle ao ombro, apontou e disparou. Fez-se um silêncio assombrado entre o público. O criado do pincel pôs-se a andar para o alvo. Samuel já se afastara, enquanto todos os outros esperavam para ver onde acertara a bala.

O criado pintou solenemente um círculo negro no próprio centro do alvo.

— Meu deus, acertou no centro do alvo — murmurou por fim um dos cavalheiros.

As senhoras aplaudiram e os senhores se congregaram em torno de Samuel para examinar sua arma.

— Deus, odeio o ruído dos disparos — resmungou Melisande ao baixar as mãos.

— Deveria ter trazido algodão para te tampar os ouvidos — disse Emeline distraidamente.

Samuel não havia piscado ao disparar. Nem ao levar o rifle ao ombro, nem ao ouvir o estrondo da detonação, nem quando a fumaça da pederneira soprou nele. Os outros cavalheiros carregavam as armas com soltura; certamente iam caçar ou atiravam ao alvo com bastante frequência em festas campestres como aquela. Mas nenhum deles mostrava a absoluta familiaridade com a arma que demonstrava Samuel.

Emeline se disse que certamente podia disparar com aquele rifle às escuras, correndo ou sendo atacado. Possivelmente o fez, em realidade.

— Sim — resmungou Melisande. — Isso melhoraria sem dúvida meu aspecto: que me saíssem algodão pelas orelhas, como se fosse um coelho.

Emeline riu ao imaginar a sua amiga com orelhas de coelho, e Samuel se voltou como se tivesse ouvido sua risada. Ela conteve o fôlego quando seus olhos se encontraram. Então a olhou um momento com fixidez; seus olhos escuros pareciam ter uma expressão intensa, apesar da distância que os separava. Logo lorde Hasselthorpe lhe disse algo e ele se virou. Emeline sentiu o palpitar do sangue em sua cabeça.

— O que vou fazer? — Murmurou.

— Um disparo de primeira — murmurou Vale atrás do Sam.

— Obrigado. — Este viu que seu anfitrião se dispunha a disparar. Hasselthorpe mantinha os pés muito juntos e corria o risco de cair ou ao menos de cambalear ao fazer o disparo.

— Claro que você sempre foi um bom atirador — prosseguiu Vale. — Se lembra daquela vez em que caçou cinco esquilos para o jantar?

Sam encolheu os ombros.

— Para que serviu. Mal encheram a panela. Estavam nos ossos.

Era consciente de que lady Emeline estava a poucos metros dali, com a cabeça colada a de sua amiga, e se perguntou do que estariam falando as senhoras. Ela esquivava seu olhar.

— Fracas ou não, eram carne fresca, e bem que se agradecia. Acredito que Hasselthorpe vai cair, você não?

— Pode ser. — Ficaram calados enquanto seu anfitrião olhava pelo cano estreitando os olhos; logo apertou o gatilho e, como era inevitável, não pôde controlar o retrocesso da arma. O disparo se desviou, errando por completo o alvo.

A amiga de lady Emeline tampou os ouvidos e fez uma careta.

— Pelo menos não caiu — murmurou Vale. Parecia um pouco desiludido.

Sam se voltou para olhá-lo.

— Já perguntou pelo cabo Craddock? — Vale oscilou preguiçosamente sobre seus calcanhares.

— Tenho a direção que nos deu Thornton, e averiguei onde está Honey Lane, a rua onde vive Craddock.

Sam o observou um momento.

— Bem. Então amanhã não teremos problemas para o encontrar.

— Nenhum problema — disse Vale com calma. — Lembro-me que Craddock era um tipo muito prudente. Se alguém pode nos ajudar, seguro que é ele.

Sam assentiu com a cabeça e voltou a olhar à frente, embora não se fixasse em quem disparava a seguir. Esperava que Vale tivesse razão e que Craddock pudesse ajudá-los.

Porque estavam ficando sem sobreviventes aos que interrogar.

Emeline alisou a saia de cor coral que cobria sua anquinha essa noite, ao entrar no salão de baile dos Hasselthorpe. A enorme sala fora redecorada fazia pouco tempo, segundo lady Hasselthorpe, e ao que parece não se conteve em gastos. As paredes estavam pintadas de rosa nacarado, com barrocas sianinhas douradas realçando o teto, as colunas, as portas e as janelas, e qualquer outra coisa que tivesse ocorrido aos decoradores. Os medalhões que havia ao longo das paredes, bordejados também por intrincadas folhas de cor ouro, representavam cenas bucólicas com ninfas e sátiros.

Em conjunto, o salão era como uma flor de açúcar: exageradamente adocicado.

Nesse momento, entretanto, a Emeline preocupava mais Samuel que o salão de baile dos Hasselthorpe. Não o vira desde a competição de tiro, essa tarde. Assistiria ao baile, apesar do que lhe aconteceu na velada dos Westerton? Emeline sabia que era absurdo preocupar-se tanto por algo que não era assunto dela, mas apesar disso, confiava em que Samuel tivesse decidido ficar em seus aposentos.

Seria horrível que voltasse a sofrer um daqueles ataques.

— Lady Emeline!

Aquela voz aguda soou muito perto, e ao se virar viu com escassa surpresa que sua anfitriã se aproximava dela. Lady Hasselthorpe ostentava um traje rosa, ouro e verde maçã, tão armado que precisava ficar de lado para passar entre seus convidados. O rosa de suas saias combinava perfeitamente com o das paredes do salão de baile.

— Lady Emeline! Quanto me alegro de vê-la! — Exclamou como se não a tivesse visto a

apenas duas horas antes. — Que opinião merecem os perus reais?

Emeline piscou.

— Parecem-me uns pássaros muito bonitos.

— Sim, mas lavrados em açúcar? — Lady Hasselthorpe havia chegado a seu lado e se inclinava para ela. Seus belos olhos azuis pareciam francamente preocupados. — Porque o açúcar é completamente branco, não? Enquanto que os perus são justo o contrário, não lhe parece? Não são brancos. Eu acredito que por isso são tão bonitos, por todas as cores de suas plumas. Assim ter um pavão de açúcar não é o mesmo que ter um de verdade, não?

— Não. — Emeline deu uns tapinhas no braço da sua anfitriã. —Mas estou segura de que os perus de doce serão maravilhosos de todos os modos.

— Mmm. — Lady Hasselthorpe não parecia convencida, mas seus olhos se deslizaram já para um grupo de senhoras que havia além dela.

— Viu o senhor Hartley? — Perguntou-lhe Emeline antes que sua anfitriã pudesse afastar-se.

— Sim. Sua irmã é bastante bonita, e dança bem. Eu acredito que isso sempre ajuda, você não? — E lady Hasselthorpe partiu e ficou a gorjear a respeito da sopa de tartaruga, dirigindo-se a uma senhora que a olhava com pasmo.

Emeline suspirou, exasperada. Já via a Rebecca, movendo-se suavemente junto a outros bailarinos, mas onde estava Samuel? Emeline começou a margear aos dançantes, abrindo passagem para o fundo do salão.

Passou junto ao Jasper, que estava sussurrando algo ao ouvido de uma moça que ruborizava, e a seguir lhe cortou a passagem um grupo de senhores mais velhos que mexericavam de costas a ela.

— Vi o livro de contos que deixou em meu quarto — disse Melisande a suas costas.

Emeline se voltou. Sua amiga vestia um tom marrom cinzento que a fazia parecer um corvo poeirento. Levantou as sobrancelhas, mas não fez comentário algum.

Tiveram outras vezes aquela conversa, e o traje não havia trocado o mínimo.

— Pode traduzi-lo?

— Acredito que sim. — Melisande abriu seu leque e o agitou lentamente. — Só joguei uma olhada a um par de páginas, mas pude decifrar algumas palavras.

— Ah, muito bem.

Mas Emeline parecia distraída. Melisande a olhava atentamente.

— O viu?

Por desgraça, não era necessário perguntar a quem.

— Não.

— Pareceu-me ver que saía ao terraço.

Emeline olhou para as portas de cristal, abertas para que entrasse a brisa noturna. Tocou o braço de sua amiga.

— Obrigada.

— Umf. — Melisande fechou de repente seu leque. — Tome cuidado.

— Tê-lo-ei. — Emeline já havia se virado e começara a mover-se entre a multidão.

Uns poucos passos mais à frente se encontrou ante as portas que davam ao jardim. Passou por elas. Mas ficou desiludida. Havia vários casais fora, passeando pelo terraço de pedra, mas não viu a inconfundível silhueta do Samuel. Olhou a seu redor enquanto avançava, e então o sentiu.

— Está preciosa esta noite. — Seu fôlego lhe roçou o ombro nu, lhe arrepiando a pele.

— Obrigada — murmurou ela. Tentou olhá-lo no rosto, mas havia segurado sua mão e posto em seu braço.

— Damos um passeio?

Era uma pergunta retórica, mas Emeline assentiu de todos os modos com um gesto. O ar da noite era um alívio, depois de sair do sufocante salão. A conversa dos convidados foi se dissipando enquanto desciam a ampla escada que conduzia a uma trilha de cascalho. Minúsculas lanternas penduravam dos ramos das árvores frutíferas do jardim e brilhavam como vaga-lumes no anoitecer do outono.

Emeline estremeceu.

Apertou-lhe a mão.

— Se tem frio, podemos voltar a entrar.

— Não, estou bem. — Olhou seu perfil na escuridão. — E você?

Ele soltou um suave bufido.

— Mais ou menos. Pensará que sou idiota.

— Não. — Ficaram calados. Seus passos esmagavam o cascalho. Emeline pensou que talvez ele tentasse levá-la para o escuro, mas Samuel não se separava do caminho iluminado.

— Sente falta de Daniel? — Perguntou, e por um momento o entendeu mal: acreditou que se referia a seu defunto esposo.

Logo o compreendeu por fim.

— Sim. Preocupa-me que possa ter pesadelos. Às vezes lhe perturbam o sono, como ocorria a seu pai.

Sentiu que ele a olhava.

— Como era seu pai?

Emeline olhou distraidamente a trilha em penumbra.

— Era jovem. Muito jovem. — Olhou-o rapidamente. — Pensará que é uma estupidez dizer algo assim, mas é a verdade. Eu não percebi naquele momento, porque eu também era jovem. Era só um menino quando nos casamos.

— Mas o amava — disse ele com voz suave.

— Sim — sussurrou ela. — Loucamente. — Era quase um alívio reconhecer o quão terrivelmente apaixonada esteve de Danny. E o prostrada pela dor que ficou após sua morte.

— Amava-te ele?

— OH, sim. — Nem sequer teve que lhe perguntar. O amor do Danny era fácil e natural, algo que ela dava por certo. — Dizia que se apaixonou por mim a primeira vista. Foi em um baile como este, e nos apresentou *tante* Cristelle, que conhecia sua mãe.

Ele assentiu com a cabeça, sem dizer nada.

— E ele me mandava flores e me levava a passear de carruagem e fazia tudo o que se

esperava dele. Acredito que nossas famílias quase se surpreenderam quando anunciamos o compromisso. Tinham esquecido que ainda não estávamos prometidos. — Aqueles dias dourados já pareciam um pouco imprecisos. Alguma vez fora tão jovem?

— Foi um bom marido?

— Sim. — Ela sorriu. — Às vezes bebia e jogava, mas isso o fazem todos os homens. E costumava me fazer presentes e os elogios mais encantadores.

— Parece que foi um matrimônio ideal. — Sua voz soava firme e sem inflexão.

— Era-o. — Estaria enciumado?

Samuel se deteve e a olhou, e ela não viu ciúmes em seu olhar, absolutamente.

— Então, por que depois de um matrimônio ideal quer um sem amor?

Ela sufocou uma exclamação de surpresa. Tinha a sensação de que Samuel a esbofeteara. Levantou a mão quase sem perceber, fosse para se defender ou para devolver o golpe, mas agarrou-lhe o punho e o afastou, deixando-a desarmada.

— Por que, Emeline?

— Isso não é teu assunto. — Tremia-lhe a voz, apesar de tentar controlá-la.

— Eu acredito que sim, milady.

— Virá alguém — chiou ela. O caminho estava deserto, salvo por eles, mas Emeline sabia que não permaneceria assim muito tempo. — Me Solte.

— Mentiste-me. — Samuel ignorou seu rogo e aproximou o rosto ao seu, esquadrinhando-a com olhar analítico. — O amava.

— Sim! Amava-o e morreu e me deixou. — Conteve o fôlego ao ouvir aquelas palavras traiçoeiras. — Me deixou completamente sozinha.

Samuel seguia olhando-a como se pudesse ver dentro de sua cabeça, até sua própria alma.

— Emeline...

— Não. — Soltou-se bruscamente e pôs-se a correr. Correu pela trilha do jardim e se afastou do Samuel como se fugisse do demônio.

O dia estava cinza quando Sam e lorde Vale partiram a primeira hora da tarde do dia seguinte. Sam estremeceu, sentado na sela de seu cavalo emprestado, e confiou em que não chovesse na viagem de volta.

Não pôde falar com a Emeline em toda a manhã. Cada vez que a via, ela se assegurava de estar acompanhada. Sua negativa a lhe permitir esclarecer seus problemas o inquietava.

A noite anterior, no jardim, havia tocado um ponto sensível. Ela amou a seu primeiro marido. De fato, Sam tinha a sensação de que Emeline era capaz de sentir um amor profundo e inquebrável.

E talvez esse fosse o problema. Quantas vezes podia conceder essa classe de amor e perdê-lo sem sentir seus efeitos?

Sam imaginou como um fogo que se contém, que conserva suas brasas ardendo debaixo, para não descontrolar-se por completo. Era necessário um homem decidido para avivar de novo aquelas chamas.

Seu cavalo sacudiu a cabeça, fazendo tilintar a brida, e Sam voltou a pensar no presente. Vale e ele se dirigiam ao Dryer's Green, o povoado no qual vivia o cabo Craddock, não muito longe dali.

O visconde se mostrou estranhamente taciturno enquanto os cavalos os conduziam e percorriam a larga avenida até a estrada principal.

Quando chegaram à grade de ferro do final da vereda, Vale disse:

— Ontem você fez uso de uma pontaria impressionante. Acredito que acertou no centro do alvo todas as vezes.

Sam o olhou, se perguntando por que escolheu aquele assunto de conversa. Talvez só queria conversar.

— Obrigado. Percebi que você não disparava.

Um pequeno músculo vibrou na mandíbula de Vale.

— Fartei-me de armas e disparos na guerra.

Sam assentiu com a cabeça. Isso podia entender. Naquela guerra ocorreram muitas experiências que ninguém suportaria repetir, fosse um aristocrata ou um soldado da tropa.

O visconde lançou-lhe um olhar.

— Suponho que me considera um covarde.

— Nada disso.

— Você é muito amável. — Seu cavalo se assustou com um ramo e Vale teve que puxar as rédeas um momento. Logo disse:

— É curioso. Não me importa ouvir disparos, ou cheirar a fumaça. É só sustentar uma arma nas mãos. Seu peso e seu tato. De algum modo me devolve tudo aquilo, e a guerra volta a fazer-se real. Muito real.

Sam não respondeu. O que podia dizer em resposta a aquela observação? Às vezes, a guerra era também muito real para ele. Talvez seguia acontecendo ainda para todos os soldados que voltaram para casa: para os feridos e para os que só na aparência estavam inteiros.

Haviam saído à estrada, margeada a um lado por uma velha sebe e pelo outro por uma parede de pedra. além daqueles confinamentos, os campos dourados e pardos se estendiam ao longe.

Um grupo de camponeses trabalhava em um deles, as mulheres com as saias recolhidas à altura dos joelhos e os homens com blusões.

— Sabia que Hasselthorpe também esteve na guerra? — Perguntou Vale de repente.

Sam o olhou.

— Seriamente? — Hasselthorpe não tinha um porte muito marcial.

— Foi ajudante de campo de um dos generais — respondeu-lhe ele. — Já não me lembro de qual.

— Esteve em Quebec?

— Não. Não estou seguro de que chegasse a pisar no fronte. De todos os modos, acredito que não permaneceu muito tempo no exército antes de herdar.

Sam assentiu com a cabeça. Muitos aristocratas procuravam cômodos destinos no exército

de Sua Majestade. Que fossem ou não aptos para a vida militar tinha muito pouco que ver com a eleição de sua carreira.

Deixaram de falar até que entraram nos subúrbios do Dryer's Green, uns minutos depois. O povoado era pequeno, mas buliçoso, desses que celebravam um florescente mercado cada semana.

Passaram pela oficina do ferreiro e pela loja de um sapateiro, e uma hospedaria apareceu ante sua vista.

— Disseram-me que Honey Lane está justo aqui. — Vale assinalou uma ruela, logo após a hospedaria.

Sam assentiu com um gesto e dirigiu seu cavalo para ali. Só havia uma casa na rua: uma mísera casinha com o telhado de urze enegrecido pelo tempo. Então olhou a Vale com as sobrancelhas levantadas.

O visconde encolheu os ombros. Desmontaram ambos e ataram os cavalos a uns ramos baixos, junto ao muro de pedra que separava a casa da rua. Vale abriu a porta de madeira e avançaram pelo caminho de tijolo.

A casa podia ter sido bonita antigamente. Restava o vislumbre de um jardim, abandonado fazia tempo, e a construção, embora pequena, estava bem proporcionada. Saltava à vista que Craddock estava atravessando um mau momento. Ou havia perdido a capacidade de ocupar-se da casa.

Pensando nisso, inquieto, Sam bateu na porta baixa.

Ninguém saiu a abrir. Então esperou um momento e logo chamou de novo, esta vez com mais força.

— Pode ser que tenha saído — disse Vale.

— Averiguou onde trabalha? — Perguntou Sam.

— Não, eu...

Mas a porta se entreabriu de repente, interrompendo ao visconde. Uma mulher de meia idade os olhou pela estreita fresta. Usava uma touca branca, mas ia pelo resto vestida de negro, com um xale grande cruzado sobre o peito e enrolado à cintura.

— Sim?

— Nos desculpe, senhora — disse Sam — mas estamos procurando o senhor Craddock. Hão-nos dito que vive aqui.

A mulher gemeu suavemente e Sam se esticou.

— Vivia aqui, sim — disse ela. — Mas já não. Está morto. Enforcou-se faz um mês.

Capítulo 11

Passaram seis anos de felicidade conjugal. Porque que homem não se sentiria ditoso sendo rico e estando casado com uma mulher bela e apaixonada por ele? O

sexto ano, a felicidade de Coração de Ferro alcançou novas cotas quando a princesa descobriu que estava esperando um filho. O júbilo se apoderou da Cidade Resplandecente. As pessoas dançavam nas ruas e o rei banhou ao povo com moedas de ouro a noite em que a princesa deu a luz a um varão. O pequeno era o herdeiro do trono e algum dia usaria a coroa de rei. Essa noite, Coração de Ferro sorriu olhando a seu filho e a sua esposa, sabedor de que logo poderia dizer seus nomes. Porque faltavam três dias para que concluíssem seus sete anos de silêncio...

De Coração de Ferro

— Alcaparras — disse lady Hasselthorpe.

Emeline engoliu um pedacinho de ganso e olhou a sua anfitriã.

— Sim?

— Quer dizer... — Lady Hasselthorpe olhou a seus convidados, dispostos ao redor da longa e elegante mesa do jantar. Todos haviam parado para olhá-la. — De onde vêm?

— Da cozinha! Aha! —exclamou um jovem cavalheiro. Ninguém percebeu, salvo a senhorita de seu lado, que riu baixinho, entusiasmada.

Lorde Boodle, um cavalheiro entrado em anos, de cara enxuta e pálida sob uma longa e frisada peruca bastante rígida, clareou a garganta.

— Acredito que são brotos.

— Seriamente? — Lady Hasselthorpe abriu de par em par seus formosos olhos azuis. — Mas isso é extraordinário. Eu pensava que estariam aparentadas com as ervilhas, só que mais azedas, vocês já me entendem...

— Claro, claro, querida — disse lorde Hasselthorpe a sua esposa do outro extremo da mesa. As pessoas se perguntavam às vezes como era possível que lorde Hasselthorpe, um cavalheiro fraco e severo sem um só pingo de senso de humor, casou-se com aquela mulher. O anfitrião pigarreou suavemente. — Como ia dizendo...

— Muito, muito azedas — continuou lady Hasselthorpe. Olhava com o cenho franzido o charco de molho que rodeava a fatia de ganso de seu prato. Umas quantas alcaparras dispersas nadavam nele.

— A verdade é que acredito que eu não gosto dessas coisinhas tão azedas. Aí estão, espreitando em um molho perfeitamente insosso. Assim que mordo uma, sobressalto-me. Vocês não?

O duque, que era famoso por seus discursos no Parlamento, piscou e pareceu ter ficado sem fala.

— Né...

Emeline decidiu salvar a conversa.

— Dizemos ao criado que retire seu prato?

— OH, não! — Lady Hasselthorpe sorriu, encantadora. Seus olhos azuis combinavam perfeitamente com o tom de seu vestido, e na garganta ostentava um escuro colar de pérolas que realçava seu longo e fino pescoço.

Era realmente muito bela. — Mas terei que tomar cuidado com as alcaparras, não lhes parece? — E meteu um pedaço de ganso na boca.

— Que mulher tão valente — murmurou o duque. Sua anfitriã lhe sorriu.

— Verdade que sim? Mais que lorde Vale e o senhor Hartley, acredito. Nem sequer retornaram do povoado para jantar. A não ser que estejam escondidos em seus quartos. — Olhou a Emeline inquisitivamente.

O certo era que Emeline estava bastante preocupada com aquele assunto. Aonde teriam ido Samuel e Jasper? partiram justo depois de comer e estavam horas fora.

Mas ela respondeu a sua anfitriã fingindo um sorriso despreocupado.

— Certamente terão se entretido no botequim do povoado ou algo parecido. Já sabe como são os homens.

Lady Hasselthorpe abriu muito os olhos, como se não estivesse segura de conhecer os homens. Lister pigarreou inesperadamente.

— A verdade é que acredito que lorde Vale está na estufa.

Lady Hasselthorpe o olhou preocupada.

— E se pode saber o que faz ali? Acaso não sabe que o jantar não se serve na estufa?

— Acredito que está... né... — O duque ficou avermelhado —... Indisposto.

— Tolices — disse sua anfitriã rotundamente. — A estufa é um lugar absurdo para estar indisposto. Sem dúvida lorde Vale teria escolhido a biblioteca.

O duque ergueu as expeças sobrancelhas ao ouvir aquela observação, mas Emeline só o notou vagamente. Que fazia Jasper na estufa, e além disso indisposto? Devia estar a algum tempo na casa, se estava assim, e entretanto não se viram. E o que era mais importante, onde se metera Samuel?

— Viu o senhor Hartley? — Perguntou a sua excelência, o duque, interrompendo sua confusa explicação a respeito de por que um cavalheiro podia preferir a estufa para indispor-se.

— Não, senhora, sinto muito.

— Bom, pois ficarão os dois sem jantar — disse lady Hasselthorpe alegremente. — E irão à cama assim.

Emeline tentou sorrir em resposta a aquele golpe de engenho, mas lhe pareceu que não lhe saía o sorriso. O jantar durou quase uma hora inteira, e por mais que se propunha, não conseguia lembrar-se de como respondeu à conversa de seus vizinhos de mesa. Por fim, depois de uma sobremesa de queijo e peras que mal suportava olhar, concluiu o jantar. Emeline ficou o tempo justo para guardar as conveniências; logo correu à estufa. Atravessou uma série de corredores antes de que seus saltos começassem a ressonar no chão de piçarra que anunciava a entrada a aquela estadia.

Uma bonita porta de cristal e madeira mantinha o calor úmido dentro dela. Abriu-a.

— Jasper?

Só ouviu o rumorejar da água. Fez uma careta de chateio e fechou a porta a suas costas.

— Jasper?

Ouviu um estrépito metálico diante dela, e logo uma voz de homem resmungando uma

maldição. Era Jasper, não havia dúvida. A estufa era um edifício alongado, em forma de buraco de fechadura, com as paredes e o teto de cristal. Aqui e lá, umas quantas plantas verdes metidas em baldes justificavam o propósito da sala, embora se tratava em grande medida de uma simples extravagância ornamental.

Emeline recolheu as saias para percorrer o corredor de piçarra. E quando quase havia chegado ao final, rodeou uma Vênus de pedra e viu o Jasper sentado em um banco.

Depois dele, ao fundo da estufa, uma fonte ocupava o centro de um pequeno girador.

— Ah, está aí — disse ela.

— Sim? — Jasper tinha os olhos fechados. Estava inclinado, com o cabelo e a roupa revoltos, e Emeline não entendia, francamente, como não havia caído.

Pôs uma mão no seu ombro e o sacudiu.

— Onde está Samuel?

— Para. Está me enjoando. — Lançou-lhe um tapa no braço sem abrir os olhos e, naturalmente, não acertou o alvo.

Santo céu! Devia estar bêbado. Então franziu o cenho. Os homens gostavam de exceder-se com o álcool, e Jasper em particular parecia bastante aficionado aos licores, mas nunca o viu bêbado.

Alegre, sim. Bêbado, nunca. E menos ainda em público. Cada vez estava mais preocupada.

— Jasper! O que aconteceu no povoado? Onde está Samuel?

— Está morto.

Um calafrio de terror percorreu a Emeline antes de perceber que aquilo não podia ser, teriam se informado, se Samuel tivesse tido um acidente, não havia dúvida.

A cabeça do Jasper havia tombado para frente e estava com o queixo apoiado no peito. Emeline se ajoelhou a seus pés para tentar ver seu rosto.

— Jasper, querido, me diga o que aconteceu, por favor.

Ele abriu de repente os olhos, de um surpreendente azul turquesa e tão tristes que ela sufocou um gemido.

— Esse homem, matou-se. OH, Emmie, isto não acabará jamais, verdade?

Emeline fazia apenas uma vaga ideia do que estava balbuciando, mas era evidente que algo terrível aconteceu no povoado.

— E Samuel? Aonde foi Samuel?

Jasper fez um amplo gesto com o braço e esteve a ponto de cair de costas na fonte. Agarrou-o pela cintura para sustentá-lo, embora ele não pareceu notar nem que esteve a ponto de cair, nem que o ajudou.

— Por aí, em alguma parte. Desapareceu assim que desmontamos dos cavalos. foi correr. É um grande corredor, Sam, um corredor magnífico. Viu-o correr alguma vez, Emmie?

— Não, não o vi correr. — Ao menos estava vivo, fosse o que fosse. Emeline suspirou. — Vamos à cama, querido. Não deveria estar fora neste estado.

— Mas como não estar fora? — O cômico rosto de sabujo do Jasper se contraiu, cheio de confusão. — Estou contigo.

— Mmm. É igual, acredito que estará muito melhor na cama. — Emeline o puxou indecisa pela sua cintura. Para sua surpresa, Jasper se levantou com facilidade. Uma vez erguido, abateu-se sobre ela, cambaleando ligeiramente.

Santo céu, esperava poder carregá-lo até seus aposentos.

— Como deseja — balbuciou Jasper, e pôs uma manopla como uma garra sobre seu ombro. — Oxalá estivesse aqui Sam. Assim poderíamos celebrar uma festa.

— Seria maravilhoso — murmurou Emeline, ofegante, enquanto guiava o Jasper pelo caminho. Ele cambaleou um pouco e se apoiou em uma laranjeira, o que partiu um ramo. Ai, Deus.

— É um tipo estupendo, hei-lhe dito isso?

— Sim, há-me isso dito. — Haviam chegado à porta da estufa e ela se angustiou um instante, tentando descobrir como abri-la sem soltar o Jasper. Mas ele resolveu imediatamente o problema abrindo-a sozinho.

— Salvou-me — resmungou Jasper quando saíram ao corredor. — Conduziu o grupo de resgate justo quando pensava que esses selvagens iam cortar-me os ovos. Uy! — Deteve-se e a olhou compungido.

— Se supõe que não devo dizer isso diante de ti, Emmie. Pode ser que esteja um pouco bêbado, sabe?

— Seriamente? Jamais o teria adivinhado — murmurou Emeline. — Não sabia que foi Samuel quem levou ajuda.

— Passou três dias correndo — disse Jasper. — Correu e correu e correu, apesar de que tinha um ferimento de faca no flanco. É um magnífico corredor, sim.

— Isso me há dito. — Haviam chegado às escadas e Emeline o agarrou com mais força. Se ele caísse, a arrastaria consigo; era impossível que ela pudesse sustentar seu peso. E era um milagre que ninguém os tivesse visto ainda.

— Mas aquilo o arrasou — disse Jasper. Emeline estava concentrada em seus passos.

— O que?

— De tanto correr. Quando chegou ao forte, seus pés eram dois cotos sanguinolentos.

Aquela espantosa imagem fez que Emeline contivesse o fôlego bruscamente.

— Como se agradece a alguém que fez isso? — Perguntou Jasper. — Correu até que os pés se encheram de bolhas. Correu até que as bolhas estouraram e começaram a sangrar. E então seguiu correndo.

— Santo céu — murmurou Emeline. Não fazia nem ideia. Estavam junto ao quarto do Jasper, e sabia que não era decente que entrasse, mas não podia deixá-lo no corredor. E além disso era Jasper, pelo amor de Deus.

O mais parecido a um irmão que tinha neste mundo.

Emeline levou a mão para o pomo, mas a porta se abriu de repente, salvando-a. Pynch, o corpulento ajudante de câmara do visconde, apareceu no vão com o semblante perfeitamente inexpressivo.

— Ajudo-a, milady?

— Obrigada, Pynch. — Emeline entregou de boa vontade o seu ébrio prometido. —Pode

ocupar-se dele?

— Certamente, milady. — Se Pynch tivesse mostrado alguma expressão, esta teria sido de ofendido, mas em realidade era impossível sabê-lo.

— Agradeço-lhe. — Emeline sentiu um alívio vergonhoso ao deixar o Jasper ao cuidado do ajudante de câmara. Lançou um sorriso ao Pynch e desceu correndo as escadas.

Precisava encontrar o Samuel.

Caía a noite. O céu havia adquirido esse tom de cinza estanho que anunciava o final da luz do dia.

E entretanto Sam seguia correndo.

Levava horas correndo. As suficientes para estar exausto. As suficientes para ter superado a barreira do esgotamento e seguir correndo. As suficientes para ter esgotado as últimas energias. Agora, só suportava.

Seu corpo se movia com o ritmo repetitivo de uma máquina. Mas as máquinas não sentiam desânimo. Por mais que corria, não conseguia fugir de seus pensamentos.

Um soldado havia se suicidado. Ter superado todas as batalhas, as marchas, a comida podre, o frio do inverno sem roupa de adequada, as enfermidades que periodicamente envolviam o regimento.

Ter superado tudo isso e seguir inteiro era quase um milagre. Craddock era um dos poucos sobreviventes que saíra intacto do massacre. Voltar para casa, a uma linda casinha, com uma amante esposa.

Tudo deveria ter acabado. O soldado retorna a casa e a guerra se perde no passado, converte-se em histórias a contar no calor de uma lareira no inverno.

E entretanto, Craddock subiu a um tamborete, atou uma corda ao pescoço e derrubou o tamborete.

Por quê? Essa era a interrogação da qual Sam não conseguia escapar. Por que, quando já desviara a morte, alguém se joga voluntariamente em seus braços murchos? por que agora?

Conteve o fôlego ao chegar ao alto da colina; as pernas lhe tremiam pela fadiga, os pés pareciam abrir-se dolorosamente com cada passo que dava. A escuridão caiu sobre os campos pelos quais corria, e disso não gostava. Com cada passo cabia a possibilidade de que fosse um mau passo. De que pisasse no buraco da toca de um coelho, ou uma pedra, e caísse. Mas não devia cair.

Precisava seguir correndo porque os outros dependiam dele. Se se parasse, sua razão para pôr-se a correr seria falsa. Seria simplesmente um covarde que fugiu da batalha. Mas ele não era um covarde.

Sobreviveu ao combate. Matou a homens, brancos e índios. Superou a guerra e se converteu em um cavalheiro, em um homem rico e respeitado. Outras pessoas confiavam nele; assentiam gravemente ao ouvir suas opiniões.

Já quase ninguém o acusava de covardia; ao menos na cara.

Tropeçou, seu pé esquerdo se enganchou com algo. Mas não desabou. Não caiu ao chão.

girou pela metade, soluçando de dor, e as estrelas riscaram no céu.

Segue correndo. Não te dê por vencido.

Craddock se dera por vencido. Sucumbira às trevas que alagavam sua mente nos momentos mais inopinados, aos pesadelos que estraçalhava seu sono, aos pensamentos que não conseguia afugentar.

Craddock agora já dormia. Passivamente. Sem pesadelos, sem temer por sua alma. Craddock descansava em paz.

Não te dê por vencido.

Emeline não soube o que a despertou essa noite, já de madrugada. Samuel se movia sem fazer ruído, silencioso e secreto como um gato voltando para casa depois de uma caçada. Mas mesmo assim ela despertou quando ele entrou em seu quarto.

Ergueu-se na poltrona que ocupava junto a lareira.

— Onde estiveste?

Ele não parecia surpreso de vê-la em seu quarto. Estava pálido e seu semblante tinha uma expressão ilegível à luz das velas enquanto avançava para ela com uma estranha rigidez. Emeline baixou o olhar.

Suas pegadas deixavam manchas escuras no tapete. Ela esteve a ponto de repreendê-lo por não ter limpo o barro dos sapatos, mas então compreendeu o que ocorria. E se avivou subitamente.

— Santo céu, o que fez? — Levantou-se, agarrou-o pelo braço e o conduziu ansiosamente à poltrona que ocupava. — Néscio! — Voltou-se para jogar mais lenha ao fogo e logo aproximou uma vela.

— O que fez? Como te ocorreu?

Fechou a boca porque o que viu à luz das velas a pôs quase doente. Samuel trazia os mocassins destroçados de tanto correr. E seus pés... Céu santo, seus pés.

Não eram mais que farrapos ensanguentados, os cotos que Jasper lhe havia falado fazia apenas umas horas.

Percorreu o quarto com o olhar, ansiosamente. Havia água, mas não estava quente, e onde encontraria panos que pudesse usar como ataduras? Encaminhou-se para a porta, mas ele alargou de repente a mão para lhe agarrar o braço.

— Fique.

Sua voz soava gutural, áspera pelo cansaço, mas seus olhos se mantinham fixos nela.

— Fique.

Quantas milhas havia percorrido?

— Preciso ir buscar ataduras e água. — Ele sacudiu a cabeça.

— Quero que fique.

Ela se afastou bruscamente.

— E eu não quero que morra de uma infecção!

Olhava-o carrancuda, sabedora de que o medo aparecia nos olhos. Mas apesar de seu tom

desanimado e de seu ácido semblante, Samuel sorriu.

— Então volta para mim.

— Não seja tolo — resmungou ela enquanto ia para a porta. — Claro que vou voltar.

Não aguardou resposta; agarrou uma vela e saiu quase correndo ao corredor. Ali se deteve um instante, o justo para comprovar que não havia ninguém perto; logo se dirigiu o mais rápido e silenciosamente que pôde a cozinha.

As festas campestres como aquelas eram famosas por seus encontros clandestinos.

A maioria dos convidados faria a vista grossa se a via rondando pela casa a essas horas da noite, mas para que dar suporte aos mexericos? Sobre tudo sendo inocente.

As cozinhas de Hasselthorpe House eram enormes; a sala principal, rematada por uma grande abóbada, datava possivelmente de tempos medievais. Emeline notou com satisfação que a cozinheira era uma mulher competente: mantinha o fogo aceso durante a noite. Cruzou às pressas a estadia, até a grande lareira de pedra e esteve a ponto de tropeçar com um menino que dormia ali.

O moço emergiu de sua confusão de mantas como um ratinho.

— Ama?

— Sinto-o — murmurou Emeline. — Não queria despertar.

No canto havia um grande cântaro de barro, e Emeline levantou a tampa para ver o que continha. Assentiu, satisfeita. Dentro do cântaro havia água.

Enquanto jogava um pouco em um bule de ferro, ouviu que o menino se revolvia atrás dela.

— Posso ajudá-la, ama?

O olhou enquanto punha o bule no fogo e revolvia as brasas. O menino estava sentado sobre suas mantas, com o cabelo moreno espetado. Certamente tinha a idade do Daniel.

— A cozinheira tem algum unguento para cortes e queimaduras?

— Sim. — O menino se levantou, aproximou-se de um aparador alto e abriu uma gaveta. Pinçou dentro e tirou um frasquinho e o ofereceu.

Emeline levantou a tampa e olhou dentro. O frasco estava cheio de uma substância escura e gordurenta. Ao farejá-lo, reconheceu o cheiro de ervas e mel.

— Sim, este servirá. Obrigada. —Voltou a tampar o frasco e sorriu ao menino. — Anda, volta para a cama.

— Sim, ama. — Acomodou-se em seu leito e a observou, sonolento, enquanto ela esperava que fervesse a água que verteu logo em uma jarra metálica.

Em um cesto, sobre o aparador, havia um montão de panos bem dobrados. Emeline pegou vários e agarrou a jarra com a água. Sorriu ao menino.

— Boa noite.

— Boa noite, ama.

Já lhe fechavam as pálpebras quando Emeline saiu. Cruzou correndo as dependências da cozinha e subiu as escadas com a pesada jarra em uma mão, o frasquinho de unguento na outra e os panos sobre o braço.

Deixara o castiçal na cozinha. De todos os modos, já sabia o caminho, inclusive às escuras.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Acreditava que Samuel teria adormecido, mas ele levantou a cabeça, alertado, ao ouvi-la entrar; não disse nada, entretanto, enquanto ela cruzava o quarto. Emeline verteu a água quente em uma bacia, acrescentou um pouco de água fria da jarra que havia sobre a penteadeira e aproximou a bacia do Samuel. Ajoelhou-se a seus pés e enrugou o cenho.

— Tem uma faca?

Ele respondeu tirando uma navalha do bolso de seu colete. Emeline a pegou e cortou com cuidado o que restava dos mocassins. Parte do couro colou ao sangue seco e, por mais que tomasse cuidado, houve partes que puxaram a carne, fazendo brotar de novo o sangue. Deve ter doído, mas ele não emitiu nenhum som.

Então enrolou as bainhas bordadas de suas perneiras e pôs debaixo a bacia.

— Coloca os pés.

Ele obedeceu e chiou suavemente quando seus pés tocaram a água quente. Ela levantou a vista, mas os olhos do Samuel só mostravam cansaço quando a olhou.

— Quanto tempo estiveste correndo? — Perguntou ela. Esperava que o negasse, mas ele não o fez.

— Não sei.

Ela assentiu com um gesto e olhou carrancuda a água da bacia, estava se tingindo de sangue.

— Vale lhe falou sobre isso? — Perguntou Samuel.

— Jasper me disse algo a respeito de que o homem que foram ver estava morto — murmurou ela, distraída.

Se as solas dos mocassins se rasgaram e ele seguiu correndo, encontraria terra e resíduos nas feridas. Teria que as limpar minuciosamente, ou infectaria, ia resultar lhe terrivelmente doloroso.

— Onde está Vale? — Perguntou ele, interrompendo suas angustiosas reflexões.

Emeline levantou os olhos.

— Em seu quarto, aos cuidados de seu ajudante de câmara. Bebeu até quase perder o sentido.

Samuel assentiu com a cabeça, mas não disse nada.

Ela estendeu um pano sobre seu regaço e lhe tocou a perna esquerda.

— Levanta-a.

Samuel obedeceu, estirando para fora o pé jorrando água. Ela o pôs sobre o regaço para poder examinar a planta. Estava em carne viva, avermelhada e esfolada, mas em melhor estado do que acreditava.

Havia várias bolhas estouradas, mas só um corte. Viu, além disso, que era um pé muito elegante para ser de homem, o qual era um pensamento estúpido. Samuel tinha os pés grandes e ossudos, mas com o dorso alto e os dedos longos.

— Enforcou-se — murmurou ele.

Emeline o olhou. Tinha os olhos fechados, a cabeça apoiada no respaldo da poltrona. A luz tremeluzente do fogo projetava sobre suas feições toscos sulcos e sombras que o suor ressecado fazia brilhar suavemente.

Devia estar completamente exausto. Era um milagre que ainda se mantivesse acordado.

Ela respirou fundo e voltou a olhar seu pé.

— O soldado que Jasper e você foram ver?

— Sim. Sua mulher estava em casa. Disse que, depois de voltar da guerra, pareceu estar bem uma temporada.

— E logo... — Havia pego outro pano e o rasgou até obter uma tira da largura de sua palma. Afundou a tira no unguento e começou a lavar a planta do pé. Enrugou o cenho, zangada consigo mesma.

Deveria ter trazido algum pincel da cozinha.

Ouviu o Samuel suspirar.

— Deixou de viver.

Ela levantou os olhos. Samuel devia estar sofrendo (ela movia seu pé energicamente para tirar a sujeira), mas tinha um semblante sereno e calmo.

— O que quer dizer?

— Craddock começou a sair cada vez menos, até que deixou de sair por completo. Perdeu seu trabalho muito antes de chegar a esse ponto; estava empregado no mercado do povoado. Depois, deixou de falar. Sua mulher diz que se sentava junto ao fogo e ficava ali, olhando-o como embevecido.

Emeline apoiou seu pé esquerdo sobre um pano limpo, a seu lado, e lhe tocou o direito.

— Este, por favor.

Viu-o levantar o pé molhado e colocar sobre o seu regaço. Não queria escutar aquilo. Não queria ouvir falar de antigos soldados que não podiam voltar para casa e viver com normalidade.

Teria sido Reynaud como o senhor Craddock, se tivesse vivido? Teria tido ela que vê-lo consumir-se lentamente? E Samuel? O que acontecia a ele?

Emeline clareou a garganta e agarrou outro pano limpo.

— E?

— E então deixou de dormir.

Ela franziu o cenho e o olhou rapidamente.

— Como pode ser? Todo mundo precisa dormir; sobre isso ninguém tem controle.

Samuel abriu os olhos e a olhou com tal tristeza no semblante que ela sentiu o impulso de olhar para outro lado. Quis fugir do quarto e não voltar a pensar em guerras, nem nos homens que as lideravam.

— Sofria pesadelos — disse Samuel.

O fogo crepitou atrás deles. Sustentou o seu olhar. Ela olhou fixamente seus olhos, que a luz do fogo transformava em negros, e sentiu que seus seios pressionavam a armação de seu espartilho ao respirar fundo para encher de ar os pulmões. Não queria saber; não queria. Alguns detalhes eram muito horríveis de imaginar, muito terríveis para as conservar na alma o resto de sua vida.

Esteve bem todos esses anos, desde a morte do Reynaud. Havia chorado e repreendido o destino, e logo se resignou porque sabia que não restava outro remédio.

Descobrir agora como foi a guerra, como seguia sendo para os que voltavam dela vivos mas não inteiros... Era muito.

Samuel sustentou o seu olhar. Emeline aspirou de novo para ganhar forças e perguntou:

— Você tem pesadelos?

— Sim.

— O que...? — Precisou fazer uma parada para clarear a garganta. — O que sonha?

As rugas em torno de sua boca se fizeram mais fundas, mais amargas.

— Sonho com o fedor do suor dos homens. Com os corpos... com os cadáveres me esmagando, as feridas ainda abertas, fluindo delas um sangue vermelho e brilhante, apesar de que estão mortos. Sonho que já estou morto. Que morri faz seis anos e não percebi. Que só posso pensar "estou vivo", e quando olho para baixo vejo podre a carne das mãos. Os ossos aparentes.

— Meu deus... — Emeline não suportava ouvir falar de seu horrível sofrimento.

— Isso não é o pior — sussurrou ele em voz tão baixa que quase não o ouviu.

— O que é o pior?

Samuel fechou os olhos como se se armasse de coragem; logo disse:

— Que falhei a meus companheiros. Que estou correndo pelos bosques da América do Norte, mas não corro para procurar ajuda. Simplesmente, fujo. Que sou um covarde, como dizem de mim.

Era terrivelmente inapropriado, de mau gosto, em realidade, mas Emeline não pôde evitá-lo: riu. meteu o punho na boca aberta como uma menina, tentando sufocar a risada, mas de todos os modos ressonou no quarto.

— Sinto-o — murmurou, — sinto muito.

Mas ele moveu para cima um lado da boca, quase como se sorrisse. Alargou o braço e a sentou sobre seus joelhos. Suas saias roçaram a bacia cheia de água sanguinolenta. Não se importou.

Só lhe preocupava aquele homem e seus terríveis pesadelos.

— Sinto-o — murmurou de novo, deixando cair o pano manchado de sangue. Pôs a palma sobre seu rosto. Se tivesse podido absorver a dor do Samuel, o teria feito. — OH, Samuel, sinto muito.

Ele acariciou seu cabelo.

— Sei. Por que te riste?

Ela conteve o fôlego ao notar a ternura de sua voz.

— É tão ridícula a ideia de que possa ser um covarde...

— Não, não o é — murmurou ele, aproximando o rosto ao dela. — Você não me conhece.

— Sim. Eu... — Queria lhe dizer que o conhecia melhor que a qualquer outro homem, inclusive melhor que ao Jasper, mas os lábios do Samuel cobriram os seus.

Beijou-a com ternura, suavemente, e ela devorou a dor de seu beijo. Por que precisamente aquele homem? por que não outro de sua mesma fila, de seu mesmo país? Pegou o rosto do Samuel entre as mãos e apertou sua boca contra a dele, sem suavidade, sem brandura. Não era isso o que queria dele. Lambeu seus lábios, sentiu um sabor a sal e colocou à força a língua dentro

de sua boca. Girou o torso e se apertou contra ele sem nenhum artifício, como uma libertina. Ele cedeu então. Rodeou-a com os braços e a colou a seu peito, abraçando-a com força enquanto deslizava a língua enroscando a dela.

Emeline sentiu que as lágrimas secavam sobre seu rosto, sentiu o vulto de seu membro, apesar das chamadas de roupa que os separavam, e correspondeu a ele com feminino tremor.

Sentiu então que ele a afastava. Agarrou-se a seus ombros para não cair sobre a bacia.

— O que...?

— Vai.

Estava com o semblante sombrio, crispado por alguma emoção. Interpretara mal ela seu interesse? Mas não, ao olhar seu regaço era evidente que aquele beijo o afetou tanto como a ela. Então, por que...?

— Parte !

Levantou-a rapidamente, depositou-a de pé no chão e a empurrou sem cerimônias para a porta.

— Vai.

E Emeline saiu correndo de seu quarto. Fugiu pelo corredor, com as saias jorrando água manchada de sangue e o coração transbordante de dor.

Capítulo 12

> *Essa noite, quando tudo estava em silencio no castelo, Coração de Ferro despertou ao dar as doze. Sentia um medo inominável e, deixando o leito conjugal, no que dormia a princesa, empunhou sua espada e foi em busca de seu filho. Quando chegou a seu quarto, os guardas que custodiavam a porta dormiam. Coração de Ferro abriu silenciosamente a porta e o que viu dentro lhe gelou o sangue em suas veias.*
>
> *Porque sobre o berço de seu filho se abatia um lobo gigantesco, cujas presas brilhavam na penumbra...*
>
> *De Coração de Ferro*

Curiosamente, dormiu bem. Isso foi a primeira coisa que pensou Sam na manhã seguinte. Era como se lady Emeline tivesse aplicado um bálsamo não só a seus pés, mas também a sua alma.

O qual era uma estranha ocorrência. Ela teria rido se a tivesse ouvido; era tão suscetível...

A segunda coisa que pensou foi que lhe doíam muitíssimo os pés. Grunhiu e se sentou na enorme cama que os Hasselthorpe puseram ao seu dispor. O quarto inteiro (como a própria casa) era magnífica.

Vermelhas cortinas de veludo penduravam da cama, as paredes estavam recobertas de madeira escura e lavrada, e um grosso tapete cobria a ampla extensão do chão. Naquele quarto

quase cabia a cabana em que ele cresceu.

E se a que deram a ele (certamente o menos importante de seus convidados) era assim, como seriam os que deram aos outros?

Fez uma careta. Aquela ideia o deixou descontente. Seu lugar não estava ali, naquela casa com seus veludos e sua madeira antiga. Ele pertencia ao Novo Mundo, onde os homens eram julgados pelos lucros que conseguiam em vida, não pelo que tivessem ganho seus antecessores. E entretanto não podia desdenhar por completo a Inglaterra. Aquele era o lar de lady Emeline, e ela encaixava naquele mundo como só podia fazê-lo quem tivesse nascido naquele país e aquela classe social. Isso por si só deveria ter sido razão suficiente para que se mantivesse afastado dela.

O mundo de ambos, suas experiências, suas vidas, estavam muito afastados.

Mas não foi por isso que a afastou de seu regaço a véspera. Não, aquilo foi um movimento instintivo, um impulso que ia contra os desejos de seu corpo. Estava terrivelmente excitado, só pensava em afundar-se no corpo dela, e então percebeu que aquilo não estava bem. Não queria que Emeline capitulasse levada pela lástima. Não era esse o sentimento que lhe queria inspirar.

Absolutamente. Talvez isso o convertia em um néscio, certamente, porque a seu pênis não parecia importar o mínimo por que razão estava ela sentada sobre seus joelhos, como manteiga derretendo-se sobre uma torrada. Seu corpo só sabia que a dama em questão estava disposta e, como um sabujo atrás de um cheiro, pôs-se alerta imediatamente, orgulhoso e preparado para a perseguição.

O primeiro era o primeiro. Cheirava como um porco depois de ter corrido a noite anterior até que o suor começasse a lhe deslizar a jorros por seu corpo, aproximou-se da porta coxeando e pediu água quente.

Logo se sentou e examinou os pés. Lady Emeline fez um bom trabalho. A planta de ambos os pés estava coberta de bolhas estouradas, e na direita tinha um corte de feio aspecto, mas as feridas estavam limpas.

Curariam bem; sabia por experiência.

Teve que banhar-se em uma tina de latão em que cabia com muita dificuldade, mas o calor e o vapor da água acalmaram seus músculos doloridos. Logo se vestiu, fazendo uma careta ao atar um par de mocassins velhos, e desceu ao desjejum. Pode ser que fosse tarde para ele, mas para a aristocracia inglesa era ainda cedo e, quando entrou coxeando no pequeno salão da refeição matinal, o encontrou meio cheio.

Era uma sala longa que cruzava uma seção da parte de trás da casa. Ocupavam a parede de fora janelas de painéis em forma de buracos que deixavam entrar a luz da manhã. Em lugar de uma mesa alongada, aqui e lá colocaram pequenas mesas para os comensais. Sam saudou um cavalheiro cujo nome não recordava e procurou não coxear ao aproximar-se das bandejas dispostas sobre um aparador, ao fundo da sala.

Rebecca já estava ali, olhando fixamente um prato de presunto frito.

— Por fim! — Resmungou sua irmã, dirigindo-se a ele. Sam a olhou de esguelha.

— O mesmo digo: bom dia.

O olhou com irritação, mas alisou sua fronte ao ver que lady Hopedale a estava olhando.

— Não faça isso.

— Fazer o que? — Pôs uma fatia de presunto em seu prato. No dia anterior notou que estava especialmente temperado.

— Fingir que não sabe do que estou falando — disse sua irmã com evidente exasperação.

Sam a olhou. De fato, não fazia nem ideia do que estava falando. Rebecca exalou um suspiro e a seguir disse lentamente, como se falasse com um menino muito pequeno:

— Ontem esteve fora todo o dia. Ninguém sabia onde se meteram lorde Vale e você. Desapareceram.

Sam abriu a boca, mas Rebecca se inclinou para ele e continuou em um sussurro:

— Estava preocupada contigo. É o que acontece quando alguém desaparece de repente e ninguém o encontra, e a gente começa a perguntar-se se terá caído em uma vala e estará agonizando em algum lugar.

Que sua irmã começasse a se preocupar...

Sam piscou. Não estava acostumado a prestar contas de seus movimentos ante ninguém. Era um homem adulto e na plenitude da vida, por que alguém ia se preocupar por ele?

— Não havia por que se preocupar. Eu sei cuidar de mim mesmo.

— Isso não vem ao caso! — Chiou Rebecca tão alto que uma senhora de oscilante papada os olhou. — Poderia ser o homem mais forte e melhor armado do mundo, e eu seguiria me preocupando se desaparecer sem dizer nada.

— Isso é absurdo.

Rebecca colocou bruscamente um arenque defumado sobre seu prato.

— Você sim que é absurdo. — Deu meia volta e se foi com seu pescado.

Sam seguia olhando-a, tentando compreender por que a conversa descarrilou, quando Vale se dirigiu a ele.

— Parece que sua irmã está um pouco zangada.

Sam o olhou e fez uma careta. Vale tinha a cara cinzenta e cambaleava quase imperceptivelmente enquanto olhava a bandeja de presunto.

— Você parece um montão de esterco.

— Muito amável. — Vale tragou saliva. Sua cara cinza começava a adquirir um matiz esverdeado. — Acredito que não vou comer nada no momento.

— Boa ideia. — Sam colocou um montão de rins com manteiga no prato. — Um pouco de café, possivelmente?

— Não. — Vale fechou os olhos um momento. — Não. Só um pouco de água de cevada.

— Como queira. — Sam chamou um lacaio e pediu um copo de água de cevada.

O visconde fez uma careta.

— Acredito que vou me sentar no canto; ali está mais tranquilo.

Sam sorriu, zombador, e se serviu duas fatias de pão torrado antes de seguir a Vale a uma mesinha redonda. Devia mostrar-se compassivo. A ambos atormentavam os mesmos demônios, embora os sintomas que produziram fossem diferentes.

— Viu a Emmie esta manhã? — Lhe perguntou Vale quando Sam se sentou em frente a ele.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Sam olhou seu prato enquanto o colocava cuidadosamente sobre a mesa.

— Não. — Deus, como odiava a intimidade que denotava aquele diminutivo... Cada vez que o visconde o usava, lhe dava vontade de lhe dar um murro.

Vale sorriu fracamente.

— Temo que ontem à noite me comportei como um asno com ela.

— Sim? — Sam o olhou com fixidez, notando que a aversão se agitava em seu peito. — Estiveram juntos?

— Não por muito tempo. — Vale entreabriu os olhos. — Ao menos, isso acredito. Estava um pouco desorientado.

Sam atacou o presunto com movimentos ferozes e controlados. Esteve lady Emeline também no quarto de Vale? Despiu-o para colocá-lo na cama? O atendeu com a mesma ternura que a ele?

Empurrou com força excessiva e a faca escorregou sobre o prato com um chiado, atirando o presunto à mesa.

— Vá — disse o visconde com um sorriso tolo. Lady Emeline entrou na sala.

Sam a olhou estreitando os olhos. Essa manhã ela usava um recatado vestido branco e rosa, e ao vê-la Sam se irritou. O rosa a fazia parecer uma dama da alta sociedade sem dois dedos de fronte, uma mulher que jamais seria capaz de tomar uma decisão por si mesmo, quando ele sabia que era justo o contrário. Emeline era uma mulher forte, a mais forte que ele jamais conheceu.

— Aí está Emmie! — Exclamou Vale.

Seu prometido alguma vez a viu como uma mulher adulta? Evidentemente não, ou não usaria aquele apelativo próprio de uma menina. Sam sentiu crescer sua hostilidade. Para aquele visconde, Emeline era como uma irmã, nada mais.

E embora o amor por uma irmã podia ser profundo e sincero, não era paixão. Mas Emeline era uma mulher forte e dotada de emoções intensas. Necessitava algo mais que amor fraternal.

O tinha visto. Sam se deu conta, embora ela fingiu o contrário e voltou a cabeça para falar com sua anfitriã. Sempre sabia onde estava ele, e ele deveria ter interpretado aquilo como um sinal.

Aquele feito deveria ter bastado para deduzir que não podia esconder-se dela, mesmo que quisesse.

— Emmie! — Chamou-a Vale, e fez uma careta ao ouvir sua própria voz. — Maldita seja, por que não nos vê?

Ela os olhou nesse momento, mas tomou cuidado de não encontrar o olhar do Sam. Fez um último comentário a lady Hasselthorpe e quadrou os ombros antes de aproximar-se de sua mesa.

— Bom dia, Jasper. Senhor Hartley.

Vale agarrou a mão dela e Sam fechou os punhos sob a mesa.

— Poderá me perdoar, Emmie? Ontem à noite agi como um caipira bêbado e estou envergonhado.

Ela sorriu docemente, e Sam desconfiou imediatamente.

— Claro que te perdoo, Jasper. Você sempre valoriza tudo tanto...

Sam sabia que a ênfase que ela pôs naquelas últimas palavras não era fruto de sua imaginação. Pigarreou, tentando chamar sua atenção, mas ela estava empenhada em não o olhar.

— Por favor, sente-se conosco.

Ela não podia ignorá-lo se lhe falasse diretamente, a não ser que quisesse se arriscar a chamar a atenção. Emeline lhe dedicou um sorriso crispado.

— Acredito que não...

— Sim, sim! Sente-se — Exclamou Vale, insistente . — Irei trazer-te um prato.

Um brilho de exasperação cruzou o semblante de Emeline.

— Eu...

Mas já era muito tarde. Vale se levantou e se aproximou de um salto ao aparador. Sam sorriu e puxou a cadeira que havia entre a sua e a de Vale.

— Não te deixou escolha.

— Umf. — Deixou-se cair na cadeira e afastou o olhar dele com muita intenção.

Curiosamente, aquilo lhe produziu uma ereção imediata. Sam se inclinou para ela, confiando em captar seu aroma.

— Lamento te ter afastado ontem à noite.

Ela se ruborizou com um encantador tom de rosa e o olhou por fim.

— Não sei do que está falando.

Ele observou seus olhos escuros.

— Refiro-me a quando você estava sentada sobre meus joelhos, minha senhora, me colocando a língua na boca.

— Está louco? — Perguntou ela em voz baixa. — Não pode falar disso aqui.

— Não é que eu não gostasse de chupar sua doce língua...

— Samuel — protestou ela, mas olhou a sua boca.

Deus, Emeline o fazia sentir-se vivo! Desejava-a. Ao diabo com suas diferenças, ao diabo com Vale, ao diabo com todo o ditoso país. A noite anterior ela estava ansiosa.

— Também eu gostei de sentir seu traseiro em cima de meu pênis.

Ela abriu os olhos de par em par.

— Basta! É muito perigoso. Não pode...

— Aqui tem — disse Vale alegremente. Deixou sobre a mesa, diante de Emeline, um prato cheio de comida e se sentou com uma taça cheia do que devia ser água de cevada. — Não sabia o que gostava, assim pus um pouco de tudo.

— É muito amável — disse Emeline fracamente ao pegar o garfo.

— E muito galante — murmurou Sam. — Eu deveria aprender de você, não lhe parece, lady Emeline?

Ela franziu os lábios.

— Não é necessário...

— Claro que sim. — Perdera por completo o controle, por vê-la atendida por Vale, um homem que nem sequer a conhecia. Sabia que havia crispado o semblante, que estava deixando entrever muito, mas isso não parecia detê-lo.

— Minhas maneiras são muito ásperas, minha forma de falar muito torpe. Devo aprender a limar minhas maneiras para poder parlamentar com uma dama como é devido.

Ao ouvir a palavra "parlamentar", Emeline soltou o garfo. Vale se engasgou com o gole de água de cevada que bebera e começou a tossir. Sam o olhou.

— Não acredita assim, lorde Vale?

— Sinto muito, acabo de me lembrar de que... — Emeline estava pálida de raiva enquanto procurava uma desculpa. — Não sei. Preciso ir. — E se levantou e saiu rapidamente do salão.

— "Parlamentar" não é precisamente a palavra que estava procurando, meu amigo — disse Vale. — "Conversar", possivelmente, O...

— Não? Dou-me por corrigido — murmurou Sam. — Desculpe-me. — Não esperou a resposta de Vale, nem olhou para ver o que pensava o outro. Já não lhe importava. Ela fugira, e a aquelas alturas já devia saber que efeito sortiria aquilo sobre um depredador.

Emeline recolheu as saias enquanto avançava pelo corredor a toda pressa. Diabo de homem! Como se atrevia (depois de rechaçá-la a véspera, afastando-a com um empurrão) a comportar-se como se o ofendido fosse ele? Dobrou uma esquina, esteve a ponto de tropeçar com o duque de Lister e resmungou uma desculpa a contra gosto antes de continuar. O pior de tudo era que sua atração por aquele bruto seguia intacta.

Que vergonha. Ter se devotado a ele, ter tido que suportar que a rechaçasse sem olhares, e logo não poder sufocar para sempre o desejo animal que seu corpo sentia pelo dele.

Se sentira tão preocupada ao vê-lo no salão do desjejum... Como estariam seus pés? Ela os teria limpo bem? Que tal caminharia essa manhã? E então ele começou a acossá-la com suas invectivas, sem reparar em quem podia estar os ouvindo nem em que já a havia rechaçado. Era tudo pelo Jasper, estava segura. Samuel reagia movido por uma espécie de instinto territorial, como um cão custodiando sua comida. Mas ela não era um osso mofado pelo qual brigar.

Tinha adiante as escadas, mas a raiva e a frustração nublavam seus olhos. Não lhe importava Samuel; negava-se a que lhe importasse. Era um indiano sem maneiras nem sofisticação. Odiava-o.

Ao pensá-lo, esteve a ponto de escorregar em um degrau e rezou por chegar a seu quarto antes de descontrolar-se por completo. Aquilo seria a gota que transbordaria o copo: que a encontrassem vagando pelos corredores de Hasselthorpe, perseguida por um homem. Fez quase correndo o trecho que faltava até seu quarto, abriu a porta e se precipitou dentro antes de fechá-la de repente a suas costas.

Ou ao menos isso tentou. Porque a porta encontrou resistência. Emeline olhou por cima do ombro e viu com espanto que Samuel estava ali, com uma palma apoiada sobre a madeira.

— Não! — Emeline empurrou a porta com todas suas forças. — Vai! Vai maldito descarado! Filho de cadela! Cretino!

— Chist. — Ele enrugou as sobrancelhas com ar severo. Agarrou-a pelo ombro e a afastou sem esforço da porta; e logo a fechou.

O que só conseguiu enfurecer ainda mais a Emeline.

— Hei dito que não!

Ela se retorcia, tentando desesperadamente soltar-se de suas garras; batia em suas mãos e sacudia a cabeça com intenção de morder.

— Sim — replicou ele.

E a apertou com força contra seu peito, apoderou-se de sua boca. Mordeu-o imediatamente. Ou tentou. Samuel jogou a cabeça para trás e sorriu ante a surpresa, embora sua expressão não denotava regozijo algum.

— Lembro-me desse truque.

— Canalha! — Lançou-lhe um tapa, mas Samuel também o parou.

Empurrou-a contra a parede e a prendeu contra ela como se fosse uma miserável traça. Logo baixou a cabeça e, esquivando sua boca, mordeu-a no pescoço, justo debaixo da orelha. E o corpo de Emeline (seu corpo tolo e traiçoeiro) respondeu esfregando-se, quente e suavemente. Samuel mordiscou e lambeu seu pescoço, e ela jogou a cabeça para trás ao mesmo tempo que algo parecido a um grunhido saía de seus lábios. Ele riu.

— Não te ria de mim! — Chiou ela como uma arpía.

— Não estou rindo de ti — murmurou ele contra sua garganta. — Eu nunca riria de ti. — Puxou seu sutiã, rasgando algo. Começou logo a lamber os montículos de seus seios por cima do espartilho.

Ela gemeu, e a boca do Samuel se enterneceu e começou a sussurrar contra sua carne. Diabo de homem.

— Não te atreva a fazer isto por ciúmes.

Samuel levantou a cabeça; tinha as faces acaloradas e a boca avermelhada de beijá-la.

— Isto não tem nada que ver com outros. É só entre você e eu. — Puxou ela para baixo, esfregando-a com força contra suas meias.

E ela sentiu seu membro quente e comprido, esperando-a sob a roupa. Excitar ao Samuel era uma espécie de triunfo. E Emeline queria experimentar aquela sensação. Desejava ao Samuel. Apertou a palma da mão contra seu pênis.

Ele soltou um gemido e, girando-a de cara à parede, alargou o braço e puxou os laços da frente do sutiã. Ela apoiou as mãos na parede e arranhou a pintura; sua face acalorada repousava sobre o fresco gesso.

Aquilo era uma loucura, um desvario, e não se importava. Samuel baixou a puxões as mangas de seu vestido, rasgando a malha, e ela sentiu o ar fresco sobre os ombros. Ele deslizou as mãos grandes e cálidas por suas costas. Emeline sentiu sua viril aspereza sobre a pele suave e feminina. Ele mordiscou sua nuca e ela fechou os olhos. Fazia tanto tempo. Tanto, tanto tempo... estava se derretendo. Não era necessário que Samuel fizesse nada mais; já estava preparada, mas ele não parecia ter pressa. Ou talvez gozasse vendo-a nua e vulnerável.

Estava beijando sua coluna vertebral, e ela sentia o contato de seus lábios, cada úmida passada de sua língua. Gemeu.

Samuel a agarrou pelos quadris, onde se enredaram o vestido, a regata e as anáguas. Deve ter feito algo a sua roupa, porque se ouviu então um prolongado rasgão, e de repente Emeline se

descobriu com um montão de tecido aos pés e o traseiro nu. Então ele posou a boca em seus rins e a beijou antes de deslizar para baixo para beijar seus glúteos. Não havia nisso delicadeza alguma.

Era algo animal, algo tosco e vulgar, e ela não devia ter gostado. Não devia.

— Samuel... — gemeu.

— Chist — resmungou ele.

A persuadiu a abrir as pernas, e um canto da mente de Emeline pensava que aquela postura não era o ângulo mais favorecedor para ela, da perspectiva do Samuel. Mas ele então começou a passar o polegar por seus grandes lábios, e ela esqueceu suas dúvidas.

— Está úmida — disse com uma voz profunda e turva, carregada de viril satisfação.

Emeline afastou a cabeça da parede e esteve a ponto de afastar-se. Como se atrevia ele a dar aquilo por certo? Mas ergueu-lhe os quadris e então...

OH, Deus! Então começou a chupá-la. Ela voltou a apoiar a face na parede. Já não lhe importava sua pouco elegante postura, nem a grosseria do Samuel. Queria que ele seguisse e seguisse eternamente.

Ele movia a língua entre suas dobras, esfregando-as e lambendo-as, e ela pensou que nunca, em toda sua vida, havia sentido nada parecido. Ele afastou a boca e soprou o lugar que esta ocupava um instante antes, refrescando-a e excitando-a ao mesmo tempo. Separou logo suas dobras com os polegares e abriu passagem com a língua até o próprio centro de seu ser. Ela gemia, esfregava os quadris contra sua cara; se parasse para pensar no que estavam fazendo, sentiria-se profundamente envergonhada. Assim desterrou de sua mente qualquer pensamento e se concentrou naquele prazer, no roçar da boca do Samuel contra a carne mais íntima de seu corpo. Ele procurou com a língua seu clitóris e o encontrou. Ela gemeu ao senti-lo. E voltou a gemer quando ele o chupou delicadamente.

Sentiu que ele rodeava com uma mão seu quadril e começava a acariciar os cachos de seu púbis. Sufocou uma exclamação de surpresa e abriu os olhos para olhar para baixo.

O que viu era quase insuportavelmente erótico: os dedos morenos do Samuel deslizando sobre sua pele branca e afundando-se nos cachos negros que coroavam suas coxas. Ele deslizou o dedo do meio em sua fenda, e ela teve que fechar os olhos ao sentir que aquele dedo ocupava o lugar de sua boca sobre o botãozinho de seu clitóris. Sentiu que ele afastava a língua e que a afundava logo dentro dela, e se convulsionou violentamente. Tremia e gemia, arranhando a parede com as unhas enquanto movia os quadris cegamente e o prazer se apoderava dela em ondas. Os espasmos a sacudiam enquanto ele afundava uma e outra vez a língua em seu corpo e trabalhava com o dedo seu clitóris. Seu clímax parecia interminável: um rio de luz dura e envolvente que se prolongava sem fim, acalmou-se ao fim, débil e trêmula; seus joelhos ameaçavam ceder, seus braços tremiam quando se ergueu.

Samuel afastou a boca e ela tentou dar a volta, mas ele a prendeu.

— Te incline.

Ela estava aturdida, sua mente presa de uma febril neblina sexual, e não pôde fazer outra coisa que lhe obedecer: apoiando-se na parede com os braços estendidos para não cair, dobrou-se pela cintura.

Os dedos do Samuel esfregaram sua úmida carne; logo os seguiu seu pênis. Ela suspirou. Era tão doce, tão delicioso... Aquela carne dura e ardente separando suas dobras ao começar a penetrá-la.

Aquilo era o melhor: o descobrimento. Samuel, como homem, reduzido ao essencial e ela, como mulher, acolhendo-o em seu corpo. Explorando-a abraçando-a. Descobrir como era aquilo com ele.

Ele devia estar quase ao limite de sua resistência, quase desesperado pelo desejo adiado, mas mesmo assim procedeu devagar. Emeline sentiu cada centímetro de sua carne penetrando-a, alargando-a até que o tecido das meias do Samuel roçou seu traseiro nu. Ele inalou e de uma só investida se afundou por completo nela. Emeline poderia ter ficado assim eternamente, pensou, aturdida, acolhendo dentro de si seu membro duro, gozando daquela sensação de plenitude, de intimidade absoluta.

Mas ele se retirou tão lentamente como a havia penetrado e os músculos de Emeline o puxaram, como se não quisessem que partisse, de repente a atacou de novo, e os braços dela se dobraram com a força do impacto.

— Fica quieta — grunhiu ele com voz quase ininteligível.

Ela estirou os cotovelos. E então ele a agarrou pelos quadris e começou a atacá-la com força, rapidamente. O deslizamento de seu pênis a atormentava e era ao mesmo tempo maravilhoso.

Emeline inclinou os quadris para abrir-se a ele por inteiro.

— Deus... — resmungou ele, de repente, seus dedos posaram de novo na espessura do púbis de Emeline, e começaram a penetrar e a procurar, até que encontraram essa parte dela que ansiava suas carícias.

Apertou com força pela frente enquanto com a verga a investia por trás. Emeline sentiu que um grito se elevava em sua garganta. Era muito: a investida, a pressão daquele dedo sagaz, a dor dos braços nos quais se apoiava.

Samuel resmungou de repente uma maldição e a atraiu para si bruscamente, colando as costas nua dela a seu colete ao mesmo tempo que seu pênis se afundava pela última vez em seu corpo e começava a descarregar.

Era uma posição estranha (e excitante): ela estava nas pontas dos pés, com as pernas separadas, os seios e o traseiro nus, trespassada em seu pênis.

Emeline o ouviu grunhir e gozou ao sentir que perdia o controle. Ele trabalhava insistentemente seu botãozinho, abrindo a mão com gesto possessivo sobre sua vulva enquanto a penetrava.

E então ela gritou. Ondas de um prazer quase doloroso percorreram seu corpo enquanto se convulsionava sobre a verga do Samuel.

Tampou-lhe a boca com a mão para sufocar seu grito, e o mordeu, e desfrutou ao notar na língua o sabor de sua pele. Atrás dela, Samuel conteve o fôlego.

— Gatinha. — retirou-se e, agarrando-a pela cintura, levantou-a por trás e a tombou de costas sobre a cama. Emeline mal teve tempo de repor-se; um instante depois, Samuel estava na cama, a seu lado, e o colchão se afundava sob seu peso.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Certamente vais voltar a me morder, mas vale a pena tentá-lo — disse antes de apoderar-se de sua boca. Obrigou-a a separar as pernas e voltou a penetrá-la. E então ficou ali, pesado e febril, beijando-a com ânsia.

Nem sequer se despiu, pensou ela vagamente enquanto abria a boca sob a sua. Ainda usava o casaco, o colete, as meias e as perneiras; certamente até tinha os mocassins sobre a colcha da cama.

Mas aquele pensamento se desvaneceu um instante depois, e se entregou a sua língua, que cortejava e seduzia à sua. Sentiu a pressão dos frios botões metálicos de seu colete sobre os seios nus quando ele se inclinou sobre ela.

Alguém bateu na porta. Emeline ficou paralisada. Samuel levantou a cabeça.

— Encontra-se bem, senhora? — Perguntou Harris, sua donzela. Samuel a olhou arqueando uma sobrancelha.

Emeline clareou a garganta, notando ainda seu pênis dentro de seu corpo.

— Perfeitamente. Pode partir.

— De acordo, senhora. — Ouviram passos que se afastavam.

Emeline exalou e empurrou o peito do Samuel.

— Te retire.

— Por quê? — Perguntou ele preguiçosamente. — Eu gosto de estar aqui.

Ela, entretanto, sentia uma angústia sufocante.

— Minha donzela poderá voltar.

Samuel se retirou um pouco e esquadrinhou seu rosto.

— Custa-me acreditá-lo. Estou seguro de que só aceita os criados melhor ensinados.

Ela empurrou de novo e esta vez ele cedeu, retirando seu pênis dela tão bruscamente como a penetrou, tombou de lado. Ela se levantou torpemente da cama antes de que pudesse sentir falta da ausência de sua carne.

— Deveria ir.

Que vergonha, estar de pé diante do homem com o qual acabava de fazer amor como uma libertina! Ele devia ter tido a decência (o cavalheirismo) de partir discretamente depois do ato. Mas ao que parece não o tinha.

Emeline sentiu seu olhar taciturno ao dobrar-se sobre o montão de sua roupa e começar a procurar algo, algo, com que cobrir sua nudez. Tirou sua regata e a pôs, mas descobriu que parecia farrapos.

Aquilo era o cúmulo.

Jogou no chão a camisa rasgada e se voltou bruscamente para o homem que ocupava sua cama.

— Deve ir !

Samuel estava recostado de lado, apoiado em um cotovelo, olhando-a, como ela já adivinhara. Tinha ainda o cabelo recolhido em uma escura trança; sua roupa estava enrugada, mas, além disso, intacta.

Sua boca, em troca, relaxou-se formando uma curva ampla e sensual, e seus olhos

entreabertos tinham uma expressão sonolenta. Nem sequer teve a delicadeza de grampear as meias.

O olhar de Emeline se viu atraído irremediavelmente para seu membro, grosso e reluzente, a única parte de seu corpo que permanecia nu. Seu pênis deveria ter estado mole e diminuído, deveria ter dado lástima, mas não era assim.

Muito pelo contrário: jazia arrogante e meio ereto, como se estivesse disposto a fazê-lo de novo desde o começo.

Aquela imagem a enfureceu.

— Por que não te foste?

Ele suspirou e se sentou.

— Confiava em poder brincar um momento com você, milady, mas evidentemente não é isso o que deseja.

Ela se ruborizou. Sentiu que o calor invadia suas faces e seu pescoço. Sabia que estava se pondo arisca e teimosa; sabia que deveria ter se mostrado elegante e graciosa, fazer uso, possivelmente, de uma sofisticação carregada de indiferença. Mas não podia.

Simplesmente, não podia.

— Vai, por favor. — Cruzou os braços sobre os seios em um gesto pueril defensivo e afastou o olhar.

Samuel ficou em pé e grampeou sem pressa a lapela das meias.

— Vou, mas isto não terminou.

Ela levantou a vista, horrorizada.

— Claro que terminou! Já teve o que queria. Não é preciso... não é preciso... — interrompeu-se porque em realidade não sabia como expressar o que pensava. Oxalá tivesse sido uma dessas viúvas mundanas!

As que tomavam amantes discretos e travavam relações cujas regras conheciam ambas as partes. Mas ela teve que ocupar-se do Daniel e de *tante* Cristelle, e logo morreu Reynaud... enfim, nunca antes sentira esse impulso.

Enquanto pensava em sua lamentável falta de experiência, Samuel tinha acabado de arrumar-se e se aproximou do lugar onde ela se deteve como uma ninfa entrada em anos.

Ele se inclinou e a beijou suavemente nos lábios, com ternura, e aquele contato quase a fez chorar.

Em seguida afastou-se. Tinha os olhos entreabertos, pensativos.

— Sim, já tenho o que queria, e também o que queria você, mas não foi suficiente. Voltarei. Pode me deixar passar discretamente, ou posso jogar a porta abaixo e despertar a toda a casa. — A comissura de sua boca se curvou para cima, apesar de que não parecia estar divertindo-se. — Pode ser que não esteja ao corrente das muitas sutilezas de seu mundo, mas me parece que isso não te convém.

Emeline havia ficado boquiaberta durante este parlamento carregado de arrogância, mas ao voltar-se já havia recuperado a fala.

— Como te atreve a dar por certo que...?

Sua pergunta indignada acabou em um grito quando Samuel a agarrou pelos ombros. Ele inclinou a cabeça e disse ferozmente ao ouvido:

— Atrevo-me porque me acolheste dentro de seu corpo faz menos de quinze minutos. Porque seu corpo regou de prazer meu pênis, e porque quero que volte a acontecer. — Apoderou-se de sua boca. Mas desta vez não a beijou com ternura, nem delicadeza. Seu beijo denotava seu desejo. Introduziu-lhe a língua na boca e inclinou a cabeça para que seus lábios envolvessem por completo os dela, e o néscio corpo de Emeline se arqueou para ele. Desejava aquilo. Ansiava-o. A razão e a inteligência desapareceram de sua cabeça.

Samuel se afastou tão bruscamente que ela esteve a ponto de cair. Tinha o rosto acalorado e uma expressão dura.

— Me deixe entrar esta noite, Emeline.

Saiu do quarto antes de que ela pudesse responder.

Ao deixar-se cair no meio do montão de sua roupa em farrapos, percebeu algo com lucidez cegadora: aquele assunto lhe escapou por completo das mãos.

— Craddock se enforcou faz um mês — disse lorde Vale essa mesma tarde.

Sam fez um esforço para deixar de pensar em Emeline (em sua pele, em seus seios, em sua negativa a voltar a vê-lo) e se concentrou na questão do 28° Regimento.

— Caberia supor que Thornton estava ao corrente de sua morte.

Vale encolheu os ombros.

— Thornton não disse quando foi a última vez que o viu.

— Certo.

— Quem é o próximo de sua lista?

Sam fez uma careta.

— Não há ninguém mais.

Fora estava chovendo, o qual fez sumir em um arrebatamento de desespero a sua anfitriã. Ao que parece, lady Hasselthorpe preparou para essa tarde uma excursão às ruínas de uma abadia, uma famosa atração da comarca. Sam, no fundo, alegrava-se do aguaceiro. Essa tarde não teria podido subir pelas colinas, ao menos sem sofrer consideráveis dores, e se inventasse uma desculpa, Rebecca teria suspeitado de algo.

Começava a perceber que sua irmã via muito mais coisas das que ele acreditava. E ter que lhe explicar por que tinha os pés feridos teria sido extremamente embaraçoso.

Ao final, os convidados se retiraram em sua maioria a uma grande sala de estar, ao fundo da casa. A ausência de Emeline se fez notar (obviamente, o estava evitando), mas quase todos outros fizeram ato de presença.

Alguns se entretinham jogando às cartas; outros lendo ou falando em pequenos grupos.

Como Vale e Sam.

— Não tem a ninguém mais a quem interrogar? — Vale parecia incrédulo.

Sam rilhou os dentes.

— Aceito encantado qualquer sugestão. — O visconde franziu os lábios.

— Né...

— Caso tenha alguma ideia.

— Bem... — Vale pareceu interessar-se repentinamente pelas janelas encharcadas de chuva.

— Isso me parecia — resmungou Sam.

Olharam ambos as janelas, como aniquilados pelo mau tempo. Vale tamborilava com os dedos sobre o braço da poltrona. Era incrivelmente incômodo.

Por fim, o visconde respirou fundo.

— Se Thornton for o culpado, precisaria ter algum motivo para trair o regimento.

Estranhamente surpreso por que o discorrer mental de Vale tivesse seguido o mesmo curso que o seu, Sam não afastou os olhos da janela.

— Então, suspeita dele?

— Você não?

Sam pensou no desassossego que sentia desde seu primeiro encontro com o Thornton em Londres. Suspirou.

— Pode ser que dele suspeite, mas não me ocorre por que pôde trair a todo o regimento. Alguma ideia?

— Nenhuma só — repôs Vale. — Pode ser que estivesse farto das papas de ervilhas que tivemos que comer durante essa maldita marcha.

O visconde parecia simpatizar com ele. Mas parecia ruim fingir-se amigo de um homem com cuja prometida acabava de fazer o amor. Sam teria preferido evitá-lo, mas ele havia procurado sua companhia assim que entrou no salão.

— Sempre resta o dinheiro, suponho — comentou o visconde — mas não vejo como podia beneficiar-se Thornton da morte de todo um regimento, a não ser que lhe pagassem os franceses.

— Thornton fala francês? — Perguntou Sam distraidamente.

— Não faço ideia. — Vale tamborilou com os dedos um momento, sopesando, ao parecer, as habilidades linguísticas do Thornton. — De todos os modos não importa. Você disse que a nota estava escrita em inglês.

E além disso, muitos franceses falam inglês.

— Estava endividado? — Sam viu que Rebecca inclinava a cabeça para escutar a outra garota. Ao menos encontrara uma amiga com quem conversar.

— Deveríamos averiguá-lo. Ou melhor, deveria averiguá-lo eu. Até o momento não fui de grande ajuda na investigação. Deveria pôr mais empenho, não?

Sam o olhou. O visconde o observava com seus olhos caídos e expressão séria. Que classe de homem traía assim a um amigo?

— Obrigado — disse Sam solenemente.

Vale experimentou uma daquelas súbitas metamorfose das quais às vezes era capaz. Sorriu e sua cara engraçada e feia se iluminou; seus olhos de um azul iridescente brilhavam.

— Não há de que, meu amigo.

Sam baixou o olhar, incapaz de seguir olhando-o aos olhos. Por uma questão de honra, devia tomar a determinação de não voltar a ver lady Emeline. O qual o convertia no homem menos

honorável sobre a face da Terra.

Porque tencionava ir em sua busca e fazer amor essa mesma noite.

Capítulo 13

O gigantesco lobo se equilibrou sobre o berço do bebê com as fauces totalmente abertas. Mas Coração de Ferro correu para a besta erguendo a espada para defender a seu filho. E que batalha começou então!

Porque Coração de Ferro devia permanecer em silêncio (não podia gritar pedindo ajuda) e o monstruoso lobo pôs a prova sua força e sua destreza. Lutaram violentamente, indo de um lado a outro do quarto, fazendo em pedacinhos os móveis. O berço virou e o pequeno começou a chorar. Coração de Ferro acertou uma poderosa cutilada aos quartos traseiros do lobo. O animal uivou de dor e se revolveu, lançando a Coração de Ferro contra a parede com um golpe que fez tremer o castelo. Coração de Ferro golpeou a cabeça contra a parede de pedra e perdeu o sentido...

De Coração de Ferro

Passou todo o dia discutindo consigo mesma, e até conseguiu não sair de seu quarto por medo a voltar a vê-lo. Conhecia já suas razões muito bem: pertenciam a classes distintas, a mundos distintos.

Ela tinha um filho e uma família nos que pensar. Ele era muito apaixonado, um homem difícil de dirigir. Com ele, ela não poderia levar a voz dominante. E entretanto...

E entretanto...

Talvez fosse porque passou todo o dia debatendo consigo mesma uma e outra vez. Nenhum de seus argumentos parecia sustentar-se. Descartava-os porque pareciam empalidecer comparados com seu desejo.

Precisava sentir o Samuel outra vez dentro de si. Era surpreendente que pudesse ter se tornado tão animal. Nunca antes fizera aquilo: deixar de lado o bom senso, deixar-se dominar pelo desejo físico.

E a assustava entregar-se por completo à paixão. Assustava-a, e ao mesmo tempo a enchia de euforia. Sempre manteve um domínio férreo sobre si mesma; sempre era ela quem mandava.

Alguém devia fazê-lo: os homens que deviam manter a família unida tinham morrido. Primeiro Reynaud, logo Danny e a seguir, seis meses depois, seu pai, deixando-a sozinha.

Terrivelmente sozinha. Esticou-se ao ouvir passos do outro lado da porta. Estava pronta para receber ao Samuel, nua e na cama, e sentiu que a excitação a atravessava com uma sacudida. Logo, ele abriu a porta.

Fechou-a a suas costas, sem incomodar-se em dissimular sua claudicação uma vez que esteve dentro do quarto. Nesse momento, antes de que ele a visse, Emeline percebeu as rugas

que perfuravam sulcos em suas faces, reparou na curvatura de seus ombros. Soube que estava cansado. Possivelmente não se recuperou ainda de sua solitária e exaustiva corrida da véspera. E não lhe importava.

Essa noite seria dela, o usaria, como Samuel a usou a ela.

Percebeu o momento exato em que Samuel a viu. Ele se deteve, casaco a meio caminho de tirar, e ela se sentou na cama. Na cama do Samuel. A colcha escorregou até sua cintura, deixando a descoberto seus seios nus.

— Estava te esperando.

— Sim? — Ele acabou de tirar o casaco. Falara com despreocupação, mas tinha os olhos fixos em seus seios.

Emeline se recostou um pouco nos travesseiros, o qual sortiu o efeito de projetar seus seios para fora. Não foi necessário olhar para baixo para saber que seus mamilos se endureceram pela brisa noturna... e por ele.

— Há horas, ou isso parece.

— Sinto muito. — Samuel desabotoou o colete. Seus dedos se moviam com destreza, apesar de que não afastava o olhar dela. — Teria mais pressa, se soubesse.

— A verdade é que prefiro que não te apresse. — Fez uma careta, como se aquela ideia a contrariasse.

Os dedos do Samuel se detiveram.

— O terei em conta.

Jogou em um lado o colete e tirou a camisa bruscamente; logo se aproximou dela com o peito nu. Tinha um peito precioso: largo e musculoso, com um pelo negro que se frisava sobre seus mamilos e formava uma linha que percorria seu ventre. Emeline se excitou só o vendo. Mas não devia perder sua vantagem.

— Sim, convém-te. — Olhou para baixo, para as meias, as perneiras e os mocassins que ele levava ainda postos. — Mas parece que está te aproximando de mim antes do tempo.

Ele entreabriu os olhos, e Emeline se perguntou por um momento se teria ido muito longe. Samuel esticou a boca; não parecia especialmente contente. Mas logo agarrou uma cadeira e a pôs em frente a ela, só a uns passos da cama. Apoiou um pé nela e começou a desabotoar os mocassins. Eram diferentes dos que destroçou; devia ter mais de um par. Emeline viu mover os músculos de seus braços e suas costas enquanto desatava os cordões. Samuel tirou o primeiro mocassins, olhou-a e começou com o outro.

Então ela tragou saliva. Ele só estava tirando os calçados, mas já sabia que estava preparando-se, despindo-se unicamente para ela. Ao pensá-lo ficou sem respiração e ganhou consciência de que seu corpo estava preparado para acolhê-lo.

Ele tirou o outro mocassin, deixando a descoberto as ataduras que envolveu os pés. Emeline comprovou ao ver seus pés nus que as feridas pareciam estar curando bem. Ele se ergueu e desatou um laço de seu lado.

Ela viu que uns laços de couro sustentavam suas perneiras, atados a uma tira de pele que rodeava sua cintura. Samuel desatou o laço do outro lado e tirou o objeto.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Logo apoiou as mãos nas traseiras de suas meias, e ela se esqueceu das perneiras. Ele a olhou; sustentou-lhe o olhar enquanto desabotoava a roupa, controlando com toda precisão o movimento de seus dedos.

Emeline pensou no que pouco depois lhe fariam aqueles hábeis e longos dedos, e esteve a ponto de gemer. Mas não rompeu o silêncio, e no quarto ressonou o sussurro que emitiram as meias e os calções do Samuel quando os baixou.

Ele se separou da roupa; estava gloriosamente nu, salvo pela tira de couro que enlaçava a cintura por debaixo do umbigo. Ela conteve o fôlego ao ver que a desatava e a jogava sobre suas perneiras.

Era alto e fibroso; tinha a pele bronzeada ali onde batera o sol, e moreno natural onde não. Emeline poderia ter passado anos o olhando. Samuel tinha pelos negros nas pernas, joelhos ossudos e coxas grossas e fortes. Estava também aquele formoso lugar secreto no qual confluíam o quadril e o ventre, justo ao lado da virilha. Ali, um músculo se estendia em arco até seu quadril. por cima dele, uma fina cicatriz branca cruzava seu ventre, e outra, pequena e franzida, manchava a parte superior direita de seu torso. Ela posou um momento o olhar na fina cicatriz de suas vísceras e se lembrou de que Jasper lhe dissera que Samuel correra durante dias com uma ferida de faca no flanco. Que duro devia ter sido! E que orgulhosa estava ela de que um homem tão valente a desejasse...

Deixando o melhor para o último momento, permitiu que seus olhos se deslizassem de novo para baixo, para seu membro. Seu pênis apontava quase para cima, grosso e duro, envolto em veias inchadas pela ereção.

Sob ele se viam seus testículos redondos e inchados, realçados pelo pelo negro que se frisava em seu baixo ventre. Tragou saliva; custou-lhe recuperar o fôlego.

— Acreditas que servirei? — Perguntou ele suavemente, rompendo o silêncio. Imóvel, deixava que examinasse a vontade.

Emeline olhou-o aos olhos e respirou, trêmula.

— Acredito que sim.

Ele levantou as sobrancelhas, ofendido em sua arrogante virilidade.

— Acredita-o? Se não estiver segura, milady me permita ajudá-la a decidir-se. — Aproximou-se da cama em um abrir e fechar de olhos, em um súbito assalto que fez que Emeline desse um pulo de feminino nervosismo, colocou-se sobre ela de quatro, como um animal, e quando Emeline já pensava que ia beijá-la, aproximou a cabeça a seu mamilo esquerdo. E o chupou. Ela se arqueou. Um suspiro escapou de sua garganta. Samuel não a tocou em nenhum outro sítio: só chupou com força aquele mamilo.

Era possível que de um tão pequeno pedaço de carne se desprendesse tal prazer? Emeline levantou os braços e envolveu ao Samuel com eles. Queria desfrutar fazendo o que antes não pôde fazer: tocá-lo. Sentir o calor de sua pele sob as palmas, passar as mãos por suas costelas, acariciar a vasta extensão de suas belas costas. Queria sentir cada palmo de seu corpo, saboreá-lo, e acolhê-lo dentro de si até conhecer seu corpo tão bem como o seu próprio.

Samuel levantou a cabeça, mas não afastou o olhar de seus seios.

— Levo todo o dia pensando nisto: em seus mamilos nus e no que faria com eles. Tinha a verga tão dura que mal podia caminhar com as meias. — Fixou os olhos nos de Emeline e ela viu que tinha uma expressão quase de irritação.

— É o que me faz: converter-me em uma verga ansiosa e cega.

Ela se retorceu ao ouvir suas palavras, tão explícitas e desanimadas. Suas fossas nasais se inflaram ao ver que ela se movia, e Emeline ficou paralisada.

— Dê-me isso, me ofereça seus seios para que possa chupá-los até que você goze.

OH, Deus! Emeline não devia permitir que lhe falasse assim. Samuel daria por certo muitas coisas se ela consentisse que lhe desse ordens. Mas ao mesmo tempo seu sexo se umedecia ao ouvi-lo.

Queria oferecer-se a ele. Queria deixar que lhe chupasse os mamilos. Assim apoiou as mãos sob seus seios e os levantou como se os sacrificasse a um Deus meio animal.

Ele deixou escapar um grunhido gutural, um som de aprovação, e os abordou. Chupou-os e os lambeu, prendeu suavemente suas pontas rosadas entre os dentes, passando de um a outro.

Sua barba, que começava a aparecer, roçava a delicada pele de Emeline. Logo meteu um mamilo na boca e o chupou enquanto excitava o outro com os dedos. E aqueles dois pontos de prazer se iluminaram dentro dela, até que se arqueou, indefesa, ofegando. Era muito. Samuel ia lhe fazer mal. Ela não podia suportá-lo mais, estremeceu; uma chama a cegou atrás das pálpebras fechadas e uma onda de calor alagou seus membros. Ele afastou as mãos mas seguiu lambendo-a; acariciava suavemente seu seio com a língua, e cada uma de suas passadas produzia uma faísca. Emeline sentiu o suave roce de seus lábios quando lhe beijou o mamilo.

Abriu os olhos, encontrou com os seus, marrons como o café: Samuel estava justo ali, com a boca colada a seu seio. Tinha um olhar intenso e desumano.

— Não posso esperar mais — resmungou, e de um puxão afastou a colcha de suas pernas.

Separou as suas coxas sem olhar e se afundou entre elas, guiando seu pênis com uma mão. Encontrou a entrada e empurrou, abrindo brecha nela. Voltou a empurrar e foi penetrando-a pouco a pouco, até afundar por completo seu pênis dentro dela. Baixou as pálpebras sem poder evitá-lo e deixou escapar um grunhido enquanto seu membro permanecia dentro dela, duro e imóvel.

Emeline sorriu. Como não ia sorrir? Samuel gozava tanto de sua carne, parecia incapaz de não desfrutar dela. Tocou um lado de seu rosto com a palma da mão e ele abriu os olhos, surpreendentemente brilhantes.

— Está rindo de mim — grunhiu.

Ela sacudiu a cabeça, abriu a boca para explicar-se, mas ele se ergueu de modo que, apoiado nos braços, apertava-a com os quadris contra o colchão. Então começou a mover-se, retirava-se e voltava a atacá-la com força, rapidamente. Emeline fechou os olhos; esqueceu o que ia dizer, já não lhe importava se ele estava ofendido ou zangado com ela. Só queria que seguisse movendo-se.

Seu membro investia, esfregando-se contra a delicada carne de seu sexo, implacável em seu propósito de fazer gozar a ambos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Servirá com isto? — Ofegou ele.

Perdida em muito prazer, ela não respondeu.

Samuel se afundou bruscamente nela e ficou quieto.

— Servirá com isto, milady?

Ela abriu os olhos e o olhou com irritação.

— Sim! — Cravou as unhas em seu traseiro, tentando fazer que voltasse a mover-se. — Sim! Sim! Sim! Mova-te, maldito seja!

E ele obedeceu, grunhindo com voz baixa e gutural, ou possivelmente rindo: era impossível sabê-lo, porque havia tornado a fechar os olhos. A ela, além disso, já não importava.

A única coisa que lhe interessava era o movimento de seu corpo. Aquele bombeamento implacável, aquele prazer enlouquecedor. Seu pênis duro e seu impulso, e o anseio de que nunca, jamais, parasse.

Até que lhe chegou o orgasmo em violentas ondas, uma atrás de outras. Sentiu que ele tocava um lado de seu rosto. Abriu os olhos a tempo de ver como se arqueava, esfregando a pélvis contra a sua, e presenciou como Samuel Hartley se convulsionava ao descarregar-se em seu interior.

Sam ofegava, mais falta de fôlego que quando corria. Emeline o espremera até deixá-lo seco, e aquilo era maravilhoso.

Derrubou-se sobre ela, com cuidado de não apoiar sobre seu corpo todo seu peso, mas com o desejo de senti-la por completo sob o seu. Os seios de Emeline colados a seu peito, seu ventre sob o dele, e suas pernas enlaçadas ao redor de seus joelhos. Sabia, muito ao fundo de seu cérebro, que o que sentia era o impulso primitivo de dominar à fêmea (a sua fêmea), um impulso pouco generoso do qual não devia orgulhar-se.

Mas afugentou aquela ideia porque estava muito cansado para raciocinar; além disso, estava muito a vontade naquela postura.

Embora talvez ela não.

— Te afaste — resmungou Emeline.

Não acreditava ter ouvido resmungar alguma vez a muito educada lady Emeline, e aquilo o divertiu.

— Estou te esmagando?

— Não. — Ficou calada um momento, e Sam pensou que possivelmente dormiu. Mas logo voltou a falar. — Mas mesmo assim deveria te afastar.

— Por quê? — Havia apoiado a cabeça sobre o travesseiro, a seu lado, e desfrutava estendido cara a cara com ela, observando sua expressão.

Ela enrugou o nariz sem abrir os olhos.

— Porque é o mais correto.

— Ah. Mas estou muito cômodo onde estou, então, o que for correto me interessa muito pouco neste momento.

Emeline abriu os olhos bruscamente e o olhou carrancuda, de um modo adorável. Sam jamais o diria, mas seus aborrecimentos sempre o excitavam.

— Acaso não te importa minha comodidade? — Perguntou ela em tom altivo e afetado.

— Não — respondeu ele docemente. — Absolutamente.

— Umf — respondeu ela com escassa eloquência, e ele sorriu ao ouvi-la. Adorava tê-la reduzido aos monossílabos.

Emeline havia tornado a fechar os olhos e disse sonolenta:

— Parece muito seguro de ti mesmo.

— Isso é por que... — inclinou-se para ela para beijá-la na face e lhe sussurrou ao ouvido: - Meu membro está dentro de você.

— Confia muito nessa situação — resmungou ela.

— Sim, igual a você.

Ela grunhiu.

— Anda, durma, vaidoso.

Aproveitando que Emeline não podia vê-lo, Sam sorriu antes de jogar a colcha sobre ambos. E logo, ainda abraçado a ela, cumpriu sua ordem e dormiu.

À manhã seguinte, Emeline despertou de repente. Soube imediatamente que passou a noite no quarto do Samuel. Ele seguia estendido a seu lado.

De fato (e Emeline se moveu para medir a situação), seguia dentro dela. O que fazia difícil partir discretamente.

Observou-o. Estava deitado de barriga para baixo, com o rosto voltado para ela. Seus quadris cobriam o seu, mas a maior parte de seu tronco estava deslocado a um lado, fora do peito de Emeline, exceto um braço, que tinha apoiado com gesto possessivo sobre seus seios. As rugas de sua boca se alisaram e parecia jovem. Tinha o cabelo revolto como um menino. Seria assim antes da guerra?

Ele abriu os olhos e os fixou nela, e seu olhar se escureceu ao tomar consciência da situação. Seguiu calado enquanto percorria seu rosto com o olhar. Era cedo, Emeline acabava de despertar e devia estar terrivelmente desarrumada, mas não podia voltar o rosto. Deixou que a inspecionasse. O olhar do Samuel parecia mais íntimo que ao olhar seu corpo nu a noite anterior. O que via quando a olhava?

Emeline não conseguia imaginá-lo, e em qualquer outra ocasião teria se zangado consigo mesma por aquela insegurança, por expor-se daquele modo. Agora, em troca, enquanto a luz da manhã desvelava suavemente o quarto, não permitiu que sua fraqueza danificasse aquele instante.

Sam levantou a mão para segurá-la pela nuca e aproximou seu rosto lentamente, observando-a. Só no último instante fechou os olhos. Então começou a beijá-la. Sua boca parecia mais tenra pela manhã, mais relaxada e indolente.

Abriu-a sobre a sua, mas não fez tentativa de tocar sua língua. Beijou-a, entretanto, luxuriosamente, movendo os lábios com parcimoniosa sensualidade. Emeline notava sua barba pelas manhãs lhe roçando o rosto, em contraste com a suavidade de seus lábios. Parecia não ter pressa, apesar de que ela notava dentro de si seu membro grande e incrivelmente duro.

Sam se ergueu apoiando-se nos cotovelos sem interromper o beijo e, tomando seu rosto entre as mãos, cobriu-a por completo, duro e viril, protetor e possessivo. Emeline nunca se sentiu tão amada.

Nunca se sentiu tão desejada. Ele havia separado suas pernas e acomodado seus quadris por completo sobre os seus. Ela sentia a comichão do pelo de seu peito nos mamilos. Era tudo tão íntimo...

Não estava segura de poder suportar aquela intimidade tão absoluta. Deixava-a vulnerável, aberta a desvelar coisas que preferia manter ocultas. Mas se sentia apanhada naquele instante, seduzida por seus próprios desejos e pelo homem que se abatia sobre ela.

Samuel deslizou a mão de seu rosto a sua garganta, acariciou seu ombro e seu flanco. Deteve-se no quadril, aparentemente distraído pelo beijo: lambendo-a, abrindo passagem até sua boca, e ela estava chupando sua língua.

Depois, sua mão seguiu deslocando-se, tocou seu joelho e a agarrou. Fez que Emeline levantasse a perna e o rodeasse com ela os quadris ao mesmo tempo em que apertava sua pélvis contra a sua.

Então ela gemeu dentro de sua boca. Naquela posição estava aberta e vulnerável, e quando Samuel apertou, sentiu-o por completo contra seu púbis. Ignorava se gostava de toda aquela forma de se amar, tão preguiçosa e prolixa ao mesmo tempo. Samuel estava despindo sua alma camada a camada, com intenção ou sem ela. Emeline nem sequer acreditava que fosse consciente do efeito que lhe causava.

Mas cada vez que se propunha afastar-se dele, o firme ataque de seus lábios voltava a seduzi-la. Nesse momento, ele interrompeu o beijo e levantou a cabeça para olhá-la enquanto se esfregava lentamente contra seu sexo nu. Ela gemeu ao experimentar aquela sensação, e depois o olhou com irritação. Que grosseria, olhá-la fixamente assim! Acaso não sabia que essas coisas não se faziam?

Que, o que estavam fazendo não era mais que uma fugaz satisfação carnal, só isso?

Só isso...

Mas, quando Samuel se moveu e voltou a exercer pressão (seu membro duro e insistente dentro dela), não pareceu um ato físico. Era algo mais. Muito mais. Emeline sentiu pânico; o peso do Samuel, aquelas emoções a afligiram de repente. Tentou virar a cabeça, levantar os braços para afastá-lo, mas ele a agarrou rapidamente, sem esforço, e lhe sujeitou os pulsos sobre o travesseiro, a ambos os lados da cabeça.

Ela soluçou, indefesa e furiosa; mais furiosa, em realidade, pelo que deixava entrever.

— Para.

Ele sacudiu a cabeça lentamente e voltou a pressionar, e seu membro fez que o corpo de Emeline se abrisse como uma flor, exposto a todas as sensações que o fazia experimentar.

Baixou as pálpebras um segundo, como se o que estavam fazendo afligisse a ele também. Logo os levantou e a olhou aos olhos.

— Não.

Baixou a cabeça para lamber o suor da raiz de seu cabelo. Emeline sentiu o suave roce de

sua língua e, ao mesmo tempo, a pressão de seu pênis dentro dela quando ele levantou os quadris, esfregando com devastadora precisão o único lugar que não podia resistir a seus cuidados. Retirou um pouco a verga, mas ela sentiu sua fricção na carne sensível. Logo, ele voltou a descer, esfregando uma e outra vez contra seu clitóris exposto, e ela não pôde resistir mais. Fez-se em pedaços, e todos os segredos, as dúvidas, as preocupações e as esperanças que manteve ferreamente guardadas dentro de si voaram de repente, livres e desatadas, expostas ao ar frio da manhã e a ele.

A ele.

Levantou os olhos a tempo de vê-lo apertar os dentes e tremer, tão desfeito como ela, enquanto derramava sua semente no interior de seu corpo.

Sua taça de chá tremeu quando a levou aos lábios essa mesma manhã. Aquela manifestação do tumulto que sentia por dentro a fez enrugar o cenho, e ordenou severamente a seus dedos que deixassem de tremer.

A seu redor, no salão do desjejum, ninguém pareceu perceber isso. Salvo possivelmente Melisande, que, sentada em frente a ela na mesinha que compartilhavam, lançou-lhe um olhar extremamente sagaz.

Em realidade, a perspicácia tinha escasso valor em uma amizade: só conduzia a perguntas violentas e a olhares de compreensão excessiva.

Emeline afastou ostensivamente o olhar de sua melhor amiga e tentou concentrar-se em algo que não fosse a envolvente experiência amorosa que teve essa mesma manhã. E ontem à noite. E na manhã anterior.

Olhou carrancuda sua taça, agora perfeitamente imóvel. Talvez a superabundância de sexo estava transtornando seu cérebro. Isso explicaria sua incapacidade para pensar em outra coisa.

Não podia ser saudável pensar, refletir, obcecar-se constantemente com um homem e suas longas pernas, seu largo peito e seu muito duro pênis. Emeline tossiu em cima do chá e olhou a Melisande com expressão compungida.

Sua amiga disse:

— Traduzi o título do primeiro conto desse livro que me deu. Chama-se *Coração de Ferro*.

— Seriamente? — Emeline se esqueceu um momento de suas reflexões. Lembrava-se daquele conto. *Coração de Ferro*. Era sobre um homem valente, forte e leal. Um homem como Samuel, pensou de repente. Que estranho.

Em frente a ela, Melisande clareou a garganta.

— Lorde Vale perguntou por ti ontem à noite.

Emeline esteve a ponto de verter o chá. Deixou apressadamente a xícara sobre a mesa. Obviamente, não estava preparada para aqueles subterfúgios. Tinha os nervos a flor da pele.

— O que lhe disse?

Sua amiga ergueu suas sobrancelhas de cor marrom.

— Nada. De todos os modos, nem sequer teria reparado em mim.

O cínico comentário de Melisande distraiu a Emeline de suas preocupações.

— Não seja tola. Claro que teria reparado em ti.

— Não sabe como me chamo.

— O que?

Melisande assentiu com a cabeça, sem indício de auto compaixão em seus olhos marrons e firmes.

— Não faz nem ideia de quem sou.

Emeline olhou para onde seu prometido estava sentado entre um grupo de senhoritas. Jasper fazia dramalhões; parecia estar contando alguma anedota, e sua mão direita esteve a ponto de puxar a touca da senhora sentada a seu lado. Emeline desejou dizer de novo a Melisande que não fora tola, mas o certo era que certamente Jasper não fazia nem ideia de como se chamava sua amiga.

Sempre prestou mais atenção às mulheres mais belas de seu círculo. Era de esperar, supôs. Os homens eram bastante superficiais nesse aspecto: importava-lhes muito mais o físico de uma mulher que seus sentimentos ou seu intelecto.

À maioria, ao menos. Samuel se sentara do outro lado do salão, flanqueado por sua irmã e pela senhora Ives, uma dama de avançada idade bastante insossa.

A senhora Ives estava lhes contando algo e ele tinha a cabeça inclinada para ela, mas seus olhos se encontraram quando o olhou.

Mas em seguida afastou o olhar, sentindo que o rubor invadia suas faces. Maldito fosse aquele homem. Não lhe bastava ter se servido de seu corpo essa mesma manhã até lhe provocar agulhadas do modo mais terrível e delicioso; também precisava ocupar seu pensamento quando estava acordada.

— Espero que tenha tomado precauções — disse Melisande em frente a ela.

— O que? — Perguntou Emeline com excessiva brutalidade.

Sua amiga a olhou como se soubesse que estava pensando em outra coisa.

— Hei dito que confio em que ontem à noite tomasse precauções.

Emeline a olhou fixamente.

— Do que está falando?

— Algo para não ficar grávida...

Emeline se engasgou.

— Está bem? — Perguntou sua amiga da alma como se não acabasse de lançar uma bomba no meio da conversa.

Emeline sacudiu a mão enquanto bebia um gole de chá. Pensou por um momento em negar que tivesse passado a noite com o Samuel, mas a conversa parecia ter ultrapassado esse ponto fazia algum tempo.

Preferiu concentrar-se no assunto mais urgente.

— Sim, bom, claro. Como... como...?

Melisande a olhava com severidade.

— Não posso acreditar que te tenha embarcado em uma aventura sem tomar medidas adequadas. Há esponjas que encaixam no corpo da mulher...

— Como é que está inteirada dessas coisas? — Perguntou Emeline, maravilhada. Melisande não estava casada e presumivelmente era virgem.

— Há livros, se a alguém interessam.

Emeline abriu os olhos de par em par.

— Livros sobre...?

— Sim.

— Santo céu.

— Disposta atenção — disse Melisande com firmeza. —Tomaste as medidas adequadas?

— Acredito que é muito tarde para isso — resmungou Emeline. levou a mão ao ventre coberto de encaixe sem perceber e afastou rapidamente. Como era possível que não tivesse pensado em algo tão fundamental, inclusive no meio do ardor da paixão?

A possibilidade de ficar grávida era um risco certo, um risco que não podia permitir-se. Jasper era muito mundano, mas nenhum homem queria que seu herdeiro fosse filho de outro homem. Se estivesse grávida, teria que se casar com o Samuel. Só a ideia fez que lhe revolvesse o estômago. Não teria onde esconder-se, vivendo com aquele homem. Estaria exposta constantemente: suas emoções, seus piores rasgos de caráter abertos a ele. Samuel a via, via-a de verdade, como nenhum outro homem a tinha visto, e para ela aquilo não gostava. Lhe exigiria coisas, emoções que não queria sentir, e não poderia esconder-se atrás de uma fachada impostada.

O espanto deve ter sido notado na cara, porque Melisande se inclinou para diante e pôs a mão sobre a sua.

— Não te angustie. É muito cedo para sabê-lo; pode ser que não tenha com que se preocupar. A não ser que... — Enrugou o cenho. — A não ser que isto esteja acontecendo a mais tempo do que acredito.

— Não — soluçou Emeline. — Não, não. Acaba de... — Mas não pôde acabar a frase. O que pensaria Melisande dela? Deitou-se com um homem ao qual conhecia há pouco tempo, e em uma festa ao qual estava convidado seu noivo.

Melisande lhe deu uns tapinhas na mão.

— Então não faz sentido preocupar-se. Desfruta do resto da festa e não volte a fazê-lo sem tomar precauções.

— Claro que não. — Emeline exalou um suspiro para tranquilizar-se. — Nem sequer voltarei a olhá-lo. E certamente não penso... — Desdenhou com um gesto o resto da frase e ergueu os ombros. — Vou evitá-lo. Não haverá uma próxima vez.

— Hmm — murmurou Melisande ambiguamente, embora parecesse cética.

E Emeline não podia reprová-la. O afirmou, mas seu tom de voz pareceu-lhe inseguro até a ela mesma. Seu olhar se desviou sem querer para o canto onde estava sentado Samuel. Ele a estava observando com os olhos entreabertos.

Emeline estava segura de que os outros só viam em seu semblante uma expressão despreocupada. Ela, não. Em seus olhos via luxúria, anseio de possuí-la e uma convicção profunda em sua própria força.

Aquele homem não renunciaria a ela sem lutar. Santo céu, onde havia se metido?

Capítulo 14

Coração de Ferro despertou ao amanhecer do dia seguinte (a véspera do final de seu silêncio) ouvindo o grito de uma mulher. A babá estava na porta do quarto destroçado de seu filho, e gritava e gritava.

Porque todos os móveis estavam quebrados, as paredes salpicadas de muito sangue vermelho e o que era muito pior: o bebê havia desaparecido. O quarto se encheu logo de gente do palácio: guardas, criados, cozinheiros e donzelas. Todos olhavam a Coração de Ferro coberto de sangue, no quarto onde antes dormiu seu filho. Mas seu coração não se encheu de dor até que a princesa Solace abriu passagem entre a gente e olhou a seu marido, e seus olhos se cobriram de tristeza...

De Coração de Ferro

Estava evitando-o. A Sam parecia evidente. Essa manhã, Emeline e ele pareciam estar dançando uma dança estranha e furtiva. Ele entrava em uma sala e ela se voltava, dando-lhe as costas.

Ele se aproximava dela lentamente, com ar despreocupado, e ela apresentava alguma desculpa e saía da sala antes de que conseguisse aproximar-se dela. Praticaram aquele jogo uma e outra vez, e Sam foi se zangando mais e mais.

Já não lhe importava que outros convidados notassem suas tentativas de aproximar-se dela. Só queria encurralá-la. E cada vez que o esquivava, mais se obstinava ele.

Agora estavam na biblioteca; esse dia, os convidados se viram de novo confinados na casa por culpa da chuva que não cessava. Sam esperava uma oportunidade propícia sem aproximar-se dela, procurando simplesmente o momento preciso. Emeline estava sentada em um canto com sua amiga, a senhorita Fleming. Era uma mulher bastante insossa comparada com a escura beleza de Emeline, mas tinha um olhar acerado e estava pendente de cada um de seus movimentos. Ou Emeline lhe confessou seu idílio, ou o adivinhou ela sozinha. De todos os modos não importava. A senhorita Fleming podia ser um feroz cão guardião, mas Sam não ia permitir que se interpusesse entre sua presa e ele.

Fez uma careta ao pensá-lo e afastou o olhar. Suas emoções nunca foram tão primitivas, tão selvagens, com nenhuma mulher. Sabia que estava perdendo o controle (que possivelmente havia ultrapassado já o ponto no que podia dominar-se) e, mesmo assim, não podia evitá-lo. Desejava-a. Que o rechaçasse, fazia sentir-se como se alguém sustentasse um pedaço de gelo sobre sua pele por um longo tempo.

Era doloroso. Inaceitável. Emeline deixara que lhe fizesse amor; agora não podia voltar atrás. E debaixo de tudo aquilo, havia uma corrente de dor que ele resistia a reconhecer.

Emeline o havia ferido, machucou seu orgulho e outra coisa essencial para seu ser. Era angustiante aquela dor, e Sam precisava lhe pôr fim.

Necessitava a ela.

— Não quer jogar às cartas? — Perguntou Rebecca a seu lado. Sam nem sequer a viu se aproximar.

— Não — respondeu, distraído.

— Pois deixa ao menos de olhar a lady Emeline como um cão a uma salsicha.

— Faço isso?

— Sim — disse ela, exasperada. — Não me surpreenderia que começasse a babar a qualquer momento. E não é agradável.

Ele voltou a cabeça e fixou o olhar em seu rosto.

— Tanto se nota?

— Outros certamente não, mas eu sou sua irmã. Vejo coisas.

— Sim, sei. — Observou-a um momento. O amarelo de seu vestido parecia fazê-la brilhar. De repente percebeu que sua irmã era possivelmente uma das mulheres mais belas das reunidas ali.

— Está desfrutando da festa? Não lhe perguntei isso.

— É... interessante. — Baixou o olhar, esquivando seus olhos. — Ao princípio me dava medo que ninguém falasse comigo, mas não foi assim. As outras senhoras foram muito amáveis. Quase todas.

Ele enrugou o cenho.

— Quem não o foi?

Ela sacudiu a mão com gesto impaciente.

— Ninguém. Não importa. Não seja pesado.

— Sou seu irmão. Supõe-se que devo sê-lo — repô-lo, tentando que soasse como brincadeira.

Mas suas palavras não deram no alvo, porque ela não sorriu. Olhou-o inquisitivamente.

Ele respirou fundo e o tentou de novo.

— Fixei-me em que frequenta a companhia do senhor Green.

— Sim — respondeu Rebecca alongando a palavra, com voz cautelosa. Tinha a cabeça abaixada, mas lançou um olhar ao senhor Green, que jogava às cartas em um canto.

Sam se sentiu como um néscio. Rebecca pediu-lhe que jogasse às cartas. Devia procurar uma desculpa para aproximar-se do Green. Sorriu-lhe e ofereceu o braço.

— Vamos jogar?

Mas o olhou entreabrindo os olhos.

— Acreditava que não queria.

— Pode ser que tenha trocado de ideia.

Rebecca suspirou como se houvesse dito uma bobagem.

— Samuel, você não quer jogar às cartas.

— Não, mas acreditava que você sim — repôs ele lentamente. Sentia-se como se estivesse procurando uma trilha escondida. Ou talvez tivesse errado o caminho por completo.

— Sim, mas não pelo motivo que pensa. Ouviu rir o senhor Green?

— Sim.

— Pois então — disse ela como se isso resolvesse a questão, e pareceu armar-se de coragem juntando as mãos. — Tenho entendido que fostes interrogar o senhor Craddock e que descobriram que havia morrido.

Ele a olhou com receio.

— Sim.

— Sinto muito. Imagino que sua viúva não sabia nada.

— Não. Teremos que esperar até nossa volta a Londres para seguir fazendo averiguações. — E então encurralaria ao Thornton. Por cima do ombro da Rebecca viu que Emeline se voltava e saía da sala.

Maldição! — Desculpa.

— Tornou a escapar, suponho — disse Rebecca sem se incomodar sequer em olhar para trás.

Sam se inclinou e lhe deu um beijo na têmpora, justo onde seu cabelo negro se esticava para trás.

— É muito perspicaz, irmãzinha.

— Eu também te amo — resmungou ela.

Sam parou e a olhou com surpresa. Sua irmã era uma mulher adulta, e ele nem sempre a entendia, mas a amava, em efeito. Sorriu, olhando seus olhos cheios de preocupação.

E logo saiu pela porta, em caçada.

Esse era o problema de embarcar em uma aventura amorosa com um indiano: que, evidentemente, o indiano não sabia quando dar por terminado o assunto.

Emeline lançou um olhar para trás ao escapulir no escuro corredor de serviço. Não via o condenado Samuel, mas o sentia atrás dela, em alguma parte. Qualquer cavalheiro se teria dado já por informado de que lhe deram término. Ela teve muito cuidado de não o olhar, de não travar com ele conversa essa manhã. Tratara-o em seco, e Samuel, entretanto, não se dava por vencido.

E o pior de tudo era que sua determinação fazia que algo dentro dela estremecesse de emoção. Quanto devia desejá-la, se a perseguia assim! Não podia menos que sentir-se adulada.

Mesmo que fosse um chateio, claro.

Emeline dobrou uma esquina, completamente perdida, e deu um grito quando uma grande mão saiu da escuridão para agarrá-la. Samuel a introduziu atrás de uma cortina poeirenta.

Havia ali, no corredor, um pequeno vão que se usava como despensa; ela distinguiu a forma de alguns barris empilhados contra a parede.

O espaço era, mesmo assim, muito reduzido, e teve que apertar-se contra o peito do Samuel, o qual a fez gritar de novo.

— Cala — murmurou ele junto a seu cabelo, da maneira mais provocadora — não faça tanto ruído.

— Por sua culpa quase me dá uma apoplexia — resmungou ela. Empurrar seu peito não parecia sortir nenhum efeito, assim que se deu por vencida e o olhou na penumbra.

— Pode-se saber o que está fazendo?

— Tentando falar contigo — resmungou ele. Sua voz tinha um fio cortante, e Emeline sentiu, apesar de que os separavam léguas e léguas de tecido, que estava muito excitado.

Parecia irritado, e uma parte dela, pequena, feminina e um pouco malvada, alegrou-se disso. — E não está sendo fácil.

— Será porque não quero falar contigo? — Voltou a empurrar seu peito, apesar de que prometeu a si mesma não fazê-lo de novo. Mas ele não cedeu uma polegada.

— É uma suscetível — disse ele.

— Não quero voltar a verte. Não quero voltar a falar contigo. — Sua frustração alcançou o ponto de ebulição e lhe deu uma palmada no peito. — Me Solte!

— Não.

— Não podemos seguir assim. — Esticou a mandíbula e endureceu a voz. — Foi agradável enquanto durou, mas agora acabou.

— Eu acredito que não.

— Isto não foi mais que um encontro passageiro no campo. Logo voltaremos para a cidade e tudo será como antes. Deve seguir seu caminho.

— Te está acostumado a funcionar? — Parecia divertido, absolutamente afetado por sua desdenhosa resposta.

— O que? —perguntou ela, irritada.

— Dar ordens aos homens. — Falava baixo, mas na despensa em penumbra sua voz ressonava nos ouvidos de Emeline. — Provavelmente sim. Certamente se vão acovardados, com o rabo entre as pernas, a lamber as feridas que lhes faz essa língua tão afiada.

— É insuportável!

— E você está mal-acostumado a sair sempre com a tua.

— Não é certo. — Retrocedeu, tentando ver seu rosto. — Você não sabe nada de mim.

Sentia-o ainda colado a ela, e na pequena sala se fez de repente um silêncio.

Quando Samuel voltou a falar, sua voz soou grave e terrivelmente íntima na escuridão.

— Sei que tem a língua muito afiada e um engenho ao qual nem sempre lhe ocorrem coisas agradáveis. E sei que esconde tudo isso, como se fosse igual a qualquer outra dama, uma formosa figurinha feita de merengue: doce como o açúcar, mas puro ar.

— Uma dama deve ser doce — murmurou Emeline. Espantava-lhe que Samuel soubesse aquelas coisas dela. Eram muito piores que as intimidades que o sexo deixava a descoberto.

Mantinha aquela fachada com a maioria das pessoas, ou ao menos isso acreditava. Uma dama devia ser doce, não de língua afiada, nem ter pensamentos mesquinhos que cruzassem constantemente sua cabeça.

Ela era muito forte, muito independente, muito masculina. Samuel devia sentir rechaço.

— Então há regras a respeito de como deve ser uma dama? — Perguntou ele à altura de sua têmpora. — Neste país há tantas normas para tudo que não sei como o suportam.

— Eu...

— Eu gosto das mulheres engenhosas. — Era sua língua o que sentia no lóbulo da orelha? —

Eu gosto das coisas ácidas, um sabor forte e inesperado, como uma maçã tirada da árvore ainda muito verde.

— As maçãs verdes dão dor de estômago — resmungou ela contra seu peito. Sentia uma opressão na garganta, como se estivesse a ponto de chorar. Como se atrevia ele a lhe fazer aquilo? A transpassar suas defesas?

A destruir suas muralhas como se fossem de papel?

Samuel riu, e a vibração de sua risada lhe retumbou no pescoço.

— Nunca me deram dor. E com elas se fazem os melhores bolos. As demais são muito doces; fazem-se purê assim que as cozinha. Mas uma boa maçã verde... — Apoiou a mão em sua saia e começou a levantá-la. — Ganha vida com o açúcar e as especiarias. É perfeita para meu paladar. Apoderou-se de sua boca, e Emeline voltou a naufragar. Seu sabor era embriagador. Talvez um pouco ácido, mas para o Samuel tinha sabor de café, negro, denso, de uma doce turvação, puramente viril.

Sufocou um gemido, abrindo a boca: queria beber-lhe tudo. Aquela seria a última vez; devia pôr fim a aquele disparate quanto antes. Afugentou aquela ideia e se deixou sentir, à deriva em muitas impressões sensíveis, envolvida nos braços dele, com sua língua na boca e a mão dele sobre ela.

Ouviu-se o roçar de um sapato no corredor. Emeline se separou dele e teria lançado alguma exclamação, se Samuel não lhe tivesse abafado a boca com a mão.

— *Tornou-se louca?* — Resmungou uma voz mal-humorada do outro lado da cortina por trás de onde se esconderam. — *Jogar tênis no salão grande! Que barbaridade!*

Emeline olhou para baixo e viu uns sapatos de enorme fivela justo debaixo da prega da cortina. Olhou ao Samuel com espanto. Tremiam-lhe os lábios enquanto a olhava, com a mão ainda em sua boca.

O muito condenado estava passando em grande! O olhou entrecerrando os olhos. Se tivesse podido lhe dar um soco sem que o homem do outro lado da cortina percebesse, o teria feito.

— *Não podem fazer muitas mais coisas, não*? — Perguntou outro homem com voz mais aguda e quase arrastada, como se tivesse estado bebendo. — *Em algo têm que entreter-se, não*?

— *Sim, mas jogando tênis*? — O primeiro criado falava em tom carregado de chateio. — *E dentro de casa. Por que não jogam às cartas, ou ao jogo de dados ou ao que seja?*

— *Aos jogos de dados? Não seja burro, homem. Essa gente não joga aos jogos de dados.*

— *Bom, e por que não? O que têm de mau os jogos de dados, a ver?*

Emeline sentiu que Samuel se sacudia, tentando conter a risada. Não entendia como aquilo podia lhe fazer graça. Ela estava quase petrificada pelo medo a que os descobrissem. Olhou-lhe com aborrecimento, levantou um pé e cravou o salto do sapato em seu mocassin. Pensou por um momento que ele ia perder por completo a compostura. Em lugar de pô-lo sério, como esperava, sentir seu salto dolorosamente no pé só lhe deu ainda mais gana de rir. Seus olhos brilharam, risonhos. Emeline ficou olhando-o sem dizer nada, e logo lhe tirou a mão da boca e a beijou.

Beijou-a profunda e minuciosamente, sem fazer nenhum ruído.

Do outro lado da cortina lhes chegou um suspiro.

— *Resta algo desse tabaco tão bom?*

— *Sim, tome.*

— *Obrigado*.

Santo céu, iam ficar a fumar um cachimbo! Emeline sentiu um calafrio de horror, mas ao mesmo tempo Samuel introduziu a língua em sua boca, seu espanto se mesclou com o prazer e ambas as emoções se reavivaram.

Ele começara a puxar suas saias outra vez, subindo as pouco a pouco. O tecido farfalhou ao se deslizar sobre suas coxas e ficou paralisada.

Um dos homens tossiu do outro lado da cortina, e Emeline sentiu o cheiro fragrante da fumaça do tabaco. Deviam ter acendido ambos suas pipas. Então Samuel roçou os cachos nus de seu púbis, e aquela ideia se dissipou.

— *Mas por que acredita que lhes ocorreu jogar tênis?* — Perguntou o da voz mais grave.

Samuel introduziu os longos dedos entre os pelos de seu púbis, aproximando-se pouco a pouco a aquele lugar especial. Emeline se agarrou a seus ombros, distraída, confusa, incrivelmente excitada.

— *Não sei* — respondeu em seguida o da voz aguda. — *Mas melhor isso que os boliches. Pelo menos, dentro.*

Samuel afastou a cabeça e a olhou aos olhos. Sorriu como o próprio diabo ao alcançar o vértice de suas dobras. Emeline teve que fazer um esforço consciente para não gemer quando deslizou um dedo sobre seu clitóris.

Ele sacudiu a cabeça suavemente enquanto circundava o delicado botãozinho.

— *E as janelas?*

— *Que janelas?*

— *As janelas do salão grande.*

— *O que acontece com elas?* — O da voz aguda parecia incomodado. Samuel mordeu o lábio para refrear a risada, mas Emeline estava escalando até o cimo de uma onda de horrorizada felicidade.

Se os criados abrissem nesse momento a cortina, descobririam-na quase nua de quadris para baixo, com a mão do Samuel acariciando seu clitóris. Ele inseriu lentamente um grosso dedo no centro de seu sexo, com muito cuidado, enquanto observava seu rosto. Nesse mesmo momento, seu polegar pressionou com firmeza aquele pedacinho de carne tão especial. Ela abriu a boca em um silencioso gemido, o olhando com irritação.

— *Romperam-se com as bolas de tênis, não?* — Disse o da voz grave.

Do que estavam falando? Pouco importava, enquanto seguissem entretidos. Samuel tirou lentamente seu dedo e voltou a afundá-lo em seguida, e Emeline deu um pulo. Não poderia suportar muito mais; acabaria por delatar a ambos. Fez a única coisa que podia fazer: rodeou com as mãos o pescoço do Samuel e atraiu sua boca para si.

Samuel começou a mover o dedo com rapidez, e ela abriu a boca para convidar a sua língua a entrar. Necessitava-o. Suas emoções, suas sensações, eram intensas. Queria subir em seu corpo, queria chupar sua língua, queria pô-lo de joelhos, como fez ele com ela. Por que, de todos os

homens que conhecia, era aquele precisamente o que tinha poder sobre ela? Quando estava com ele, convertia-se em um remanso de desejo, e só Samuel parecia capaz de encher o vazio que sentia no centro de seu ser. Conteve o fôlego porque ele estava, em efeito, enchendo-a. Um segundo dedo se somou ao primeiro;

Samuel os afundou juntos e logo os abriu, alargando-a. Emeline estava molhada, mas nem sequer essa ideia lhe causou vergonha. Nesse momento era pura emoção e puro prazer, e não queria que aquilo acabasse.

— *Mais vale que voltemos para o trabalho* — disse o da voz grave. Um sapato roçou o chão de pedra do corredor enquanto o homem parecia apagar sua pipa. — *Ainda não olhamos no porão, não*?

— *Não seja burro, homem*. — Os passos foram se afastando. — *As coisas do tênis não vão estar no porão*.

— *Pois você que é tão preparado me diga onde estão*. — As palavras do criado de voz grave chegaram até eles flutuando pelo corredor; logo se fez o silêncio.

OH, Deus. Em todo esse tempo, Samuel não deixara de mover o dedo dentro dela, nem de beijar sua boca aberta, e Emeline sentiu que começava a tremer. Afastou-se e ofegou, mordendo o lábio para não gritar.

Mas ele retirou a mão bruscamente, agarrou-a pela cintura e a levantou, empurrando-a, de modo que seu traseiro ficou precariamente em equilíbrio sobre um tonel. Colocou-se logo entre suas pernas e ao abrir os olhos o viu puxar desesperadamente suas meias.

— Deus! — Grunhiu ele. Por fim conseguiu tirar seu membro, enorme e quente, e penetrá-la em um só movimento. — Deus!

Ela cravou as unhas no tecido que cobria seus ombros e se aferrou a ele como a um salva-vidas ao mesmo tempo que lhe rodeava os quadris com as pernas. Samuel se movia com rapidez, investindo uma e outra vez.

O orgasmo de Emeline não havia chegado a sua plenitude e agora começou de novo com uma nota mais aguda, mais doce, quase dolorosa. Ele havia apoiado uma mão na parede, junto a sua cabeça, e a outra em seu quadril, e seu pênis se afundava profundamente entre suas pernas abertas. Emeline puxou seu casaco, lhe rasgando uma manga, e encheu a boca com o tecido limpo de sua camisa e com seu ombro.

Seus olhos se fecharam de prazer enquanto o mordia. Aferrou-se a ele ao mesmo tempo em que a verga do Samuel obtinha seu prazer. Cavalgou-a com força, até que ela quis gritar, até que, agarrando-a pela nuca, beijou-a com a boca aberta e gemeu ao gozar, tremendo por inteiro. Emeline sentiu o calor de sua semente ao verter-se em seu interior. E compreendeu, ao mesmo tempo que coroava de novo aquela onda, que aquela devia ser a última vez.

— Posso falar contigo? — Perguntou Emeline ao Jasper essa tarde. Surpreendeu-o em um dos corredores de cima. Os convidados começavam a rondar pelos arredores do salão, à espera de que se servisse a comida.

— Claro. — Pôs seu sorriso amplo e ligeiramente torcido, e ela notou que em realidade não

estava prestando atenção nela.

— Jasper. — Tocou sua manga.

Ele se deteve e se voltou para ela, com as cheias sobrancelhas franzidas.

— O que?

— É importante.

Seus olhos esquadrinharam os de Emeline. Frequentemente tinham uma expressão vaga ou escondida por trás da máscara de bufão que gostava de colocar. Era estranho que olhasse com tanta clareza, que ela visse o homem que se ocultava por trás da máscara. Mas agora a estava olhando. Olhando-a de verdade.

— Está bem?

Emeline tomou fôlego e, para seu assombro, a verdade escapou de seus lábios.

— Não.

Jasper piscou e ergueu a cabeça para lançar um olhar em torno do corredor. Estavam na parte traseira da casa, mas ainda havia gente por ali, lacaios e criadas levando o jantar, convidados que se dirigiam ao salão contiguo. Jasper a segurou pela mão e a fez passar por uma porta que dava a outro corredor. Havia várias portas no patamar, e ele pareceu escolher uma ao acaso. Abriu-a e enfiou a cabeça.

— Esta servirá. — Fez Emeline entrar e fechou a porta. Era uma salita de estar ou um pequeno despacho, mas saltava à vista que ninguém o usava: a lareira estava vazia e quase todos os móveis cobertos com lençóis. Então cruzou os braços.

— Me diga.

OH, quanto teria gostado a ela poder contar-lhe. O impulso de confessar seus segredos era quase insuperável. Que alívio seria dizer-lhe tudo e que lhe desse um tapinha nas costas e dissesse:

"Já passou, já passou".

Mas Jasper não faria isso. Podia ser o mais parecido a um irmão que ela tinha, podia ser escandalosamente liberal em questão de devaneios amorosos e assuntos carnais, mas era, ao fim e ao cabo, um visconde, esperava-se dele que engendrasse um herdeiro para sua muito antiga e respeitada família. A notícia de que sua prometida esteve se encontrando em segredo com outro homem não lhe faria nenhuma graça.

Podia dissimulá-lo, mas Emeline temia que, em efeito, importaria-lhe.

Assim, compôs um sorriso e disse:

— Não suporto estar aqui nem um minuto mais. De verdade, não posso. Sei que deveria ter mais paciência e aguentar lady Hasselthorpe e sua terrível conversa e esta ditosa festa, mas não posso. Acredita que poderia me levar a Londres, Jasper? Por favor.

Enquanto ela discursava, o rosto do Jasper permanecia estranhamente impassível. Era curioso que um homem tão buliçoso, um homem com tal quantidade de expressões cômicas, pudesse ser tão absolutamente insondável quando queria. Entretanto, quando Emeline terminou seu discurso e se fez um horrível silêncio, Jasper se adiantou de um salto, subitamente, animando a cara de novo como se um fabricante de brinquedos tivesse acionado a chave de um engenhoso

boneco saltitante.

— É óbvio que sim, querida Emmie, é óbvio que sim! Farei a mala em menos que canta um galo. Nossa fuga pode esperar até amanhã e...?

— Hoje, se não te importar. Em seguida, por favor. — Emeline esteve a ponto de começar a chorar de alivio ao ver que ele se limitava a assentir com a cabeça.

Jasper se inclinou e lhe deu um ruidoso beijo na face.

— Mais vale que avise ao Pynch. — E partiu.

Então se deteve um momento para recuperar-se. Era horrível aquela sensação constante de perder o controle sobre suas emoções. Sempre se considerou uma mulher sensata. Uma mulher pouco dada às efusões do ânimo, uma pessoa em que outros se apoiavam. Mal chorou ao morrer seu pai; estava muito ocupada com o traslado de *tante* Cristelle, inspecionando o transpasse da casa de campo da família para o novo conde e instalando a sua dizimada família em Londres. As pessoas a admiravam, quase se maravilhavam de sua prudência e seu estoicismo. Agora, em troca, era como uma menina, sacudida por qualquer emoção que se abatesse sobre ela.

Retornou ao seu quarto, sempre alerta como um animal do bosque que temesse ao caçador. E acaso não era assim? Samuel era um caçador: um caçador excelente. Essa manhã seguiu seu rastro, perseguiu-a até encurralá-la e fez com ela o que quis. Fez uma careta. Não, isso não era totalmente certo. Samuel podia tê-la perseguido, mas ela se sentira eufórica ao ver-se apanhada; e embora fez com ela o que quis, o mesmo podia dizer-se dela. Esse era o verdadeiro problema. Que não tinha defesas contra aquele homem.

Nunca se considerou uma escrava da carne, e entretanto ali estava, fugindo de um homem porque não podia resistir a suas aproximações. Evidentemente, foi sempre uma libertina sem sabê-lo. Ou isso, ou tudo era culpa do Samuel.

Mas afastou de si aquela ideia ao entrar em seu quarto. Harris estava fiscalizando o recolhimento de suas coisas com ajuda de duas criadas da casa.

A donzela levantou os olhos ao vê-la entrar.

— Estaremos prontas dentro de meia hora, se a senhora quiser.

— Obrigada, Harris.

Emeline apareceu à porta, esquadrinhando o corredor antes de voltar a aventurar-se fora. Preferia passar aquela meia hora escondida em seu quarto, onde estava relativamente a salvo, mas sua presença estorvaria a ação de embalar da muito organizada Harris. Além disso, sua consciência lhe impedia de partir sem falar primeiro com a Melisande.

A porta de sua amiga estava um pouco mais à frente, no mesmo corredor, e Emeline se aproximou rapidamente dela sem fazer ruído. Melisande já deveria estar em baixo, esperando junto com os outros convidados, mas tinha o costume de chegar sempre tarde a uma reunião, e ela suspeitava há muito que a tardança de sua amiga era uma estratégia para não ter que travar conversa.

Melisande era bastante tímida, embora escondesse muito bem aquele rasgo doentio de seu caráter sob uma carapaça de indiferença e sarcasmo.

Assim tocou suavemente à porta. Ouviu-se um ruído dentro e um instante depois Melisande

a entreabriu. Levantou uma sobrancelha ao ver sua amiga e a abriu totalmente, convidando-a a passar tacitamente.

Emeline entrou depressa.

— Fecha a porta.

Sua amiga levantou mais ainda as sobrancelhas.

— Está se escondendo?

— Sim — respondeu Emeline, e foi esquentar as mãos junto ao fogo.

Ouviu a farfalhada das saias de Melisande a suas costas.

— Acredito que é um dialeto germânico.

— O que? — Ao dar a volta, viu-a sentada em uma poltrona de orelhas.

Sua amiga assinalou o livro desdobrado sobre seus joelhos.

— O livro de sua aia. Acredito que está em algum tipo de dialeto germânico, certamente falado em uma zona muito pequena, possivelmente só em uma ou duas aldeias. Posso tentar traduzi-lo, se quiser.

Emeline olhou o livro com estranheza, de repente já não lhe parecia tão importante como antes.

— Dá-me igual.

— Seriamente? — Melisande tocou com o dedo uma página. — Já decifrei o título: *Aventuras de quatro soldados a sua volta da guerra*.

Emeline estava distraída.

— Mas eu acreditava que era um livro de contos de fadas.

— E o é, isso é o mais curioso. Estes quatro soldados têm os nomes mais estranhos, como esse do qual te falei, *Coração de Ferro*...

— Já não me importa — disse Emeline, e se sentiu fatal quando o semblante de sua amiga, estranhamente animado, pareceu escurecer. — O sinto, querida. Que bruta sou. Anda, continua.

— Não. Acredito que o que tem a me dizer é mais importante. — Melisande fechou o velho livro e o deixou a um lado. — Do que se trata?

— Parto. — Emeline se deixou cair em uma poltrona em frente a sua amiga. — Hoje mesmo.

Melisande relaxou sua rígida postura ao recostar-se na poltrona. Tinha as pálpebras entreabertas.

— Tem-te feito algo?

— Samuel? Não!

— Então, a que vêm tantas pressas?

— Não posso... não posso... — Emeline levantou as mãos, exasperada. — Não sou capaz de resistir a ele.

— Nada?

— Não.

— Que interessante — murmurou sua amiga. — É sempre tão comedida... Deve ser muito...

— Sim, bom, é-o — disse Emeline. — E o que sabe você destas coisas? Supõe-se que é virgem.

— Sei — disse Melisande. — Mas estamos falando de ti. Pensaste no que vais fazer se estiver grávida?

A Emeline pareceu parar o coração ao ouvir aquele medo expresso em voz alta.

— Não o estou.

— Está segura?

— Não.

— E se o está?

— Terei que me casar com ele. — Disse-o com pesar, mas no fundo de seu peito algo, uma emoção traiçoeira, saltou de íntima alegria. Se estivesse esperando um filho, não teria alternativa, não?

Apesar de todas suas dúvidas e seus temores, teria que abraçar a aquele gato montês.

— E se não o está?

Emeline pôs de lado suas traiçoeiras emoções. Não podia casar-se com um indiano.

— Farei o que havia planejado.

Melisande suspirou.

— Dirá a lorde Vale o que aconteceu nesta festa?

Emeline tragou saliva.

— Não.

Melisande tinha baixado o olhar, seu rosto parecia ter se fechado sobre si mesmo, impossível de interpretar.

— Certamente é o melhor, se quer viver com ele. Os homens são frequentemente incapazes de aceitar a verdade.

— Pensa muito mal de mim?

— Não. Não, claro que não, querida. — Melisande levantou a vista e um brilho de surpresa cruzou seu rosto. — Por que acredita que seria capaz de te julgar?

Emeline fechou os olhos.

— Há tanta gente que o faria... Acredito que eu mesma, se conhecesse os fatos e não às pessoas envolvidas.

— Bom, eu não sou tão puritana como você — repôs sua amiga com pragmática firmeza. — Mas tenho uma pergunta. Como vai resolver seu problema com o senhor Hartley o fato de que parte daqui?

— É pela distância, será que não o vê? Se não estiver na mesma casa nem no mesmo condado que ele, não serei tão suscetível a seus... a seus... — Emeline agitou as mãos. — Já sabe.

Melisande parecia pensativa... e não totalmente convencida.

— E quando ele também retornar a Londres?

— Tudo isto acabou. Estou segura de que as coisas mudarão por completo com o tempo e a distância. — Tinha falado com firmeza, como se seriamente acreditasse no que dizia, embora no fundo não estivesse tão segura.

E dissesse o que dissesse, Melisande parecia ter intuído suas dúvidas. Levantou de novo as sobrancelhas quase até ao início do cabelo, mas não fez nenhum comentário. Levantou-se e lhe

dedicou uma de suas estranhas manifestações de afeto: apertou-a contra seu enxuto peito e a abraçou com força.

— Então, boa sorte, querida. Espero que seu plano funcione. — Emeline apoiou a cabeça em seu ombro e, com os olhos fechados, rezou para que seu plano funcionasse, em efeito. Se não, não teria escapatória.

Capítulo 15

"Assassino!", gritavam os guardas. "Assassino!" gritavam os senhores e as damas da corte. "Assassino!" gritava o povo da Cidade Resplandecente. E a única coisa que podia fazer Coração de Ferro era segurar a cabeça entre as mãos ensanguentadas. A princesa chorava e suplicava, primeiro a seu marido, para que rompesse seu silêncio e explicasse o que fez, e logo a seu pai, para que tivesse piedade.

Mas ao final não houve maneira. O rei não teve mais remédio que sentenciar a Coração de Ferro a morrer na fogueira. A execução aconteceria a alvorada do dia seguinte...

De Coração de Ferro

— Verdade que foi uma festa encantadora? — Perguntou Rebecca, indecisa, rompendo um silêncio de uma hora.

Sam afastou o olhar da lúgubre paisagem e procurou concentrar-se em sua irmã mais nova. Ia sentada em frente a ele, na carruagem alugada, e parecia deprimida, o qual sem dúvida era culpa dele.

Fazia três dias que Emeline abandonou bruscamente a festa dos Hasselthorpe. Sam não se inteirou de sua ausência até muito depois da refeição do dia em que fizeram amor no corredor.

Quando descobriu que fugiu, já levava duas horas de vantagem.

Mesmo assim, a teria seguido se Rebecca não tivesse conseguido fazê-lo raciocinar. Sua irmã suplicou-lhe que ficasse, insistindo no escândalo que causaria se saía atrás de lady Emeline transcorrido tão pouco tempo após sua partida.

A ele, pessoalmente, importava-lhe um nada as más línguas. Mas a Rebecca não. Passou bastante tempo com várias senhoritas inglesas de boa família. E um escândalo cercearia aquele princípio de amizade.

Sam sufocara seu intenso desejo de sair em perseguição de Emeline, de apanhá-la e abraçá-la até que entrasse em razão e ficasse com ele. ficou ali de braços cruzados, conversando de banalidades com moças de risinhos dissimulados e insípidas matronas. Vestiu suas melhores roupas, jogara a jogos idiotas e comeu deliciosos manjares. E de noite sonhara com a língua ácida de Emeline e com seus seios quentes e firmes. Refreou-se durante três dias, até que os convidados começaram a partir por fim e Rebecca considerou apropriado que eles também abandonassem

Hasselthorpe House.

Foram três dias de calvário, mas não era culpa dela, e ele era um bárbaro por ser um companheiro de viagem tão aborrecido.

Tentou compensar as horas de silêncio que suportou sua irmã.

— Passaste-o bem?

— Sim. — Ela sorriu, aliviada. — Ao final me falavam muitas das outras senhoritas, e as irmãs Hopedale me convidaram a ir tomar o chá com elas uma tarde, em Londres.

— Deveriam ter falado contigo desde o começo.

— Precisavam começar a me conhecer, não? Em realidade, isto não é tão diferente de nosso país.

— Você gosta da Inglaterra? — Perguntou ele suavemente. Rebecca titubeou; logo encolheu os ombros.

— Suponho que sim. — Olhou pensativa as mãos, posadas sobre o regaço. — O que me diz de ti? Você gosta da Inglaterra o bastante para ficar com lady Emeline?

Sam não esperava uma pergunta tão direta, embora não deveria tê-lo pego de surpresa. Rebecca era uma garota muito intuitiva. Quando chegou a Londres, ele pensava ficar o suficiente para resolver seus negócios com o senhor Wegdwood e fazer averiguações sobre o massacre de *Spinner's Falls*. Agora seus entendimentos estavam resolvidos e esperava poder falar logo com o Thornton para esclarecer de uma vez por todas o acontecido no *Spinner's Falls*. E logo o que?

— Não sei.

— Por quê?

Olhou a Rebecca com impaciência.

— Para começar, não ficou o suficiente para que falasse com ela.

Rebecca o olhou um momento; logo perguntou, vacilante:

— Ama-a?

— Sim. — Respondeu sem parar para pensar nisso, mas descobriu que era certo. De algum modo, sem perceber sequer, apaixonou-se pela suscetível lady Emeline. Aquela ideia era-lhe estranha e ao mesmo tempo perfeitamente natural, como se tivesse sabido desde o começo que ela era a mulher que necessitava. Era um sentimento feliz, como se toda sua vida estivesse esperando aquela peça que faltava.

— Deveria dizer-lhe, sabe?

Ele olhou a sua irmã com exasperação.

— Obrigado por me dar lições de amor. O direi assim que me permita apanhá-la.

Ela riu baixinho.

— E logo o que fará?

Sam pensou em Emeline e em como discutia com ele cada vez que tinha oportunidade. Pensou no longe que estavam em fila social. Pensou no temor que ela tentava ocultar, sempre com êxito ao que parece, exceto com ele.

Pensou em quão sobressaltada parecia quando se desfazia entre seus braços, como se não conseguisse conceber que lhe escapasse o controle de tudo o que a rodeava, incluído seu corpo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

E pensou na tristeza que via às vezes em seus olhos. Queria abraçar aquela tristeza, embalá-la e reconfortá-la até que se convertesse em felicidade. Queria voltar a sentir o contato de suas mãos, como a noite em que lhe enfaixou os pés feridos, serenando-o e estendendo um bálsamo sobre sua alma. Emeline lhe devotara consolo. Ajudara-o a sanar.

E ele sabia o que faria. Sorriu a sua irmã.

— Casar-me-ei com ela, é óbvio.

— Por que não voltou ainda o senhor Hartley? — Perguntou Daniel.

Emeline levantou a vista a tempo de ver seu único filho aproximar um pedaço de papel ao fogo de seu quarto. O papel incendiou e Daniel o deixou cair justo antes de que a chama tocasse seus dedos.

A folha queimada caiu flutuando, aterrissando, por sorte, na lareira e não no tapete.

Emeline, que estava escrevendo uma série de instruções de última hora para a festa dessa noite, deteve-se.

— Carinho, te importaria de não incendiar o quarto de mamãe? Não acredito que a Harris faça muita graça.

— Ai.

— E preferiria que não te queimasse os dedos. São bastante úteis, sabe? E pode ser que os necessite mais adiante.

Daniel sorriu ao ouvir aquela bobagem e se aproximou para subir a uma cadeira, perto de sua escrivaninha. Ela fez uma careta quando arranhou com os sapatos o forro de raso da cadeira, mas decidiu não dizer nada.

Era agradável tê-lo ali de novo, a seu lado, depois de ter passado tanto tempo separados.

O pequeno se recostou na escrivaninha, com o queixo sobre os braços cruzados.

— Terá que voltar logo, verdade?

Emeline voltou a olhar o que estava escrevendo e procurou manter uma expressão serena. Não precisava perguntar a quem se referia Daniel: seu filho era um moço tenaz, e obviamente não renunciaria facilmente a falar de seu vizinho (e amante de sua mãe).

— Não sei, céu. Não sei que planos tem o senhor Hartley.

Daniel roçou com um dedo seu caderno de anotação e enrugou o nariz ao fazer com a unha um risco no papel.

— Mas vai voltar?

— Suponho que sim. — Emeline respirou fundo. — Acredito que a cozinheira estava fazendo tortinhas de pera. Poderia ir ver se já estão preparadas.

Normalmente, a menção das tortas recém feitas servia para distrair imediatamente a seu filho. Esse dia não foi assim.

— Espero que volte. Cai-me bem.

A Emeline lhe encolheu o coração. Três simples palavras e acabava quase reduzida ao pranto. Deixou a pluma a um lado com cuidado.

— A mim também, mas o senhor Hartley tem sua vida. Não pode estar sempre aqui, te

entretendo, ou nos entretendo.

Daniel seguia olhando a unha, e seu lábio inferior começou a tremer.

Ela tentou pôr uma voz alegre.

— Além disso, sempre terá a lorde Vale. Também te cai bem, não? Posso ver se quer nos acompanhar ao Hyde Park. — O lábio de seu filho se deslocou mais ainda para diante. — O... ou a alguma feira. Ou talvez inclusive a pescar.

Daniel inclinou a cabeça e a olhou com cepticismo.

— A pescar?

Emeline tentou imaginar o Jasper com uma vara de pescar e junto a um rio. Mas aquele Jasper imaginário escorregou imediatamente, agitou os braços freneticamente e caiu ao rio.

Emeline fez uma careta.

— Pode ser que a pescar não.

Daniel voltara a fazer marcas em forma de meia lua sobre seu caderno de anotação.

— Lorde Vale está bem, mas não tem um rifle tão grande. — Um bom motivo, certamente.

— Sinto muito, carinho — disse ela em voz baixa.

Olhou os papéis pulverizados sobre sua mesa, as instruções que estava escrevendo, lhe nublou a vista. Tinha a sensação de que estava rompendo o coração. Maldito fosse Samuel por ter entrado em suas vidas.

Por procurá-la no salão da senhora Conrad aquele primeiro dia, por falar com seu filho com tanta ternura, por fazê-la sentir outra vez.

Sufocou um gemido ao pensar. Esse era o verdadeiro problema. Samuel a fez sentir de novo, rachou a carapaça endurecida que rodeava seus sentimentos e a deixou indefesa e vulnerável.

Agora estava em carne viva, e sua pele era muito suave. Quanto duraria aquela sensação? Quanto demoraria para lhe crescer outra concha? Olhou ao Daniel, seu precioso filho.

Estava crescendo tão depressa... Parecia-lhe que ontem mesmo era um tenro bebê, e de repente, entretanto, preocupava-a que arranhasse os móveis com seus grandes sapatos.

Queria ela acaso voltar a envolver em outra carapaça suas emoções?

Movida por um impulso, inclinou-se para diante e sua cabeça quase tocou a do Daniel.

— Tudo sairá bem. Seriamente. Eu me assegurarei disso. — Daniel contraiu um lado do rosto pensativo.

— Mas não podem ir bem as coisas com o senhor Hartley?

— Não, carinho. — Ergueu-se e se voltou para que Daniel não visse seu olhar triste. — Acredito que não.

— Mas...

Ambos levantaram a vista quando a porta se abriu e *tante* Cristelle entrou no quarto. A idosa senhora lançou a Emeline um olhar muito afiado, como sempre.

Sua sobrinha se voltou para o Daniel.

— Preciso falar com a tia, por que não vais ver se já estão prontas as tortas de pera? Pode ser que a cozinheira te deixe provar uma.

— Sim, senhora. — A Daniel não alegrou que o despedisse, mas sempre foi um menino

obediente. Desceu da cadeira e fez uma meia reverencia a sua tia antes de sair do quarto.

— Sentiu muito a tua falta. — Carregadas de recriminação, as rugas que rodeavam a boca de *tante* Cristelle se fizeram mais pronunciadas. — Não acredito que seja bom que esteja tão apegado a ti.

Aquela conversa era já velha, e normalmente Emeline teria discutido, mas esse dia não sentia ânimos para tal. Recolheu seus papéis sem dizer nada. Ouviu atrás dela o tamborilar da bengala de tante Cristelle sobre o tapete persa e sentiu a frágil mão da idosa sobre seu ombro. Levantou a vista para seus olhos cheios de sabedoria.

— O que vais fazer esta noite é o correto, não tema. —*Tante* Cristelle lhe deu um tapinha (um gesto de carinho extremo) e saiu do quarto.

Deixando de novo a Emeline com os olhos arrasados de lágrimas.

Quando a carruagem se deteve por fim ante a casa de Sam, fazia horas que tinha escurecido. A viagem de volta a Londres durou mais do que o previsto: saíram tarde e em uma das estalagens tiveram que esperar longo momento para obter cavalos descansados. E logo, ao entrar na rua onde viviam, havia um estranho engarrafamento de carruagens. Alguém devia estar dando um baile.

Ao descer e voltar-se para ajudar a Rebecca, Sam percebeu que a casa contigua tinha todas as luzes acesas. A casa de Emeline.

— Está dando uma festa lady Emeline? — Perguntou Rebecca. Vacilou ante os degraus. — Não sabia que fosse dar uma, você sim?

Sam sacudiu lentamente a cabeça.

— Obviamente, não estamos convidados.

Viu que sua irmã lhe lançava um rápido olhar.

— Pode ser que a planejou antes de nos conhecer. O... ou que não esperasse que voltássemos tão cedo do campo.

— Sim, deve ser isso — disse ele acidamente.

Aquela pequena bruxa queria lhe dar um castigo, lhe demonstrar que não havia lugar para ele em sua vida londrina. Sam sabia que não devia fisgar o anzol, mas já havia fechado os punhos e as pernas lhe formigavam, prontas para entrar em casa de Emeline e encará-la. Fez uma careta. Não era o momento.

Relaxou os punhos e ofereceu o braço a sua irmã.

— Vamos ver se a cozinheira pode nos preparar um jantar frio?

Sorriu-lhe.

— Sim, vamos.

Sam a conduziu pelos degraus de entrada sem deixar de prestar atenção à casa vizinha e aos convidados elegantemente vestidos que iam chegando à festa de Emeline. Conduziu a sua irmã a sala de jantar, pediu um jantar simples e até pôde conversar com ela enquanto comiam. Mas tinha a mente em outra parte: imaginava a Emeline com seu vestido mais elegante, seu decote brilhando, branco e sensual, à luz de milhares de velas.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Depois de comer, Rebecca se desculpou bocejando. Sam foi à biblioteca e se serviu uma taça de conhaque francês, deteve-se um momento e levantou a taça à luz. O líquido era de um âmbar translúcido.

Quando ele era menino, seu pai bebia licores caseiros, comprados a uma família que vivia a dez milhas deles, cruzando o bosque. Sam deu um gole uma vez. A bebida, clara como a água e ardente, queimou-lhe a garganta ao engoli-la.

Teria bebido seu pai conhaque francês alguma vez? Talvez uma, ao ir visitar tio Thomas a grande cidade de Boston. Mas teria sido uma coisa exótica, algo especial que saborear e recordar durante dias.

Sam se deixou cair em uma poltrona dourada. Aquele não era seu lugar, isso já sabia. Havia um abismo muito grande entre a vida que levou quando menino e a que levava agora. Não se podia mudar tanto em uma só vida.

Ele jamais encaixaria na alta sociedade inglesa, nem queria fazê-lo. Aquela era a vida que levava Emeline. As formosas mansões na cidade, o conhaque francês, os bailes que se prolongavam até bem passada a meia-noite. O oceano que se estendia entre os mundos de ambos (tão metafórica como fisicamente) era muito longo. Sam sabia tudo isso, pois o pensou muitas vezes antes.

E entretanto não lhe importava.

Engoliu o resto do conhaque e se levantou resolutamente. Precisava ver a Emeline. Por mais diferente que fossem seus mundos, ela era uma mulher e ele um homem. Algumas coisas eram elementares.

Ao sair viu as luzes ainda acesas na casa do lado. Os choferes esperavam aconchegados nas boleias, uns quantos criados se juntaram e passavam uma garrafa entre eles. Sam subiu saltando os degraus da casa de Emeline e se encontrou com um fornido lacaio. O homem fez gesto de lhe cortar a passagem.

Sam lhe olhou com dureza.

— Sou o vizinho de lady Emeline.

Aquilo não era um convite, claro, mas o lacaio pareceu ver seu olhar de determinação e decidiu que não valia a pena discutir.

— Sim, senhor. — Abriu-lhe a porta.

Sam cruzou a soleira e imediatamente percebeu o perigo. No vestíbulo só havia uns quantos criados, mas a escada, grande e curva, estava lotada de gente. Começou a abrir passagem por ela, passando junto a grupos que falavam animadamente. O salão de baile de Emeline estava na planta de cima e, ao aproximar-se, o bulício se intensificou e o ar foi fazendo-se mais denso e quente.

Sam sentiu que começava a suar pelo pescoço. Não se viu rodeado de tanta gente desde o baile dos Westerton, no qual sucumbiu a seus demônios da forma mais ignominiosa. Aqui não, pediu ao céu.

Quando conseguiu entrar no salão respirava entrecortadamente, como se tivesse corrido milhas. Pensou por um momento em voltar atrás. Emeline fez acender milhares de velas de cera no salão de baile, colocadas em candelabros providos de espelhos e içadas ao teto. O salão

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

brilhava, faiscante, como um país de fadas. Das paredes e o teto penduravam laços de seda escarlate, com grinaldas vermelhas e laranjas presas nos nós. Era um salão muito belo e elegante, mas não lhe importava. Sua mulher estava em alguma parte, naquela sala, e pensava encontrá-la e abraçá-la.

Inalou com cuidado pela boca e entrou entre a suarenta e borbulhante multidão. Ouvia o vago som de uns violinos tocando, mas as risadas e a gritaria encobriam sua música. Um cavalheiro vestido de veludo púrpura se voltou e se chocou com o peito do Sam. Sangue e gritos, os olhos totalmente abertos em uma cara branca, sob a cabeleira escalpelada. Fechou os olhos e afastou o homem de um empurrão.

Mais adiante havia um vão entre a multidão, ali onde os bailarinos se moviam com majestosa elegância. Chegou a borda da pista de baile e se deteve, ofegante. Uma senhora vestida de seda amarela o olhou fixamente e sussurrou algo a seu acompanhante por trás do leque. Malditos fossem todos aqueles gordos e emperiquitados aristocratas ingleses. Quando conheceram eles o medo, quando haviam sentido salpicar o sangue de um companheiro de armas? A surpresa no rosto de um jovem soldado quando uma bala lhe arrancou meia cara.

Os dançantes se detiveram, tão pouco faltos de fôlego como se levassem cinco minutos sentados. Pareciam aborrecidos e exangues, como se mal pudessem ter o incômodo de sustentar-se em pé.

A multidão se apertava a seu redor, e teve que fechar os olhos e concentrar-se para não empurrar a quem se achava mais perto. Respirou fundo e tentou pensar nos olhos de Emeline.

Imaginou entreabertos pela exasperação, e esteve a ponto de sorrir.

Então os abriu e lorde Vale se situou no meio da pista de baile, agora quase vazia.

— Amigos! Amigos, podem me emprestar atenção?

A massa de corpos tragou sua voz retumbante. Mesmo assim, as conversas começaram a decair.

— Amigos, tenho algo que lhes dizer!

Um grupo de jovens cavalheiros ficou diante de Sam, impedindo-o de ver. Mal pareciam ter idade de se barbear.

— Amigos! — Gritou de novo Vale, e Sam captou um brilho de escarlate.

Seu coração galopava. Alargou uma mão para empurrar um ombro acolchoado, e o jovenzinho de diante se voltou para o olhar com aborrecimento. Sam respirou fundo e notou um cheiro de suor. Suor de homens, azedo e ardente, o cheiro do medo. O prisioneiro MacDonald agachado sob uma carreta enquanto a batalha aumentava a seu redor. Daquele esconderijo, seu olhar se cruzou com o do Sam. E MacDonald sorriu e lhe piscou um olho.

— Preciso lhes anunciar algo que me agrada enormemente.

Sam começou a avançar, ignorando o fedor, ignorando seus demônios, ignorando a certeza de que chegava já muito tarde.

— Lady Emeline Gordon acessou a ser minha esposa.

A multidão aplaudiu enquanto Sam abria passagem entre os homens, vivos e mortos, que se interpunham entre a Emeline e ele. Saiu à pista de baile e viu a Emeline sorrindo cortesmente

junto a Vale.

O visconde tinha os braços levantados com ar triunfal. Então ela girou a cabeça e seu sorriso se apagou ao vê-lo.

Sam pôs-se a andar para eles sem pensar em nada, salvo em matar a alguém.

Vale o viu. Entrecerrou os olhos e com a cabeça fez um gesto a alguém que havia atrás de Sam. Sam sentiu que lhe agarravam os braços e puxavam ele. E então dois fornidos lacaios começaram a tirá-lo do salão enquanto um terceiro limpava o caminho. Aconteceu tudo tão depressa que nem sequer teve tempo de chamar a Emeline. Ao chegar a um lado do salão de baile voltou por fim em si e começou a retorcer-se violentamente, surpreendendo a um dos lacaios. Largou um braço e lançou um murro ao criado, mas antes de que conseguisse golpeá-lo, alguém o empurrou por trás. O lacaio que ainda o segurava soltou-o de repente, e Sam se precipitou para o corredor, quase caindo, ergueu-se e deu a volta, e o punho de Vale impactou em sua mandíbula.

Sam cambaleou para trás e caiu de traseiro. Vale se abatia sobre ele com os punhos ainda fechados.

— Isso pela Emmie, filho de puta. — Voltou-se para os lacaios que esperavam a suas costas. — Leve a este lixo e o joguem na...

Mas Vale não acabou a frase. Sam se levantou velozmente e carregou contra ele, agarrando-o pelos joelhos. Vale caiu com estrondo com o Sam em cima. Várias mulheres gritaram e as pessoas se separaram deles.

Então começou a erguer-se sobre Vale, mas o visconde se revolveu e ambos caíram rolando para as escadas. Uma senhora gritou ao fugir escada abaixo, empurrando a quão convidadas tinha diante.

Suas saias varriam os degraus limpos repentinamente.

Sam se agarrou ao corrimão para deter o impulso da queda. Deteve-se em equilíbrio, com os ombros sobre o primeiro degrau, até que Vale lhe lançou um pontapé ao estômago indefeso e ele teve que soltar o corrimão para proteger-se. Deslizou cabeça abaixo, mas conseguiu agarrar-se ao braço do visconde, arrastando-o consigo. Caíram pelas escadas, entrelaçados em um mortífero abraço.

Cada degrau se cravava dolorosamente nas costas do Sam enquanto desciam. Já não lhe importava sobreviver ou não a aquele encontro. Só queria assegurar-se de levar consigo o seu inimigo.

Em meio da escada se chocaram contra um corrimão e sua descida se deteve. Sam rodeou com um braço um poste de madeira e começou a lançar a Vale furiosos pontapés que lhe acertaram totalmente no flanco.

Este se arqueou pela força do impacto.

— Diabos! — Retorceu-se e apertou com o braço a traqueia do Sam, empurrando com força até que começou a sufocá-lo. Então aproximou a cabeça à sua e falou em voz baixa, com o rosto escurecido pela ira.

— Estúpido indiano de merda. Como te atreve a pôr suas sujas mãos em...?

Sam soltou o corrimão e lhe golpeou as orelhas com ambas as mãos. Vale cambaleou para

trás, soltando a garganta, e Sam respirou penosamente, tentando recuperar o fôlego. Mas foram escorregando pelas escadas.

O visconde golpeava-o, lançava murros a seu rosto, em seu abdome e suas coxas, e Sam se sacudia com cada golpe, mas curiosamente não sentia nada. Todo seu ser estava cheio de raiva e dor.

Golpeava a seu oponente, acertando-o onde podia. Sentiu que seus nódulos se chocavam com a maçã do rosto de Vale e notou o úmido estalo ao romper o nariz de seu competidor.

Aterrissou de costas no patamar. Vale estava sobre ele, em clara vantagem, mas ao Sam importava muito pouco. Perdera tudo, e nesse momento aquele homem era o causador de todas suas desgraças.

Vale podia ter razões para estar furioso, mas ele tinha a raiva do desespero, pura e simplesmente. Não havia comparação.

Sam se ergueu bruscamente, movendo-se entre os golpes de Vale. Sentia seu impacto em seu rosto, mas atravessou os golpes. Sentia só a necessidade de matar. Agarrou o Vale e tombou-o no chão, e começou a golpeá-lo, acertando os punhos no rosto. Era uma sensação maravilhosa. Sentiu o rangido de um osso, viu um jorro de sangue, e não se importou. Não se importou. Não se importou.

Até que captou um movimento pela extremidade do olho. Ergueu-se um pouco e ficou paralisado, o punho fechado e manchado de sangue a só uns centímetros do rosto de Emeline.

Ela deu um pulo.

— Não o faça.

Sam olhou com fixidez a aquela mulher a quem fez amor, a aquela mulher em quem verteu sua alma. A mulher a quem amava. Ela tinha lágrimas nos olhos.

— Não o faça. — Alargou uma mão pequena e branca e envolveu com ela seu punho inchado e ensanguentado. — Não o faça.

Sob ele Vale soprava.

Ela olhou a seu prometido e suas lágrimas se transbordaram.

— Por favor, Samuel, não.

Sam sentiu vagamente que a dor começava em seu corpo e seu coração. Baixou a mão e se levantou bruscamente.

— Maldita seja.

Desceu cambaleando o resto das escadas e saiu à fria noite.

Capítulo 16

Essa noite, encadeado na úmida e fria masmorra, Coração de Ferro compreendeu que havia perdido tudo. Seu pequeno havia desaparecido, sua esposa estava desesperada, o reino indefeso, e ele seria executado antes que amanhecesse.

Uma só palavra o salvaria. Mas essa mesma palavra o converteria de novo em varredor e mataria à princesa Solace. Não lhe importava como acabasse sua vida, mas não podia ser o instrumento da morte de sua esposa. Porque durante os seis anos de seu matrimônio aconteceu uma coisa estranha e maravilhosa: apaixonou-se por sua mulher...

De Coração de Ferro

À manhã seguinte, ao descer as escadas, Rebecca surpreendeu a duas donzelas. Estavam a uma junto à outra, cochichando furiosamente. Ao ouvir seus passos se separaram de um salto e a olharam.

Rebecca levantou o queixo.

— Bom dia.

— Senhorita. — A mais velha se recuperou antes e fez uma rápida reverência antes de escapulir-se com sua amiga a toda pressa.

Rebecca suspirou. Os serventes estavam comocionados pelo acontecido a noite anterior, como era lógico. Samuel despertou a toda a casa ao chegar cambaleando à porta, com a cara jorrando sangue. Empenhou-se em que sua irmã não mandasse avisar a um médico, mas pela primeira vez Rebecca impôs sua vontade. O sangue e a apatia de seu irmão lhe deram um susto de morte.

Não vira lorde Vale, mas pelo pouco que ouvira aqui e lá, ouvindo o médico e aos criados, deduzira que o visconde estava ainda em pior estado.

Rebecca ansiava poder aproximar-se nas pontas dos pés à casa do lado para falar com lady Emeline. Sentar-se e lamentar-se com ela. Lady Emeline sempre parecia saber o que se devia fazer exatamente em qualquer situação ocorrida, e era uma dessas mulheres que tudo resolviam. Caso, claro está, que aquele problema tivesse solução. Muito temia ela, entretanto, que não voltaria a falar com lady Emeline.

Duvidava de que houvesse uma norma de etiqueta a propósito para aquela situação. Como aproximar-se de uma dama a cujo prometido seu irmão deu uma surra terrível. Era muito embaraçoso.

Entrou no refeitório com o sobrecenho franzido. A noite anterior Samuel mal abriu a boca, e ela sabia pelos serventes que essa manhã não saiu de seu quarto. Tinha o refeitório para ela sozinha e suas reflexões. O certo era que se sentia extremamente só desde sua chegada a Inglaterra. Teria desejado ter a alguém em quem confiar. Mas Samuel não lhe falava, e outros habitantes da casa eram criados.

Alargou o braço para afastar uma cadeira e de repente uma mão de homem a retirou. Então levantou o olhar (até muito acima) e se encontrou com o rosto de O'Hare, o lacaio.

— OH, não o vi.

— Sim, senhorita — disse ele com formalidade, como se não lhe tivesse falado com toda confiança há apenas um par de semanas.

Havia outro lacaio na habitação, naturalmente, e o mordomo rondava por ali. Rebecca se

sentou sentindo-se um pouco deprimida. Olhou a toalha que se estendia diante dela e procurou refrear as lágrimas que de repente foram a seus olhos. Aquilo era uma estupidez. Ficar a chorar como um bebê só porque um criado não a tratava como a uma amiga quando mais falta lhe fazia...

Olhou a mão grande e avermelhada de O'Hare enquanto este servia o chá.

— Pergunto-me... — interrompeu-se, pensando a toda velocidade.

— Sim, senhorita? — Sua voz era tão bonita, com esse leve acento gutural que a suavizava...

Rebecca levantou a vista e se encontrou com seus olhos verdes.

— A sobremesa preferida de meu irmão é a geleia de maçãs silvestres, e faz anos que não a come. Acredita que seria possível comprar um pouco?

Os olhos verdes de O'Hare piscaram. Tinha verdadeiramente umas pestanas preciosas e longas, quase como as de uma garota.

— Não sei se haverá geleia de maçãs silvestres na loja de comestíveis, senhorita, mas posso ir ver...

— Não, você não. — Sorriu docemente ao outro lacaio, um homem de pernas arqueadas que observava sua conversa com olhos muito abertos e manchados. — Prefiro que você vá.

— Sim, senhorita — disse o outro lacaio. Parecia confuso, mas estava bem ensinado. Fez uma reverência e saiu, presumivelmente em busca da geleia de maçãs silvestres.

E Rebecca ficou a sós com O'Hare.

Bebeu um sorvo de chá (estava muito quente e normalmente o deixava esfriar um minuto) e deixou a xícara com cuidado sobre a mesa.

— Não o vi desde que voltamos do campo.

— Não, senhorita.

Ela torceu um pouco a xícara.

— Acabo de perceber que nem sequer sei seu nome.

— O'Hare, senhorita.

—Não me referia a esse. — Enrugou o nariz, olhando a xícara. — A não ser ao outro. A seu nome de batismo.

— Gil, senhorita. Gil O'Hare. Para servi-la.

— Obrigada, Gil O'Hare.

Cruzou os braços sobre o regaço. Ele permanecia a suas costas como um bom lacaio, preparado para lhe servir o que necessitasse. Mas o que Rebecca necessitava não estava na mesa, nem no aparador.

— Viu... viu meu irmão ontem à noite?

— Sim, senhorita.

Ela olhou o cesto de pães-doces que havia no meio da mesa. A verdade era que não tinha fome.

— Suponho que na cozinha não se fala de outra coisa.

Ele pigarreou, mas não disse mais nada, e Rebecca tomou como um sim terminante.

Suspirou melancolicamente.

— Foi bastante espetacular que entrasse cambaleando e despencasse no vestíbulo. Acredito

que nunca vi tanto sangue em toda minha vida. Estou segura de que sua camisa ficou imprestável.

Ouviu um farfalhar de tecido a suas costas e um instante depois apareceu o braço de O'Hare, envolto em seu casaco verde. Agarrou o cesto de pães-doces.

— Gostaria de um pão-doce? A cozinheira os fez esta mesma manhã.

Rebecca o viu escolher um e colocá-lo no prato.

— Obrigada.

— De nada, senhorita.

— É que não tenho a ninguém com quem falar disso — disse ela atropeladamente, olhando o solitário pão-doce de seu prato. — Que meu irmão brigasse assim com lorde Vale é... é muito desconcertante.

Gil se aproximou do aparador e levou a mesa uma bandeja de ovos mexidos.

— Fez você algumas boas amigas nessa festa campestre a que foi, não, senhorita?

Ela se voltou para olhá-lo enquanto O'Hare lhe servia ovos. Ele não a olhou aos olhos.

— Como sabe?

Ele encolheu os ombros. Tinha as faces ruborizadas.

— Coisas que se dizem na cozinha. Coma um pouco disto. — Entregou-lhe o garfo.

— Suponho que se refere às irmãs Hopedale. — Ela comeu distraidamente um bocado de ovos mexidos. — Certamente, depois de ontem à noite, não quererão voltar a ver-me.

— Está segura?

Rebecca cravou o garfo no monte de ovos amarelos e pegou outro bocado.

— Duvido de que voltem a nos receber em sociedade.

— Seriam afortunados se a tivessem em uma de suas festas de alto topete — disse Gil atrás dela.

Rebecca se virou para olhá-lo.

— Se não se importar que o diga, senhorita.

— Não, não me importa. — Sorriu-lhe. — É muito amável.

— Obrigado, senhorita.

Ela se voltou para a mesa e bebeu outro gole de chá. Esfriou um pouco.

— Mas, embora me recebam, não sei se poderia falar disto com as senhoritas Hopedale. Quando conversamos, costumava a ser sobre o tempo e os diferentes tipos de chapéus, um tema do qual eu sei muito pouco, mas do qual elas parecem desfrutar. E de vez em quando falamos também do que está mais saboroso, se o pudim de chocolate ou o creme de limão. E entre falar de sobremesas e falar de que meu irmão tentou matar a um aristocrata há um longo caminho.

— Sim, senhorita. — Voltou a afastar-se dela e se aproximou do aparador. — Aqui há uns arenques deliciosos e um pouco de presunto.

— Mas possivelmente todas as senhoras de Londres falam do mesmo. — Agarrou seu garfo e cravou o pão-doce de seu prato. — Não sei. Sou das colônias, e ali fazemos muitas coisas de outra maneira.

— Sim, senhorita? — Gil titubeou; logo agarrou a bandeja dos arenques e se aproximou dela.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— OH, sim — disse Rebecca. — Nas colônias não é tão importante a linhagem de um homem.

— Não? — Pôs um pedaço de arenque em seu prato.

— Mmm. — Ela comeu um pouquinho de pescado. — Isso não significa que as pessoas não se julguem umas as outras. Acredito que isso acontece em todas as partes. Mas se trata do que alguém consegue na vida e de se tiver dinheiro. E se pode ganhar dinheiro se a gente trabalhar com esforço, sabe? Este arenque está muito bom.

— O direi à cozinheira — disse Gil a suas costas. — Mas qualquer homem, senhorita?

— O que? — Estava gostando muito do arenque. Talvez a única coisa que precisava era um bom desjejum.

— Na América qualquer homem pode ter êxito? — Rebecca ficou calada um momento e olhou para trás. Gil tinha uma expressão tensa, como se sua resposta lhe importasse muito.

— Sim, acredito que sim. Afinal de contas, meu irmão cresceu em uma cabana de uma só habitação. Sabia?

Ele negou com a cabeça.

— Pois é certo. E agora o respeitam muito em Boston. Todas as senhoras querem que vá a suas festas, e muitos cavalheiros lhe pedem conselho em assuntos de negócios. Naturalmente... — Voltou-se para cravar um pedaço mais de pescado — ele começou com o negócio de importação do tio Thomas, mas era uma empresa muito pequena quando Samuel a herdou. E agora é a maior de Boston, acredito, e tudo graças a seu esforço e inteligência. E em Boston conheço muitos outros cavalheiros de origem humilde que tiveram muito êxito.

— Compreendo.

— Eu não estou acostumada à aristocracia inglesa. A pessoas tão obrigadas pelo passado e suas expectativas. Não entendo, por exemplo, por que lady Emeline decidiu casar-se com lorde Vale.

— São nobres, senhorita. É lógico que se casem entre eles.

— Sim, mas e se se apaixonarem por alguém que não o é? — Rebecca olhou seu arenque com o cenho franzido. — Porque o amor não pode controlar-se, verdade? Isso é o maravilhoso. Que uma pessoa possa apaixonar-se por alguém completamente inesperado. Romeo e Julieta, por exemplo.

— Quem, senhorita?

— Já sabe. Shakespeare.

— Temo que não sei quem são essas pessoas.

Ela se voltou para olhá-lo.

— Pois é uma pena. É uma obra muito boa, até que chega o final. Verá, Romeo se apaixona pela Julieta, que é a filha de seu inimigo, ou, melhor dizendo, a filha do inimigo de sua família...

— Não parece muito sensato de sua parte — comentou Gil em tom prático.

— Mas disso se trata, não? Romeo não pode decidir de quem se apaixona, por sensato ou insensato que seja.

— Mm — disse o lacaio. Não parecia muito convencido da natureza devastadora do amor. —

E o que acontece depois?

— Bom, há vários duelos e umas bodas secreta e ao final morrem.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Morrem?

— Já lhe hei dito que o final não era muito bom — respondeu Rebecca, ficando à defensiva. — O caso é que é tudo muito romântico.

— Eu acredito que viver é melhor que ser romântico e estar morto — repôs Gil.

— Bom, pode ser que tenha razão. O amor não parece ter feito muito feliz a meu irmão.

— Então, foi por isso que atacou a lorde Vale?

— Suponho que sim. Está apaixonado por lady Emeline. — Olhou-o com expressão culpada. — Mas não o diga a ninguém.

— Não o farei, senhorita.

Sorriu-lhe, e ele devolveu o sorriso, e seus formosos olhos verdes se enrugaram nas comissuras, e Rebecca pensou em como se sentia cômoda com ele. Com a maioria das pessoas passava a vida sopesando cada palavra e preocupando-se com o que pensassem dela. Mas com o Gil podia simplesmente falar.

Voltou-se para a mesa para acabar o desjejum, com a tranquilizadora certeza de que Gil estava atrás dela.

Sentada na salinha de estar de sua casa, Emeline tomava o chá, escutava a *tante* Cristelle e desejava poder encontrar-se em outra parte.

— Tem sorte — proclamou sua tia. — Muita sorte. Não sei como esse homem pôde dissimular tão bem seus impulsos assassinos.

"Esse homem" era Samuel. *Tante* Cristelle decidiu, seguindo um raciocínio lógico que só ela entendia, que a terrível briga da noite anterior nas escadas era resultado do caráter violento do Samuel, liberado subitamente de suas correntes.

— Os loucos são muito ardilosos, conforme acredito. E, além disso, usava uns sapatos muito estranhos — acrescentou tante Cristelle, e bebeu pensativamente um gole de chá.

— Não acredito que seus sapatos tenham nada que ver, *tante* — resmungou Emeline.

— É óbvio que sim! — Sua tia a olhou indignada. — Os sapatos revelam muitas coisas sobre seus donos. Um bêbado leva os sapatos sujos e gastos. Uma senhora de má reputação os leva muito adornados. E esse louco assassino leva uns sapatos absurdos: mocassins de índio selvagem.

Emeline colocou os pés sob as saias. As chinelas que usava esse dia estavam, por desgraça, bordadas em ouro. Tentou rapidamente mudar de tema.

— Não sei como vamos sobreviver aos falatórios. A metade de nossos conhecidos estavam ontem à noite no corredor de cima, vendo como o senhor Hartley jogava o Jasper pelas escadas.

— Sim, e isso é muito estranho.

Emeline levantou as sobrancelhas.

— Que todo mundo estivesse olhando?

— Não, não. — A idosa agitou uma mão com impaciência. — Que lorde Vale se deixasse

avassalar dessa maneira.

— Não acredito que...

— O senhor Hartley não é tão grande como milord Vale, e entretanto conseguiu vencê-lo. Pergunto-me de onde tirou tanta força.

— Pode ser que fosse a força de um louco — resmungou Emeline com humor sombrio. Não queria pensar na briga, na lembrança dos dois homens aos que amava tentando matar um ao outro, no olhar final do Samuel...

Mas era difícil persuadir a *tante* Cristelle de que trocassem de tema. — Sei que a boda está arruinada. Teremos sorte se vierem mais de dois convidados.

Tante Cristelle adotou em seguida a opinião contrária.

— Estes falatórios e esta agitação não são tão terríveis. Caberia pensar que os falatórios são sempre maus, mas não o são neste caso. Muitos irão a suas bodas só pelas falações. Eu acredito que irá muita gente.

Emeline estremeceu e olhou a xícara que sustentava sobre o regaço. A ideia de que todas aquelas pessoas fossem a suas bodas só com a esperança de que Samuel voltasse a fazer ato de presença e arruinasse a cerimônia, lhe resultava terrivelmente desagradável. E o que era pior: sabia que Samuel se desentendeu dela. O olhar de desilusão, de repugnância, que viu em seus olhos a noite anterior pareceu-lhe um golpe físico. Sabia que ele não quereria voltar a vê-la. O qual era uma sorte, claro. Era muito melhor resolver de uma vez.

Oxalá pudesse animar-se um pouco para encarar seu futuro. Aquele caminho lhe estava destinado antes inclusive de nascer. Era uma aristocrata, filha e irmã de condes, uma mulher de linhagem e elevado berço.

A única coisa que se esperava dela era que se casasse convenientemente, que tivesse filhos e respeitasse as normas do mundo no qual vivia. Não era uma tarefa tão difícil, e até agora nunca a questionou.

Foi uma boa esposa e uma boa mãe. Acaso não levou as rédeas da família, apesar de ter tudo em contra? Acaso não encontrou um segundo marido tão conveniente como o primeiro?

E se não havia fidelidade em seu matrimônio, se seu amor não era paixão, a não ser carinho fraternal, era o que cabia esperar. Só uma tola rechaçaria aquele caminho a essas alturas.

Só uma tola.

Emeline mordeu o lábio e olhou sua xícara de chá frio enquanto tante Cristelle seguia falando monotonamente em frente a ela. Apesar de que se repreendia uma e outra vez, não podia evitar chorar por um homem que não pertencia a seu mundo. Samuel a cuidou e a viu de verdade. Era o primeiro homem em sua vida, e possivelmente o último, que fez aquilo. E o mais prodigioso de tudo era que não retrocedeu assustado.

Viu seu mau gênio, sua pouco feminina força de ânimo, e afirmou que gostava. Com razão ela seguia chorando. Uma aceitação tão completa resultava embriagadora.

Seguia sendo uma tola.

Essa tarde, enquanto caminhava pelas ruas de Londres, as pessoas o olhava. Olhavam-no de

soslaio e afastavam logo o olhar rapidamente, sobre tudo se se cruzavam com seus olhos. Viu-se no espelho essa manhã e sabia por que o olhavam com a boca aberta: um olho arroxeado, uma rachadura e o lábio inchado, e vários hematomas na face e a mandíbula que começava a ficar arroxeada.

Sabia por que o olhavam, e mesmo assim o odiava. Nunca passava desapercebido em meio de uma multidão (afinal de contas levava mocassins), mas esse dia o olhavam como se fosse um demente.

Esse era o primeiro problema. O segundo era que lamentava que Vale não o acompanhasse. Era uma estupidez, sabia, mas assim era. Acostumou-se a engenhosa conversa do visconde e a sua sardônica visão do mundo, e embora sentisse repulsão por ele, também sentia falta dele. Além disso, teria sido útil ter quem lhe cobrisse as costas.

Olhou para trás para ver se alguém o seguia e se meteu por um estreito beco. Teve que deter-se um momento e apoiar-se em uma parede imunda, levando a mão ao flanco. Notava uma espetada ali.

Certamente tinha uma ou várias costelas fraturadas. A Rebecca daria um ataque se se inteirasse de que se levantou. Sua irmãzinha se mostrou surpreendentemente teimosa a noite anterior, em sua insistência de que visse um médico. E ele acabou cedendo a seus rogos. Que importância tinha, quando o mundo se desabou sobre ele?

Retornou à esquina da parede em que estava apoiado e pôs-se a andar de novo, fazendo caso omisso da dor constante de suas costelas. Só restava uma coisa por resolver; logo poderiam abandonar aquela maldita ilha e retornar a casa.

Aquela parte de Londres era tranquila e estava quase limpa: os aromas que assaltavam suas fossas nasais eram como um ruído surdo que mal o incomodava. Virou na Starling Lane. Os edifícios que flanqueavam a rua eram de tijolo mais novo, possivelmente posterior ao grande incêndio. Acompanhando a rua havia pequenas oficinas e lojas, minúsculas e escuras cristaleiras mostrando suas mercadorias, por cima deles havia moradias, certamente dos donos dos negócios.

Abriu a porta de uma pequena alfaiataria. O local estava em penumbra, tinha o teto baixo e cheirava a pó. Não viu ninguém dentro, voltou-se e fechou a porta.

— Um momentinho, senhor, o rogo! — Gritou uma voz de homem da parte traseira da loja.

A loja era em realidade muito pequena; certamente a parte maior estava ocupada pela oficina, onde se faria todo o trabalho. Havia estantes com cilindros de tecido e um só colete exposto em um cabide.

O colete estava bem costurado e parecia resistente, mas o tecido não era dos melhores. Aquilo induziu ao Sam a pensar que possivelmente o alfaiate provia de trajes a comerciantes, médicos e advogados, em vez de cavalheiros de mais elevada fortuna. Havia um mostrador alto e, atrás dele, uma porta aberta. Sam se deslizou por trás do mostrador e apareceu à porta. Como suspeitava, a oficina era muito maior. A maior parte do espaço estava ocupado por uma longa mesa repleta de peças de roupa soltas, lápis de marcar, bobinas de linho e patrões. Dois moços costuravam sentados a ela com as pernas cruzadas enquanto um homem mais velho e calvo se inclinava sobre uma peça de tecido que ia cortando rapidamente com umas tesouras.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

O homem levantou a vista, mas não deixou de cortar.

— Só será um momento, senhor.

— Posso falar enquanto trabalha — disse Sam. O homem pareceu desconcertado.

— Senhor? — Sua mão voava sobre o tecido como se tivesse vida própria.

— Queria lhe fazer umas perguntas. Sobre um antigo vizinho seu. — O alfaiate titubeou um segundo, observando-o.

Sam sabia que os hematomas não o favoreciam.

— Aqui ao lado havia antes uma oficina de calçado.

— Sim, senhor. — O alfaiate virou o tecido e seguiu cortando.

— Conhecia ao Dick Thornton, seu proprietário?

— Poderia ser. — O alfaiate se inclinou sobre sua tarefa como se quisesse esquivar o olhar do Sam.

— O pai do Thornton levou o negócio antes dele, conforme tenho entendido.

— Sim, senhor. Era o velho George Thornton. — O alfaiate deixou as tesouras, tirou o tecido da mesa e pôs em seu lugar outra peça, alisando-a. — Um bom homem. A loja só estava aberta a um ano, pouco mais ou menos, quando faleceu. Mesmo assim, nesta rua sentimos sua falta.

Sam ficou parado um momento.

— O velho Thornton acabava de abrir a loja? Não estava aqui antes?

— Não, senhor, nada disso. Veio de outra parte.

— Do Dogleg Lane — atravessou de repente um dos homens que costuravam.

O professor o perfurou com o olhar por baixo das sobrancelhas, e o jovem agachou a cabeça e seguiu com seu trabalho.

Sam apoiou o quadril na mesa e cruzou os braços.

— Dick já havia tornado da guerra nas colônias quando morreu seu pai?

O alfaiate sacudiu a cabeça uma só vez.

— Não, senhor. Passou outro ano, mais ou menos, antes de que Dick voltasse para casa. Sua mulher, a nora do George, levou a loja até sua volta. Era uma boa garota, mas não muito preparada, você já me entende, senhor. As coisas não foram bem quando Dick retornou, mas ele logo mudou o rumo. Dick só esteve aqui um par de anos; logo comprou uma loja maior não sei onde.

— Conhecia ao Dick antes que voltasse da guerra? O havia visto?

— Não, senhor. — O alfaiate franziu o cenho enquanto cortava destramente um ovaloide perfeito na peça de tecido. — Mas não perdi grande coisa.

— Thornton não lhe era simpático — murmurou Sam.

— Nem a ele, nem a muitos por aqui — resmungou o alfaiate sentado.

O professor encolheu os ombros.

— Punha boa cara, sempre sorrindo, mas eu não confiava nele. E sua mulher o temia.

— Sim? — Sam olhou os mocassins enquanto falava. Se o que suspeitava era certo, a senhora Thornton devia ter mostrado muito mais que medo. — Se comportava de forma estranha?

— Não, mas de todos os modos a vimos muito pouco depois da volta do Dick.

Sam levantou a vista bruscamente.

— O que quer dizer?

— Morreu, não? — O alfaiate olhou nos olhos com astúcia antes de voltar a cravar o olhar no tecido. — Caiu pelas escadas e quebrou o pescoço. Ou isso disse seu marido.

Os alfaiates sentados sacudiram a cabeça para mostrar o que pensavam a respeito.

Um forte estremecimento de euforia percorreu o Sam. Era aquilo, sabia. Dick Thornton não era quem dizia ser. O prisioneiro MacDonald escondido sob uma carreta enquanto a batalha aumentava a seu redor.

MacDonald olhando ao Sam nos olhos do seu esconderijo. MacDonald sorrindo e lhe piscando um olho. Isso foi o que Sam recordou a noite anterior, enquanto abria passagem entre a multidão, na festa de Emeline. O modo em que MacDonald costumava sorrir e piscar um olho, como agora sorria e piscava um olho Dick Thornton. MacDonald o prisioneiro ocupou de algum modo o lugar do Thornton.

Ocupou seu lugar e agora vivia sua vida.

Dez minutos depois, Sam abriu a porta da pequena alfaiataria e saiu. Quase tinha acabado. Só precisava enfrentar o Dick Thornton (ou ao homem que se fazia passar por ele) e voltar para casa.

Assim acabaria um ano de investigações. Os mortos do *Spinner's Falls* descansariam por fim em paz.

Mas, enquanto retornava a sua casa de Londres, Sam compreendeu que jamais voltaria a estar em paz. Seu corpo podia retornar a Boston, mas seu coração ficaria para sempre na Inglaterra.

Havia chegado aos estábulos por trás da casa. Titubeou, passou ao longo por sua porta e se aproximou da grade que dava ao jardim de Emeline. Estava fechada, claro, mas escalou o muro, movendo-se com um pouco mais de lentidão do que teria desejado por culpa de suas costelas. O jardim estava deserto. As margaridas floresciam a ambos os lados do caminho, e as árvores ornamentais começavam a trocar de cor.

Via a parte detrás da casa e as janelas que estavam nos andares superiores. Uma delas era a de Emeline. Talvez naquele mesmo momento o estaria olhando.

Era consciente de que estava agindo como um tolo, penetrando no jardim da mulher que o rechaçou. Sentia-se envergonhado, e furioso por estar ali.

Logo teria que voltar para casa e preparar-se para jantar com a Rebecca, mas ficou ali um pouco mais, olhando a casa de Emeline enquanto seu coração dolorido palpitava em silêncio: oxalá... oxalá... oxalá...

Fechou os olhos. Tomara uma decisão. Não podia partir assim. Precisava falar com ela. Mas esse não era o momento. Para o que queria, teria que esperar a que se fizesse de noite.

Assim voltou a olhar aquela janela, deu meia volta e saiu do jardim. Esperaria sua oportunidade. Aguardaria pacientemente.

A que caísse a noite.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Capítulo 17

Justo depois de dar a meia-noite, Coração de Ferro foi tirado da masmorra. Os guardas o fizeram subir as escadas do castelo, arrastaram-no pela rua e o introduziram na praça do centro da cidade Resplandecente.

A multidão se amontoava nas ruas, iluminando o caminho com tochas cujas chamas davam a seus rostos um resplendor fantasmal. O povo da Cidade Resplandecente guardava silêncio, salvo uma pessoa.

Porque o mago dançou todo o caminho até a praça enquanto grasnava de contente pela execução de Coração de Ferro. Uma leve claudicação entorpecia seu avanço, e em um de seus pulsos, enquanto ele fazia cabriolas, balançava-se uma pomba branca presa com uma corrente de ouro...

De Coração de Ferro

Era tarde e estava cansada, mas mesmo assim o sentiu antes de vê-lo. Seu coração, fora de controle, deu um tombo selvagem e contente. Samuel estava ali.

Estava ali. Emeline se afastou da penteadeira onde se encontrava sentada escovando o cabelo para ir à cama.

Ele estava junto à porta que comunicava o quarto com um pequeno vestidor. Tinha o rosto machucado, o olho esquerdo inchado e negro, e tocava o flanco com uma mão como se lhe doesse.

Emeline o olhou fixamente, incrédula, tentando não respirar por temor a que se esfumasse ante sua vista.

— Tem um cabelo precioso — disse ele suavemente.

Era a última coisa que ela esperava que dissesse. De repente se sentiu sobressaltada e estranhamente tímida. Samuel nunca a vira com o cabelo solto. Nunca a vira naquele cenário tão cotidiano e caseiro.

— Obrigada. — Deixou a escova sobre a penteadeira, mas lhe tremiam tanto as mãos que esteve a ponto de jogá-la ao chão.

Ele olhou a escova.

— Vim me despedir.

— Parte?

Por algum motivo, tampouco esperava aquilo. Pensou que seria ela quem iria primeiro, depois de suas bodas com o Jasper. Mas isso era absurdo, naturalmente. Samuel precisava voltar para as colônias em algum momento. Ela sempre o soube.

Ele assentiu lentamente com a cabeça em resposta a sua pergunta.

— Assim que dê por terminado meus assuntos, Rebecca e eu embarcaremos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Ah. — Havia milhares de coisas que queria perguntar, milhares de coisas que desejava dizer, mas não conseguia expressar o que pensava em realidade. Estava de algum modo presa naquela conversa limitada e formal.

Clareou a garganta. — São assuntos comerciais? Ou te refere à busca de quem traiu ao regimento?

— Ambas as coisas. — Entrou tranquilamente no quarto, deteve-se para recolher um pires de porcelana que havia em uma mesinha e o voltou-o para olhar a parte de baixo.

Ela tragou saliva.

— Mas certamente demorará semanas, possivelmente meses em descobrir quem...

Ele já estava sacudindo a cabeça.

— O traidor é Thornton. — Deixou o pires em seu sítio. Samuel encolheu os ombros. Não parecia muito interessado no tema.

— Em realidade não é Thornton. Acredito que seja outro soldado, um tal MacDonald que estava detido quando nos atacaram. MacDonald conseguiu, de algum modo, substituir o Thornton.

Ela franziu o cenho enquanto seus dedos se moviam com nervosismo, alisando seu robe. Só usava a camisola e o robe de seda; seus pés estavam descalços. Sentia-se vulnerável, com ele rondando por suas habitações privadas. Vulnerável, mas não assustada. Havia algo de irremediável naquela cena, como se tivesse sabido desde o começo que algum dia Samuel entraria em seu dormitório.

Só desejava poder retê-lo um pouco mais. Olhou as mãos trementes, que tinha posado sobre o regaço, e formulou outra pergunta, tentando adiar o que viria depois.

— E a família e os amigos do Thornton não o delataram?

— Quase todos seus amigos morreram no *Spinner's Falls*. Pode ser que todos. Quanto a sua família... — Samuel tocou as pesadas cortinas de brocado que penduravam sobre sua cama. — Também estavam mortos; todos exceto sua esposa, e morreu pouco depois de que Thornton, ou MacDonald, retornasse a casa. Imagino que a matou ele.

Emeline conteve o fôlego ao ouvir aquele comentário feito com tanta despreocupação.

— Por que faz isto, Samuel?

Ele levantou o olhar ao ouvir seu tom.

— O que?

— Por que está tão empenhado em seguir esse rastro? — Inclinou-se para diante, desejosa de atravessar as defesas dele como ele atravessou as suas. Restava muito pouco tempo.

— Para que esbanjar tanto esforço e dinheiro em perseguir a esse homem? Por que, depois de todos estes anos?

— Porque eu posso e outros não.

— O que quer dizer? — Murmurou ela.

Ele deixou cair a cortina e se voltou por completo para ela. Não havia artifício, nem escudo algum que impedisse a Emeline ver seu rosto desolado.

— Estão mortos. Estão todos mortos.

— Jasper...

Samuel riu.

— Até os que sobreviveram estão mortos, será que não o vê? Vale pode brincar e beber e se fazer de tolo, mas vais casar te com um cadáver, não o duvide nem por um instante.

Ela se levantou para olhar cara a cara sua terrível desesperança.

— Sim, duvido-o. Jasper pode ter seus demônios, mas está vivo. Você o salvou, Samuel.

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu não estava ali.

— Correu a procurar ajuda...

— Escapei — disse com voz rouca, e ela fechou a boca, porque nunca o ouviu dizer aquilo em voz alta. — Em plena batalha, quando compreendi que íamos perder, quando soube que os índios nos venceriam e arrancariam o escalpo dos homens ainda vivos, pensei que já não fazia sentido lutar e me escondi. E quando agarraram o Vale, ao Munroe, a seu irmão e os outros prisioneiros, fugi.

Emeline se atreveu a aproximar-se e agarrou seu casaco com ambas as mãos, sentindo o tecido entre seus dedos. Ficou nas pontas dos pés e aproximou o rosto ao seu tudo o que pôde.

— Escondeu-te porque sabia que era absurdo morrer. Correu para salvar a vida dos prisioneiros.

— Sim? — Murmurou ele. — Isso acredita? Isso me disse naquele momento, que corria pelos outros, mas pode ser que fosse mentira. Pode ser que só corresse por mim mesmo.

— Não. — Sacudiu a cabeça com desespero. — Te conheço, Samuel. Conheço-te. Correu para salvá-los, pura e sinceramente, e te admiro por isso.

— Seriamente? — Seus olhos pareceram enfocar por fim o rosto de Emeline. — Entretanto seu irmão morreu antes que retornasse com o resgate. Falhei-lhe. Falhei a ti.

— Não — disse ela com voz estrangulada. — Não o pense sequer. — E fez baixar a cabeça para a sua.

Beijou-o, tentando insuflar naquele singelo beijo o tumulto de suas ideias e suas esperanças. Boca com boca, seus lábios se moveram ao uníssono. Um beijo era algo tão elementar, tão fácil de dar...

E entretanto Emeline queria que aquele beijo fosse mais. Queria que Samuel soubesse que nunca acreditou que ele fosse um covarde.

Queria que soubesse que o amava.

Sim, amava-o. Não importava com quem se casasse, não importava se não voltasse a ver o Samuel: sempre amaria a aquele homem. Amá-lo era algo que escapava a seu controle. Mesmo que não lhe conviesse como marido, mesmo que não pudesse passar o resto de sua vida com ele, não podia evitar de o amar.

Então beijou-o suavemente, com lábios tão tenros e suaves como pôde. Deslizou-se sobre sua boca murmurando amorosas incoerências e ao final lambeu-o para saboreá-lo.

Mais tarde precisaria recordar aquele momento, seu sabor, seus lábios, o que sentia ao beijar o Samuel. Teria que entesourar aquela recordação em seu coração eternamente. Seria a

única coisa que ficaria dele.

Samuel se moveu de repente e a agarrou pelos antebraços, e Emeline não soube se queria afastá-la ou atraí-la para si. Então sentiu pânico. Ele não podia deixá-la até que tivesse demonstrado que o amava.

— Por favor — murmurou contra seus lábios. Ele crispou os dedos sobre seus braços. Ela se afastou e olhou aos olhos.

— Permita, por favor...

Ele juntou as sobrancelhas sobre seus formosos olhos de cor café, como se estivesse desconcertado. Emeline apoiou as palmas sobre seu peito. Não poderia movê-lo contra sua vontade, mas ele permitiu.

Deu um passo atrás e, quando ela voltou a empurrar, retrocedeu de novo até que suas pernas se chocaram com um lado da cama.

Olhou a cama, a suas costas, e logo a ela.

— Emeline...

— Chist. — Pôs os dedos sobre seus lábios. — Por favor. — Samuel esquadrinhou seus olhos um momento e pareceu compreender aquela súplica incoerente. Assentiu com a cabeça.

Sorriu-lhe, trêmula. Por essa noite, deixaria de pensar no futuro e no que lhe reservava. Deixaria a um lado suas ansiedades, seus medos, todas as cargas que conduzia, desentenderia-se de quantos dependiam dela. Esquecer-se-ia deles por umas poucas horas. Tirou suavemente o casaco dos ombros com cuidado de não tocar suas feridas. Dobrou o objeto com cuidado e o colocou sobre uma mesa, e começou logo a desabotoar seu simples colete marrom. Era consciente de sua própria respiração, agitada pelo nervosismo, e também da dele, profunda e regular. Samuel observava como o despia sem fazer menção de ajudá-la nem de afastar-se, as mãos posadas, ociosas, a seu lado.

Emeline levantou a vista e ao encontrar-se com seus olhos sentiu uma onda de calor nas faces. Que ato tão íntimo aquele, despir a um homem.

Samuel sorriu fracamente quando tirou o colete. Ela respirou fundo e começou a desabotoar a camisa. Ele levantou as mãos e as posou sobre seus quadris com leveza, mas Emeline sentiu o ardor de seus dedos através das camadas de tecido. Tremiam-lhe as mãos e se enredou com um botão. Samuel se inclinou e beijou sua cabeça. Seu corpo a envolvia, e ela inalava seu aroma: um aroma de lã e fio, a couro e salsinha. Separou as bordas de sua camisa e olhou seu peito nu. Sua pele era tão bela... Passou os dedos por sua clavícula e apertou a palma contra seu torso. Sentia o áspero pelo debaixo, e sob o pelo o lento palpitar de seu coração. Samuel estava ali, com ela, era real... Como ia suportar sua ausência? Como ia viver quando ele estivesse do outro lado de um muito largo oceano?

Afugentou aquela ideia enquanto o induzia a deitar-se na cama. Samuel se sentou e a olhou com as pálpebras entreabertas, esperando seu seguinte movimento.

Ela ficou de joelhos e começou a desatar os mocassins. Ele a fez levantar-se.

Emeline o olhou.

— Por favor.

Ele baixou as mãos.

Os cordões eram feitos de algum tipo de couro, e Emeline se inclinou sobre eles tentando descobrir como desatá-los. Era consciente, entretanto, de que tinha as pernas do Samuel diante de si, e de sua própria postura suplicante. Era uma pose humilde e ao mesmo tempo carregada de erotismo.

Tirou o primeiro mocassin e começou a desatar o segundo. Lhe acariciava o cabelo enquanto isso, em silêncio, sem fazer nenhum comentário, e ela se perguntava o que pensava de tudo aquilo.

A véspera estava tão zangado... Emeline olhou para cima e só viu desejo em seus olhos.

Samuel se inclinou e a beijou, afundando a língua em sua boca ao mesmo tempo que sujeitava sua cabeça com ambas as mãos, e ela se extraviou e esqueceu seu propósito e o que queria. Balançou-se e pôs as mãos sobre suas coxas para se firmar enquanto jogava a cabeça para trás e devorava sua boca. OH, Deus, quanto desejava a aquele homem... Ele a atraiu para si e Emeline se viu de repente rodeada por inteiro, ajoelhada ainda, com suas pernas duras e fortes a ambos os lados dela. E diante... Deslizou as mãos pelo couro que cobria suas coxas até que finalmente se encontraram onde o couro terminava e só havia tecido, na juntura de suas pernas. Sufocou um gemido e sua inalação se perdeu no beijo do Samuel, cujo membro, duro já, apertava-se contra as meias. Então o percorreu com a mão, riscando sua forma através do tecido.

Segurou-lhe as mãos.

Emeline deixou de o beijar e o olhou.

— Me permita.

Ele tinha uma expressão sombria, o rosto acalorado pela paixão, e não parecia com humor para fazer concessões.

— Por favor — murmurou ela.

Samuel abriu as mãos e as desdobrou sobre suas coxas, com as palmas para cima, em um gesto de aquiescência. Emeline o apertou suavemente através do tecido e o soltou logo para começar a abrir a lapela de suas meias.

Retirou o tecido e lutou com sua roupa interior até que conseguiu encontrar seu membro, avermelhado e erguido. O pelo que rodeava seu pênis era quase negro: uma imagem assombrosamente íntima.

Sabia de maneira elementar que aquilo só devia ser para ela. Aquele homem, aquela imagem, aquele pênis era dela. Ficou olhando-o um momento; logo levantou os olhos.

Falou, possivelmente, com muita petulância, porque ele sorriu um meio sorriso. Mas a Emeline não importou. Queria-o inteiramente nu; queria gravar aquela imagem em sua memória. Samuel tirou as perneiras e o resto da roupa, e ela se levantou para voltar a empurrá-lo para a cama e tirou o robe antes de deitar-se junto a ele, vestida unicamente com a camisola.

Deitado de costas, ele estendeu imediatamente os braços para ela, mas Emeline deslizou por seu corpo, fora de seu alcance.

— Emeline...

— Chist.

Estava ao nível de seu membro, cuja visão a fascinava. Com a ponta de um dedo o tocou ao longo, tropeçando com as veias. Sabia que havia mulheres às que as genitálias dos homens lhes pareciam feios e desagradáveis, mas a ela não. Se Danny tivesse vivido mais, se ela tivesse sido uma esposa com mais experiência, com o tempo teria explorado seu corpo. Mas nunca tiveram essa possibilidade.

Agora estava decidida a não perder aquela oportunidade com o Samuel.

Olhou-o fixamente, intrigada pelo modo em que o prepúcio se retirava para acomodar sua ereção, fascinada por sua leve curvatura para cima. Olhou ao Samuel e viu que ele a olhava intensamente enquanto examinava seu membro, e naquele momento lhe ocorreu uma ideia que jamais teria expresso em voz alta em outras circunstâncias. Não tinham anos para superar seu acanhamento e as restrições que impunha a sociedade elegante. Só dispunham dessa noite e Emeline não pensava perder o pouco tempo que restava.

Então perguntou-lhe:

— O que faz quando está sozinho?

Ele levantou as sobrancelhas e ela se sentiu defraudada por um instante.

Samuel ia fingir que não entendia aquela pergunta tão vulgar. Mas, sustentando o olhar, ele baixou a mão direita e empunhou seu pênis. Ela afastou o olhar de seus olhos para poder observá-lo.

Ele segurava seu pênis com muito mais firmeza do que ela se teria atrevido a empregar e movia a mão acima e abaixo. Ao subi-la, sua glande quase desaparecia no interior de seu punho.

— Não te dói? — Perguntou.

Ouviu-o proferir uma risada áspera, mas não pôde afastar os olhos do que estava fazendo para olhá-lo no rosto.

— Nada disso.

E então ela fez algo verdadeiramente inaudito: inclinou-se para frente e lambeu a ponta de seu pênis.

Samuel se deteve e Emeline o ouviu tomar ar antes de ofegar:

— Fá-lo outra vez.

Emeline se apoiou nas mãos e, inclinando-se sobre ele, começou a lamber e beijar sua glande enquanto ele seguia movendo a mão acima e abaixo. Não era um ato elegante: às vezes tocava com a língua a mão do Samuel, além de seu pênis, e seus seios penduravam soltos, grosseiramente, sob a camisola, mas não lhe importava. Adorava seu sabor, salgado e picante; adorava os leves gemidos que deixava escapar, e era consciente de que estava cada vez mais úmida só pelo feito de lhe dedicar aqueles cuidados. Ignorava por que aquele ato era tão excitante, mas o era. Ele começou a mover a mão mais rapidamente, e ela tentou meter por completo sua glande na boca. Ele arqueou os quadris involuntariamente, separando os da cama.

— Emeline... — ofegou, e a urgência de sua voz fez que um estremecimento de euforia sexual a percorresse por completo. — Emeline...

Ela levantou a vista justo no momento em que o chupava com mais força, pressionando com a língua a parte inferior de seu pênis. Ele entreabriu os olhos, jogou a cabeça para trás, trincou os

dentes e ela notou um sabor doce e salgado na boca.

— Emeline...

Então fechou os olhos, sentiu lágrimas por trás de suas pálpebras e voltou a chupar de novo, percebendo outra vez aquele gosto a sal. Ele desceu por fim os quadris, tirando o membro de sua boca.

Emeline limpou os lábios com o lençol. Lágrimas absurdas transbordavam de seus olhos, e uma delas embateu sobre a perna do Samuel. Ajudá-lo a fazer aquilo deu vontade de chorar, e nem sequer sabia muito bem por que.

Sentiu, mais que vê-lo, que ele elevava a cabeça.

— O que...?

— Chist — disse ela com voz sufocada.

Não havia forma de explicar suas emoções. Como ia lhe dizer que já chorava sua ausência? Que desejava ser uma pessoa diferente e mais flexível? Não podia, assim não o fez. Subiu em seu corpo até acomodar-se nele, sentando-se escarranchada sobre sua virilha.

Ele a agarrou pelos quadris com gesto reconfortante e tranquilizador.

— Está bem?

— Claro — murmurou ela, embora aquelas lágrimas que não podia controlar desmentiam sua resposta.

Fechou os olhos para não ver a preocupação e o amor de seu olhar e tirou a camisola pela cabeça. Estava agora tão nua como ele. Não usava nenhuma só forquilha. Estavam ambos como os fez Deus, um homem e uma mulher sem as roupas nem as ataduras às que obrigava a fila, a riqueza, o poder. Poderiam ter sido Adão e sua mulher, Eva: os primeiros humanos, alheios às muitas gradações que com o tempo dividiriam a sua origem.

Ela abriu os olhos e se inclinou para diante para apoiar a palma da mão no centro de seu peito.

— Agora mesmo é meu.

— E você é minha — respondeu ele.

Era quase como um voto.

Mas ele não pediu mais. Uma parte dela desfaleceu então, apesar de que desfrutava profundamente daquele instante. Sabia que Samuel renunciou a ela. Não podiam estar juntos, era inevitável e sempre o foi, mas o fato de que ele o aceitasse...

Emeline afastou de si aquela ideia, inclinou-se sobre ele e sorriu ao beijar o lugar onde tinha posado a mão. Estava úmido, porque suas lágrimas também caíram ali.

Percorreu seu peito com leves beijos molhados até chegar a um de seus mamilos. Então abriu a boca e começou a passar a língua ao redor de sua diminuta ponta, e sentiu seu sabor a homem, o sabor do Samuel.

Ele suspirou e alargou o braço para acariciar seu cabelo. Emeline sentia sob o ventre seu membro, ainda meio ereto. Moveu-se um pouco, esfregando-se contra ele, e logo passou ao outro mamilo, que lambeu com a ponta da língua. Sentia de novo a ardência das lágrimas nos olhos, mas já não lhe prestava atenção. Eram uma manifestação física de seu tumulto interior: algo que

escapava por completo a seu controle.

As lágrimas caíram sobre o peito do Samuel e seu sal se mesclou com o sal de sua pele, e ela não conseguia as distinguir enquanto lambia. Ergueu-se e olhou para baixo. A verga do Samuel jazia sobre seu ventre, grossa e não totalmente ereta. Emeline queria senti-la colada a seu corpo, ansiava aquela conexão. Deslizou-se para diante, até que a ponta do membro do Samuel esteve sob seu sexo. Estava molhada, aberta e sensível, e era tão delicioso, tão perfeito, que gemeu suavemente. Só um pouco de prazer, uma pequena esfregação dos quadris.

O calor começou a difundir-se pelo centro de seu sexo, mordeu o lábio e seguiu esfregando-se ao mesmo tempo em que se deslizava para baixo.

Tinha os olhos fechados e se sobressaltou um pouco quando as grandes mãos do Samuel tocaram seus seios ao mesmo tempo. Sufocou um gemido e se esfregou contra ele. Ele juntou os dedos para beliscar seus mamilos.

OH, Deus! Seu membro ia crescendo sob ela, afundando-se entre suas dobras. Emeline se recostou em suas mãos, apertando para baixo com mais força, presa do prazer enquanto tentava ignorar as lágrimas que corriam ainda por suas faces. A verga do Samuel escorregou para um lado. Ela gemeu de frustração e a agarrou, sujeitando-a junto a seu corpo ao mesmo tempo que esfregava o clitóris contra ela.

Estava tão perto, tão perto...

— Me coloque dentro de ti — o ouviu dizer.

Sacudiu a cabeça: queria senti-lo sempre ali. Permanecer para sempre naquele instante, como em um sonho. Não despertar jamais. Moveu-se mais rapidamente sobre ele, desesperadamente, rebolando os quadris, soluçando com as faces úmidas. Quase tinha chegado, quase estava ali...

Ele apertou seus mamilos, mas não foi suficiente. Emeline não pôde culminar. Ofegava e chorava abertamente, e de repente compreendeu que necessitava ao Samuel dentro de si para alcançar esse ponto.

Levantou os quadris rapidamente, colocou seu pênis à entrada de seu sexo e deslizou para baixo. E então...

Samuel estava dentro dela, seu membro grosso e pesado alargava o sexo dela, lhe produzindo um prazer delicioso. Então se deteve para saborear aquela sensação; queria que durasse para sempre, que ele seguisse enchendo-a eternamente. Inclinou-se sobre ele e nesse momento sentiu que a boca do Samuel se fechava sobre um de seus seios e sugava-o com força. Seus músculos se contraíram ao redor dele, e alcançou o clímax em longas, cálidas e doces ondas. Gemeu em voz alta, agradecida e maravilhada pelo prazer. Esfregou-se uma e outra vez contra seu corpo duro, com a cabeça vencida e o cabelo caindo sobre o peito do Samuel.

Ele disse algo entre dentes, soltou seu mamilo e a agarrou pelos quadris. Atacou-a com rápidos e poderosos trancos, gemendo cada vez que se afundava, seu pênis longo, duro e quente dentro dela.

Seus movimentos, seu evidente desespero prolongaram o prazer de Emeline; quando sentiu que seu calor a alagava, seguia ainda em um estado de sorte perfeita. Caiu sobre seu peito

agitado; a mão do Samuel seguia enredado em seu cabelo e seu fôlego lhe roçava a têmpora úmida. Ouviu-o sussurrar ao seu ouvido:

— Amo-te.

O fogo da lareira de Emeline se extinguira fazia tempo, certamente de madrugada, quando ele ainda a abraçava. Sam pensou em reacendê-lo, o dormitório ficou gelado na penumbra que precedia à alvorada.

Mas Emeline descansava na cama, sob um montão de grossas mantas, e ele não ficaria muito tempo. Além disso, não estava seguro de que o fogo pudesse esquentá-lo.

Completamente vestido, sentou-se em uma poltrona junto à lareira apagada. Em realidade, nada o impedia de partir. Os criados se levantariam logo, e sabia que Emeline se envergonharia e se zangaria se o descobrissem em seu quarto. E mesmo assim retardava a saída.

Da poltrona podia olhá-la. Tentava memorizar a forma em que dois de seus dedos se agarravam à manta sob o queixo. Ela jazia de lado, de frente para ele, com a boca relaxada pelo sono e os lábios entreabertos.

Com os agudos olhos fechados parecia mais jovem, mais doce.

Sam esteve a ponto de sorrir ao pensá-lo. Emeline não agradeceria aquela observação. Teria gostado de rebater sua opinião, fazê-la confessar que uma mulher de trinta anos era tão bela (mais bela, a seu modo de ver) que uma de vinte. E depois, quando ela se empenhasse em o contrariar (porque o faria: assim de teimosa era), ele a venceria com um beijo e possivelmente com outra rodada de amor.

Isso, entretanto, já havia terminado. Já não haveria mais discussões, nem mais beijos, nem mais amor. Não haveria tempo para resolver problemas insignificantes.

O tempo havia esgotado.

Emeline suspirou e cobriu a boca com a manta. Sam observou com avidez aquele leve gesto, absorto nele para retê-lo na memória. Logo. Logo se levantaria e se aproximaria da porta, sairia daquele quarto e cruzaria a casa em silêncio. Sairia ao amanhecer. Voltaria para uma casa que não era a sua. E dois dias depois embarcaria e passaria um mês contemplando as ondas, de retorno a seu lar.

E uma vez ali... Seguiria com sua vida como se nunca tivesse conhecido a uma mulher chamada Emeline.

Mas, embora sua vida pudesse parecer a mesma por fora, seria completamente diferente por dentro. Não esqueceria a Emeline, a sua cálida dama, nem que vivesse seis décadas mais. Sabia já, ali sentado junto ao fogo apagado. O acompanharia o resto de sua vida. Enquanto caminhasse pelas ruas de Boston, enquanto se ocupasse de seus negócios ou conversasse com seus conhecidos, ela iria a seu lado como uma sombra. Sentar-se-ia com ele quando comesse, estender-se-ia a seu lado enquanto dormisse. E Sam sabia que, quando chegasse o momento de abandonar este mundo, seu último pensamento ao penetrar no vazio seria para ela.

Aquele aroma de melissa o perseguiria eternamente.

Então ficou ali sentado um pouco mais, vendo-a dormir. Os dias do resto de sua vida se

estendiam ante ele, e precisava entesourar uns segundos mais com ela.

Teriam que lhe durar toda uma vida.

Capítulo 18

Os guardas ataram Coração de Ferro a uma grande estaca e amontoaram ramos de espinheiro ao redor de seus pés e suas pernas. Coração de Ferro olhou a seu redor e viu sua doce esposa de pé junto a seu pai o rei, chorando.

Fechou os olhos ao vê-la, e seus verdugos colocaram fogo ao espinheiro. Os ramos arderam logo, e suas labaredas se elevaram para o escuro céu. As faíscas saltavam para o alto como se quisessem unir-se às estrelas, e o gênio malvado guinchava de felicidade. Mas então aconteceu algo estranho: embora suas roupas ardessem, e ficassem logo reduzidas a cinzas, o fogo não prendeu no corpo de Coração de Ferro. Enquanto se retorcia entre as chamas, seu coração de ferro era visto palpitar sobre seu peito nu e forte. Um coração de ferro incandescente...

De Coração de Ferro

Samuel havia partido quando Emeline despertou à manhã seguinte. Uma criada fazia ruído junto a lareira, tentando acender o fogo. As brasas deviam estar mal amontoadas e se apagaram durante a noite.

Ela fechou os olhos um momento. Não queria enfrentar o dia. Não queria, possivelmente, enfrentar à vida sem ele. Sentiu, enquanto isso, que um líquido emanava de seu interior. Pensou que era o sêmen do Samuel, mas ao olhar descobriu que se tratava de uma mancha muito mais familiar: sua visita mensal chegou. E o pior de tudo era que, em vez de sentir alívio porque agora nada a impedia de casar-se com o Jasper, sentiu-se embargada por uma horrível desilusão. Que absurdo! Que estupidez, querer levar dentro de si um filho do Samuel! Não ter mais remédio que casar-se com ele.

Emeline conteve o fôlego. Sua mente (sua prudência) sabia que casar-se com o Samuel seria desastroso, mas seu coração não estava tão convencido.

— Quer que lhe traga algo, senhora? — A criada a olhava fixamente, com a mão levantada sobre o fogo ainda frio.

Emeline devia ter feito algum ruído, algum gesto que revelasse sua angústia, se a moça percebeu. Ergueu-se.

— Não, nada. Obrigada.

A garota assentiu com a cabeça e se voltou para a lareira.

— Sinto estar demorando tanto hoje, senhora. Não sei por que me está custando tanto acender o fogo.

Emeline olhou a um lado da cama e encontrou seu robe. O pôs com esforço enquanto a

criada estava ainda de costas.

— Será certamente pelo frio que faz. Espere, deixe que eu tente.

Mas por mais que cravou um palito aceso entre as brasas, estas não se acenderam.

— Bom, não importa — disse por fim, zangada. — Faça que me preparem um banho quente em minha salinha de estar. Ali sim está aceso o fogo, não?

— Sim, senhora — respondeu a criada.

— Então me vestirei na salinha.

Uma hora depois, seu banho ficou frio. Desanimada, removeu a água em torno de seu joelho. Gostasse ou não, era hora de sair da tina e confrontar o resto de sua vida e as decisões que tomou.

— Uma toalha — disse, e se levantou no tempo que uma donzela estendia uma toalha que a agasalhou por inteira.

Certamente nas colônias não faziam toalhas tão grandes. Era uma sorte que tivesse rechaçado ao Samuel e não tivesse que conformar-se com acessórios de banho de inferior qualidade. Permaneceu quase inerme enquanto suas criadas a vestiam; nem sequer mostrou interesse quando lhe mostraram um vestido novo de seda bordo.

Encomendou o vestido fazia umas semanas, enquanto ajudava a Rebecca a preparar seu vestuário. Agora, em troca, deveria ir vestida como um saco cinza.

Começou por fim a inquietar-se enquanto Harris tentava penteá-la.

— Está bem assim. De todos os modos, hoje não vou receber visitas. Acredito que sairei a dar um passeio pelo jardim.

Harris olhou para a janela, incrédula.

— Parece que vai chover, senhora, se não se importar que o diga.

— Ah, sim? — Perguntou Emeline, desalentada.

Aquilo parecia a gota que transbordava o copo: que também os elementos conspirassem contra ela. Aproximou-se da janela para olhar para fora. Sua sala de estar dava à rua e, enquanto olhava, Samuel desceu os degraus da casa do lado e se aproximou de um cavalo que o aguardava. Emeline conteve o fôlego involuntariamente. Vê-lo inesperadamente produziu uma pontada de dor no ventre, como se a tivessem apunhalado.

Sua mão tremeu sobre o frio cristal. Ele deveria ter levantado a vista nesse momento. Deveria tê-la visto o olhando da janela. Mas não o fez: montou prosaicamente em seu cavalo e se afastou.

Emeline afastou a mão da janela.

Atrás dela, Harris seguia falando como se nada tivesse acontecido.

— Então, vou guardar os vestidos novos, senhora, a não ser que lhe ofereça outra coisa.

— Não, isso é tudo. — Emeline deixou de olhar a janela. —Não, espere.

— Senhora?

— Traga meu manto, faça o favor. Desejo visitar a senhorita Hartley, a vizinha. — Talvez seria aquela a única ocasião que teria de despedir-se da Rebecca. E não lhe parecia bem deixar que a moça embarcasse para as colônias americanas sem lhe dizer adeus.

Colocou o manto e o prendeu no pescoço enquanto descia correndo as escadas. Ignorava quanto tempo estaria fora Samuel, mas parecia necessário não encontrar-se com ele. Fora, o céu pesado e escuro augurava chuva. Se Rebecca estava em casa, não deveria ficar muito tempo, ou se arriscava a ficar presa por uma tormenta. Respirou fundo e bateu na porta do Samuel.

O rosto do mordomo pareceu registrar uma leve surpresa ao abrir a porta. Era muito cedo para ir de visita, mas afinal de conta ela era a filha de um conde. O mordomo fez uma reverência quando Emeline entrou no vestíbulo e a conduziu a salinha de estar para que esperasse ali enquanto ia avisar a Rebecca. Ela só teve tempo de jogar um olhar nervoso pela janela antes de que entrasse a moça.

— Milady! — Rebecca parecia sobressaltada por sua visita. Emeline lhe estendeu as mãos.

— Não podia permitir que te fosse sem dizer adeus.

Rebecca rompeu a chorar.

Ai, Deus! Emeline nunca soube o que fazer quando outros choravam. No fundo, sempre pensou que as mulheres que choravam em público só procuravam cuidados. Ela raramente chorava, e jamais o fazia diante de outros; até a noite anterior, compreendeu de repente, com o Samuel.

Movida por aquela inquietante ideia, avançou para a Rebecca.

— Bom, bom — resmungou enquanto dava torpes tapinhas no ombro.

— Sinto muito, senhora — balbuciou Rebecca.

— Não tem importância — resmungou Emeline, e lhe deu um lenço. Que mais podia dizer? Estava quase segura de que ela mesma era a causa da aflição da moça. — Quer que peça o chá?

A garota assentiu com um gesto e Emeline a conduziu a uma poltrona enquanto dava ordens à criada.

— Oxalá fosse tudo diferente — disse Rebecca quando a criada partiu. Sentada, retorcia o lenço entre as mãos.

— Sim, oxalá. — Emeline sentou na borda de um sofá e arrumava as saias com excessivo cuidado. Talvez, se não olhasse a Rebecca, conseguiria sair graciosa da situação. — Fixaram já a data da partida?

— Vamos amanhã.

Emeline levantou a vista.

— Tão cedo?

A moça encolheu os ombros.

— Samuel encontrou ontem mesmo passagem em um navio. Diz que iremos amanhã e que deixaremos aqui o grosso de nossos pertences para que as embalem e as enviem em outro navio.

Emeline fez uma careta. Samuel parecia arder em desejos de afastar-se da Inglaterra... e dela.

— É porque você não o quer? — Explodiu de repente Rebecca. Era uma pergunta tão repentina, tão surpreendente, que Emeline respondeu sem pensar.

— Não. — Conteve o fôlego ao ouvir aquela resposta que quase equivalia a uma confissão, e sacudiu a cabeça. — Há muitas outras coisas.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Pode me dizer quais são?

Emeline se levantou e se aproximou da lareira.

— Estão a fila e a posição, certamente.

— Mas há algo mais, verdade?

Emeline não suportava olhar a jovem, assim olhou fixamente o resplendor do fogo.

— Você procede de outro país, de um país muito longínquo. E não acredito que Samuel queira instalar seu lar aqui, na Inglaterra.

Rebecca ficou calada, mas seu próprio silêncio parecia exigir uma explicação.

— E eu devo pensar em minha família. — Emeline respirou fundo. — Agora só tenho ao Daniel e a *tante* Cristelle, mas dependem de mim.

— E acredita que Daniel e sua tia se negariam a embarcar para a América?

Expressa assim, sua objeção parecia evidentemente uma desculpa. Sim, *tante* Cristelle se queixaria de ter que empreender uma viagem por mar, mas a idosa nem sequer precisava abandonar a Inglaterra se não fosse esse seu desejo. E Daniel certamente se entusiasmaria com a simples ideia de ver a América.

Emeline retorceu com os dedos as cintas de seu vestido.

— Não sei... — Levantou a vista e olhou a Rebecca nos olhos. — Verá, deixaram-me todos. Reynaud e meu marido, e meu pai. Não acredito que pudesse suportá-lo outra vez. Confiar em que outra pessoa me proteja.

Rebecca franziu o cenho.

— Não entendo. Samuel jamais permitiria que ninguém lhe fizesse mal.

Emeline se pôs a rir, embora sua risada soou grasnada.

— Sim, isso foi o que me inculcaram de menina. Embora nunca se dissesse em voz alta, dava-se por subentendido que os cavalheiros de minha família me protegeriam e velariam por mim. Que jamais teria que temer por minha situação. Eles se encarregariam de tudo, e eu seria unicamente uma companhia encantadora e me ocuparia de seu lar. Mas as coisas não aconteceram assim, não? Primeiro, Reynaud morreu na guerra das colônias; e logo morreu Danny quando ainda éramos os dois muito jovens. E depois meu pai... — Conteve o fôlego porque nunca havia dito aquilo a ninguém. — Depois morreu meu pai e eu fiquei indefesa, entende? Reynaud morreu, e o título, as terras, tudo passou a nosso primo.

— Deixaram-na sem dinheiro?

— Não. — Emeline deu um puxão com a mão e ouviu rasgar-se alguns pontos de seu vestido. — Evidentemente, tenho bastante dinheiro. A renda dos Gordon é suficiente. Só faço de dama de companhia de algumas jovens para cobrir pequenos gastos. Mas já não tenho ninguém em quem me apoiar, compreende? Todos me abandonaram. Agora mando sobre minha vida e sobre a vida de meu filho e de *tante* Cristelle. Preocupo-me com os investimentos e de se Daniel deve ou não ir ao Eton. Vigio aos administradores de nossas terras para me assegurar de que não se apropriam de meu dinheiro. Não há ninguém em quem possa confiar, ninguém em quem possa me apoiar, salvo em mim mesma.

Sacudiu a cabeça, consciente de que o que tentava expressar era intangível.

— Verá, não posso relaxar. Não posso simplesmente... viver. — Que estranho confessar aquilo a Rebecca, quando foi incapaz de dizer ao Samuel. A moça franziu as sobrancelhas.

— Acredito que a entendo. Não pode desprender-se de sua carga. Não há ninguém em quem confia que possa as levar por você.

— Sim. Sim, é isso — exclamou Emeline aliviada.

— Mas... — Rebecca a olhou, desconcertada. — Pensa casar-se com lorde Vale dentro de pouco.

— Isso não importa. Quero ao Jasper como a um irmão, mas me casar com ele não mudará nem um ápice minha forma de viver e dirigir minha vida. Se ele me abandonar, ou morrer, como os outros, seguirei sendo a mesma.

Rebecca a olhava fixamente, em silêncio. Fora da sala de estar, no vestíbulo, ouvia-se um murmúrio de vozes.

— Teme que Samuel morra — murmurou Rebecca. — O ama e teme comprometer-se com ele.

Emeline piscou. O medo parecia uma razão tão pueril, tão covarde para rechaçar ao Samuel... Não podia ser assim. Tentou explicar-se.

— Não, eu...

A porta da salinha de estar se abriu. Emeline se voltou com o cenho franzido, zangada pela interrupção. Entrou uma criada levando uma bandeja de chá. Após ela, em seguida, apareceu o senhor Thornton.

Santo céu, que fazia ali?

O homenzinho entrou na sala, o rosto envolto em um sorriso. Sempre que o vira, estava sorrindo, mas agora sua expressão parecia torcida, equivocada. Era como se quisesse ocultar as coisas horríveis que ocupavam sua mente as dissimulando atrás de uma máscara de jovialidade. Por que não se fixou antes? Estava perdendo Thornton o domínio de si mesmo, ou acaso suas impressões estavam visíveis pelo que agora sabia dele?

— Espero que não as incomode que entre sem me anunciar — disse o senhor Thornton. — Vim a ver o senhor Hartley.

— Temo que meu irmão não esteja em casa — respondeu Rebecca. — De fato, acredito que foi vê-lo em sua loja, senhor Thornton. Ao Starling Lane. Não, sinto muito. — A garota sacudiu a cabeça, irritada. — Ali é onde foi vê-lo ontem. Hoje ia à rua Dover.

Emeline a olhou bruscamente. Rebecca tinha uma expressão franca e relaxada; só um indício de irritação porque as tivessem interrompido crispava seu semblante. Ou era muito boa atriz, ou Samuel não lhe confiou suas suspeitas sobre o senhor Thornton.

Mas este ficou imóvel.

— Starling Lane, diz você? Que interessante. Pergunto-me por que foi ali ontem o senhor Hartley. Desde que voltei da guerra, faz seis anos, não tenho loja nessa rua.

— Seriamente? — Rebecca franziu o cenho. — Pode ser que Samuel pensasse que você tivesse duas lojas.

— Pode ser. Em qualquer caso, lamento não tê-lo visto. — O senhor Thornton olhou

ofegante o chá que estava servindo a criada.

— Também o lamentamos nós — disse Emeline, crispada. — Talvez, se for rápido, você o encontre em seu estabelecimento.

— Pode ser que nos cruzemos pelo caminho — respondeu o senhor Thornton suavemente. — E seria uma lástima, não acreditam?

— Pode ficar aqui e tomar o chá conosco enquanto espera que volte meu irmão — disse Rebecca.

— Estupendo, estupendo. — O senhor Thornton fez uma reverência e se sentou. — Você é a generosidade personificada, senhorita Hartley.

— OH, não sei — respondeu ela enquanto servia o chá. — É só chá.

— Sim, mas muitas não seriam tão generosas... — Lançou um olhar matreiro a Emeline— com um trabalhador e tudo isso. Afinal de contas, no fundo não sou mais que um simples sapateiro.

— Mas é dono de seu próprio estabelecimento — objetou Rebecca.

— OH, em efeito, em efeito. Tenho uma oficina magnífica. Mas ganhei isso tudo com o suor de minha fronte. O negócio de meu pai era muito pequeno.

— Seriamente? — Perguntou Rebecca educadamente. — Não sabia.

O senhor Thornton sacudiu a cabeça a contra gosto como se recordasse o pequeno estabelecimento de seu pai.

— Assumi o encargo assim que voltei da guerra nas colônias. Quer dizer, faz seis anos. Seis longos anos de duro trabalho e dificuldades para converter meu negócio no que é hoje. De modo que posso afirmar que estaria disposto a matar a qualquer um que tentasse me arrebatar isso.

Rebecca o olhava com curiosidade. Afinal de contas, falou com mais veemência do que requeria a conversa. Emeline conteve o fôlego enquanto o observava; ele fez então uma coisa muito estranha: inclinou a cabeça, olhando-a, sorriu amplamente e piscou um olho.

E ela se sentiu percorrida por um calafrio de horror cuja magnitude não se correspondia absolutamente com o gesto feito pelo senhor Thornton.

Sam voltava para casa pelas ruas de Londres em um estado de furiosa impotência. Thornton não estava em sua casa, nem em sua oficina. Algumas das coisas que soube essa mesma manhã o fazia temer que tentasse escapar.

Aquilo, unido a uma espécie de instinto animal, suscitava nele a necessidade de encontrar ao Thornton imediatamente. Sua longa experiência de caçador dizia que sua presa estava a ponto de ficar fora de seu alcance. Se não conseguisse encontrá-lo esse mesmo dia, teria que renunciar às passagens que comprara para embarcar com a Rebecca no Hopper, o navio que zarpava à manhã seguinte a primeira hora.

Mas ficar mais tempo em Londres equivalia a permanecer mais dias perto de Emeline. E não estava seguro de poder suportar estar tão perto dela sem se tornar louco de prender.

Um menino mendigo passou correndo quase sob o focinho de seus arreios. O cavalo trocou o passo, nervoso, e Sam teve que prestar atenção às rédeas um momento. O menino

desaparecera rapidamente, certamente.

Certamente escapou por um fio de ser atropelado milhares de vezes em sua curta existência, pois as ruas de Londres pareciam, mais que via de comunicação, rios fragorosos.

Os vendedores apregoavam suas mercadorias nas esquinas e inclusive no meio da rua. As carruagens avançavam com o estrépito dos elefantes, cortando irremediavelmente as ruas com suas rodas.

Os portadores dos carrinhos de mão ziguezagueavam habilmente entre a multidão. E as pessoas (homens, mulheres, meninos, bebês nos braços de idosos com bengala, altos, baixos e de toda cor) apinhavam-se em qualquer parte, cada qual ocupado em suas tarefas e com pressa por chegar a seu destino. Era um milagre que não se esgotasse o ar, inalado por milhares de pulmões.

Sam sentiu que os seus se contraíam ao pensá-lo, e a fantástica ideia de que todo o ar foi absorvido da atmosfera, infestou seu cérebro. Mas aquilo eram bobagens. Concentrou-se em seus arreios e no caminho que tinha diante, e procurou se esquecer das pessoas que o rodeava. Podia respirar. Havia ar de sobras, embora empestasse a águas de esgoto, a fumaça e podridão. E a seus pulmões não acontecia nada.

Foi se repetindo aquelas reflexões até que viu sua casa. Rebecca estaria ainda fazendo a mala, mas talvez pudesse convencê-la de que o deixasse um momento para fazer um almoço cedo. Apeou do cavalo justo no momento em que uma carruagem se detinha junto à casa contigua: a casa de Emeline. O detalhe da porta negra e brunida levava o brasão de lorde Vale. Sam apertou o passo a caminho de sua casa.

Não fazia sentido voltar a encontrar-se com ele; disseram já tudo o que precisavam se dizer.

Ao entrar deu o chapéu e a capa ao mordomo e perguntou onde estava sua irmã.

— A senhorita Hartley acaba de sair, senhor — respondeu o mordomo.

— Seriamente? — Sam enrugou o cenho. Teria ido fazer alguma compra de última hora? — Quanto tempo faz que se foi?

— Fará meia hora.

— Sozinha? Foi a pé ou chamou uma carruagem?

— Partiu em uma carruagem, senhor, com lady Emeline e o senhor Thornton.

O mordomo se afastou para ir pendurar a capa e o chapéu, completamente alheio ao efeito que causaram suas palavras. Sam o olhava fixamente, com as vísceras geladas pela ideia de que sua irmã e sua amada subiram voluntariamente em uma carruagem com um violador e um assassino. Mas não teria sido voluntariamente, claro. Ele não falou a Rebecca de suas suspeitas a respeito do Thornton, mas Emeline estava a par delas. Como ia partir com o Thornton sabendo o que...?

— O que fez com ela?

Sam se virou ao ouvir aquela voz; quase ao mesmo tempo, viu-se empurrado brutalmente contra a parede. Um quadro caiu ao chão com estrondo, e Vale aproximou sua cara horrivelmente arroxeada a do Sam.

— Emmie veio aqui faz mais de uma hora. Onde está?

Sam refreou o impulso de lhe acertar um murro na cara. Já o fez, e não serviu de nada. Além

disso, aquele homem também se preocupava com a Emeline.

— Emeline e Rebecca saíram com o Thornton.

Vale soltou um bufido.

— Que idiotices são essas? por que ia Emmie sair com esse fantoche? Tem-na você escondida em alguma parte. — Separou-se do Sam e se plantou com as pernas separadas no meio do vestíbulo. — Emmie!

— Emmie! Saia imediatamente!

Estupendo. Seu único aliado era um bufão. Sam deu meia volta e pôs-se a andar para a porta. Não tinha tempo de convencer a Vale do que estava acontecendo.

Mas outra voz o deteve.

— É certo, milord.

Sam se voltou e viu vale olhando divertido a O'Hare, o lacaio.

— Quem demônios é você?

O'Hare fez uma reverência o bastante esquemática para resultar insolente.

— A senhorita Hartley e lady Emeline subiram na carruagem do senhor Thornton. — Olhou além de Vale para atrair o olhar do Sam. — Eu não gostei do perto que ia da senhorita Hartley. Acredito que acontecia algo estranho.

Sam não se incomodou em perguntar por que não deteve ao Thornton. Naquele país, um criado podia ser despedido sem referências (ou algo ainda pior) por fazer algo assim.

— Tem ideia de onde se dirigiam?

— Sim, senhor. Ao cais da Princesa, no Wapping. Ouvi o senhor Thornton dar a direção ao chofer.

Vale parecia aniquilado.

— Wapping? Para que as levou Thornton a um cais?

— Onde há um cais, há navios.

Vale levantou as sobrancelhas.

— Acredita que pensa as sequestrar?

— Sabe Deus — respondeu Sam. — Mas não temos tempo de ficar aqui debatendo a questão. Vamos, usaremos sua carruagem.

—Espere, espere. — Vale o agarrou pelo braço. — Que pressa há? Como sei que não tem a Emmie escondida aqui? Ou o que...?

Sam baixou o braço bruscamente, liberando-se. — Thornton é o traidor e deve ter averiguado de algum modo que o descobri.

As cheias sobrancelhas de Vale se juntaram de repente.

— Mas...

— Já lhe hei dito que não há tempo — grunhiu Sam. — O'Hare, quer nos dar uma mão?

O jovem nem sequer titubeou.

— Sim, senhor!

— Andando. — Sam saiu e desceu correndo os degraus sem esperar a permissão de Vale. Levaria a carruagem caso o visconde insistisse em ficar ali sopesando diversas possibilidades.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Mas ao chegar à carruagem descobriu a Vale a seu lado.

— Cais da Princesa, no Wapping — gritou o visconde a seu chofer. — O mais depressa que possa.

Montaram os três na carruagem.

— Agora — disse Vale ao acomodar-se em frente a Sam e O'Hare. — Me conte sobre isso de "traidor e descobrir".

Sam tinha os olhos fixos na janela. A carruagem do Thornton partiu há algum tempo e, entretanto, absurdamente, esforçava-se por vê-la.

— MacDonald ocupou o lugar do Thornton durante a batalha do *Spinner's Falls* ou pouco depois.

— Tem provas?

— De que um soldado que conhecemos faz seis anos do outro lado do oceano substituiu a outro soldado morto? Não, não as tenho. Certamente as eliminou todas.

O'Hare se revolveu a seu lado. O jovem não disse nada desde que entraram na carruagem, mas parecia preocupado. A carruagem diminuiu a marcha, rua abaixo se ouviam gritos.

Sam se refreou com muita dificuldade para não começar a esmurrar o teto da carruagem. voltou-se para O'Hare.

— Verá, havia dois soldados ruivos. Um era Thornton; o outro, MacDonald. Ninguém prestou atenção neles até que MacDonald foi detido e acorrentado para ser submetido a julgamento.

— O que fez? — Perguntou o lacaio.

Sam olhou a Vale.

O visconde franziu os lábios e assentiu uma só vez com a cabeça.

— Violou e matou duas mulher.

O'Hare ficou pálido.

— Entendo que MacDonald conseguisse fazer-se passar pelo Thornton no meio do caos posterior ao *Spinner's Falls*, mas o que aconteceu quando voltou para a Inglaterra? Thornton devia ter família.

— Tinha esposa. — Sam sacudiu a cabeça. — E morreu pouco depois de sua volta.

— Ah. — Vale assentiu pensativo.

— Mas para que quer às senhoras agora? — Explodiu O'Hare.

— Não sei — resmungou Sam. Estava louco Thornton? Se suas hipóteses eram corretas, aquele homem assassinara a duas mulheres, que eles soubessem. O que seria capaz de fazer com as mulheres de um homem a quem considerava seu inimigo?

— Chantagem — disse Vale. — Talvez, retendo a Rebecca e a Emeline como reféns, confie em evitar que você fale, Hartley.

Sam fechou os olhos ao pensá-lo e procurou sufocar a voz interior que o urgia a mover-se, em vez de pensar.

— Thornton não é tão tolo.

Vale encolheu os ombros.

— Até o homem mais preparado pode cair preso pelo pânico. Um homem como Thornton

mataria se ficasse assustado.

— Quanto falta? — Perguntou Sam.

Jasper também estava olhando pela janela.

— Para o Wapping? Está depois da Torre de Londres.

Sam sorveu ar. Estavam ainda no lado oeste de Londres, a zona elegante. A Torre ficava a uma milha ou mais de distância, e a carruagem avançava devagar.

— Acabo de me lembrar de algo — resmungou Jasper.

Sam o olhou.

A cara do visconde perdera sua cor.

— Quando vimos o Thornton em seu jardim, depois de entrar e tomar o chá, esteve alardeando comigo sobre um grande carregamento que estava preparando para o exército britânico.

— Qual era seu destino? — Jasper tragou saliva e respondeu:

— A Índia.

A carruagem voltou a diminuir a marcha e um momento depois parou por completo. Sam olhou pela janela. A carroça de um cervejeiro parou no meio da rua; o eixo de uma de suas grandes rodas se quebrou.

Sam nem sequer esperou a que começassem os gritos inevitáveis. Abriu a portinhola da carruagem.

— Aonde vai? — Gritou Vale.

— Sou mais rápido a pé — respondeu Sam. — Sigam na carruagem. Possivelmente cheguem antes de mim.

E, descendo, pôs-se a correr.

Capítulo 19

Ao ver o coração incandescente de seu marido, a princesa Solace prorrompeu em um grito desesperado. Não podia suportar a terrível agonia de Coração de Ferro. Aproximou-se correndo e com suas próprias mãos jogou um balde de água sobre ele com intenção de aliviar sua dor. Mas, ai! Embora as chamas se apagassem, é bem sabido o que ocorre quando o metal se esfria de repente: o coração de Coração de Ferro rachou com um forte estalo...

De Coração de Ferro

A pistola, firmemente colada no flanco da Rebecca, não se movia nem um ápice, nem sequer quando a carruagem se sacudia ou dobrava uma esquina. Emeline mordeu o lábio. A ambos os lados dela se sentavam, esmagando-a, dois enormes rufiões, esbirros do senhor Thornton. Rebecca e ela não tinham visto aqueles homens até entrarem na carruagem. Mas pouco

importava. O senhor Thornton apontou a Rebecca com uma arma e ordenou sair e entrar na carruagem, e Emeline não quis enfrentá-lo nesse momento. O perigo de que Rebecca morresse ante seus olhos parecia muito iminente.

Agora, depois de acompanhar ao senhor Thornton e a seus pestilentos seguidores, não estava segura de ter tomado a decisão correta. Ele ainda podia matá-la ao chegar ao embarcadouro. Emeline levava uns minutos sopesando a ideia de tentar saltar da carruagem. Mas, por desgraça, primeiro teria que saltar por cima daqueles brutos. Isso por não falar da pistola que seguia colada ao flanco da Rebecca.

E não tinha a menor duvida de que o senhor Thornton apertaria o gatilho, mesmo que só fosse por despeito. Aquele homem estava louco. Ela não conseguia explicar como conseguiu ocultar sua doença até esse momento, porque agora era um monte de toques nervosos. Sorria e piscava os olhos cada poucos minutos, e sua expressão ia se tornando cada vez mais grotesca.

— Quase chegamos, senhoras — disse, piscando de novo os olhos daquele modo horrível. — Alguma vez estiveram no Oriente? Não? Bom, como a maioria, suponho. Que grande aventura vamos viver!

O homem da direita de Emeline grunhiu e se revolveu, e um cheiro horrível emanou de repente de seu casaco escarlate. A carruagem ia entrando na parte leste de Londres, e a rua estava flanqueada de armazéns.

Fora, o céu se obscurecia paulatinamente.

Emeline juntou as mãos com força sobre o regaço e procurou que sua voz soasse firme.

— Pode nos deixar aqui, senhor Thornton. Não há nenhuma necessidade de nos levar mais longe.

— OH, mas desfruto tanto de sua companhia... — riu aquele desprezível homenzinho.

Emeline respirou lentamente e logo disse com calma:

— Nossa presença só dará ao Jasper e ao Samuel um motivo mais para persegui-lo. Deixe-nos partir e talvez possa escapar.

— Que amável de sua parte pensar em meu bem-estar, milady — respondeu ele. — Mas acredito que seu prometido e Samuel Hartley me perseguirão as deixe ou não partir. O senhor Hartley em particular. Parece bastante obcecado. Estive vigiando-o... — Assinalou com a cabeça ao rufião de casaco escarlate sentado junto a Emeline. — Desde o momento em que me inteirei de que estava interrogando a todos os sobreviventes de nosso regimento. Assim, ante o que já descobriu, acredito que vou seguir em sua doce companhia.

Emeline olhou a Rebecca nos olhos. A moça não havia dito nenhuma palavra desde que se viram forçadas a subir à carruagem, mas ela viu em seus olhos o mesmo desespero que ameaçava transbordar por completo sua própria prudência.

Era absurdo que o senhor Thornton as tivesse sequestrado, e aquela sensação lhe oprimia o peito e agitava sua respiração.

Fora começou a chover como se de repente caísse o pano de fundo ao final de uma obra. Precisava pensar, e talvez dispusesse de pouco tempo.

Temia que o senhor Thornton pretendia mata-las.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

O céu pareceu rachar de repente e a chuva começou a cair torrencialmente. Sam deu um pulo quando a primeira rajada o golpeou como uma bofetada, mas seguiu correndo. Em realidade, o aguaceiro facilitava as coisas um pouco. Quem podia procurar refúgio imediato, fugiu das ruas o mais rápido que puderam. Por desgraça, seguia havendo uns quantos veículos. A carroça do cervejeiro, por exemplo, seguiria certamente impedindo a passagem da carruagem de Vale. Sam saltou por cima de uma fileira de paralelepípedos quebrados que a chuva converteu em um pequeno riacho urbano e se concentrou em seguir correndo.

Não podia fazer nada em relação ao que deixava atrás, nem em relação ao que tinha pela frente. De momento, correr era seu único empenho.

A carruagem estava em algum ponto da rua Fleet quando se deteve, mas Sam cruzara a populosa avenida. Agora corria paralelo ao Tâmesis, que discorria, invisível, a sua direita.

Sentia estirar os músculos de suas pernas enquanto lutava por ganhar velocidade. Não corria assim (com todas suas forças, desesperado e esperançoso) desde o *Spinner's Falls*. E então, por mais que se esforçou, chegou muito tarde. Reynaud havia morrido.

Mudou de trajetória para esquivar a uma moça que levava nos braços um bebê e se chocou com um homem corpulento usando um avental de couro. Este lançou uma maldição e tentou golpeá-lo, mas Sam já havia passado correndo. Doíam-lhe os pés; afiadas lascas de dor abriam passagem até suas curvas. Perguntou-se se teriam aberto as feridas das corridas. E então sentiu aquele cheiro.

Não sabia se procedia do homem do avental ou de alguém por cujo lado passou, ou possivelmente fosse fruto de sua imaginação, mas de qualquer caso cheirava a suor. A suor de homem. OH, Deus, agora não.

Manteve os olhos abertos e as pernas em movimento, apesar de que sentia o impulso de cobrir o rosto e se jogar no chão. Os mortos do *Spinner's Falls* pareciam persegui-lo.

Corpos invisíveis que empestavam a sangue e suor. Mãos fantasmagóricas que puxavam suas mangas e imploravam que esperasse. Havia sentido aqueles espectros no bosque depois de *Spinner's Falls*.

Seguiram-no por todo o caminho até o Fort Edward. Às vezes os via: os olhos de um moço esvaziados pelo medo, um velho soldado com o escalpo arrancado. Nunca sabia se estava sonhando (correndo meio dormindo) ou se os mortos de *Spinner's Falls* tinham penetrado em seu organismo. Talvez os levasse a todas as partes e só fosse consciente disso quando se angustiava. Talvez os levasse sempre consigo, como outros homens levavam chumbo sob a pele, uma dor silenciosa, um aviso invisível daquilo ao qual sobreviveram.

Atravessou uma grande poça e a água salpicou suas coxas. Mas não importava; fazia algum tempo que tinha a roupa ensopada. Estava se aproximando do cais e sentia o aroma de podridão do rio.

A ambos os lados da rua pela qual corria se erguiam altos armazéns. Respirava entrecortadamente e notava uma dor ardente no flanco. Havia perdido a noção do tempo, não sabia a quanto tempo estava correndo, nem que distância percorreu. E se já estivessem no navio?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

E se Thornton já as havia matado?

Sua mente lhe mostrou de repente, como uma chama, uma imagem horrível: Emeline jogada ao chão, nua e ensanguentada, com o rosto branco e imóvel. Não! Fechou os olhos com força para não ver e cambaleou.

Caiu de joelhos sobre os paralelepípedos.

— Olhe por onde vai! — Gritou asperamente um homem.

Sam abriu os olhos e viu os cascos de um cavalo a poucos centímetros de sua cara. Afastou-se torpemente, ainda de joelhos, enquanto o chofer amaldiçoava a seus ancestrais.

Doíam-lhe os joelhos, sobre tudo o direito, que devia ter levado o pior da queda, mas se levantou.

Ignorando o chofer e de como chiava o ar nos pulmões ao respirar, ignorando a dor, pôs-se a correr de novo.

Emeline...

A carruagem descreveu uma ampla curva e Emeline viu o cais pela janela. A chuva, que seguia aumentando, ocultava os altos navios atracados no meio do Tâmesis. Entre eles se apinhavam embarcações menores que transportavam mercadorias e às vezes pessoas entre os navios e a borda. Normalmente o cais estavam cheios de trabalhadores, prostitutas e bandos de ladrões que ganhavam a vida cometendo pequenos furtos nos carregamentos dos navios. Mas devido à chuva o cais estava escassamente povoado.

A carruagem se deteve com um sacolejar.

O senhor Thornton cravou a pistola no flanco da Rebecca.

— É hora de sair, senhorita Hartley.

Rebecca não se moveu. Voltou-se para seu sequestrador com uma expressão tão corajosa que era dilaceradora.

— O que vai fazer conosco?

O senhor Thornton inclinou a cabeça e voltou a sorrir e a piscar os olhos horrivelmente.

— Nada terrível, o asseguro. Proponho-me mostrar-lhes o mundo. Vocês verão.

Curiosamente, sua frívola amabilidade confirmou as piores suspeita de Emeline. Olhou pela portinhola da carruagem as águas do Tâmesis, acinzentadas pela chuva. Se subiam a um navio com o Thornton, não sobreviveriam à viagem. Mas naquele momento não tinham escolha. Este fez um gesto aos homens que a flanqueavam.

— Mova-se — grunhiu o rufião do casaco escarlate, que estava sentado a sua direita. Seus dedos grossos como salsichas a agarraram pelo braço, deixando sem dúvida manchas de gordura. Era por pouco o mais baixo dos dois e usava um estragado tricornio. O senhor Thornton devia lhe pagar pouco, porque suas botas estavam cheias de buracos e o imundo dedão do pé aparecia através do couro de uma delas. Antes de recolher as saias, Emeline lançou a Rebecca um sorriso crispado, tentando lhe infundir um pouco de coragem. Saiu da carruagem à chuva, ainda arrastada pelo rufião do casaco escarlate.

O outro os seguiu. Era alto e fibroso, com braços enormemente longos e o cabelo cinza e

espaçado. Encolheu os ombros e ficou em silêncio enquanto o senhor Thornton descia com a Rebecca.

— Bom — disse Thornton, sorrindo. Sorria por tudo. — Devemos nos apressar. Deve haver um bote nos esperando para nos levar ao Tigre do mar. Estou seguro de que quererão refugiar-se da chuva, senhoras.

— Se me...

Mas não acabou a frase. Rebecca se soltou bruscamente de sua mão e, baixando a cabeça, deslizou para um lado, situando-se atrás do rufião alto e calvo. Durante uma fração de segundo o senhor Thornton não soube aonde apontar com a pistola, e vacilou. Logo pôs de novo aquele horrível sorriso e voltou o cano, apontando diretamente ao ventre de Emeline.

Ela ficou paralisada. Por um momento, como se o tempo parasse, viu-o piscar os olhos e ajustar a pontaria, e soube que estava a ponto de morrer.

Mas não foi assim.

Samuel apareceu de repente e, jogando-se contra o braço com o qual Thornton sustentava a arma, desviou sua trajetória. A pistola disparou e dos paralelepípedos saltaram lascas ao ar.

O homem alto e calvo se equilibrou sobre o Samuel, agarrando-o por trás, e caíram os três retorcendo-se agitados em uma massa de braços e pernas. O do casaco escarlate soltou o braço de Emeline, mas antes que pudesse mover-se deu-lhe um pisão no dedo do pé que aparecia por sua bota. O homem uivou e lançou um golpe. Emeline viu uma explosão de estrelas brancas quando a mão do rufião a golpeou a um lado da cabeça, e de repente descobriu-se no chão, estendida sobre uma poça de água fria.

— Está bem? — Soluçou Rebecca a seu lado.

— Samuel... — murmurou Emeline.

Ele estava debaixo dos três homens, quase oculto pelas pernas e braços que o golpeavam. Thornton e seus seguidores o matariam de uma surra se ela não fizesse algo para evitá-lo.

Mas não havia nenhum pau, nenhuma pedra da qual servir-se. Só tinha a si mesma, e disso se serviu. Levantou-se torpemente e se aproximou correndo ao homenzinho e seus esbirros. Agarrou uma mecha de cabelo e puxou.

O homem que atacou assim (um dos esbirros) separou-a de um empurrão. Emeline cambaleou e esteve a ponto de cair, mas conseguiu recuperar o equilíbrio e se lançou sobre todos os que atacavam ao Samuel gritando, chiando, esperneando e arranhando. Pela extremidade do olho viu que Rebecca esmurrava as costas de um dos homens com seus minúsculos punhos.

A chuva se misturava com as lágrimas quentes e salgadas sobre o rosto de Emeline. Mal via, mas não pensava se dar por vencida. Se matassem ao Samuel, teriam que matá-la também.

Deu um pontapé no traseiro do senhor Thornton, e ele se voltou para olhá-la com uma cômica expressão de pasmo. Samuel aproveitou a ocasião para lançar um murro na cara. O senhor Thornton jogou a cabeça para trás e caiu sobre os paralelepípedos estendendo um braço para parar a queda. Conseguiu erguer-se, mas Emeline deu-lhe um pisão na mão e notou com agrado que algo se partia sob seu salto.

Thornton soltou um grito.

— Santo céu, Emmie, não sabia que fosse tão sanguinária — disse uma voz masculina.

Emeline levantou a vista e viu que Jasper desembarcava de uma carruagem seguida por um lacaio. O lacaio levava uma pistola em cada mão, a da direita ainda fumegava.

O medo e a exasperação se impuseram as boas maneiras de Emeline.

— Não seja idiota, Jasper. Veem ajudar ao Samuel imediatamente!

Jasper, como era lógico, pareceu surpreso.

— Tem razão, Emmie. Vocês dois, se afastem do senhor Hartley. Vamos, quietos.

Os valentões se olharam sombriamente e ficaram em pé, afastando-se do Samuel. Ele estava muito quieto. A chuva golpeava seu rosto pálido.

Emeline se aproximou correndo, terrivelmente assustada.

— Samuel... — Vira-o golpear o senhor Thornton, mas agora não se movia. — Samuel! — Ajoelhou-se sobre os paralelepípedos molhados e sujos e tocou com ternura sua face.

Ele abriu os olhos.

— Emeline...

— Sim. — Era uma loucura, mas não pôde evitar sorrir no meio da chuva enquanto lágrimas ardentes corriam por suas faces. — Sim. — Só Deus sabia o que estava dizendo. Samuel, entretanto, pareceu entender.

Voltou a cabeça e beijou a palma de sua mão com os lábios arroxeados, e o coração de Emeline se encheu de alegria.

Logo seus olhos se afiaram e olharam além dela.

— Têm o Thornton?

Começou a erguer-se e o sustentou pelo ombro para ajudá-lo.

— Sim, Jasper tem tudo sob controle.

De fato, o lacaio estava amarrando aos dois esbirros à carruagem do senhor Thornton enquanto Rebecca sustentava as pistolas. Jasper segurava o senhor Thornton.

— O que fazemos com ele? — Perguntou. Parecia estar sustentando um despojo.

— Joguem-no rio — grunhiu o lacaio por cima do ombro, e Rebecca sorriu-lhe.

— Não é má ideia — disse Samuel suavemente, e Emeline nunca ouviu sua voz tão fria.

O senhor Thornton riu.

— Por quê?

Jasper o sacudiu como um cão a um rato.

— Por tentar ferir a senhorita Hartley e a lady Emeline, velhaco.

— Mas não o fiz, verdade? — Disse Thornton. — Estão intactas.

— Apontou-lhes com uma arma.

— Bobagens! Acredita que isso importará a algum juiz? — O senhor Thornton sorria alegremente, quase com normalidade. Parecia ignorar que estava com a água até o pescoço.

Emeline estremeceu nos braços do Samuel. A absurda convicção do Thornton de que podia ganhar enfrentando o Jasper (um visconde) era a prova definitiva de que aquele homem perdera a razão.

— Matou a uma mulher na América — disse Samuel com calma. — O enforcarão por isso.

O senhor Thornton inclinou a cabeça, impávido.

— Não sei a que se refere.

Jasper exalou um suspiro impaciente.

— Pode parar. Sabemos que é MacDonald, que matou a essa mulher e que nos vendeu aos franceses e a seus aliados índios no *Spinner's Falls.*

— E como vão demonstrá-lo?

— Pode ser que não seja necessário — disse Samuel em voz baixa. — Pode ser que o afoguemos no Tâmesis já e acabemos com isto de uma vez por todas. Duvido que alguém vá sentir sua falta.

— Samuel? — Murmurou Rebecca.

Samuel a olhou, e embora seu semblante não se alterou, sua voz se suavizou ligeiramente.

— Mas não acredito que nos custe muito que o condenem os tribunais. Há uns quantos sobreviventes que devem se lembrar do MacDonald e do Thornton, e, se não, podemos perguntar a seu sogro.

Emeline conteve o fôlego.

Samuel assentiu com a cabeça.

— Sim, essa é uma das coisas que descobri hoje. Thornton tem um sogro muito idoso a quem não vê desde que se casou com sua filha. Verão, o sogro vive em Cornualles. Está doente, mas abriga suspeitas desde que sua filha caiu supostamente pelas escadas. Solicitou a vários advogados que investigassem sua morte, e hoje por fim encontrei um que aceitou o caso. Não me cabe nenhuma dúvida de que, se enviarmos uma carruagem, virá a Londres e declarará que este não é o homem que se casou com sua filha.

O senhor Thornton começou a sorrir e a piscar os olhos espasmodicamente.

— Tentem-no! O velho tem um pé na tumba. Não sobreviverá a uma viagem a Londres.

— Deixe que nos preocupemos disso — respondeu Jasper, sacudindo-o de novo. — A você deveria lhe preocupar mais o patíbulo, em minha opinião. — Voltou-se para o Samuel. — Se importa que leve a seu homem para escoltar a estes três ao Newgate?

Samuel assentiu com a cabeça.

— Adiante. Eu levarei às senhoras para casa em sua carruagem. — Voltou-se com a Emeline para aproximar-se da carruagem de Jasper, mas um grito do Thornton o deteve.

— Hartley! — Gritou o odioso homenzinho. — Pode ser que me condenem pelo que fiz a essa mulher, mas não pelo massacre de *Spinner's Falls*. Eu não traí ao regimento no *Spinner's Falls*. Não sou o traidor.

Samuel o olhou com desinteresse.

Sua indiferença pareceu ofuscar ao Thornton.

— É um covarde, Hartley. Fugiu em *Spinner's Falls*. Todo mundo sabe. É um covarde.

Vale ficou avermelhado e Emeline ouviu que Rebecca continha o fôlego, horrorizada.

Mas, surpreendentemente, Samuel sorriu.

— Não — disse com suavidade. — Não o sou.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Capítulo 20

A princesa Solace embalou entre seus braços a seu marido moribundo. Suas lágrimas salubres banhavam o rosto de Coração de Ferro. E enquanto chorava sobre ele, surgiu a alvorada e os dourados raios do sol alagaram a Terra. Coração de Ferro abriu os olhos e, olhando o rosto de sua esposa, pronunciou as primeiras palavras que dizia em sete longos anos...

De Coração de Ferro

— Necessita um médico — disse Rebecca enquanto ajudava a Emeline a subir o Samuel à carruagem.

Emeline não disse em voz alta, mas estava de acordo com ela. Samuel parecia estar pálido sob o moreno natural de sua pele e tinha em cima do olho um corte que sangrava tingindo de sangue um lado de seu rosto.

— Nada de médicos — resmungou ele, demonstrando pouca sensatez.

Emeline olhou para a irmã dele por cima da cabeça de Samuel e viu que Rebecca estava de acordo. Decididamente, teria que avisar ao médico.

A lentidão com que avançava a carruagem converteu em um pesadelo o trajeto de volta pelas ruas de Londres. Quando chegaram, Samuel estava a meia hora em silêncio, com os olhos fechados.

— Deprimiu-se? — Perguntou sussurrando Emeline a Rebecca, angustiada.

— Acredito que só está adormecido — respondeu a moça.

Foram necessários dois fornidos lacaios para subir o Samuel pela escada da casa e o colocar na cama. Logo Emeline mandou procurar o doutor.

Uma hora depois, Rebecca entrou na biblioteca para informar o que havia dito o médico.

— Diz que é simples esgotamento — disse ao encontrar a Emeline sentada junto ao fogo, meio adormecida.

— Graças ao céu. — Então deixou cair à cabeça contra o respaldo da poltrona.

— Você também parece esgotada — disse Rebecca em tom de recriminação.

Emeline começou a sacudir a cabeça. Não queria deixar o Samuel. Mas um instante depois se sentiu enjoada e deixou de mover-se. Rebecca pareceu notá-lo.

— Vá para casa a descansar. Samuel está dormindo, de todos os modos.

Emeline soltou um bufido.

— É um encanto de menina, embora um pouco mandona.

A moça sorriu.

— Tive os melhores professores. — Rebecca estendeu-lhe uma mão para ajudá-la a levantar-se, mas nesse momento começou a ouvir uma agitação no vestíbulo.

Emeline olhou para a porta da biblioteca no preciso momento em que entrava Jasper.

— Emmie! Está bem? — Perguntou. — Fui a sua casa mas não estava ali.

Emeline franziu o cenho. Nunca deixava de lhe assombrar o pouco que a conhecia Jasper.

— Chist! Estou bem, mas vais despertar o Samuel com tantos gritos.

Jasper olhou o teto como se pudesse ver através da madeira e o gesso.

— Imagino que ele também teve um dia duro, não?

— Jasper... — começou a dizer Emeline, disposta a chamar sua atenção, mas Rebecca a interrompeu.

— Se importam que os deixe? Preciso... que... — Enrugou a fronte, tentando claramente encontrar uma desculpa — me assegurar de que O'Hare se encontra bem.

Emeline a olhou sem entender.

— Quem é O'Hare?

— Meu lacaio — respondeu Rebecca, e saiu da sala. Emeline seguia olhando a porta com o cenho franzido quando Jasper interrompeu suas reflexões.

— Emmie...

Ela se voltou ao ouvir o tom solene de sua voz e o olhou de verdade. Nunca viu aquela expressão em seu rosto: aquela espécie de fatigada resignação.

— Não vamos nos casar, verdade?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, querido. Acredito que não. — Jasper se deixou cair em uma cadeira.

— É melhor assim, suponho. Não teria podido suportar minhas fraquezas. Certamente não há nenhuma mulher que possa as suportar.

— Isso não é certo.

Lançou-lhe um olhar comicamente tresnoitado.

— Pode ser que não seja fácil — particularizou Emeline — mas estou segura de que há uma mulher maravilhosa te esperando em alguma parte.

Uma das comissuras da boca do Jasper se curvou.

— Tenho trinta e três anos, Emmie. Se houvesse uma mulher capaz de me amar e, o que é mais importante, capaz de me suportar, não acredita que já a teria encontrado?

— Talvez conviria que deixasse de procurá-la em bordéis e casas de jogo e experimentasse em lugares mais respeitáveis. — Falava com mordacidade, mas o enorme bocejo que contraiu seu rosto empanou em parte o efeito de suas palavras.

Jasper se levantou de um salto.

— Deixe que a acompanhe a sua casa para que descanse como é devido e amanhã possa seguir me jogando a bronca.

Por desgraça, Emeline nem sequer tinha forças para protestar simbolicamente. Deixou que Jasper a ajudasse a se levantar da poltrona e a acompanhasse o curto trecho que havia até sua casa.

Ali lhe deu um beijo na face, como tinha por costume desde que ela fez quatro anos, e se afastou.

— Jasper... — chamou-o ela suavemente.

Ele se deteve e a olhou por cima do ombro com seus belos olhos cor turquesa. À luz da lua, sua figura se via alta e desajeitada, e seu comprido e cômico rosto parecia cheio de trágica desdita.

A Emeline lhe encolheu o coração. Jasper tinha sido o melhor amigo do Reynaud. Conhecia-o de toda a vida.

— Quero-te muito.

— Sei, Emmie, sei. Isso é o mais terrível. —Tinha uma expressão sardônica.

Emeline não soube o que responder a aquilo.

Ele se despediu com a mão e um instante depois a noite o tragou.

Emeline subiu as escadas de sua casa desejando saber o que podia fazer em respeito ao Jasper. Mal entrou quando *tante* Cristelle e Melisande se jogaram em cima.

— O que faz aqui? — Perguntou Emeline com lenta surpresa ao ver sua amiga.

— Vim te devolver seu livro de contos — respondeu Melisande tranquilamente. — Mas quando cheguei, o mordomo do senhor Hartley estava informando a sua tia de que aconteceu algo grave. Decidi ficar e lhe fazer companhia até que tivéssemos notícias. Mas ninguém nos disse exatamente o que aconteceu.

Assim, Emeline teve que relatar o acontecido enquanto tomavam chá com pães-doces e *tante* Cristelle a interrompia uma e outra vez. No final se sentiu ainda mais esgotada que antes.

Melisande, sempre sagaz, pareceu dar-se conta.

— Acredito que deveria ir à cama tão logo acabe o chá.

Emeline olhou sua xícara de chá, que começava a esfriar, e se limitou a assentir com a cabeça.

Sentiu, mais que os ver, os olhares de preocupação que trocaram Melisande e tante Cristelle por cima de sua cabeça.

— Em seguida — disse, só por seguir levando a voz dominante.

Melisande suspirou e assinalou a mesa que havia junto ao cotovelo de Emeline.

— Deixei aí seu livro de contos.

Emeline olhou e viu o poeirento livrinho. Ainda albergava tenras lembranças do Reynaud, mas já não lhe parecia importante.

— Para que o trouxeste?

— Acreditava que não queria que o traduzisse — respondeu sua amiga.

Emeline deixou a um lado seu chá.

— Acredito que esse livro era para mim um vínculo com o Reynaud. Algo para me assegurar de que não esquecia a meu irmão. Mas agora já não me parece tão importante ter uma lembrança tangível dele. — Olhou aos olhos a sua melhor amiga. — De todos os modos não vou esquecer dele, não?

Melisande ficou calada, olhando-a com tristeza.

Emeline agarrou o livro. Passou a mão pela capa envelhecida e levantou a vista.

— Guarda-me isso... quer?

— O que?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Emeline sorriu e lhe estendeu o livro.

— Traduza-o. Pode ser que descubra nele o que eu não pude descobrir.

Melisande enrugou as sobrancelhas, mas pegou o livro e o sustentou sobre seu regaço com ambas as mãos.

— Se te parece o melhor.

— Sim. — Emeline abriu a boca em um enorme e muito pouco elegante bocejo. — Meu Deus, acredito que vou à cama.

Melisande a acompanhou até o corredor e murmurou um "boa noite" antes de se voltar para a porta.

Ela começou a subir as escadas, mas de repente lhe ocorreu uma ideia, engendrada possivelmente pelo delírio do esgotamento.

— Melisande...

Sua amiga, que estava colocando o xale junto à porta, levantou os olhos.

— Sim?

— Acreditas que poderia velar pelo Jasper em meu lugar?

Melisande, aquela mulher resolvida e imperturbável, olhou-a boquiaberta de assombro.

— O que?

— Sei que é um pedido muito estranho, e agora mesmo estou aturdida de cansaço, mas me preocupa Jasper. — Emeline sorriu-lhe. — Quererá cuidar dele?

Melisande já havia se recuperado.

— Claro, querida.

— Ah, estupendo. — Emeline assentiu com a cabeça e começou a subir de novo as escadas. Tirou um peso de cima.

Ouviu que a suas costas Melisande dizia adeus e respondeu com um murmúrio, apesar de que só pensava em uma coisa. Precisava dormir.

— Acreditas seriamente que o senhor Thornton era o traidor? — Perguntou Rebecca essa noite, mais tarde.

Estava sonolenta, quase adormecida diante do fogo. Samuel se levantara da cama para tomar com ela um jantar tardio e frio, e logo se retiraram ali. Rebecca deveria ter-se ido dormir; as aventuras que viveram esse dia a deixaram esgotada, mas tinha a impressão de que faltava algo.

Em frente a ela, Samuel levantou uma taça de conhaque e olhou o fogo através do cristal.

— Acredito que sim. — Tinha o rosto inchado, as manchas novas se sobrepuseram as velhas, que mal começaram a curar, mas mesmo assim Rebecca amava aquele semblante.

Ela piscou, aturdida.

— Mas não está totalmente seguro.

Ele sacudiu a cabeça com energia e entornou a taça.

— Thornton é um mentiroso nato. É impossível saber se seriamente teve algo há ver com o massacre ou não. Pode ser que não se conheça a si mesmo: os mentirosos as engenham para convencer-se de seus próprios embustes. Duvido de que alguma vez estejamos completamente

seguros.

— Mas... — Rebecca sufocou um bocejo. — Cruzaste meio mundo para descobrir a verdade, para resolver de uma vez por todas o massacre. Não se preocupa que talvez Thornton não seja o traidor?

— Não. Já não.

— Não o entendo.

Um sorriso iluminou fugazmente o rosto do Samuel.

— Cheguei a conclusão de que nunca poderei apagar por completo de minha cabeça a lembrança do *Spinner's Falls*. É-me impossível.

— Mas isso é horrível. Como...?

Ele levantou uma mão para cortar seu protesto angustiado.

— Mas aprendi que posso viver com essa lembrança. Que forma parte de mim.

O olhou, preocupada.

— Isso soa terrível, Samuel. Viver com isso toda a vida.

— Não é para tanto — disse com voz suave. — Já vivi seis anos pugnando com minhas lembranças. Acredito que, em todo caso, as coisas melhorarão agora que sei que essas lembranças formam parte de meu ser.

Rebecca suspirou.

— Não o entendo, mas me alegro de que esteja em paz.

— Estou-o.

Estiveram uns minutos sentados em grato silêncio. Rebecca começou a dormitar. Um lenho crepitou no fogo e ela se lembrou de que havia outra coisa do qual queria falar com seu irmão antes de adormecer.

— Quer-te, sabe?

Samuel não disse nada, e Rebecca abriu os olhos para ver se adormecera. Seu irmão estava olhando fixamente o fogo, com as mãos unidas frouxamente sobre o regaço.

— Hei dito que te quer.

— Ouvi-te.

— E bem? — Suspirou impetuosamente, um pouco zangada. — Não vais fazer nada a respeito? Nosso navio parte amanhã.

— Sei. — Levantou-se por fim e se despediu, mas fez uma careta ao notar um puxão no flanco. — Vais adormecer na poltrona e logo terei que te levar a cama como a uma menina pequena. — Estendeu-lhe a mão.

Entregou a sua.

— Não sou uma menina pequena.

— Sei — respondeu ele em voz baixa. Puxou ela para que ficasse de pé ante ele. — É minha irmã e te converteste em uma mulher interessante e encantadora.

— Mmm. — O olhou enrugando o nariz.

Samuel vacilou; logo puxou a outra mão e esfregou o dorso de seus dedos com os polegares.

— Voltarei a te trazer para a Inglaterra logo, se quiser, para que possa ver o senhor Green ou

a qualquer outro cavalheiro que te interesse. Não quero que te leve uma desilusão por minha culpa.

—A verdade é que não me faço ilusões.

Ele enrugou o cenho.

— Se se preocupa por não sermos de ascendência nobre, acredito que...

— Não, não é isso. — Baixou os olhos para olhar as grandes mãos de seu irmão segurando as suas. Samuel tinha as mãos morenas, apesar de que levavam semanas na Inglaterra.

— O que é, então?

— Agrada-me o senhor Green — disse ela com cautela — e se quiser que siga vendo-o...

Ele puxou suas mãos até que Rebecca o olhou.

— Por que ia importar a mim que veja ou não ao senhor Green?

— Pensava que... — OH, que embaraçoso era tudo aquilo! — Pensava que queria que lhe desse esperanças, a ele ou a algum cavalheiro parecido. Acreditava que possivelmente você gostaria que fosse um cavalheiro inglês, embora tenha essa risada tão tola. É tão difícil saber o que você quer...

— O que quero é que seja feliz — repôs Samuel como se fosse a coisa mais evidente do mundo. — Pode ser que pusesse objeções se engraçasse de um ladrão ou de um avô de oitenta anos, mas, além disso, não me importa muito com quem te case.

Rebecca mordeu o lábio. Os homens eram tão obtusos!

— Mas eu quero sua aprovação.

Samuel se inclinou para ela.

— Já a tem. Agora tem que começar a pensar a quem você a dará.

— Isso complica muito as coisas — suspirou Rebecca, mas sorriu ao dizê-lo.

Samuel pôs sua mão no vão de seu braço.

— Isso está bem. Assim não tomará decisões precipitadas. — Começaram a subir pela escada em penumbra.

— Mmm — Rebecca abafou um bocejo. — Preciso te pedir um favor.

— Qual?

— Pode oferecer trabalho a O'Hare?

Ele a olhou inquisitivamente.

— Na América, quero dizer — conteve o fôlego.

— Suponho que sim — disse, pensativo. — Mas não temos a certeza de que vá aceitá-lo.

— OH, sim que o aceitará — respondeu ela com convicção. — Obrigada, Samuel.

— Não há de que — repôs ele. Haviam chegado à porta do quarto da Rebecca. — Boa noite.

— Boa noite. — Rebecca o viu encaminhar-se para seu quarto. — Falará com lady Emeline, verdade? — Perguntou com certa ansiedade.

Mas ele não pareceu ouvi-la.

À manhã seguinte, quando Emeline despertou, o sol brilhava através de sua janela, ficou olhando-o um momento entorpecida antes de entender por completo, de repente, o que

significava aquilo.

— Ai, Deus! — Levantou-se de um salto e chamou desesperadamente a sua donzela. Logo, temendo que demorasse muito em acudir, abriu a porta e começou a gritar pelo corredor como uma vulgar peixeira.

Voltou para seu quarto, procurou uma bolsa de tecido para fazer a mala e começou a colocar coisas nela sem tom nem som.

— Emeline! — *Tante* Cristelle estava na porta, com as tranças feitas ainda e expressão de espanto. — Que mosca te mordeu?

— Samuel. — Emeline olhou a bolsa aberta, da qual transbordava a roupa, e percebeu que não havia tempo para fazer as malas. — Seu navio parte esta manhã. Pode ser que já se foi. Preciso detê-lo.

— Para que?

— Preciso dizer que o amo. — Deixou a bolsa e correu ao armário para tirar seu vestido mais singelo. Harris já havia chegado ao quarto. — Depressa! Ajude-me a me vestir!

Tante Cristelle se deixou cair na cama.

— Não sei a que vêm tantas pressas. Se esse homem não souber já que tem debilidade por ele, é que é um exímio imbecil.

Emeline emergiu lutando entre dobras de fustan.

— Sim, mas eu disse que não queria me casar com ele.

— E o que?

— Que sim quero!

— *Tiens*! Então foi uma estupidez te comprometer com lorde Vale.

— Já sei! — Santo Deus, estava perdendo tempo dando voltas ao mesmo tema com *tante* Cristelle quando o navio do Samuel podia estar sulcando já as águas do Tâmesis. — OH! Onde estão meus sapatos?

— Aqui, senhora — disse Harris, impávida — Mas não pôs as meias.

— Não importa.

Tante Cristelle levantou as mãos enquanto implorava a Deus em francês que fosse em auxílio da louca de sua sobrinha. Emeline colocou os pés nus nos sapatos e ao correr para a porta esteve a ponto de atropelar o Daniel.

— Aonde vai, mamãe? — Perguntou candidamente seu único filho. Olhou seus tornozelos nus. — Sabe que não leva meias?

— Sim, carinho. — Emeline lhe deu um beijo distraído na fronte. — Vamos a América, e ali não usam meias.

Deixou o Daniel lançando hurras e a tante Cristelle e a Harris tentando acalmá-lo e chamou o Crabs em altas vozes enquanto descia as escadas correndo o máximo possível.

O imperturbável mordomo apareceu no corredor com cara de sobressalto.

— Senhora?

— Traga a carruagem. Rapidamente!

— Mas...

— E meu manto. Necessito um manto — olhou agitadamente pelo vestíbulo, procurando um manto. — Que horas são?

— As nove passadas, senhora.

— OH, não! — Emeline cobriu o rosto. O navio já teria zarpado. Samuel estaria no mar. O que ia fazer? Não poderia alcançá-lo, era impossível...

— Emeline? — Aquela voz era profunda e firme, e tão familiar...

Por um instante, não se atreveu a abrigar esperanças. Logo baixou as mãos.

Samuel estava na entrada da sala de estar. Seus olhos de cor café sorriam só para ela.

— Samuel?

Correu para ele e ele a envolveu em seus braços. Mas mesmo assim Emeline se agarrou bem a seu casaco.

— Acreditava que já havia partido. Acreditava que era tarde...

— Chist — disse ele, e a beijou: foi depositando suaves beijos em seus lábios, em suas faces, em suas pálpebras. — Chist. Estou aqui. — Levou-a a sala de estar.

— Acreditava que havia te perdido — murmurou ela.

Samuel a beijou com determinação, como se quisesse demonstrar que seriamente estava ali. Jogou-lhe a cabeça para trás e abriu suavemente os lábios com a boca.

Ela se aferrou a seus ombros, extasiada por ser livre afinal para beijá-lo.

— Amo-te — sussurrou.

— Sei. — Seus lábios deslizaram sobre a fronte dela. — Ia ficar aqui, em sua sala de estar, até que o reconhecesse.

— Sim? — Perguntou ela, distraída.

— Mmm.

— Que ardiloso é.

— Nem tanto. — Jogou a cabeça para trás e ela viu que seus olhos se tornaram escuros e sérios. — Era questão de sobrevivência. Sem ti tenho frio, Emeline. É a luz que me mantém quente por dentro. Se te deixasse, acredito que me converteria em um bloco de gelo.

Emeline atraiu sua cabeça para si.

— Então mais vale que não me deixe.

Samuel opôs resistência.

— Casara-te comigo?

Ela conteve o fôlego e teve que tragar saliva antes de responder com voz rouca:

— Sim, por favor.

Os olhos do Samuel seguiam tendo uma expressão grave.

— Virá comigo a América? Posso viver aqui, na Inglaterra, mas para conduzir meu negócio seria mais fácil que vivêssemos na América.

— E Daniel?

— Eu gostaria que ele também viesse.

Ela assentiu com a cabeça e fechou os olhos; aquilo era quase demais.

— Sinto muito. Eu nunca choro.

— Claro que não.

Emeline sorriu.

— Não é o normal ter a um menino colado às saias de sua mãe, mas eu adoraria levá-lo comigo.

Ele tocou a comissura de sua boca com o polegar.

— Muito bem. Então, Daniel vem conosco. Sua tia também pode vir...

— Eu fico aqui — disse tante Cristelle atrás deles.

Emeline se voltou.

A idosa estava junto à porta.

— Necessitará a alguém que administre as terras, o dinheiro, essas coisas, não?

— Bom, sim, mas...

— Então está decidido. Naturalmente, cada poucos anos cruzará o oceano para que eu possa ver meu sobrinho neto. — Tante Cristelle assentiu, satisfeita por ter disposto tudo a seu gosto e saiu da sala fechando a porta suavemente atrás dela.

Emeline se voltou para o Samuel e o descobriu olhando-a.

— Não te importa? — Perguntou ele. — Deixar tudo isto para trás? Conhecer gente nova? Viver em outro país, menos sofisticado que este?

— Não importa onde vivamos, enquanto estejamos juntos. — Emeline sorriu lentamente. — Embora pense estabelecer um novo modelo de engenho e sofisticação em Boston. Afinal de contas, ninguém ali assistiu a um de meus bailes.

Samuel sorriu então com um imenso sorriso e feliz que, com tantas nódoas , lhe dava o ar de um pirata.

— Não sabem o que cairá sobre eles, verdade?

Emeline franziu o cenho de brincadeira, mas atraiu a cabeça do Samuel para a sua para poder beijá-lo. Cheia de ternura e felicidade. E ao fazê-lo murmurou uma vez mais junto a seus lábios:

— Amo-te.

Epílogo

— Amo-te.

Ao pronunciar aquelas palavras Coração de Ferro, o malvado mago deixou escapar um grito.

— Não! Não! Não! Não pode ser! — A horrível cara do homenzinho ficou vermelha até que começou a sair vapor pelo nariz. — Esperei sete longos anos para roubar seu coração de ferro e fazer minha a sua força! Se tivesse falado nestes sete anos, o teria conseguido, e sua esposa e você teriam ido ao inferno. Não é justo!

Então, o malvado mago começou a dar voltas sobre si mesmo, raivoso porque

seu feitiço chegou a sua finalização. Girou e girou, cada vez mais rapidamente, até que começaram a saltar faíscas de seu corpo, uma fumaça negra brotou de suas orelhas e o chão se abriu sob ele. E então, zas! De repente, o tragou a terra. Mas ao desaparecer o mago, rompeu a corrente de ouro com que prendia aquela branca pomba a seu pulso, e a ave levantou voo. Ao posar no chão, converteu-se imediatamente em um bebê que chorava a pleno pulmão: era o filho de Coração de Ferro.

A alegria se estendeu pela Cidade Resplandecente. As pessoas gritavam e dançavam pelas ruas, cheias de contentamento por ver seu príncipe restaurado.

Mas e Coração de Ferro e seu coração partido? A princesa Solace olhou a seu marido, a quem sustentava ainda entre seus braços, temendo que estivesse já morto, mas viu que estava inteiro e que lhe sorria.

Assim fez a única coisa que podia fazer uma princesa em tais casos: beijá-lo.

E embora muitos na Cidade Resplandecente opinam ainda hoje que o coração de Coração de Ferro se curou ao romper o feitiço do mago, eu não estou tão segura. Tenho para mim que foi o amor da princesa Solace o que lhe devolveu a vida.

Porque o que outra coisa pode restaurar um coração partido, a não ser o amor?

Fim

Incentive as revisoras contando no nosso blog
o que achou da historia do livro.
http://tiamat-world.blogspot.com.br/